

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

**IDENTIDADE CULTURAL GAÚCHA NOS USOS SOCIAIS DA INTERNET:
UM ESTUDO DE CASO SOBRE A PÁGINA DO GAÚCHO**

LILIANE DUTRA BRIGNOL

Dissertação de Mestrado

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Denise Cogo

São Leopoldo, março de 2004

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

A comissão examinadora, abaixo assinada, aprova a dissertação “Identidade cultural gaúcha nos usos sociais da Internet: um estudo de caso sobre a Página do Gaúcho”, elaborada por Liliane Dutra Brignol, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Ciências da Comunicação.

Comissão examinadora:

Profª Dra Denise Cogo (orientadora)

Prof. Dr. Alex Fernando Teixeira Primo

Profª. Dra. Jiani Bonin

Prof. Dr. José Luiz Braga (suplente)

São Leopoldo, março de 2004

À minha mãe, gaúcha lá da fronteira,
mulher de muita luta e alguns ideais.
Serenidade e força a inspirar este trabalho.

Quem sou hoje acena a quem era há dois anos – antes do envolvimento, das escolhas, renúncias, conquistas e do inevitável, ainda que em alguns momentos doloroso, amadurecimento. Nesta despedida com jeito de recomeço, é bom perceber que, por mais solitária que seja a pesquisa, estive sempre muito bem acompanhada. Agradeço especialmente:

À sintonia com a professora Denise Cogo, mais do que orientadora, pelo constante incentivo, escuta, troca e ensinamento.

À entrega daqueles que compartilharam suas trajetórias e provocaram inquietações: Roberto Cohen, Gicele, Leandro, Udo, Jefferson, Scavone e Witkowiski, além de todos os sujeitos presentes na Página do Gaúcho.

Ao aprendizado com colegas e professores da Unisinos, em especial através do debate estimulado por José Luiz Braga, Jiani Bonin, Suely Fragoso, Alberto Efendy Maldonado e Ronaldo Henn.

À troca com os colegas do grupo de pesquisa Mídia e Multiculturalismo, com quem tive a oportunidade de fazer perguntas, ser questionada e buscar respostas.

Ao apoio daqueles que apontaram o caminho, professora Veneza Mayora Ronsini, orientadora dos tempos de graduação na UFSM e incentivadora de importantes decisões, e professor Adair Caetano Peruzzolo, tutor de minha iniciação científica no Programa Especial de Treinamento.

À viabilização da pesquisa pelo financiamento do CNPq.

Ainda ao estímulo da família e dos amigos, que perto ou longe, são eterna presença de carinho. Obrigada aos meus queridos avós por suas lições de entrega e amor; aos meus irmãos, Carine, Alessandra e Fernando, companheiros nessas andanças; aos tios, primos e amigos do coração, em especial, Taís, Jô, Ângelo, Chica, Robson, Lia e Daniel, pelo sorriso partilhado, pela alegria e pela força.

Muita obrigada, Dani Hinerasky, colega de profissão e de pesquisa, amiga-irmã com quem dividi mais do que o mesmo teto nesses dois anos, mas também sonhos, crises, alegrias e muitos aprendizados.

Presente conquistado no mestrado: valeu, Dani Lobato, por termos sabido fazer de nossas diferenças a nossa força, pela amizade, pelo apoio de todas as horas, pelo otimismo e energia contagiante.

E a todos os que de alguma forma compartilharam dessa caminhada.

RESUMO

Partindo de uma concepção de comunicação, cultura e identidade fundamentada na perspectiva dos estudos culturais, a pesquisa tem como objetivo investigar, através de um estudo de caso, as relações que se dão entre a Internet e a identidade cultural gaúcha, de modo a discutir como questões identitárias atravessam um site - a Página do Gaúcho - destinado a tematizar a cultura regional a partir da ênfase na tradição. Em uma abordagem etnográfica, através da combinação de procedimentos metodológicos como observação, histórias de vida, rotinas produtivas e análise de conteúdo, a investigação apresenta a identidade gaúcha como mediação para usos sociais da rede mundial de computadores, e, simultaneamente, sendo reconfigurada através de sua construção midiática. A Internet, como dinamizadora da vivência de estratégias identitárias, está ampliando possibilidades de experimentar modos de 'ser gaúcho' com a atualização de disputas que estão na gênese da construção da identidade, ao mesmo tempo em que promove um reordenamento a partir da apropriação de suas possibilidades comunicativas, com a formação de comunidades virtuais e as alterações na relação entre usos e produção.

Palavras-chave: Internet, identidade cultural gaúcha, usos sociais das mídias

ABSTRACT

The research aims the investigation of the relations that occur between the Internet and the Gaucho's cultural identity, through a study case, from the concept of communication, culture and identity based on cultural studies. The study shall discuss how identity matters go beyond a site called "*Página do Gaúcho*", which targets, through emphasis in the tradition, the thematic of the regional culture. The investigation shows the *Gaúcho's* identity as a mediator to social uses in the Web, at the same time that has another configuration through the media construction using an ethnographical approach joined with methodological procedures such as observation, life experience, productive routine and content analysis. The Internet, as a means of amplifying the experience of identity strategies, is increasing the possibilities of experimenting the ways of "to be gaucho" with the updating of the dispute that is found in the core of the identity. At the same time, it promotes reorganization from the adoption of communicative possibilities, forming virtual communities and changes in relations between uses and production.

Key Words: Internet, *Gaúcho's* cultural identity, the social uses of the media

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 Na trama das relações entre mídia e identidade	17
1.1 Panorama identitário em uma abordagem multicultural	17
1.1.1 Identidade como relação e diferença	20
1.1.2 Identidade como política de posição	23
1.1.3 Identidade e diáspora.....	25
1.1.4 Identidade como mestiçagem e hibridação	29
1.1.5 Identidade no jogo entre tradição e tradução	31
1.1.6 Identidade e comunitarismos: exclusão ou solidariedade	33
1.1.7 A construção da identidade cultural gaúcha	36
1.1.8 Hegemonia e pluralidade nos modos de sentir-se gaúcho	39
1.2 As mídias na constituição e vivência das identidades	43
1.2.1 As identidades como mediações para usos das mídias	45
1.2.2 A identidade gaúcha na mídia	48
1.2.3 Um espaço de comunicação ou a mídia das mídias	50
1.2.4 Experiências identitárias na Internet	54
2 Caminhos metodológicos em uma perspectiva etnográfica	59
2.1 Saber ver, estar com e escrever	59
2.2 Apresentação das escolhas para a análise exploratória	66
2.2.1 Em busca de marcas do gauchismo	66

2.2.2 A construção do perfil dos usuários	68
2.3 Definição de eixos de análise como estratégia de apreensão da pluralidade	73
2.3.1 Observação	76
2.3.2 Rotinas produtivas do site	80
2.3.3 Análise de conteúdo do Galpão de Debates	82
2.3.4 Histórias de vida	93
2.3.4.1 A seleção dos sujeitos	95
2.3.4.2 A ida a campo	98
2.4 Propondo a interpretação dos dados	106
3 Desvendando o universo da Página do Gaúcho	108
3.1 A descrição de um espaço privilegiado de ‘ser gaúcho’ na Internet	108
3.2 Uma estância revisitada: a tradição como posição identitária central	116
3.3 Entre um e muitos padrões: a dinâmica da produção aos usos	123
3.3.1 Quem é Roberto Cohen	123
3.3.2 O dono do site e suas intenções de produção	129
3.3.3 Relações entre produtor e usuários-produtores	133
3.4 Os sujeitos e suas trajetórias	139
3.4.1 Gicele, a prenda do Nordeste	140
3.4.2 Entre palheiros, Batman, Erico e poesias	147
3.4.3 Meio gaúcho, meio paulista, meio gaúcho, meio paulista, muito brasileiro	153
3.4.4 De respeitado arqueólogo a webdesigner <i>gaúcho</i>	160
3.4.5 Jefferson? Ah, o gaúcho... ..	165
3.4.6 Witkowski ganha sua missão	172
3.5 Vivendo em uma comunidade imaginada	177
3.5.1 Nós, os usuários da Página do Gaúcho	179

3.5.2 El Cohen: obediência, respeito e camaradagem	184
4 Por uma cartografia da vivência gaúcha no site	190
4.1 Afinal, o que é ser gaúcho?	191
4.1.1 Em busca de uma origem perdida	192
4.1.2 Entre ser gaúcho e ser brasileiro	200
4.1.3 Gaúchos ou rio-grandenses?	206
4.1.4 O ideal de modernidade como definidor da identidade	209
4.2 O gaúcho em diáspora	211
4.2.1 Gauchismo fora do Rio Grande	212
4.2.2 Dos desgarrados e a construção de novas querências	215
4.3 Disputas de gênero dentro e fora da rede	219
4.3.1 A prenda em busca de espaço	220
4.3.2 O destino do Capitão Gay na Página do Gaúcho	224
4.4 Tradicionalismo e diversidade	229
4.4.1 Samba e chimarrão: dá para ser contra a mistura?	232
4.4.2 Nós odiamos ‘tchê-music’!	235
4.5 Agendamento, disputas e construção do gaúcho na mídia	237
4.5.1 Respingos da explosão de gauchismo com “A Casa das Sete Mulheres”	239
4.5.2 O caso “Casseta & Planeta” e o mito do gaúcho macho	241
CONCLUSÃO	245
REFERÊNCIAS	253
LISTA DE ANEXOS	261
ANEXOS	262

INTRODUÇÃO

“Falar sobre as identidades é reconhecer o limite da nossa ignorância”. Impossível não compartilhar do pensamento de Roberto da Matta (2003) ao me colocar também na difícil tarefa de incorrer sobre esse tema tão vasto. Mais ainda quando é proposto pensá-lo desde questões midiáticas, em um momento histórico de reordenamentos, é mesmo a consciência de nossas limitações e a exigência de vigilância diante da pluralidade de abordagens da questão quem deve nos guiar na tentativa de desvendar algumas das relações identitárias nas mídias, sempre mais complicadas e múltiplas do que propõem nossas explicações.

O resgate de diferentes perspectivas de entendimento das identidades ilustra a complexidade do tema, que surge no cenário atual com um ímpeto redobrado. Em uma verdadeira explosão discursiva em torno do conceito, autores de diferentes áreas disciplinares discutem o poder da identidade. Enquanto alguns criticam a concepção de identidade integral, falando sobre sua fragilização, a partir da fragmentação do ‘eu’ e defendendo uma crise de identidade, há os que acreditam no fortalecimento das identidades locais, na forma até de fundamentalismos, como resistência à globalização. Outros, no entanto, defendem o surgimento de identidades híbridas, fluídas, nutridas por vários repertórios.

Apesar das diferentes visões sobre a questão, a maioria dos pensadores parece concordar com a idéia – na qual situo a proposta deste trabalho – de que é indiscutível a existência de uma transformação das identidades através da convivência com as diferenças, e que, apesar dos deslocamentos nas abordagens do tema, elas constituem

uma importante fonte de significado, reconhecimento e produção de sentido para os sujeitos. Embora a articulação entre culturas locais e a cultura global, potencializada pelas mídias, contribua para a alteração das identidades, está longe de ser responsável por seu enfraquecimento. As práticas cotidianas revelam manifestações de resistência e, sobretudo, de negociações entre as identidades, que, desde o reconhecimento das conseqüências de um contexto de globalização e mundialização da cultura, revelam-se não homogêneas, mas menos fixas e mais plurais, moldadas no confronto entre as diferenças, posicionadas.

A abordagem parte, então, da observação de uma transformação no mundo interior dos sujeitos a partir de mudanças sociais – intensificadas desde a centralidade da esfera midiática, responsável por reconfigurações de várias ordens, inclusive na construção das identidades. Mesmo que de uma maneira não uniforme e impositiva, mas através de apropriações variáveis de acordo com uma série de entornos que compõem a multiplicidade dos contextos dos sujeitos, as mídias, cada vez mais intensamente, constituem-se em espaços de disputas, negociações e experimentações das identidades.

É assim que entendo as noções de territorialidade, pertencimento e reconhecimento ganhando novas dimensões na tensão entre o velho e o novo, o próximo e o distante, o local e o global. Todas essas disjunções (e também conjunções), que demandam um olhar cuidadoso e uma reflexão aprofundada desde o campo da comunicação, configuram a preocupação maior em que se insere a pesquisa. A partir desse panorama desafiador, interessa investigar como os usos da Internet não se dão de forma desinteressada, nem se impõe sem uma negociação com as identidades dos seus usuários. Ao mesmo tempo, a partir da expansão da apropriação da mídia, é redimensionada a proposta de pensar as identidades sendo tematizadas, questionadas, compartilhadas e reconstruídas através de usos da Internet.

Apontada simplificada ora como uma ferramenta que revoluciona as possibilidades de comunicação pela aparente liberdade e interatividade, ora como

veículo responsável pela universalização de padrões e homogeneização cultural, a Internet tornou-se um símbolo das mudanças surgidas nas últimas décadas. O papel que ela ocupa na vida das pessoas e os reflexos de suas apropriações na relação com outras mídias e na comunicação interpessoal são temas de discussões desde muito antes da popularização de seus usos.

De um lado, encontramos pensadores que preconizam a desestruturação do social, a diluição do privado, o fim das identidades, o isolamento da experiência, a individualização narcisista, o esvaziamento das cidades e a incomunicação pelo excesso. De outro, estão os que defendem com veemência os benefícios do que chamam de revolução digital, como a interatividade, a instantaneidade, a redução ou anulação das distâncias, o domínio humano sobre o tempo e a democratização de participação nos processos comunicacionais.

Ultrapassando essa polarização redutora, ainda que importante pelo estímulo do diálogo, é possível perceber que parte dos argumentos usados para justificar uma ou outra posição seja muitas vezes superada pelas práticas cotidianas de apropriação da Internet. Assim, abandona-se essa concepção baseada num determinismo tecnológico para entender a Internet a partir dos usos e significados produzidos por seus usuários, mesmo que limitados pelas possibilidades técnicas.

Paralelamente à ampliação das potencialidades tecnológicas pela Internet, suas características, possibilidades e ferramentas foram sendo transformadas desde o seu surgimento como uma estratégia militar, na década de 60, devido às necessidades e práticas de seu número crescente de adeptos. Dessa compreensão decorre a opção por uma aproximação pontual a um espaço na Internet como possibilidade de reflexão a partir de observações levantadas em uma análise concreta. Essa delimitação restringe também a discussão acerca da Internet, fazendo com que sejam eleitos pontos considerados fundamentais para os objetivos da análise.

Partindo desses entendimentos é que proponho pensar na relação entre as identidades, enquanto fontes de significado, e os usos sociais da Internet. A

problemática central do trabalho surge do interesse em discutir como as potencialidades da rede são efetivamente incorporadas nas práticas cotidianas através da demanda das identidades de seus usuários e como são reordenadas desde a possibilidade de sua vivência, construção, disputa e negociação através da mídia.

Dessa grande questão da pesquisa – a relação dinâmica entre identidades e usos da Internet – chega-se a um recorte que atende aos meus interesses e motivações pessoais, ao mesmo tempo em que oferece uma situação privilegiada de investigação. A opção é por direcionar o enfoque sobre a identidade cultural gaúcha, entendida em suas múltiplas possibilidades de manifestação, mesmo que desde um contexto marcado pela ênfase na construção de uma fonte de significados relacionada com a figura mitificada do gaúcho, que historicamente vem servindo para representar os habitantes do Rio Grande do Sul. Essa identidade, profundamente ligada à tradição e a um princípio conservador (mesmo que constantemente renovada através de movimentos próprios), é uma importante fonte de distinção e reconhecimento para os gaúchos, embora não seja a única.

Marcada por diferentes demandas, como a étnica, a mercadológica, de gênero e de classe, a identidade cultural gaúcha (ou as identidades, como parece mais adequado nessa perspectiva) revela-se numa pluralidade de filiações, possibilidades e vivências, sendo a tradição um dos seus fortes elementos constituidores, caracterizada por constantes negociações entre múltiplos modos de ser gaúcho. Essa pluralidade encontra-se também na Internet. Usuários navegam pela rede, criam e participam de espaços destinados a divulgar, discutir e viver essa identidade, que, apesar de nunca ter sido fixa, parece ganhar outras dinâmicas a partir do momento em que passa a circular em e-mails, fóruns de discussão, sites e chats.

Em um levantamento preliminar, foi possível perceber a presença significativa de espaços na Internet que fornecem elementos para pensar a identidade gaúcha. São encontrados sites pessoais de gaúchos que abordam de diferentes maneiras a relação com o Rio Grande do Sul, páginas de notícias sobre o estado, fóruns que reúnem

gaúchos em torno de temas diversos. É percebido ainda um número destacado de sites em que é discutida a cultura regional, fazendo circular elementos da identidade cultural gaúcha ligados a sua manifestação tradicional – eleita como eixo de onde parte o interesse da pesquisa pela possibilidade de discussão a partir de sua disputa por uma posição hegemônica na construção da identidade gaúcha e como um posicionamento para sujeitos que, mesmo experimentando a identidade de forma plural, elegem, em um determinado momento, posicionar-se desde essa matriz.

Como estratégia metodológica, em uma abordagem qualitativa, optei por um estudo de caso sobre um contexto específico: a Página do Gaúcho (www.paginadogaicho.com.br), intitulada o “maior site sobre cultura gaúcha na Internet” e, em um processo de seleção, definida como um espaço privilegiado para a vivência da identidade gaúcha, ainda que por uma entrada profundamente associada à idéia do gaúcho mitificado, o homem do campo ou o tradicionalista.

O que proponho investigar são as relações que se dão entre a Internet e a identidade cultural gaúcha de modo a discutir como questões identitárias atravessam o site, demandando seus usos e, simultaneamente, sendo reconfiguradas pela especificidade das características da mídia, entendida enquanto potencializadora de vivências e disputas de identidade. Num duplo movimento, busco, através do estudo de caso da Página do Gaúcho, analisar os embates e negociações identitários presentes no site a partir da ênfase na tradição, através das marcas dos posicionamentos deixadas na página e do acompanhamento de sua dinâmica de produção e de usos, assim como identificar, através da aproximação aos sujeitos que ali circulam, os modos pelos quais se reconhecem como gaúchos na Internet e em seus contextos cotidianos.

Assim, especificamente, os objetivos que norteiam a pesquisa são descobrir como a identidade cultural gaúcha é negociada com estratégias de produção da Página do Gaúcho, a partir das especificidades da Internet, na demanda para a construção e manutenção do site, na ênfase aos referentes à cultura regional, na

relação estabelecida com os usuários e na definição dos elementos dessa identidade que ganham visibilidade. Interessa ainda apontar modos diversos pelos quais os usuários se apropriam da página, buscando entender as motivações para participação em um espaço destinado a tematizar questões identitárias e relacionar a pluralidade de modos de ser gaúcho experimentados por esses sujeitos com a necessidade de privilegiar um traço vinculado ao eixo da tradição da identidade cultural gaúcha.

Investigar o papel da migração nos usos da Página do Gaúcho, acompanhando as especificidades encontradas nas apropriações de usuários que estão longe do Rio Grande do Sul e discutindo a formação de redes no processo migratório a partir das características da Internet, também é um dos objetivos que surgem na pesquisa, assim como discutir a necessidade de vinculação comunitária e de formação de redes como possíveis elementos que explicam o agrupamento de sujeitos em torno do tema da identidade cultural gaúcha na Internet. Por último, procuro entender as disputas identitárias observadas na Página do Gaúcho no marco da vivência da tradição da cultura gaúcha, buscando relacioná-las com as vivências social e midiática que historicamente podem ser relacionadas com essa identidade.

Para atingir os objetivos da pesquisa, busquei construir um percurso metodológico em uma perspectiva etnográfica por acreditar que a etnografia, como enfoque para a compreensão dos fenômenos desde a aproximação aos sujeitos envolvidos, como método que se vale da combinação artesanal de várias técnicas não diretivas para a descrição densa e interpretação, e como texto, produto da relação entre o processo de reflexividade diante das escolhas na pesquisa e de seus aportes teóricos e empíricos, permite um olhar microscópico para as práticas na Internet, capaz de apreender, dentro dos interesses da pesquisa, a complexidade de um espaço concreto na rede na sua relação com questões identitárias.

Em uma abordagem multiperspectiva, trabalhei a partir dos cruzamentos estabelecidos em três eixos envolvidos na Página do Gaúcho: a esfera da produção, dos usos e o produto midiático. Cada um deles demandou diferentes procedimentos

de pesquisa, aplicados em combinação para garantir a compreensão das dinâmicas do site e das relações estabelecidas por seus sujeitos. Quanto à produção, busquei uma aproximação com o gerenciador da página e de suas rotinas produtivas, enquanto a esfera dos usos foi investigada através da busca dos sujeitos e suas histórias de vida. O produto, entendido como o site e todos os seus micro espaços, foi investigado pelo acompanhamento e descrição de suas dinâmicas e pela análise de conteúdo dos textos produzidos em suas seções.

O capítulo 1 apresenta o referencial teórico no qual se ancora a pesquisa, fundado na perspectiva dos estudos culturais. O entendimento das implicações do conceito de identidade e suas diferentes abordagens abre a apresentação, com a relação de eixos a partir dos quais analiso o tema, desde um enfoque multicultural, e com uma discussão sobre a construção da identidade cultural gaúcha. O processo de construção das identidades nas mídias também é discutido, com a apresentação dos conceitos de mediação e midiatização como eixos para entender a problemática. Por último, é feito um resgate de possibilidades de abordagem das experiências identitárias na Internet, assim como também são definidos os modos pelos quais ela é entendida na pesquisa.

A construção metodológica é apresentada no segundo capítulo, em que são discutidas as técnicas empregadas e é realizada uma reflexão sobre as escolhas e redirecionamentos da pesquisa desde a análise feita com caráter exploratório para a elaboração do projeto até as opções pela combinação de procedimentos que permitiram a coleta, sistematização e interpretação dos dados empíricos.

Os capítulos 3 e 4 são dedicados à interpretação dos dados. No terceiro, parto de uma descrição detalhada do site para discutir questões sobre as relações estabelecidas entre a produção e os usos a partir das características da Internet aliadas à proposta temática da página ligada à cultura regional e à identidade gaúcha em sua abordagem tradicional. O idealizador da Página do Gaúcho é apresentado, assim como os usuários selecionados para as histórias de vida, permitindo conhecer suas

competências para lidar com a Internet, seus posicionamentos diante da identidade cultural gaúcha e dos usos do site. Ainda é discutido o modo através do qual as relações estabelecidas ao redor da Página do Gaúcho configuram uma comunidade, conferindo sentido à identidade por sujeitos que compartilham sentimentos de pertencimento vinculados à construção do imaginário do gaúcho.

No último capítulo, é feita uma entrada por categorias analíticas que privilegiam a análise de conteúdo de uma das seções da página em que há participação dos usuários no debate de temas ligados a questões da identidade gaúcha. Os dados obtidos com as outras técnicas são referidos, ainda que de forma secundária, na interpretação sobre os modos pelos quais os sujeitos consideram-se gaúchos e como vivem essa identidade através da Internet, colocando em pauta matrizes da construção da identidade reelaboradas a partir da possibilidade de experimentação midiática.

É nesse movimento que é construído o meu olhar sobre a relação entre a identidade cultural gaúcha e os usos da Internet, através de escolhas baseadas em vinculações próprias, em um caminho marcado pela reflexividade da postura assumida durante o processo de investigação. Só assim imagino possível a tarefa de compartilhar as considerações desenvolvidas como resultado do trabalho de pesquisa.

1 Na trama das relações entre mídia e identidade

1.1 Panorama identitário em uma abordagem multicultural

Todo o estudo das identidades proposto nesta pesquisa parte do entendimento de uma relação direta entre cultura e comunicação: uma só existindo na outra e a modificando à medida que vai sendo apropriada. As formulações ancoram-se na concepção de comunicação, cultura e identidade fundada na perspectiva dos estudos culturais, sobretudo a partir de três autores: Stuart Hall, que desde a sua atuação como diretor do Centre for Contemporary Cultural Studies, em Birmingham (CCCS), de 1968 a 1979, é reconhecido como pesquisador importante na formação e desenvolvimento dos estudos culturais britânicos¹; além de Jesús Martín-Barbero e Néstor Garcia Canclini, que, graças a pesquisas desenvolvidas a partir dos anos 80, consolidam-se como dois dos principais autores da vertente dos estudos culturais

¹ Os estudos culturais têm sua origem na Inglaterra e têm sua base ligada à publicação de três trabalhos: *The uses of literacy* (1957), de Richard Hoggart, *Culture and Society* (1958), de Raymond Williams, e *The making of the English working-class* (1963), de E. P. Thompson. Entretanto, é no Centro de Birmingham, fundado por Hoggart em 1964, que os estudos culturais surgem de forma organizada, marcados pela preocupação em desenvolver pesquisas sobre as relações entre a cultura e a sociedade. Mesmo não sendo citado como fundador dos estudos culturais, é inegável a contribuição de Stuart Hall para o desenvolvimento do campo, sobretudo pelo incentivo à pesquisa das práticas de resistência de subculturas e análises dos meios de comunicação (Escosteguy, 2001).

desenvolvidos na América Latina². Essa perspectiva estabelece um deslocamento no estudo da comunicação a partir das matrizes culturais. Segundo Martín-Barbero, “hoje a tendência é – nos processos sociais e na teoria – pensar a comunicação como parte constitutiva das dinâmicas da cultura e perceber cada vez mais a natureza comunicativa da cultura de toda cultura”³ (1990, p. 22).

Nessa construção, entende-se cultura como um conceito ligado aos contextos cotidianos e às práticas sociais. “A cultura escapa a toda a compartimentalização, irrigando a vida social por inteiro”, lembra Martín-Barbero (2001, p. 14). Hoje são sujeito de cultura “tanto a arte quanto a saúde, o trabalho ou a violência, e há também cultura política, do narcotráfico, cultura organizacional, urbana, juvenil, de gênero, cultura científica, audiovisual, tecnológica, etc” (2001, p. 14), acrescenta o autor, ao referir-se à mudança na idéia de cultura na “tardomodernidade em que hoje vivemos”.

Dessa ampliação da idéia de cultura, a partir da compreensão de que todas as práticas sociais são permeadas por relações de sentido que as organizam, chega-se a uma definição operativa que é adotada aqui. Com base em García Canclini, é possível afirmar que “a cultura abarca o conjunto dos processos sociais de significação, ou para dizer de modo mais completo, a cultura abarca o conjunto de processos sociais de produção, circulação e consumo de significação na vida social” (1997, p. 35).

Em uma compreensão próxima, Stuart Hall afirma que:

A ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam: não em si mesma mas em razão dos muitos e variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação aos outros. Estes

² Os estudos culturais latino-americanos são uma perspectiva teórico-metodológica que emergiu nos anos 80, a partir dos autores referidos, além de outros, que, à luz da realidade latino-americana, partindo de concepções desenvolvidas por pesquisadores do Centre for Contemporary Cultural Studies, desenvolveram uma nova proposta de entender a comunicação. Segundo Escosteguy, “os estudos culturais latino-americanos tem tentado dar conta de diversos fenômenos tanto culturais quanto políticos a partir do estudo das relações entre comunicação e cultura” (2000, p. 2). Na América Latina, segundo a pesquisadora, a análise da comunicação pelo prisma da cultura insere-se na problemática do poder e da hegemonia, dando preferência às práticas cotidianas e aos espaços populares como objetos de investigação.

³ A citação, assim como todas de textos em língua estrangeira, foi traduzida.

sistemas ou códigos de significado dão sentido às nossas ações. Eles nos permitem interpretar significativamente ações alheias. Tomados em seu conjunto, eles constituem nossas 'culturas'. Contribuem para assegurar que toda ação social é 'cultural', que todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação. (HALL, 1997, p.17)

Na abordagem de Hall, ao referir-se a agentes e observadores das práticas sociais, acrescenta-se ao conceito de cultura a idéia do ponto de vista dos outros sobre nós. Como afirma García Canclini, "chegamos a uma definição que considera o lugar e o olhar do outro como algo constitutivo da própria cultura" (1997, p. 39), fazendo com que seja complexificado o seu entendimento, sobretudo em um momento em que se percebe uma maior facilidade de aproximação entre diferentes grupos, desde a transformação das condições de produção, circulação e consumo da cultura.

Assim, a noção de cultura como algo fixo, exclusivamente de um grupo isolado no tempo e no espaço, perde terreno para a tendência de entendê-la a partir da sobreposição e mistura cultural. Cada sistema cultural torna-se mais complexo, pois não é determinado apenas pela relação com o território em que os bens são apropriados e no qual se confere sentido à vida:

Temos nosso bairro, nossa cidade, nossa nação e, desde esses cenários, nos apropriamos de um conjunto de outros repertórios culturais disponíveis no mundo, que nos chegam quando compramos um produto importado em um supermercado, quando ligamos a televisão, quando passamos de um país a outro como turistas ou imigrantes. (GARCÍA CANCLINI, 1997, p.38)

A idéia de multiculturalismo, que compreende tanto a convivência de diferentes grupos em um mesmo território quanto o acesso a bens e mensagens globais, ajuda a entender a coexistência de diferentes contextos culturais num fluxo acelerado de significados, pessoas e mercadorias ao redor do mundo, fazendo com que o conceito de cultura inclua em sua concepção as relações de consumo (GARCÍA CANCLINI, 1995), expandidas em um processo de internacionalização, sem necessariamente a imposição de uniformidades.

Optando, assim, pela compreensão de que há diversas tendências contrapostas que impedem o mundo de se tornar culturalmente homogêneo, ao mesmo tempo em que é inegável uma dinamização da cultura pela facilidade de fluxos, não é sem problemas que a questão multicultural emerge e é discutida em diferentes contextos. Como afirma Stuart Hall (2003a), não existe um mas muitos multiculturalismos, pois, como mais um termo que se expandiu de forma heterogênea, é usado universalmente de diferentes maneiras sem um esclarecimento de seu significado. Lembrando que o fenômeno existe desde o início dos deslocamentos dos povos bem anteriores à expansão européia, mas é intensificado a partir do fim do sistema imperial e das lutas pela descolonização, do fim da Guerra Fria e da ‘velha e conhecida globalização’, assim o pesquisador refere-se à complexidade do tema:

Na verdade, o ‘multiculturalismo’ não é uma única doutrina, não caracteriza uma estratégia política e não representa um estado de coisas já alcançado. Não é uma forma disfarçada de endossar algum estado ideal ou utópico. Descreve uma série de processos e estratégias políticas sempre inacabados. Assim como há distintas sociedades multiculturais, assim também há ‘multiculturalismos’ bastante diversos. (HALL, 2003a, p. 52 -53)

Na multiplicidade de compreensões e usos da questão multicultural aparece a revelação de quanto se trata de uma idéia sem consensos. Entretanto, a coexistência de críticos do termo – tão distintos quanto distintas são suas abordagens – não diminui o seu valor. Ao contrário, as tensões são reveladoras de sua importância e do modo como estamos implicados em suas práticas.

1.1.1 Identidade como relação e diferença

Inserido nessa problemática multicultural, o tema das identidades é ainda mais desafiador, tornando impossível limitar-se a entender a cultura como a instância em que cada grupo organiza a sua identidade. Para evitar a confusão e admitindo a

grande ligação entre os dois conceitos, Denys Cuche afirma que a cultura pode existir sem consciência de identidade: “A cultura depende em grande parte de processos inconscientes. A identidade remete a uma norma de vinculação, necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas” (CUCHE, 1999, p. 176).

Considerada como um dos elementos da identidade social, a identidade cultural é caracterizada pelo conjunto de vinculações de um indivíduo em um sistema social: “vinculações a uma classe sexual, a uma classe de idade, a uma classe social, a uma nação, etc” (CUCHE, 1999, p. 177). É ela que permite ao indivíduo se localizar em um sistema social e ser localizado socialmente.

Aqui, compartilha-se da concepção de que a identidade é uma construção simbólica que se faz sempre em relação a um referente:

Os referentes podem evidentemente variar em natureza; eles são múltiplos – uma cultura, a nação, uma etnia, a cor ou o gênero. No entanto, em qualquer caso a identidade é fruto de uma construção simbólica que os tem como marcos referenciais. (ORTIZ, 2000, p. 79)

Ao entender as identidades como construções simbólicas, elas passam a ser estudadas como produtos da história do homem – produtos que podem se valer da matéria-prima fornecida “pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso” (CASTELLS, 1999b, p.23).

Nesta relação estabelecida com múltiplos referentes, é somente inseridas em contextos específicos que as identidades são afirmadas ou reprimidas. Elas são elaboradas através das relações que opõem um grupo aos outros grupos em que mantém contato: “A diferença específica de um grupo ou comunidade não pode ser afirmada de forma absoluta, sem se considerar o contexto maior de todos os ‘outros’ em relação aos quais a ‘particularidade’ adquire um valor relativo” (HALL, 2003a, p.85).

Entendendo as identidades através destas relações entre os grupos sociais é possível localizar os traços que são utilizados por um grupo para a sua distinção cultural. Portanto, a identidade deixa de ser vista como um atributo original, permanente e fixo, para ser investigada a partir da situação relacional em que se encontra. É existindo sempre em relação a outras situações de identidade que ela assume um caráter multidimensional.

De fato, cada indivíduo integra, de maneira sintética, a pluralidade das referências identificatórias que estão ligadas à sua história. A identidade cultural remete a grupos culturais de referência cujos limites não são coincidentes. Cada indivíduo tem consciência de ter uma identidade de forma variável, de acordo com as dimensões do grupo do qual ele faz referência em tal ou tal situação relacional. (CUCHE, 1999, p. 195)

Esta concepção leva a afirmar que as identidades culturais não são neutras, justamente porque são construídas histórica e socialmente, permitindo o reconhecimento e também determinando a diferenciação daqueles que não compartilham os mesmos valores. São as diferenças reais ou inventadas que vão caracterizar as identidades, conferindo-lhes caráter de distinção.

Esta marcação das identidades pelas diferenças, que as fazem existir a partir da afirmação daquilo que não são, se dá através tanto de relações sociais quanto de sistemas simbólicos. Isso significa dizer que assim como os símbolos, objetos de consumo e a própria linguagem estabelecem distinções entre uma identidade em relação a outras, também as condições sociais e materiais operam como definidoras de diferentes identidades: “A marcação simbólica é o meio pelo qual damos sentido a práticas e a relações sociais, definindo, por exemplo, quem é excluído e quem é incluído” (WOODWARD, 2000, p. 14).

Com a incorporação da diferença como constitutiva das identidades emerge, então, a questão da exclusão:

As identidades podem funcionar, ao longo de toda a sua história, como pontos de identificação e apego apenas por causa de sua

capacidade para excluir, para deixar de fora, para transformar o diferente em 'exterior', em abjeto. Toda identidade tem, à sua 'margem', um excesso, um algo a mais. (HALL, 2000, p.110)

Assim, a constituição das identidades estão vinculadas a atos de poder. Isso implica em reconhecer que as unidades proclamadas como resultado de histórias partilhadas são construídas socialmente através de um jogo de poder e exclusão. Como afirma Hall, “elas são o resultado não de uma totalidade natural, inevitável ou primordial, mas de um processo naturalizado, sobredeterminado, de ‘fechamento’” (HALL, 2000, p. 111).

1.1.2 Identidade como política de posição

Denys Cuche, apoiado em Pierre Bourdieu, fala da importância de se pensar nas estratégias de identidade e não em identidades absolutas, estanques. É justamente o caráter multidimensional e dinâmico da identidade que lhe confere complexidade e, ao mesmo tempo, impõe que a pensemos de uma maneira mais flexível. Enquanto estratégias, as identidades são entendidas como meios para se chegar a determinados objetivos, ainda que essa busca não seja necessariamente consciente: o conceito de estratégia indica também que “o indivíduo, enquanto ator social, não é desprovido de uma certa margem de manobra. Em função de sua avaliação da situação, ele utiliza seus recursos de identidade de maneira estratégica” (CUCHE, 1999, p. 196).

Embora permita pensar em escolhas na definição da identidade, esse processo não é totalmente livre. As estratégias levam em conta as questões de poder, através de elementos como a “situação social, a relação de força entre os grupos e as manobras dos outros” (CUCHE, 1999, p. 196). Retomo, então, o conceito de identidades definidas através das relações sociais. Elas são sempre a resultante da identificação imposta pelos outros e da que o grupo ou o indivíduo afirma de si mesmo:

De uma maneira mais geral, o conceito de estratégia pode explicar as variações de identidade, que poderiam ser chamadas de deslocamentos de identidade. Ele faz aparecer a relatividade dos fenômenos de identificação. A identidade se constrói, se desconstrói e se reconstrói segundo as situações. Ela está sem cessar em movimento; cada mudança social leva-a a se reformular de modo diferente. (CUCHE, 1999, p. 198)

Numa abordagem próxima a de estratégia identitária, Stuart Hall discute, em “Identidade cultural e diáspora” (1996), dois caminhos para pensar a identidade cultural. A primeira opção, da qual ele se afasta, é entendê-la em termos de cultura partilhada: um reflexo de “experiências históricas em comum e códigos culturais partilhados que nos fornecem, como um ‘povo uno’, quadros de referência e sentidos estáveis, contínuos, imutáveis por sob as divisões cambiantes e as vicissitudes de nossa história real” (HALL, 1996, p.68).

Abandonando essa visão essencialista, Hall chega à idéia de identidade em termos de posicionamento: trata-se, não de uma essência, mas de uma política de posição, baseada nos vetores da similaridade e continuidade, da diferença e ruptura. Nesse sentido, ela não é uma questão de ser, mas de “se tornar ou devir”: “Não é algo que já exista, transcendendo a lugar, tempo, cultura e história. As identidades culturais provêm de alguma parte, têm histórias. Mas, como tudo o que é histórico, sofrem transformação constante” (HALL, 1996, p. 69). Longe de serem fixas, continua Hall, “são apenas os nomes que aplicamos às diferentes maneiras que nos posicionam e pelas quais nos posicionamos, nas narrativas do passado” (HALL, 1996, p. 69). Como posicionamentos, as identidades são transformadas num jogo de negociações entre diferenças.

Com a adoção de um conceito de identidades estratégicas e relacionais entende-se “que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são nunca singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos” (HALL, 2000, p. 108). As identidades estão em processo constante de mudança e transformação:

O que denominamos ‘nossas identidades’ poderia provavelmente ser melhor conceituado como as sedimentações através do tempo daquelas identificações ou posições que adotamos e procuramos ‘viver’, como se viessem de dentro, mas que, sem dúvida, são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências única e peculiarmente nossas, como sujeitos individuais. (HALL, 1997, p. 26).

Buscando uma aproximação ao conceito de identificação⁴, relacionado muitas vezes a um caráter subjetivo, o que, na construção feita, também é entendido como elemento definidor das identidades, interessa saber porque certos posicionamentos são assumidos, porque em situações diferentes as pessoas investem nas posições que as identidades oferecem. Participando de várias instituições ao mesmo tempo e ocupando em cada uma delas papéis diferentes, consumindo produtos em escala global, tendo acesso a informações e fazendo uso de diversas mídias, circulando por países e regiões através do turismo e da migração, os indivíduos se confrontam diariamente com múltiplas identidades.

Hall (apud WOODWARD, 2000) considera que, embora pareça que a ‘mesma pessoa’ atue em diferentes encontros e interações, é possível perceber que se trata de um sujeito sempre posicionado de acordo com o contexto no qual está inserido, fazendo com que diferentes identidades sejam tensionadas. Todas essas identidades, em permanente relação e mudança, podem ser assumidas de maneira harmoniosa, mas, em muitos casos, conflitiva.

1.1.3 Identidade e diáspora

⁴ Hall (2000) afirma que o conceito de identificação, embora muitas vezes preferível, é menos desenvolvido que o de identidade. A diferença estaria na ênfase no processo de subjetivação, ao invés de nas práticas discursivas. A definição para o autor também está ligada à idéia de construção permanente: “Ela não é, nunca, completamente determinada – no sentido de que se pode, sempre, ‘ganhá-la’ ou ‘perdê-la’; no sentido de que ela pode ser, sempre, sustentada ou abandonada. [...] Uma vez assegurada, ela não anulará a diferença” (HALL, 2000, p. 106). Fica clara, assim, a proximidade do conceito ao significado atribuído aqui às identidades.

Para Stuart Hall, a experiência da diáspora configura hoje um novo caráter às identidades culturais. Afastando-se de seu sentido literal, ligado à idéia de dispersão de povos causada por intolerância ou perseguição, a diáspora assume um sentido metafórico que a amplia e permite trazer elementos para pensar sobre as identidades cada vez mais fluídas, marcadas pelo jogo das diferenças, pelo confronto entre um passado imaginado e um presente cada vez mais compartilhado:

A experiência da diáspora, como aqui a pretendo, não é definida por pureza ou essência, mas pelo reconhecimento de uma diversidade e heterogeneidade necessárias; por uma concepção de 'identidade' que vive com e através, não a despeito, da diferença; por hibridação. Identidades de diáspora são as que estão constantemente produzindo-se novas, através da transformação e da diferença. (HALL, 1996, p. 76).

Vale lembrar que Hall desenvolve, num caminho entrelaçado por sua experiência pessoal, questões em torno de sua própria trajetória, vivências de um migrante jamaicano na Inglaterra que já não pertence exclusivamente a nenhum dos dois lugares. A migração vai imprimir, assim, marcas nas sua construção teórica, sendo entendida como um evento importante na modernidade tardia, que facilita a experimentação de deslocamentos tanto de espaço quanto de tempo.

O fenômeno da migração não é novo, mas certamente recebeu um impulso desde que a globalização foi acelerada. A motivação econômica intensifica a circulação das pessoas por diferentes países em busca de melhores condições de vida, as guerras e disputas de poder aumentam o número de asilados e refugiados políticos, a facilidade de deslocamento, redimensiona as migrações temporárias através do turismo e de intercâmbios. Tudo isso vai imprimindo uma remodelação nas relações internacionais e na convivência a cerca de proximidades e diferenças entre as culturas:

As identidades, concebidas como estabelecidas e estáveis, estão naufragando nos rochedos de uma diferenciação que prolifera. Por todo o globo, os processos das chamadas migrações livres e forçadas estão mudando de composição, diversificando as culturas

dos antigos Estados-nação dominantes, das antigas potências imperiais, e, de fato, do próprio globo. (HALL, 2003b, p. 44-5)

Responsável por impactos tão significativos tanto nos países de origem como de destino, a migração vai produzir identidades que são plurais, que não se vinculam a um território específico mas são atravessadas por diferentes lugares. São identidades híbridas que obrigam uma profunda revisão na relação experimentada entre o passado e o presente, exigindo entendê-las em seu constante fazer-se. São identidades cuja compreensão ultrapassa a idéia de fronteira, pois são vividas por pessoas que deixaram a sua terra natal e passaram a pertencer, como diz Hall, a dois – ou muitos – mundos ao mesmo tempo:

Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não são e nunca serão unificadas no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias ‘casas’ (e não a uma ‘casa’ particular). (HALL, 1999, p. 88-9)

É neste sentido que a experiência da migração vai afetar as identidades, pois é impossível transitar por diferentes espaços e culturas sem ser impactado por essa vivência. Ao mesmo tempo em que os elos com o local de origem permanecem fortes, existe a tendência de que as identidades se tornem múltiplas. As histórias de vida de imigrantes barbadianos para o Reino Unido, resultado do trabalho de Mary Chamberlain, são usadas como exemplo por Hall da ambigüidade da vivência identitária na experiência da diáspora:

Os barbadianos, sugere ela, têm mantido vivo no exílio um forte senso do que é a ‘terra de origem’ e tentado preservar uma ‘identidade cultural’ barbadiana. [...] aquilo que poderíamos denominar ‘identificação associativa’ com as culturas de origem

permanece forte, mesmo na segunda ou terceira geração, embora os locais de origem não sejam mais a única fonte de identificação. [...] Junto com os elos que as ligam a uma ilha de origem específica, há outras forças centrípetas: há a qualidade de ‘ser caribenho’ que eles compartilham com outros imigrantes do Caribe. [...] Existem as semelhanças com as outras populações ditas de minoria étnica, identidades ‘britânicas negras’ emergentes, a identificação com os locais de assentamentos, também as re-identificações simbólicas com as culturas ‘africanas’ e, mais recentemente, com as ‘afro-americanas’ – todas tentando cavar um lugar junto, digamos, à sua ‘barbadianidade’ (HALL, 2003b, p. 26-7).

Todo esse emaranhado de identificações surgidas a partir da experiência de deslocamento, na tensão entre a tentativa de resgate e manutenção dos vínculos com o passado e a emergência de novas experiências favorecidas pela mudança, vai ser responsável por uma profunda reconfiguração no modo como entendemos as identidades. A promessa de um retorno redentor à terra de origem não é o caminho mais adequado de entender o processo, ainda que esteja presente nas lógicas dos migrantes, pois o resultado híbrido da experiência será invariavelmente agregado aos elementos supostamente autênticos das identidades. Isto pode ser observado, no relato dos imigrantes que retornaram ao Caribe, pela falta sentida do movimento cosmopolita que experimentaram fora e pela dificuldade em reconhecer a terra natal, como se os elos que mantinham quando ali viviam tivessem sido rompidos: “Sentem-se felizes por estar em casa. Mas a história, de alguma forma, interveio irrevogavelmente” (HALL, 2003b, p. 27).

Para além das experiências de migração, o conceito de diáspora amplia o de identidade, afastando-o de uma idéia fechada de diferença binária, marcada por uma fronteira definida que distingue rigidamente o que está dentro e o que é de fora. Na identidade como diáspora, as fronteiras são mais veladas, são também lugares de passagem, de mistura, de cruzamento. Nessa ampliação, não é preciso viajar muito longe para ser incluído na experiência da diáspora. Como diz Hall (2003b), a sensação de deslocamento nos acompanha, talvez porque estejamos todos

literalmente ‘longe de casa’. Há sempre algo no meio, entre a idéia de unidade perdida e a tensão vivida no presente.

1.1.4 Identidade como mestiçagem e hibridação

As idéias de mestiçagem e hibridação são usadas nos estudos culturais latino-americanos como caminhos para reconhecer a diversidade e a mistura como constitutivas das identidades, que, assim como em outras abordagens, não podem ser confundidas nunca com essência ou pureza.

Em “Dos meios às mediações”, Barbero faz uma exposição das características sociais e culturais da América Latina que leva ao reconhecimento das mestiçagens como aquilo que nos constitui, como o que realmente caracteriza as identidades em nossos países. Segundo o autor, “é como mestiçagem (e não como superação) – continuidades na descontinuidade, conciliações em ritmos que se excluem – que estão se tornando pensáveis as formas e os sentidos que a vigência cultural das diferentes identidades vem adquirindo: o indígena no rural, o rural no urbano, o folclore no popular e o popular no massivo” (2001, p. 271).

Assim, a constituição da identidade seria, para Martín-Barbero, marcada não apenas pela mistura racial que caracteriza a América latina, mas pelas relações entre a modernidade e suas diferentes descontinuidades. Trata-se de uma mestiçagem que é também de temporalidades e de culturas.

Em uma segunda construção feita dentro dos estudos culturais latino-americanos, em uma aproximação à idéia de mestiçagem, o conceito de hibridação, proposto por García Canclini (1996) como modelo explicativo de identidade, surge a partir da constatação, na América Latina, de articulações entre tradições e modernidades. Sua primeira definição refere-se a “processos socioculturais em que estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, combinam-se para

gerar novas estruturas, objetos e práticas” (GARCÍA CANCLINI, 2003). Assim, na tentativa de construir seu pensamento afastado de falsas oposições, o autor desenvolve a noção como alternativa para abarcar tanto mesclas que considera clássicas, com as misturas raciais e os sincretismos religiosos, quanto os entrelaçamentos entre tradicional e moderno, e entre culto, popular e massivo.

A heterogeneidade da hibridação, conceito que serve para explicar experiências tão diversas quanto casamentos mestiços, combinação de melodias étnicas com outros ritmos ou a mistura de elementos históricos e contemporâneos em criações publicitárias, traz elementos para entender as identidades na complexa dinâmica sociocultural. A noção ajuda a romper o discurso essencialista, em um afastamento das idéias de pureza e autenticidade, evidenciando o risco de absolutizar a definição de identidades mediante a abstração de traços fixos como língua e condutas, que delimitaria identidades locais radicalmente opostas à sociedade nacional e à globalização.

Assim, García Canclini defende a ênfase dos estudos dos processos de hibridação como possibilidade de relativizar a noção de identidade. Na pesquisa, mesmo mantendo o foco no conceito de identidade, a hibridação surge como contribuição para evitar a separação das práticas de suas próprias histórias de constituição, marcadas inevitavelmente por permanentes mesclas:

Os estudos sobre narrativas identitárias feitos desde enfoques teóricos que levam em consideração os processos de hibridação (Hannerz, Hall) mostram que não é possível falar das identidades como se tratem de um conjunto de traços fixos, nem afirmá-las como a essência de uma etnia ou uma nação. A história dos movimentos identitários revela uma série de operações de seleção de elementos de distintas épocas articulados por grupos hegemônicos em um relato que lhes dá coerência, dramaticidade e eloquência. (GARCÍA CANCLINI, 2003)

A hibridação, na construção feita pelo teórico, serve, além de aos setores hegemônicos, aos grupos populares que querem apropriar-se da modernidade. O processo, entretanto, não acontece apenas através da fusão ou da coexistência harmoniosa, mas também está presente no confronto e na tensão, superáveis somente desde uma perspectiva de reconhecimento das diferenças e elaboração das interseções multiculturais.

1.1.5 Identidade no jogo entre tradição e tradução

Recuperando a idéia de estratégias, torna-se interessante pensar que algumas identidades consolidam-se a partir da noção de tradição. São identidades que, segundo Robins, existem na tentativa de “recuperar a pureza anterior e recobrir as unidades e certezas sentidas como perdidas” (apud HALL, 1999, p. 87). Para o autor, enquanto há identidades fixadas na idéia de tradição, outras gravitariam em torno do que chama de tradução, o que implica na aceitação de que as identidades estão sujeitas ao plano da história, da política, da representação e da diferença, ou seja, é improvável que se volte a entendê-las como unitárias ou puras. O movimento contraditório entre tradição e tradução resultaria em identidades culturais que estão suspensas, em transição entre diferentes posições.

Entretanto, apesar da emergência de identidades traduzidas ou híbridas, parece tentador o pensamento de que as identidades estejam, como diz Hall, destinadas a acabar “num lugar ou noutro: ou retornando a suas ‘raízes’ ou desaparecendo através da assimilação e da homogeneização” (1999, p. 88). É essa a compreensão que leva à resistência, à tentativa de reconstituição de identidades consideradas puras, para que, somente assim, possa ser mantida a unidade e a tradição, diante da diversidade.

Nessa perspectiva, a tradição é entendida como um conjunto de elementos dados em um passado longínquo e revividos na atualidade como perpetuação de

valores constituintes das identidades. Desconsideram, assim, que as tradições quase nunca são reprodução de costumes do passado, mas invenções recentes que se estabeleceram com certa rigidez.

Hobsbawn, ao discorrer sobre a invenção das tradições, as define como “um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas. Tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado” (HOBSBAWN, 1984, p. 9).

A idéia de tradição inventada é discutida pelo autor a partir de exemplos como o uso do *kilt* pelos escoceses ou as cerimônias da realeza britânica – bastante recentes apesar de relacionados a um passado imemorable. Segundo o autor, a invenção das tradições, normalmente em momentos de mudanças amplas e rápidas, acontece através de um processo de formalização e ritualização baseado na referência ao passado, ainda que apenas pela obrigatoriedade da repetição. Na medida em que há referências ao passado:

As tradições inventadas caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial. Em poucas palavras, elas são reações a situações novas que, ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado, através da repetição quase que obrigatória. (HOBSBAWN, 1984, p. 10)

Giddens vai mais longe ao afirmar que todas as tradições são inventadas. Segundo o autor, nunca existiram sociedades inteiramente tradicionais e é um mito pensar que as tradições são imutáveis: elas “evoluem com a passagem lenta do tempo, mas também podem ser transformadas ou alteradas de maneira bastante rápida” (GIDDENS, 2000, p. 48). Pertencentes a grupos ou comunidades, as tradições, como considera Hobsbawn, caracterizadas pelo ritual e pela repetição, são depositárias de conservadorismo e geradas, não de forma espontânea, mas “obedecem a um plano, são usadas como forças de poder, e não existem desde tempo imemorable (GIDDENS, 2000, p. 48).

Giddens considera ainda que, como forças de poder, as tradições estabelecem verdades que devem ser seguidas e repetidas, sem questionamentos, mantidas por guardiões próprios. Quando ameaçadas, as tradições podem ser afirmadas na forma de fundamentalismos, possíveis em contexto de tradições de todos os tipos: “O fundamentalismo é a tradição encostada à parede. É a tradição que se defende à maneira tradicional – através da referência à validade do ritual – num mundo globalizante que exige conhecer as razões” (GIDDENS, 2000, p. 55). Como reação extrema (profundamente indesejada por impedir o tão necessário diálogo), o fundamentalismo revela conseqüências impostas pela globalização à tradição que, apesar de sujeita a mudanças, mantém-se viva.

1.1.6 Identidade e comunitarismos: exclusão ou solidariedade

Para o Castells (1999a), são as identidades de resistência que levam à formação de comunidades como contraposição coletiva à opressão. Os comunitarismos são, nessa perspectiva, alternativas para reverter a exclusão sentida por grupos minoritários. É a “exclusão dos que excluem os excluídos”, descrita pelo sociólogo (CASTELLS, 1999a, p. 25), presente, por exemplo, no fundamentalismo religioso ou no orgulho que certos grupos manifestam ao denegrirem-se, invertendo o discurso opressivo, como é percebido em algumas tendências do movimento gay.

Castells defende o fortalecimento das identidades locais e o seu reforço como resistência à globalização. Segundo o autor, “cada vez mais as pessoas organizam seu significado não em torno do que fazem, mas com base no que elas são ou acreditam que são”. Essa volta às identidades é vista como única forma de segurança pessoal, pois, como afirma Castells, “nesse mundo de mudanças confusas e incontroladas, as pessoas tendem a reagrupar-se em torno de identidades primárias: religiosas, étnicas, territoriais, nacionais” (CASTELLS, 1999a, p. 23). Com a identidade se tornando a principal e, às vezes, a única fonte de significado, “a fragmentação se propaga, à

medida que as identidades tornam-se mais específicas e cada vez mais difíceis de compartilhar” (CASTELLS, 1999a, p. 23).

Assim, os princípios comunais seriam alternativas para a construção de identidades defensivas diante do que Touraine sintetiza como uma dissociação entre a economia e as culturas, entre símbolos globais e expressões culturais, entre o mundo objetivo e o subjetivo:

A cultura de massa penetra no espaço privado, ocupa grande parte dele e, como reação, reforça a vontade política e social de defender uma identidade cultural, o que levou à recomunitarização. A dessocialização da cultura de massa mergulha-nos na globalização, mas nos impele também a defender nossa identidade apoiando-nos em grupos primários e reprivatizando uma parte ou às vezes a totalidade da vida pública, o que nos faz, ao mesmo tempo, participar em atividades inteiramente voltadas para o exterior e inserir nossa vida numa comunidade que nos impõe seus mandamentos. (TOURAINÉ, 1998, p. 12)

A identidade comunitária é definida pelo autor como uma maneira tentadora de definição não por papéis sociais mas por pertenças culturais, seja pela etnia, religião, crenças, gênero ou costumes. Os regimes comunitários, sempre mantidos por forças autoritárias, empenham-se, assim, na defesa da identidade através de um mecanismo que, via de regra, pode ser traduzido pela rejeição do outro, do estrangeiro, do diferente – o que invariavelmente produz a segregação, o isolamento e a falta de comunicação:

Nada mais distante do multiculturalismo do que a fragmentação do mundo em espaços culturais, nacionais ou regionais estranhos uns dos outros, obsidiados por um ideal de homogeneidade e de pureza que os sufoca e, sobretudo, substitui a unidade de determinada cultura pela unidade dum poder comunitário, as instituições por um comando, uma tradição por um livrinho desta ou daquela cor, imperativamente ensinado e citado a cada instante. (TOURAINÉ, 1998, p. 197)

A alternativa para romper o isolamento dos comunitarismos proposta por Touraine é a desafiante consolidação de projetos, ou “políticas do sujeito”, como prefere, baseadas na comunicação entre verdadeiros sujeitos, atores de suas próprias histórias: “Só podemos viver juntos, isto é, combinar a unidade de uma sociedade com a diversidade das personalidades e das culturas, se colocarmos a idéia de sujeito pessoal no centro de nossa reflexão e de nossa ação” (TOURAINÉ, 1998, p. 25), ou seja, rompendo o dualismo que nos imporia abandonar as diferenças ou segregarmos em comunidades autoritárias.

Martín-Barbero é mais otimista ao contextualizar a volta às comunidades. Na sua análise, a globalização é também acusada de ser o foco da transformação da intimidade e das próprias identidades, através da delegação ao indivíduo da busca de “valores de coesão e de contextos de confiança” (MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 170). Contudo, o autor defende que o panorama identitário atual não é formado apenas de desencanto. Para além dos narcisismos da experiência e do fortalecimento dos fundamentalismos, identidades renovadas estão surgindo. Além disso, o pesquisador lembra que o fortalecimento das identidades traz como consequência não apenas a intolerância, mas também a possibilidade de expansão da memória e da solidariedade. “Na sua profunda ambigüidade, são abertos caminhos para que outras vezes sejam lançadas contra as mil formas em que hoje são revestidas a exclusão cultural, política e social” (MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 168).

A mudança estaria baseada na multiplicação dos referentes nos quais o sujeito se identifica:

O descentramento não é apenas da sociedade mas também dos indivíduos, que agora vivem uma integração parcial e precária das múltiplas dimensões que os conformam. O indivíduo já não é mais o indivisível, e qualquer unidade que se postule tem muito de ‘unidade imaginada’. (MARTÍN-BARBERO, 2002, p.171).

Nesse contexto, ainda surge como problemática as relações entre particularismo e universalismo – em que, na lógica atual, os particularismos são condenados por sua incapacidade de oferecer saídas aos conflitos que vivemos.

1.1.7 A construção da identidade cultural gaúcha

Nesse panorama de discussões, com o reconhecimento de um maior fluxo cultural demandando uma aproximação e negociação entre as identidades, a temática do nacional e do regional, muito longe de ser abandonada, parece ganhar força. Segundo Oliven, esse fenômeno é exemplificado pelo fato de que:

Num mundo que tende a se tornar uma ‘aldeia global’, as pessoas continuam a nascer num determinado país e região, a falar sua língua, a adquirir seus costumes, a se identificar com seus símbolos e valores, a torcer por sua seleção nacional de esporte, a respeitar sua bandeira e a serem convocadas para defender as fronteiras da pátria e morrer pela honra nacional. (OLIVEN, 1998a, p.129)

Esse enfoque confere à nação e à região um sentido de produto cultural, próximo do que Benedict Anderson (1989) chama de “comunidade imaginada”:

“Dentro de um espírito antropológico, proponho, então, a seguinte definição para nação: ela é uma comunidade política imaginada – e imaginada como implicitamente limitada e soberana. Ela é imaginada porque nem mesmo os membros das menores nações jamais conhecerão a maioria de seus compatriotas, nem os encontrarão, nem sequer ouvirão falar deles, embora na mente de cada um esteja viva a imagem de sua comunhão” (ANDERSON, 1989, p. 14).

Nessa proposição de Anderson, as nações diferenciam-se através dos diferentes modos como são imaginadas. Safa, comentando o conceito do autor, diz que “as pessoas se vinculam aos lugares graças a processos simbólicos e afetivos que

permitem a construção de laços e sentimentos de pertença. Esse processo não é estável, mas construído e construtor da realidade física e geográfica e, através dele, da sociedade de que é parte” (SAFA, 1998, p. 173).

Numa compreensão semelhante, Hall afirma que “uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos” (HALL, 1999, p.47). Assim, as culturas nacionais produzem sentidos sobre a nação com os quais torna-se possível se identificar, ou seja, constróem identidades.

As culturas e identidades regionais também são entendidas a partir da idéia de “comunidades imaginadas”, são construções imaginárias, invenções, sem necessariamente uma correspondência com elementos objetivos ou com a história. Oliven lembra que o regionalismo, assim como o nacionalismo, não pode ser pensado apenas em termos políticos e econômicos, mas através de sua dimensão simbólica. Por cultura regional entende-se “todos os níveis de manifestações de uma determinada região que caracterizem sua realidade sociocultural. Essas manifestações incluem as de caráter erudito, popular e massivo” (JACKS, 1998, p. 19). Portanto, a cultura regional manifesta-se em todas as classes sociais, não apenas nas camadas populares, estabelecendo traços e características que distinguem um grupo de outro e traduzindo as suas peculiaridades locais: é a cultura “que se relaciona com o domínio da diferença, do que é específico de uma região” (FADUL apud JACKS, 1998, p. 19).

As identidades regionais são construídas a partir da oposição de diferenças (reais ou inventadas) entre regiões e destas em relação à nação. Mesmo abarcando diferentes facetas, expressando manifestações de grupos bastante distintos, o regionalismo passa a assumir uma unidade como característica que esconde as clivagens internas. É o caso do que acontece com o regionalismo no Rio Grande do Sul, que, apesar de abarcar diferentes subculturas, especialmente aquelas ligadas à colonização feita por imigrantes de origem européia, é marcado por uma subcultura que, como afirma Jacks (1999), antecedeu e sobrepõe-se a essas.

Entendo, assim, que a cultura gaúcha é heterogênea, baseada em heranças e apropriações de culturas que fizeram e continuam ajudando a fazer a história do estado. Entretanto, mesmo assumindo características diferenciadas de acordo com a região e os diferentes grupos étnicos que aqui habitam, a idéia hegemônica de cultura gaúcha é baseada na figura do gaúcho: a cultura gaúcha promove a unificação cultural da heterogeneidade dos grupos existentes no estado, “com base na figura de um modo de vida rural que muitos não viveram no passado e tampouco possuem tal experiência no presente (75% da população é urbana) e, apesar desse ponto de vista, pode ser considerada hegemônica” (RONSINI, 2000, p. 105).

Além disso, a cultura regional gaúcha é marcada pela “ênfase das peculiaridades do estado e a simultânea afirmação do pertencimento dele ao Brasil” (OLIVEN, 1992, p. 47). Segundo Oliven, este é justamente um dos principais suportes da construção social da identidade gaúcha. A posição singular em relação ao Brasil se deve ao isolamento geográfico do estado, à integração tardia ao resto do país, às características geográficas, à forma de seu povoamento, à sua economia e ao modo pelo qual se insere na cultura nacional (OLIVEN, 1992, p. 19).

Todas essas peculiaridades contribuem para a construção da identidade cultural no Rio Grande do Sul, baseada na representação da figura mitificada do gaúcho. Apesar da presença do negro, do índio e dos imigrantes alemães, italianos e açorianos (além de uma minoria de poloneses, russos, holandeses, japoneses, judeus e outros) na formação do estado, a tradição e a história tendem a representar o habitante local como um tipo social único: “o gaúcho, o cavaleiro e o peão da estância da região sudoeste do Rio Grande do Sul” (OLIVEN, 1992, p. 50).

Com a origem ligada a uma idéia negativa, ao longo do tempo o termo ‘gaúcho’ deixou de qualificar o vagabundo, um tipo marginal, e ganhou um sentido heróico, de valentia e virilidade, transformando-se em símbolo da identidade regional:

O modelo que é construído quando se fala em tradições gaúchas [...] está sempre calcado no campo, mais especificamente na região da Campanha (localizada no sudoeste do Rio Grande do Sul e

fazendo fronteira com a Argentina e o Uruguai) e na figura do gaúcho, homem livre e errante que vagueia soberano sobre seu cavalo tendo como interlocutor privilegiado a natureza como ela se descortina nas vastas planícies dessa área pastoril do estado (OLIVEN, 1992, p. 69)

A partir da construção social da identidade desse gaúcho cristalizado, que anda a cavalo, usa bombachas e toma chimarrão, com base na historiografia oficial e na literatura, foram sendo resgatadas e inventadas tradições que passaram a integrar a cultura regional.

1.1.8 Hegemonia e pluralidade nos modos de sentir-se gaúcho

Nos anos 50, com base no regionalismo literário, surgiu o tradicionalismo gaúcho, um dos mais expressivos movimentos culturais do Rio Grande do Sul, a partir da popularização dos CTGs, os Centros de Tradições Gaúchas, “entidades associativas que objetivam cultivar as tradições, através de uma simbologia que tem por base a vida no campo” (JACKS, 1998, p. 32).

O primeiro, criado em Porto Alegre em 1948, foi o “35 Centro de Tradições Gaúchas de Porto Alegre”, cujo nome faz uma alusão a 1835, ano de início da Revolução Farroupilha⁵. Fundado por estudantes, filhos de pequenos proprietários rurais do interior do estado, o centro pioneiro evidencia que o tradicionalismo, desde sua formação, é um movimento urbano caracterizado pela busca da recuperação de valores rurais do passado (OLIVEN, 1992). Com a sua hierarquia baseada na estrutura de uma estância, o “35 CTG” serviu de modelo para centenas de centros de

⁵ Destaque na historiografia do Rio Grande do Sul e no imaginário gaúcho: “este movimento, que teve início em 1835 na então Província de São Pedro, originou-se na insatisfação de estancieiros sul-riograndenses em relação à excessiva centralização política e econômica imposta pelo governo imperial e no sentido de que a província era explorada pelo resto do Brasil. Os revoltosos, que lutaram durante dez anos, proclamaram uma república independente em 1836 e só assinaram o Tratado de Paz de Poncho Verde depois de receberem anistia do Império” (OLIVEN, 1998b, p. 76).

tradições espalhados pelo estado, por todo o Brasil e pelo exterior, consolidando o que, em 1966, foi oficialmente chamado de Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), organizado como uma federação de CTGs.

A partir dos anos 70, principalmente na década de 80, a cultura gaúcha foi impulsionada pelo surgimento do Nativismo, “um movimento predominantemente musical, desencadeado pela criação de festivais de cunho nativista” (JACKS, 1998, p. 44), que depois de uma disputa de posição hegemônica, passou por uma assimilação mútua em relação ao movimento tradicionalista, como explica Jacks, pela proximidade na valorização da cultura regional gaúcha. Seus pontos em comum sempre foram a “preocupação com as coisas gaúchas, a disputa pelo mesmo mercado de bens simbólicos e a utilização de instâncias de consagração como os festivais de música, o debate jornalístico, etc” (OLIVEN apud HAESBAERT, 1997, p. 85).

Com a renovação proposta pelo movimento nativista, o tradicionalismo expandiu-se até hoje ser considerado por seus líderes como o maior movimento da cultura popular no mundo ocidental. A Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha (CBTG) congrega federações do movimento espalhadas por diferentes regiões do Brasil e há CTGs em países tão diversos quanto o Japão e Estados Unidos, o que é explicado por Oliven (2003), em parte, pela própria estrutura das entidades, funcionando como espécies de clubes que aceitam pessoas de diferentes idades e classes sociais. Além disso, como afirma o antropólogo, o CTG, de alguma maneira, recria o passado, fornecendo sentimentos de pertença que podem justificar a forte adesão das pessoas e o crescimento do número tanto de CTGs quanto de participação.

Haesbaert, ao falar sobre a formação de uma rede gaúcha no Nordeste, comentando a respeito do funcionamento de uma entidade tradicionalista, fornece elementos para pensar sobre o papel ambíguo dos CTGs, gauchistas, segregadores e, ao mesmo tempo, aglutinadores e fortalecedores de um sentido comunitário:

Ao aliar os bailes típicos ou ‘fandangos’ com esportes tradicionais no Sul, como o jogo de bocha, o CTG amplia sua atuação e sua esfera de congregação social. Apesar de seu papel fundamental no

fortalecimento de uma posição conservadora, as tradições, num sentido geral, tornam-se vitais a uma comunidade na medida em que têm sempre uma parte de legitimidade histórica e permitem aos seus membros formar suas identidades [...] e construir solidariedades coletivas. (HAESBAERT, 1997, p. 89)

Essas características são acompanhadas de um extremo caráter disciplinário a partir da permanente vigília ao cumprimento de regras, onde os papéis se pretendem muito bem definidos, os ‘bons costumes’ são sempre enaltecidos e preservados (por exemplo, na proibição do uso de minissaias) e um ‘clima familiar’ é mantido. Isto sempre desde uma postura preocupada com a preservação da tradição – inventada por seus fundadores, entre eles Barbosa Lessa e Paixão Côrtes, que “criaram ou recriaram grande parte do que hoje se acredita ser o folclore gaúcho” (JACKS, 1998, p. 43), impondo-lhe um princípio de conservação e impenetrabilidade diante das mudanças. Comentando a atualização dentro do Movimento Tradicionalista, Oliven declara que:

Uma das coisas que o MTG procura fazer é criar um tipo, que seria o tipo do gaúcho, que teria características fixadas pelo movimento e que ele não gosta de ver alteradas. Ele, por um lado, resiste a coisas como a guitarra elétrica na música gaúcha, ou que alguém use bombacha e tênis, mas não tem problema nenhum com o telefone celular, porque ele supera os telefones tradicionais e não compete com as questões do gauchismo. O movimento não tem nada contra a tecnologia - tem várias páginas na Internet. O problema é com alguma coisa que mude ou altere a imagem do gaúcho que ele construiu. (OLIVEN, 2003, p. 4)

Essa imagem construída pelo tradicionalismo revela uma tendência a mostrar o gaúcho mitificado, homem do campo, tornado herói por valores consagrados de bravura e valentia. Embora não seja única, essa manifestação da identidade gaúcha ligada à idéia de tradição representa uma marca forte na maneira de os habitantes do Rio Grande do Sul se identificarem, mantendo-se em constante processo de disputa e negociação com outras expressões. Baseados na ênfase das peculiaridades históricas, geográficas e sociais do Estado, potencializados pelo discurso da mídia e pelo consumo de produtos culturais, os vínculos com a cultura regional hegemônica são

significativos para a definição do modo como moradores do Rio Grande do Sul se identificam.

Mesmo estando longe de representar uma possibilidade exclusiva de reconhecimento, percebe-se que, por mais que exista pluralidade de manifestações, a sua faceta tradicional é assumida como representativa do estado não apenas por instituições como o Movimento Tradicionalista Gaúcho, mas também pelo governo (em campanhas institucionais, por exemplo), na esfera política (perceptível pela abordagem de campanhas eleitorais) e pela mídia (nacional e local). Nesse sentido é percebida como aquela que disputa uma posição hegemônica, entendendo, com base em Gramsci, que “a hegemonia não é uma construção monolítica, e sim o resultado das mediações de forças entre blocos sociais atuantes em determinado contexto histórico” (MORAES, 2002). Assim, comportando lutas e deslocamentos internos, a hegemonia cultural é conquistada na tensão entre as forças sociais.

Entretanto, existem múltiplas formas de ser gaúcho, de viver e expressar essa identidade, através, por exemplo, de referências à história e à literatura, aproximação com o esporte, experiências políticas, questões de gênero, relações de trabalho, identificações étnicas, pertencas territoriais, vivências rurais e urbanas. Contudo, entendo que, embora não exclua todas essas pluralidades, a identidade cultural gaúcha ligada à idéia de tradição vem, historicamente na luta por hegemonia, sendo responsável por um tensionamento que, muitas vezes, não é tranquilo. No embate entre esses modos de se reconhecer gaúcho, em alguns momentos, muitas dessas identidades que vão além do gaúcho mitificado são enfraquecidas ou subvalorizadas.

Ser gaúcho significa também ser brasileiro, torcer para um time de futebol, consumir produtos estrangeiros, escutar música baiana, assistir a seriados norte-americanos, trabalhar numa empresa multinacional, participar de uma lista de discussões sobre tendências da moda, por exemplo. Ou seja, a identidade cultural gaúcha se constrói também na disputa com a identidade nacional e com identidades transnacionais (ou globais). É nessa dinâmica de papéis assumidos, consumo, valores

locais e valores provenientes do contato com outras culturas que os indivíduos vão definindo quem são. É a partir daí que as estratégias de identidades vão sendo construídas.

1.2 As mídias na constituição e vivência das identidades

Para discutir a complexa relação entre mídia e identidade, parto do reconhecimento da centralidade que a esfera midiática foi assumindo na vida cotidiana, nas relações sociais, implicando em reconfigurações de diversas ordens, inclusive nas vivências identitárias. Sem desconsiderar os cruzamentos, as assimetrias e as distintas temporalidades nas apropriações das mídias – também característicos da sociedade contemporânea –, elas penetram todas as esferas da vida. Estão no centro das discussões sobre globalização, mundialização da cultura, aceleração dos fluxos informacionais, sendo apontadas como protagonistas de mudanças nas interações sociais e nas formas de reconhecimento.

O fenômeno observado não é novo, mas trata-se de um estágio avançado de transformações operadas desde antes do século XX, conseqüentes do desenvolvimento de tecnologias e, acima de tudo, de sua apropriação pela sociedade, responsáveis hoje por impactos mais efetivos na relação de produção e consumo e na transformação da comunicação. Assim, as mídias, desde antes do surgimento do rádio, televisão, até o despontar da Internet, trouxeram mudanças na maneira de o homem entender e relacionar-se com a comunicação e, conseqüentemente, com o outro.

Desse entendimento decorre a adoção de um conceito de mídia como mais do que a simples produção tecnológica de mensagens mas também envolvendo suas condições de produção, circulação e consumo, retirando-as de uma limitação por seu caráter tecnológico e atribuindo-lhes uma aproximação aos seus contextos de usos sociais. Neste sentido, há uma aproximação com o conceito discutido por Verón

(1997), em que é conferida uma dimensão coletiva às mídias, a partir da idéia de acesso plural às suas mensagens, diante de certas condições: “A comunicação midiática é essa configuração de meios de comunicação resultantes da articulação entre dispositivos tecnológicos e condições específicas de produção e de recepção, configuração que estrutura o mercado discursivo das sociedades industriais” (VERÓN, 1997, p. 14).

O que se percebe é que a comunicação midiática encontra-se em transformação acelerada, com o desenvolvimento de novos dispositivos tecnológicos e também com alterações em seus usos, gerando um processo de midiatização das sociedades industriais, o que faz com que as relações apareçam mediadas não apenas por instituições como a família, a escola e o trabalho, sendo possível perceber uma valorização das mídias para a constituição dos vínculos sociais.

Embora a midiatização faça referência a mudanças de ordens distintas nas práticas sociais e em suas representações, o que pode ser exemplificado pela compreensão das diferenças entre participar de uma manifestação na rua e assisti-la pela televisão, entende-se que essas práticas, de um modo geral, acabam sendo perpassadas pelas lógicas midiáticas. Esse redimensionamento leva ao risco de que a noção acabe sendo empregada como uma espécie de fetiche, como alerta Mata, destacando o perigo de atribuí-la uma capacidade explicativa “que converta em midiático tudo o que toca como ocorre em certa literatura ensaísta e em algumas investigações que equiparam as tecnologias e meios em novos determinantes de noções e comportamentos de maneira generalizada” (MATA, 1999, p. 88).

Assumindo essa vigilância, é na idéia de centralidade midiática que se situa um dos eixos conceituais da investigação, pois parto do entendimento de que as conseqüências da midiatização também são percebidas na esfera das vivências identitárias. Na pesquisa, o olhar é concentrado sobre a reconfiguração dos mecanismos de identidade a partir da ampliação das possibilidades de experiências com a expansão dos usos das mídias, especialmente da Internet. Entendo, nos termos

de Sodré, que a mídia implica uma “forma nova de vida, com um novo espaço e modo de interpelação coletiva dos indivíduos, portanto, outros parâmetros para a constituição das identidades” (SODRÉ, 2002, p. 23).

Para além da mediação da linguagem ou da cultura, a midiaticização da experiência configura uma outra circunscrição político-epistemológica da ação humana que revela um caráter privilegiado dos meios de comunicação: “São acrescentadas de tal maneira as zonas de existência dos indivíduos que se realizam – ou prometem realizar-se – através dos meios e tecnologias que, conseqüentemente, constituem-se como garantias da possibilidade de ser e atuar” (MATA, 1999, p. 87).

Com a certeza de que as práticas são sempre mais complexas do que as suas perspectivas explicativas e entendendo que a midiaticização não é homogênea, mas insere-se num contexto de possibilidades materiais e competências dos sujeitos, é que vai sendo construída essa vinculação entre análises empíricas e eixo teórico.

1.2.1 As identidades como mediações para usos das mídias

O segundo eixo para pensar sobre as relações entre mídia e identidades envolve o conceito de mediação. O pressuposto no qual se ancora é o de que a identidade, agente na definição da competência cultural do indivíduo é um dos entornos que interage na definição dos significados atribuídos às mídias, incluindo a Internet, ajudando a estabelecer escolhas entre opções disponíveis na rede. Como sistemas de referência e reconhecimento, as identidades desempenham um papel importante na interação de cada indivíduo com a realidade a sua volta, atuando no processo de produção e apropriação dos bens culturais. As preferências de acesso às possibilidades da Internet, mesmo que limitadas pelas imposições tecnológicas, são determinadas pela capacidade de produção de sentido de cada indivíduo, garantida

através de suas identificações e também por meio de sua relação com a história, valores, hábitos e tradições.

O conceito de mediações é apresentado por Martín-Barbero (1987) como possibilidade de ultrapassar o que ele chama de razão dualista das ciências sociais e da comunicação, baseadas em pensamentos não dialéticos que, por muito tempo, opuseram o culto ao popular e o emissor ao receptor. O autor fala da necessidade de focalizar o lugar onde se articulam os sentidos, propondo um deslocamento teórico e metodológico dos meios às mediações, isto é, “para as articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais, para as diferentes temporalidades e para a pluralidade de matrizes culturais” (MARTÍN-BARBERO, 2001, p.270).

Assim, a recepção deixa de ser entendida como um fenômeno simples e direto e passa a ser vista dentro de um espaço mediado. Os estudos comunicacionais são parte dos processos de cultura, envolvendo o sujeito dentro de seu contexto, na suas relações com o outro, com as instituições e com as diversidades culturais:

O que tratamos é tirar o estudo da recepção do espaço delimitado por uma comunicação pensada em termos de mensagens que circulam, de efeitos e reações, para localizar sua problemática no campo da cultura: dos conflitos que articulam a cultura, das mestiçagens que a tecem, das anacronias que a sustentam e, por último, do modo em que trabalha a hegemonia e as resistências que mobiliza. (MARTÍN-BARBERO, 1987, p. 240)

Com o estudo da comunicação inserida na realidade cotidiana, ganha força a idéia da natureza comunicativa da cultura, seu caráter de processo produtor de significação e não de mera circulação de informações:

Mais que de meios, a comunicação nos propõe hoje questões de mediações, isto é, de cultura, e, portanto, são necessários não só conhecimentos, mas também reconhecimentos. Um reconhecimento que é, em primeiro lugar, um deslocamento metodológico para rever o processo inteiro da comunicação desde seu outro lado, o das resistências e das resignações que se exercem desde a atividade de apropriação, desde seus usos que os diferentes grupos sociais –

classes, etnias, gerações, sexos – fazem dos meios e dos produtos massivos. (MARTÍN-BARBERO, 1990, 22-3).

A idéia de mediação redefine o papel do receptor como sujeito ativo no processo de produção de significados. Trata-se da constatação da existência de uma série de elementos que colaboram para definir a maneira como os conteúdos são recebidos para cada indivíduo dentro de seu grupo social. É por meio das mediações, variáveis de acordo com o receptor, que se produz o sentido – não definido somente no momento da produção, mas estabelecido a partir do modo como vai sendo apropriado.

Nessa perspectiva, Martín-Barbero diz que as mediações são os lugares onde se produz o sentido da comunicação. Em sua metáfora de mapa noturno para explorar o campo, elas constituem esse novo espaço para pensar a comunicação a partir da cultura. É no deslocamento do interesse dos meios para o lugar onde é produzido o seu sentido, que são pensadas as dinâmicas dos usos sociais dos meios de comunicação, complexos e, muitas vezes, imprevisíveis. Nesta lógica, percebe-se a possibilidade de que bens simbólicos e mensagens possam ser transformados em seus usos sociais, sempre múltiplos e mediados.

A competência cultural, conceito chave nessa pesquisa, representa uma das mediações fundamentais propostas por Martín-Barbero (1987)⁶, atuando para que se estabeleçam as diferenciações na apropriação dos meios de comunicação. Para o pesquisador, é através da mediação da competência cultural que se percebe como as diferenças de classe e as diferenças culturais articulam o modo de ver e de se manifestar no tempo e no espaço cotidiano:

“Não somente a classe social é que fala nos usos, mas também a competência cultural dos diversos grupos que atravessa as classes, pela via da educação formal, com suas distintas modalidades, mas sobretudo pela via dos usos que configuram etnias, culturas

⁶ As outras duas são a cotidianidade familiar e a temporalidade social.

regionais, dialetos locais e distintas mestiçagens urbanas”
(MARTÍN-BARBERO, 2001, p. 313).

Assim, a competência cultural pode ser entendida como a capacidade de cada indivíduo apropriar-se de algo, baseado em suas possibilidades de produção de sentido. A formação educacional, através do acesso ao ensino formal, da leitura e do domínio de idiomas é um dos elementos determinantes da competência cultural. O consumo cultural, ou seja, a disponibilidade de bens simbólicos como livros, TV, CDs, jornais, revistas, cinema, teatro, turismo e Internet, também define uma competência cultural diferente para cada pessoa, que ainda é influenciada por fatores como idade, gênero e origem étnica.

É na categoria da competência cultural que a identidade aparece como significativa no processo de mediação dos usos sociais dos meios de comunicação, pois funciona como um sistema de referência e reconhecimento. Nessa perspectiva foi construída a investigação. Com base no pressuposto de que a identidade é mediadora de usos sociais feitos da Internet, busco constatar como ela aparece aqui sendo responsável, a partir de demandas distintas, por apropriações variadas de uma mídia marcada pela diversidade de opções de acesso.

Desde as idéias iniciais da pesquisa, a noção das identidades como mediação foi ganhando dimensões distintas. Num primeiro momento, esse seria o eixo central da análise: entender como elas eram responsáveis por definições de escolhas nos usos da Internet. No entanto, através da aproximação empírica exploratória, com o reconhecimento das tensões de identidade experimentadas na Página do Gaúcho, o dinâmico processo identitário, seu protagonismo e tensionamento no espaço midiático, passou a exigir atenção, fazendo pensar sobre as possibilidade de as identidades serem também um lugar de disputas. Sem perder sua importância na definição de escolhas, as identidades estão em movimento nas mídias, sendo reordenadas nesse processo.

1.2.2 A identidade gaúcha na mídia

A mídia representa hoje um dos principais espaços de vivência da identidade cultural gaúcha, pois, na sua dinâmica construção, ela é permanentemente visibilizada, discutida, experimentada e reordenada no ambiente midiático através de apropriações diversas feitas de produções locais e nacionais. Se, em sua trajetória, a identidade gaúcha nasceu fortemente ligada à literatura e à historiografia oficial, hoje é a mídia, desde a sua centralidade, que vai ocupar o papel de sua dinamizadora, não apenas ao mostrar o gaúcho, mas sobretudo a partir da possibilidade de reconhecimento através da sua multiplicidade de usos.

Jacks aborda a relação entre mídia e identidade gaúcha na consolidação de um mercado de produção local impulsionado pela expansão do gauchismo na década de 80. Em “Mídia Nativa – Indústria cultural e cultura regional” (1998), a pesquisadora faz uma análise sobre o papel da indústria cultural no desenvolvimento da cultura regional e, em um processo mútuo, sobre a maneira como a mídia passou a incorporar elementos regionais. Felippi resgata alguns elementos discutidos por Jacks sobre a expansão de mídias locais com caráter tradicionalista na década de 80:

Nesse período, a indústria cultural gaúcha despertou para um fenômeno que acontecia no Estado desde a metade do século, o renascimento do gauchismo, através dos movimentos Tradicionalista e Nativista. Retardatária ao processo, com exceção do rádio que registrava programas desde os anos 50, a indústria cultural passou a dar espaço a esses movimentos, encontrando aí um filão de mercado e contribuindo para sua potencialização. Conforme Jacks (1998), o rádio foi o primeiro a dar esse espaço, dando cobertura de festivais musicais. Surgiram revistas e jornais temáticos e editoras especializadas, houve desenvolvimento de uma indústria fonográfica ligada aos festivais nativistas e o cinema veio com algumas produções, embora tenha sido nos anos 90 que

esse último respondeu a esses movimentos. A televisão, por meio da RBS e da Televisão Educativa (TVE), começou a abordar a temática em especiais musicais e jornalísticos. (FELIPPI, 2003)

Ao mesmo tempo em que tematiza a identidade gaúcha tradicional, a mídia é apropriada desde a relação estabelecida pelos receptores com o universo regional. Esta foi a abordagem de “Querência – cultura regional como mediação simbólica” (1999), em que Jacks explora a relação entre a identidade gaúcha e o processo de recepção televisiva, através de um estudo de recepção da telenovela “Pedra sobre pedra”, da Rede Globo de Televisão, em que acompanhou famílias de um município do interior do Rio Grande do Sul, observando a mediação da identidade.

Sob diferentes enfoques, outras pesquisas evidenciam o processo de construção da identidade gaúcha na mídia, quer analisando a identidade no jornalismo local (FELIPPI, 2003), a relação com a produção televisiva de ficção regional (HINERASKY, 2003), a intersecção entre a identidade e o cinema produzido no Rio Grande do Sul (MASCARELLO, 2002), entre outras que relacionam mídia, identidade gaúcha e esfera política.

Esta pesquisa pretende trazer reflexões sobre o processo a partir de apropriações feitas da Internet, como possibilidade de compreensão de modos como a dinâmica está sendo estabelecida na mídia, através de uma relação em que a identidade cultural gaúcha ganha visibilidade e pode demandar apropriações e ser experimentada desde as especificidades da rede mundial de computadores.

1.2.3 Um espaço de comunicação ou a mídia das mídias

As primeiras conexões à Internet, no Brasil, aconteceram em 1988, através da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e do Laboratório

Nacional de Computação Científica, do Rio de Janeiro. Em 1989, o Ministério da Ciência e Tecnologia criou a Rede Nacional de Pesquisa, que construiu a primeira estrutura de rede nacional. Em 1994, o uso deixou de ser exclusivo de centros de pesquisas e universidades, tendo sido iniciados os testes comerciais com linhas discadas. Em agosto de 1995, começou a utilização comercial da Internet no país. Provedores comerciais de acesso multiplicaram-se e a explosão do uso da rede aconteceu em 1996, ano em que foi lançada a primeira versão da Página do Gaúcho.

A *World Wide Web* (ou simplesmente *web*⁷) foi criada em 1989 para organizar de maneira mais prática e simples os dados dispostos na Internet, constituindo-se na face amigável da rede, seu subconjunto mais visível e conhecido. A partir daí, foi possível a aplicação de interfaces gráficas bastante práticas que possibilitaram a criação de web sites, hipertextos dispostos na rede. Adotando o conceito citado por Landow (1995), “com 'hipertexto', me refiro a uma escritura não-sequencial, a um texto que se bifurca, que permite que o leitor escolha e que leia melhor em uma tela interativa. De acordo com a noção popular, trata-se de uma série de blocos de texto conectados entre si por nós, que formam diferentes itinerários para o usuário” (NELSON apud LANDOW, 1995, p. 15).

A troca de mensagens por e-mail é apontada como um dos usos mais significativos da Internet (LEMOS, 2002; CASTELLS, 2003). Os fóruns de discussão funcionam como quadros murais onde são disponibilizados e-mails enviados por usuários sobre diferentes assuntos propostos. Os chats ou salas de bate-papo são recursos que permitem a vários usuários participarem de uma troca de mensagens em tempo real através da rede. Usados mais frequentemente para entretenimento, eles podem ser acessados em sites ou através de programas específicos.

Uma das principais características atribuídas à Internet, como uma grande rede de computadores que interliga todos os tipos de equipamentos (supercomputadores, micros pessoais, computadores portáteis) através de linhas telefônicas, linhas de

comunicação privada, cabos submarinos, ondas de rádio, canais de satélite e diversos outros meios de telecomunicação, é a interatividade. O conceito é apontado como “um dos elementos principais, senão o mais importante, da redefinição das formas e processos psicológicos, cognitivos e culturais decorrente da digitalização da comunicação” (FRAGOSO, 2001). Embora a interatividade seja um termo criado para “denominar uma qualidade específica da chamada computação interativa” (FRAGOSO, 2001), com a modificação na relação usuário-computador, é preciso ter cuidado para não cair no equívoco de ignorar as possibilidades de interação nos meios tradicionais, ao mesmo tempo em que é preciso evitar, como defende Braga (2001, p. 112), considerá-la “como atributo substancial (e portanto existente ou não, de uma vez por todas) de um meio de comunicação”.

É proposto, assim, um afastamento da classificação criada por Thompson (1998), em que as interações possíveis através dos meios de comunicação são ditas “quase-interações mediadas”, caracterizadas pela produção para um número indefinido de receptores e pelo fluxo de comunicação predominantemente de sentido único, além da maior disseminação no tempo e espaço e o estreitamento do leque de deixas simbólicas. Abandonando essa concepção da mídia aprioristicamente como monológica, a interatividade é entendida não como uma característica exclusiva da Internet mas como uma possibilidade, presente também em outras mídias, que pode ser operada de modos diferentes na rede, lembrando que:

As redes informatizadas são definidas como interativas porque viabilizam aqueles procedimentos ‘conversacionais’ – esquecendo-se que uma parte significativa das ações na rede não são desse tipo; ou então, apressada e equivocadamente, assimilando àqueles procedimentos conversacionais interações decididamente de outros tipos (hipertexto, ações do usuário sobre ‘objetos’, decisões de busca, variabilidade de percursos, etc). (BRAGA, 2001, p. 112)

⁷ Os termos relacionados à Internet (além de web, outros como chat, e-mail e site) são apresentados aqui e passam a ser grafados sem itálico, ficando o destaque limitado às palavras de língua estrangeira.

A partir desses cuidados, é possível perceber que, como afirma Fragoso (2003), contrariando os sonhos de uso da web para a circulação horizontal e irrestrita de informações, “um número cada vez maior de usuários evita o terreno movediço das páginas independentes direcionando seus navegadores para endereços enraizados em instituições conhecidas e, preferencialmente, nascidas ‘fora da rede’” (FRAGOSO, 2003, p. 9)⁸. Essa constatação leva ao entendimento de que o modelo da web possui uma estrutura muito parecida com a de outras mídias, em que se percebe segmentação e especialização de conteúdo, em uma tendência de centralização.

Entretanto, paralelamente a esse movimento, observa-se que há uma multiplicação das possibilidades de produção, com a proliferação de sites pessoais, weblogs⁹ e sites com temáticas específicas na web, fazendo pensar sobre uma possibilidade de liberação do pólo da emissão, com a oportunidade de publicação de conteúdo a qualquer um que disponha de acesso à Internet, mesmo que este muitas vezes seja consultado por um número restrito de pessoas.

Neste duplo movimento, a Internet é entendida como uma mídia que não necessariamente inaugura um modo de comunicar, mas que, em alguns momentos inspirada em outras mídias (muitas vezes fazendo referência a elas)¹⁰ e desde características específicas¹¹, surgidas através da apropriação de ferramentas

⁸ Segundo Shirky (apud Fragoso, 2003), 70% da navegação na web é direcionada para 1% do total de endereços disponíveis.

⁹ Os weblogs ou blogs, segundo Primo e Recuero, são “sistemas de publicação na web baseados nos princípios de microconteúdo e atualização freqüente. O sistema vem ganhando crescente popularidade, graças à facilidade de publicação, uma vez que proporciona que qualquer um, mesmo sem conhecer a linguagem HTML, possa publicar seu blog” (PRIMO; RECUERO, 2003).

¹⁰ Ao propor o conceito de remediação, Bolter e Grusin falam da “utilização de conteúdos e especificidades estéticas e outros elementos desenvolvidas por e para um mídia por outro mídia” (FRAGOSO, 2002): “A novidade dos mídia digitais reside exatamente em suas estratégias singulares de remediação da televisão, do cinema, da fotografia e da pintura. Releituras, enquanto remediação, são tanto o que é ‘exclusivo dos mundos digitais’ quanto o que nega a possibilidade de tal exclusividade” (BOLTER; GRUSIN, 1999, p. 49).

¹¹ Entre elas, além das já referidas potencialidades de interatividade e hipertextualidade, estão a *multivocalidade* (um texto não precisa ser elaborado por apenas uma pessoa, podendo receber colaborações em função de assuntos correlatos), *intratextualidade* (complementação de um texto com outro dentro do próprio site, através de possibilidades de conexão ou links, criando uma continuidade informativa através de diferentes textos), *intertextualidade* (complementação do texto com outros de diferentes sites por meio de links), e *navegabilidade* (possibilidade de utilização de recursos que facilitam a visita nos sites) (LANDOW apud LEMOS, 1999). Todas essas características não são exclusividade nem existem necessariamente em todas as possibilidades de

tecnológicas próprias, configura uma mídia a ser explorada tanto por diferentes possibilidades de produção quanto de usos.

Entende-se, entretanto, que há diferença nas relações estabelecidas a partir de e-mails pessoais, e-mails publicitários, revistas eletrônicas, lojas virtuais, grandes portais de notícias, blogs, sites de entretenimento ou sites pessoais, mas optei aqui por abandonar uma discussão em busca da definição do que é ou não midiático na Internet (por entender que estaria sendo promovido um afastamento dos objetivos da pesquisa), mas tomá-la no seu conjunto de possibilidades como uma mídia que permite a consolidação de um ambiente comunicacional tão múltiplo e complexo quanto são diversas as suas abordagens explicativas. Em um recorte construído de acordo com os interesses deste trabalho, a Internet, mais especificamente a web, é estudada a partir de sua relação com as identidades, sendo percebida como potencializadora de experiências identitárias.

1.2.4 Experiências identitárias na Internet

A expansão dos usos da Internet leva a um questionamento sobre suas conseqüências nos padrões de interação social e nas práticas culturais. Neste contexto de inquietações, a idéia de ‘cibercultura’ emerge como um grande guarda-chuva conceitual para abrigar todas as relações estabelecidas entre a técnica e o contexto social, as apropriações da Internet (e também de tecnologias micro-eletrônicas como celulares, faxes, radiotransmissores, computadores portáteis) e seus reflexos na sociabilidade contemporânea. De um modo geral, os estudos sobre o que se convencionou chamar cibercultura dedicam-se a entender, sob diferentes perspectivas, as relações entre a Internet e a sociedade, buscando apontar, como descreve Santaella, em um grande panorama sobre o assunto, “construções culturais e

comunicação da Internet, mas configuram potencialidades observadas, ora conjugadas, ora separadamente, conforme as diferentes formas de produção e consumo possibilitadas em seus diferentes espaços.

reconstruções nas quais as tecnologias se baseiam e que, conversivamente, contribuem para desenvolver” (SANTAELLA, 2003, p. 105).

Surgem pesquisas sobre temas tão variados quanto inteligência coletiva, ciberarte, negócios eletrônicos, relações entre corpo e tecnologia, realidade virtual, jornalismo online e cidades digitais, sendo observada também uma preocupação com as estratégias de interação na Internet desde o advento das comunidades virtuais, como novas agregações que estão surgindo em torno da rede.

Para os pioneiros das discussões da interação social na Internet, as comunidades virtuais são definidas como “conformações sociais que emergem da rede quando um número relativamente elevado de pessoas mantém discussões durante um tempo prolongado e conformam redes de amigos pessoais ou profissionais no ciberespaço” (RHEINGOLD apud FINQUELIEVICH, 2000, p. 141). São, neste sentido, grupos formados por sujeitos que se comunicam por um certo período de tempo, compartilhando interesses comuns e estabelecendo vínculos a partir da Internet.

Mesmo que o conceito tenha sido desenvolvido amparado em uma concepção sociológica idealista de comunidade como lugar espacialmente limitado, homogêneo e harmonioso (CASTELLS, 2003), contribui para pensar as reconfigurações da sociabilidade através de apropriações da Internet e ainda introduz a discussão a cerca da relação entre as identidades e a rede mundial de computadores:

No ciberespaço, conversamos, discutimos, engajamo-nos em intercursos intelectuais, realizamos ações comerciais, trocamos conhecimento, compartilhamos emoções, fazemos planos, trazemos idéias, fofocamos, brigamos, apaixonamo-nos, encontramos amigos e os perdemos, jogamos jogos simples e metajogos, flertamos, criamos arte e desfiamos um monte de conversa fiada. Fazemos tudo o que fazem as pessoas quando se encontram, mas o fazemos com palavras e na tela do computador, deixando nossos corpos para trás. Milhões de nós já construíram comunidades nas quais nossas identidades se misturam e interagem eletronicamente, independente do tempo e do local. (RHEINGOLD apud SANTAELLA, 2003, p. 122)

Essa experimentação identitária na Internet é ressaltada por Sherry Turkle, em uma pesquisa que se tornou referência no tema ao abordar as relações entre

identidade e Internet. Em “A vida na tela” (1997), a pesquisadora norte-americana afirma que a rede liga “milhões de pessoas em novos espaços que estão a alterar a forma como pensamos, a natureza da nossa sexualidade, a organização das nossas comunidades e até mesmo a nossa identidade” (TURKLE, 1997, p. 11). No ciberespaço, segue a autora:

Podemos conversar, trocar idéias e adotar identidades fictícias que nós próprios criamos. Temos oportunidade de construir novos tipos de comunidades, comunidades virtuais nas quais participamos juntamente com pessoas de todos os cantos do mundo, pessoas com quem dialogamos diariamente, com quem podemos estabelecer relações bastante íntimas, mas que talvez nunca venhamos a encontrar fisicamente. (TURKLE, 1997, p. 12)

Ao estudar o universo dos MUDs¹², Turkle parte de uma hipótese de que as tecnologias da informação são a base de uma nova cultura da simulação e de uma reavaliação fundamental da identidade humana. Mesmo que, numa abordagem psicológica, Turkle se volte à construção das identidades pessoais¹³, propõe pensar sobre as estratégias de identidade, lembrando do seu caráter múltiplo, a partir de idéias de heterogeneidade, de flexibilidade, com o abandono da visão unitária da identidade mesmo pela tradição psicanalítica.

Nessa construção, Turkle trata a Internet como “outro elemento da cultura do computador que contribui para encararmos a identidade como multiplicidade. Nela, as pessoas têm a possibilidade de construir uma personalidade alternando entre muitas personalidades diferentes” (1997, p. 263). É como espaço de experimentação, portanto, que a rede chama a atenção da autora. Vivendo diferentes papéis ou criando vidas paralelas nos MUDs, os sujeitos buscam experimentar o que muitas vezes não é possível na ‘vida real’.

¹² Jogos de computador para multiusuários baseados em diferentes tipos de softwares, que permitem “navegar, conversar e construir” em espaços virtuais (TURKLE, 1997, p.14-19).

¹³ Entendidas como os diferentes modos de constituição e representação do eu, numa perspectiva individual – uma espécie de “percepção individual do que confere sentido à vida” (TURKLE, 1997, p.302).

Outras pesquisas partem desse entendimento da Internet como espaço de experimentação identitária, sendo atribuída a ela o papel de construir, reordenar e modificar as identidades de seus usuários. Há nestas pesquisas uma tendência em enfatizar o processo estratégico de construção das identidades pessoais e a sua apresentação na Internet. Chandler (1998), por exemplo, afirma que as páginas pessoais podem ser entendidas como reflexo da construção das identidades de seus produtores. Para o pesquisador, o estilo e a estrutura dos sites, às vezes mais do que o próprio conteúdo, podem dizer muito sobre a identidade de quem está por trás dele. Ao definir links, referências a temas diversos, opções de consumo, identificações variadas, os produtores estão afirmando quem são, fazendo com que a web configure-se em um meio para a dinâmica de manutenção e reformulação de suas identidades.

O caráter desviante de apresentação das identidades na Internet também é enfatizado em alguns trabalhos, aos moldes do que considera Turkle sobre a possibilidade de representação de papéis na rede que estariam inacessíveis no cotidiano. A deliberada manipulação da identidade (incluindo a de gênero) parece ser mais comumente associada aos usos da Internet em chats, MUDs e em menor escala em e-mails (através da possibilidade de anonimato), enquanto, segundo Kelly (apud CHANDLER), parece haver uma certa concordância entre pesquisadores sobre a tendência de as pessoas serem mais honestas sobre si mesmas em páginas pessoais.

Esse confronto entre cotidiano e experiência online, em certa medida como afirma Castells (2003), foi responsável porque a Internet precipitadamente fosse acusada de induzir as pessoas a viver fantasias, fugindo do mundo real, o que não corresponde ao que se observa em seus usos mais significativos – instrumentais e ligados ao trabalho, à família e à vida cotidiana, como indicam pesquisas citadas por Castells, em que, por exemplo, o e-mail é maioritariamente relacionado a objetivos de trabalho, a tarefas específicas e à manutenção de contatos com a família e os amigos.

Mesmo a pioneira dos estudos sobre a construção das identidades na Internet, Sherry Turkle, conclui seu estudo clássico afirmando que, apesar da facilitação da

vivência de identidades paralelas na Internet, a interação online molda-se na referência com a realidade de seus agentes. No mesmo sentido, Nancy Baym, em estudo sobre uma comunidade virtual que discutia telenovelas, afirma que “a realidade parece ser que muitos, provavelmente a maioria, dos usuários sociais da comunicação mediada por computador criam personalidades online compatíveis com suas identidades offline” (BAYM apud CASTELLS, 2003, p. 100).

Entendo que a representação de papéis, considerada uma experimentação social válida, não corresponda a uma proporção significativa da interação na Internet, entretanto o interesse da pesquisa é centrado não na vivência de identidades desviantes mas na utilização de seus espaços como alternativa para experimentação identitária, percebida em constante processo de construção a partir de diferentes referentes, dinamizados pela multiplicidade de opções da Internet.

Ainda que não se parta do confronto entre virtual e real, como faz Turkle e outros autores, a Internet é pensada como responsável por favorecer a vivência dessas experiências identitárias. Outras pesquisas partem da mesma preocupação, refletindo a relação de identidades pessoais e subjetividades na Internet. Cito, como exemplo, dois trabalhos resultados de dissertações de mestrado desenvolvidos nessa perspectiva: “Diários online e estratégias identitárias: o contar-se de sujeitos no ambiente comunicacional na Internet”, de Gustavo Fischer (2002), que discute a experimentação de estratégias de identidade por membros de uma rede de diários online; e “Identidade e comunidades virtuais no IRC: um estudo do Canal Pelotas”, de Raquel Recuero (2002), uma análise da construção da identidade de usuários através de nicknames e caracteres gráficos, desde a discussão de questões como a sedução e o ‘engano de identidade’.

Ainda que em uma construção preocupada com as identidades culturais e não com as pessoais, como a maioria dos estudos apontados, na pesquisa é voltado o interesse para o modo como elas surgem como mediadoras de um uso específico da rede e como são vivenciadas a partir das especificidades da Internet.

2 Caminhos metodológicos em uma perspectiva etnográfica

2.1 Saber ver, estar com e escrever

Como um estudo em profundidade de um caso particular, desde a aproximação exploratória, venho optando pelo uso de diferentes procedimentos metodológicos, numa abordagem qualitativa, em que busco reunir dados detalhados através de uma análise intensiva empreendida sobre o objeto empírico. A opção por um estudo de caso do site Página do Gaúcho (www.paginadogaicho.com.br) permite o levantamento de questões, a partir da observação concreta de um ambiente na Internet, possibilitando que toda a construção teórica seja tensionada pelo empírico e vice-versa.

O site, divulgado como o maior sobre cultura gaúcha na Internet, representa um espaço privilegiado para a discussão e a vivência de questões ligadas à identidade cultural gaúcha. Para chegar até ele, realizei uma primeira trajetória de delimitação da análise, em que parti de um pesquisa geral sobre o tema, em sites de busca e através dos links indicados nas páginas encontradas. Em uma das ferramentas de pesquisa mais populares da web (o site de busca Google - www.google.com.br), apareceram 107 mil links relacionados com a palavra 'gaúcho', enquanto na pesquisa pelas referências simultâneas das palavras 'cultura' e 'gaúcha' apareceram mais de 21 mil links. De matérias publicadas em sites de jornais até páginas destinadas

exclusivamente a divulgar a cultura regional, uma diversidade de possibilidades de acesso foi sendo apresentada na tela do computador, permitindo que eu visitasse diferentes espaços na Internet destinados a questões ligadas a manifestações da cultura gaúcha.

O trabalho exigiu tempo e a definição de critérios para a seleção, como a qualidade técnica, a proposta estética, o tipo de conteúdo disponível, a atualização permanente, a participação dos usuários, e, sobretudo, a relação de todos esses itens com a identidade cultural gaúcha em uma aproximação seja de estética, de estrutura de funcionamento ou de dinâmica de participação identificada com sua perspectiva tradicional. A partir desses critérios, surgiu um recorte que ajudou a direcionar a atenção da pesquisa: nove sites¹⁴ foram escolhidos para compor uma amostra preliminar até a definição do que mais oferecesse subsídios para pensar a relação entre as identidades e os usos da rede.

A “Página do Gaúcho” foi escolhida por atender aos critérios definidos e, principalmente, pela possibilidade de discussão através das questões apresentadas e suas potencialidades para a formação de vínculos entre as pessoas que se identificam com o que está sendo apresentado. Sobretudo por oferecer a oportunidade de participação de internautas em seus debates, estimular a troca de informações e a discussão em fóruns e listas, o site apresenta-se como espaço privilegiado de problematização do que significa ser gaúcho para seus usuários. Habitantes de diferentes municípios rio-grandenses, brasileiros de outros estados e gaúchos que deixaram o Rio Grande do Sul circulam pelas seções da Página do Gaúcho, deixando marcas de sua relação com a identidade cultural através da comunicação estabelecida nas listas de discussão, no tipo de informação buscada, nos nomes ou nicks (como Desgarrado do Pago e Prenda Campeira, por exemplo) escolhidos para se identificar, na linguagem gauchesca nas discussões (com o uso carregado de regionalismos), na

¹⁴ Cultura Raiz (www.culturaraiz.hpg.ig.com.br), Portal do Gaúcho (www.portaldogaicho.com.br), Rancho de Tropeiros (www.ranchodetropeiros.kit.net), Estância Brasil (www.estanciabrasil.hpg.ig.com.br), RS Virtual (www.riogrande.com.br), Galpão Virtual (www.galpaovirtual.com.br), MTG (www.mtg.org.br), Terra Nativa (www.terranativa.cjb.net), além da Página do Gaúcho.

referência à literatura e à música produzida no Rio Grande do Sul e em outras situações, apenas percebidas no acompanhamento sistemático da dinâmica do site.

A quantidade de referências à página em outros sites sobre a cultura gaúcha também estimulou o interesse pelo estudo de caso. Mesmo aquelas páginas com conteúdos sobre o gaúcho argentino, como a Soy Gaucho (www.soygaucho.com) e outras criadas e mantidas por instituições ligadas ao governo do estado do Rio Grande do Sul, como a Galpão Virtual (www.galpaovirtual.com.br), oferecem links para a Página do Gaúcho, fazendo aumentar o número de pessoas que conhece, visita e participa de seus espaços de comunicação.

Através dessa trajetória de pesquisa e definição de critérios, cheguei à Página do Gaúcho como o site que seria objeto do estudo de caso, entendido aqui como uma possibilidade de análise que toma a unidade investigada como um todo a ser compreendido desde suas próprias especificidades. O termo ‘estudo de caso’ é adaptado de uma tradição de pesquisa médica e psicológica, caracterizada pela análise minuciosa de um caso particular para a compreensão de toda a dinâmica de uma certa doença. Nas ciências sociais, o estudo de caso é tipicamente “não o de um indivíduo, mas sim de uma organização ou comunidade. Já foram realizados estudos de caso de fenômenos tão amplamente variados quanto cidades industriais, bairros urbanos, fábricas, hospitais mentais, e as interligações entre bairros pobres, política e contravenção” (BECKER, 1999, p. 117).

Longe de constituir-se em uma técnica, o estudo de caso, considerado uma das principais modalidades de pesquisa qualitativa em ciências sociais, caracteriza-se por reunir “o maior número de informações detalhadas, por meio de diferentes técnicas de pesquisa, com o objetivo de apreender a totalidade de uma situação e descrever a complexidade de um caso concreto” (GOLDENBERG, 2000, p. 34).

Distante da pesquisa quantitativa também pela possibilidade de aproveitamento da diferença e de dados desviantes do padrão como reveladores da realidade analisada, o estudo de caso permite a incorporação do inesperado, obrigando o

pesquisador a estar preparado para descobertas inusitadas e, muitas vezes, para a reorientação de toda a pesquisa. Durante o trabalho, muitas questões que em um primeiro momento pareciam secundárias foram se revelando mais importantes e o próprio aporte teórico usado para compreender o problema de pesquisa precisou ser reconstruído ao longo do percurso de investigação, visto que, aproximando-se do que defende Becker (1999) sobre os estudos de caso, os vários fenômenos revelados pelas observações tiveram que ser trazidos para o relato e demandaram atribuições de relevância teórica. Experimentei, assim, um reordenamento na construção da pesquisa facilitado pelas próprias características do tipo de estudo proposto, percebendo que:

Longe de uma paixão gratuita pelo local ou pelo detalhe, a importância dos estudos de caso é a de que, só assim os megaconceitos ‘podem adquirir toda a espécie de atualidade sensível que possibilita pensar não apenas realista e concretamente sobre eles, mas, o que é mais importante, criativa e imaginativamente com eles.’ O que significa que passamos a considerar a surpresa advinda da fricção com o objeto como essencial à formulação teórica, conceituando ‘dentro dos casos’ e não como ilustrações de uma hipótese genérica concebida de antemão. (SÁ, 2001, p.14)

É partindo dessa tentativa de conceituação dentro do contexto investigado que, sem abandonar as formulações teóricas, o estudo de caso propicia uma circularidade entre o teórico e o empírico, visando explorar o particular de modo a tornar-se possível pensar sobre certas generalizações. É o que Sá chama de “especificidade complexa” dos estudos de caso: “sua circunstancialidade sendo antes sua força, uma vez que permite-nos teorizar – entenda-se, propor interpretações que continuem defensáveis para novos fenômenos – sem perder o contato com o real” (2001, p. 14).

Estas interpretações são propostas neste estudo de caso dentro de uma perspectiva etnográfica, ou seja, através de uma metodologia artesanal que reúne

diferentes técnicas de pesquisa a fim de permitir a descrição detalhada e conseqüente interpretação do contexto investigado por meio sobretudo da observação, resultando num relato minucioso. A opção, portanto, é pela combinação de procedimentos que permitam desenvolver um olhar etnográfico sobre a Página do Gaúcho.

Neste sentido, a construção metodológica aproxima-se do que Simone Pereira de Sá propõe como “netnografias das redes digitais de computador”. Em artigo publicado em 2001, a autora aborda a contribuição da etnografia como método de trabalho, a partir da experiência na pesquisa “O samba em rede”, que trata da dimensão comunicativa do carnaval carioca através de listas de discussão e sites das Escolas de Samba do Rio de Janeiro. Segundo a pesquisadora, o ponto central das netnografias é a defesa da aproximação com a sociedade em rede através de um olhar microscópico, aliado ao debate sobre uma metodologia que ela afirma ter sobrevivido “ao bem-vindo bombardeio pós-moderno às meta-narrativas e mega-conceitos, sem aderir, por outro lado, ao ceticismo quanto às possibilidades da reflexão teórico-metodológica” (SÁ, 2001, p. 2).

Parti, também nesta pesquisa, de um esforço pela constituição de um olhar microscópico para as práticas na Internet, buscando o afastamento das especulações sobre suas potencialidades, sobretudo por constituir-se em um macro espaço com diferentes especificidades. Com a meta de entender como a rede é usada efetivamente em situações pontuais e percebendo uma demanda, como diz Sá, de “antes aproximações acupunturais do que grandes conjecturas generalizantes” (2001, p. 7), a proposta é construir um percurso metodológico de cunho etnográfico capaz de apreender a complexidade de um espaço concreto na rede, a Página do Gaúcho, permitindo ainda uma reflexão sobre as decisões da pesquisa que levaram à definição de certos procedimentos e técnicas.

Além da busca de um olhar microscópico, o enfoque etnográfico é definido aqui pela combinação de uma série de elementos, como a prioridade no uso de técnicas não diretivas que permitem uma descrição detalhada, a busca de

reflexividade, e, sobretudo, a compreensão dos fenômenos desde a perspectiva de seus membros. Assim, tendo as etnografias como inspiradoras, procurei desenvolver um movimento próprio, associado às exigências sentidas na experiência do trabalho em campo devido às especificidades do cruzamento de duas temáticas: os usos da Internet e a identidade cultural gaúcha.

Para a orientação do trabalho, entendo a etnografia em sua tríplice acepção de enfoque, método e texto (GUBER, 2001). Como enfoque, trata-se da busca em analisar os fenômenos desde a aproximação aos atores sociais, caracterizada pela descrição densa ou interpretação, obtida através da “articulação entre a elaboração teórica do investigador e seu contato prolongado com os nativos” (GUBER, 2001, p. 15). Como um método aberto de investigação, a etnografia vale-se especialmente das entrevistas não dirigidas e da observação. O produto da análise é um relato textual, de caráter monográfico, um texto que relaciona a experiência de campo e a teoria.

Assim, mesmo com suas especificidades, sobretudo devido à construção a partir da observação de relações estabelecidas no espaço da Internet e do levantamento de falas dos sujeitos, é produzido um relato epistemologicamente orientado por algumas das premissas básicas da etnografia:

Primeiramente a postura inicial de estranhamento do pesquisador em relação ao objeto, que deve provocar a ‘distância’ imprescindível à desnaturalização dos ‘lugares comuns’, especialmente ao abordar grupos culturalmente ‘próximos’; em segundo lugar, a consideração da subjetividade como elemento fundante, que não pode ser afastada, uma vez que ‘aquilo que se vê depende do lugar em que foi visto e das outras coisas que foram vistas ao mesmo tempo’. Em terceiro, a consideração dos dados resultantes da observação como ‘nossas próprias construções sobre interpretações de outras pessoas’ – ou seja, interpretações de segunda e terceira mão – no remetimento à célebre metáfora das ‘piscadelas’. E finalmente a consideração do relato etnográfico como uma tradução da qual resulta um texto antes de tudo entretido por textualidades múltiplas – a descrição densa que capta e interpreta o fluxo discursivo (Geertz; 1978; 1997; Clifford; 1986). (SÁ, 2001, p. 12)

Na comunicação, a etnografia começou a ser empregada sobretudo a partir dos anos 80, em parte, como lembra Morley, como “resultado da crítica a enfoques demasiado estruturalistas, que consideravam que as pautas do consumo dos meios de comunicação eram o efeito determinado, sempre disposto, de alguma estrutura mais fundamental” (1998, p. 222). A partir daí, o que se observou foi uma verdadeira explosão da investigação etnográfica da audiência dos meios de comunicação, levando a uma inversão na balança: “uma série de autores (Curran, 1990 e Corner, 1991) tem argumentado, recentemente, que o pêndulo tenha sido alterado tanto que enfrentamos atualmente a possibilidade de um campo dominado pela produção de microanálises (com freqüência etnográficas)” (MORLEY, 1998, p. 122). Morley discorda dessa abordagem por acreditar basear-se numa relação equivocada entre o micro e o macro, fazendo com que o autor retome a defesa da idéia de que as macroestruturas somente podem ser reproduzidas mediante microprocessos, o que justifica o seu uso na comunicação.

Compartilho esse interesse pela aproximação entre uma abordagem micro e sua vinculação a macro questões, sempre entendendo as implicações da opção por uma abordagem etnográfica sendo refletidas em toda a concepção do trabalho. É acima de tudo como arte de convívio, observação e narração que a etnografia contribui com a construção desta pesquisa, numa aproximação ao que defende Winkin, ainda que ela não seja tomada aqui como uma disciplina específica:

A etnografia hoje é ao mesmo tempo uma arte e uma disciplina científica, que consiste em primeiro lugar em *saber ver*. É em seguida uma disciplina que exige saber *estar com*, com outros e consigo mesmo, quando você se encontra perante outras pessoas. Enfim, é uma arte que exige que se saiba retraduzir para um público terceiro (terceiro em relação àquele que você estudou) e portanto que se *saiba escrever*. (WINKIN, 1998, p. 132)

Saber *ver* implica em valorizar a observação como procedimento fundamental na definição do site para o estudo de caso e, depois, no desvendamento das relações estabelecidas na Página do Gaúcho. Foi através da observação que se tornou possível

entender a dinâmica dos diferentes espaços do site, seus modos de funcionamento e de atualização, além de permitir conhecer e propiciar a aproximação com os sujeitos que se fazem presentes ali. Depois de definidos os colaboradores da pesquisa, foi preciso assumir a segunda perspectiva, ou seja, buscar a melhor maneira de *estar com* eles, ir ao seu encontro para a escuta de suas trajetórias e suas experiências. Por último, foram tensionadas todas as informações coletadas através de categorias de análise que permitiram organizar um modo de *escrever* um texto que busca não reduzir a complexidade do observado e de todo o processo construído.

Partindo desses propósitos, busco construir uma estratégia metodológica que procura cercar a especificidade do objeto estudado, oferecendo subsídios para a compreensão de suas dinâmicas de forma detalhada e profunda, a partir dos objetivos da pesquisa e da orientação teórica em que se ancora. Através desse olhar voltado para o site, da observação das interações potencializadas em seus espaços, da busca dos sujeitos ligados a diferentes manifestações da identidade gaúcha e da aproximação com o criador e gerenciador¹⁵ da página (procedimentos que serão melhor discutidos a seguir), aponto relações entre usos sociais da rede mundial de computadores e a identidade gaúcha.

2.2 Apresentação das escolhas para a análise exploratória

2.2.1 Em busca de marcas do gauchismo

Com o objetivo de justificar a escolha da Página do Gaúcho para o estudo de caso, permitir a construção de um percurso metodológico e levantar mais dados sobre

¹⁵ Como a esfera da produção da Página do Gaúcho limita-se a um a única pessoa que planejou e disponibilizou o site na rede, ao mesmo tempo em que o mantém atualizado, adotei a utilização dos termos idealizador ou gerenciador do espaço. É assim que faço referência à produção.

o objeto empírico, realizei uma análise exploratória, durante a elaboração do projeto de pesquisa. Nessa pré-observação, usei diferentes procedimentos metodológicos, que permitiram testar as estratégias empregadas na pesquisa. O que proponho aqui é apresentar brevemente esta análise feita de forma exploratória e apontar seus redirecionamentos para a construção metodológica.

Depois da definição do ambiente que reunisse elementos mais significativos para se pensar a relação entre usos da rede e identidades, compus uma descrição desse espaço, com base nos usos observados no próprio site. A Página do Gaúcho foi apresentada através do que é disponível na tela do computador ao ser acessada na rede. Suas seções, temáticas e espaços de interação foram descritos com o objetivo de caracterizar as possibilidades de comunicação disponíveis aos usuários.

Em decorrência da observação sistemática da Página do Gaúcho, realizada durante a pré-análise de agosto a fevereiro de 2002, através da visita às seções e acompanhamento das discussões e mensagens deixadas no site, levantei marcas da aproximação dos usuários com a identidade cultural gaúcha. Três elementos foram priorizados nesse momento inicial de observação para caracterizar usos ligados à identidade: a adoção de termos gauchescos, ditados e palavras em espanhol; as referências a poemas e letras de músicas gaúchas; e a tematização dos assuntos discutidos, centrados na definição do significado de ser gaúcho, em idéias de separatismo e em constantes disputas entre a tradição e o novo.

Para complementar a coleta de dados, realizei duas entrevistas, de cerca de duas horas cada uma, com o idealizador e gerenciador do site¹⁶. Um dos propósitos da aproximação era coletar informações sobre o ordenamento e a atualização do site que não poderiam ser obtidos apenas pela observação. Mais do que isso, os dois momentos permitiram que eu conhecesse intenções e objetivos da produção com o projeto da página e que entendesse a relação estabelecida com os usuários, responsáveis por parte do conteúdo disponibilizado. Além das informações obtidas

¹⁶ Em seu ambiente de trabalho, localizado em Porto Alegre, nos dias 9 e 16 de outubro de 2002.

com as respostas das entrevistas, pude conhecer o espaço físico em que são feitas as atualizações no site, observar os programas usados e entender os procedimentos e lógicas definidos para prover de conteúdo e mediar a participação de usuários na Página do Gaúcho.

Também reforcei um contato iniciado por e-mail e procurei marcas das identidades gaúchas nas opiniões e posicionamentos do gerenciador. O impacto da história de vida nas motivações para a criação da Página do Gaúcho e a peculiaridade da relação que ele estabelece com manifestações da cultura do Rio Grande do Sul incentivaram-me a dedicar parte do relato da análise exploratória à apresentação do idealizador do site.

Por último, depois do acompanhamento de suas participações na Página do Gaúcho, propus uma aproximação aos usuários com o objetivo de traçar um perfil elementar desses sujeitos. Como naquele momento foi realizada apenas uma entrevista presencial, o panorama dos usuários baseou-se mais nas informações deixadas nas discussões no site, na reconstrução feita através do perfil dos usuários cadastrados na seção de debates, nas informações obtidas com a produção e nas entrevistas por e-mail realizadas com alguns desses usuários.

Através dessa experiência, apesar das limitações impostas por seu caráter exploratório, foi possível traçar um mapa inicial do site e uma caracterização de seus usuários. Os dados obtidos a partir dessa proposta metodológica permitiram pensar sobre a relação entre a identidade cultural gaúcha e os usos da rede mundial de computadores e, sobretudo, forneceram subsídios para refletir sobre as estratégias metodológicas que deveriam ser empregadas para que os objetivos da pesquisa pudessem ser atingidos. Parte das observações obtidas pela análise exploratória ajudam a compor a descrição da Página do Gaúcho, que integra o capítulo 3.

2.2.2 A construção do perfil dos usuários

Quem são os sujeitos que fazem diferentes usos da Página do Gaúcho? Com essa pergunta também voltei o olhar para o site, na tentativa de estabelecer um panorama inicial dos agentes participantes do espaço. Mesmo que o levantamento tenha sido estabelecido através da observação das discussões e de uma primeira aproximação com alguns desses usuários (por troca de e-mails e uma entrevista presencial), foi possível identificar diferentes envolvimento e participações na página. A partir da aproximação, observei que, entre os mais de 500 usuários cadastrados na época, a maioria (formada por homens) se limitava a ler as discussões e fazer poucas intervenções.

Primeiramente, para contatar com os agentes da interação na página, localizados em diferentes municípios gaúchos, em outros estados brasileiros e mesmo em países distantes, deixei uma mensagem na seção que funciona como um mural de recados. O texto era o seguinte:

À PROCURA DE GAÚCHOS - Oi, gauchada! Faço mestrado em Comunicação na Unisinos, em São Leopoldo, e estou procurando moradores de Porto Alegre e região metropolitana que usem a Página do Gaúcho. Minha pesquisa é sobre identidade cultural e usos da Internet e gostaria de entrar em contato com gaúchos dispostos a conversar sobre o assunto: sua relação com a Internet e ligação com a cultura gaúcha.guardo e-mails para lbrignol@terra.com.br. Abraço, Liliane.

Como não recebi e-mails de retorno, procurei o gerenciador, que escreveu uma mensagem na área da seção de debates destinada às informações administrativas. Apenas dois usuários enviaram e-mail, mas não retornaram o contato quando expliquei o interesse em agendar uma entrevista. Devido à falta de manifestações espontâneas, decidi enviar mensagens para sete pessoas, sendo obtido retorno e realizadas entrevistas por e-mail com seis. Foi através do cadastro preenchido pelos usuários com o perfil de cada um (com dados pessoais, endereço de e-mail e outras informações) que identifiquei os usuários com o maior número de intervenções nos

debates. Para a aproximação, busquei os que, além de estarem mais presentes nas discussões, se mantivessem debatendo há mais tempo. Considerei ainda apenas os que disponibilizaram o seu local de procedência (ou que tivessem feito referência à sua cidade nos debates).

Depois dessa primeira experiência percebi a necessidade de buscar uma aproximação também com usuários menos engajados na dinâmica do site. A análise da força dos vínculos à Página do Gaúcho precisou ser feita no confronto entre o estímulo e o desinteresse à participação nos debates.

Todos os e-mails enviados mantinham uma base comum, mas algumas informações específicas sobre cada usuário (obtidas pela observação das discussões e da participação de cada um) foram usadas, visando facilitar a aproximação¹⁷. O objetivo da mensagem era fazer uma breve apresentação simplificada da pesquisa e lançar o convite para a participação de cada um como informante. É transcrita, abaixo, uma das mensagens enviadas a um usuário residente em Brasília - DF:

Oi, Sergio!

Meu nome é Liliane Brignol, sou gaúcha e faço mestrado em Comunicação na Unisinos, em São Leopoldo. Estou estudando a relação entre usos da Internet e a identidade gaúcha. Nas minhas navegações pela web conheci a Página do Gaúcho e passei a acompanhar os debates. Foi através do site que cheguei ao teu e-mail e gostaria de te convidar para conversar (por e-mail já que estamos tão longe) sobre a tua participação no Galpão de Debates do site e outros assuntos.

Aceitas me ajudar na pesquisa? É só retornar e eu sigo o contato. A tua vivência da cultura gaúcha em Brasília e a tua participação nas discussões da página enriqueceriam muito o meu estudo.

Aguardo o teu e-mail e conto com a tua colaboração. Muito obrigada! Abraço, Liliane

Um dia depois, a seguinte resposta foi obtida¹⁸:

¹⁷ Os e-mails faziam referência à importância e especificidade da colaboração de cada um, como o fato de morarem longe ou serem pioneiros nas discussões.

¹⁸ O texto do e-mail é reproduzido sem correções gramaticais.

Ola , Liliane, gostei muito do tema do seu mestrado e ficarei feliz em ajuda-la sou formado em ciencia da computacao e estudioso nas nossas tradicoes , acho que essas discucoes serao proveitosas para ambos. Realmente eu nao sou Riograndense mas (iniciando ja a discucão!! ehehe) me considero gaúcho, e isso da margem a uma serie de discucoes eu sei, bom mas, vc precisa saber o que exatamente?? Abracos, Sergio

As entrevistas por e-mail foram constituídas de trinta questões sobre dados pessoais (como profissão e local de procedência), usos do computador e acesso à Internet, envolvimento com a Página do Gaúcho e vivências da cultura gaúcha (ver Anexo A). Em geral, o retorno aconteceu um dia após o envio do questionário, revelando uma participação ágil e interessada dos informantes. Entretanto, observei uma recorrente brevidade e falta de reflexividade nas respostas, atribuídas às limitações da aplicação da técnica por e-mail e, ainda, ao excesso de questões apresentadas. Nessa primeira experiência, já ficou evidente que os textos e entrevistas através da Internet precisam ser adaptados às especificidades da linguagem usada na rede, mais curta e objetiva.

Em alguns casos, os comentários informais nas trocas de e-mails foram mais ricos para a pesquisa do que as respostas ao questionário. Assim, mesmo que nesse primeiro momento, pela forma como propus, o uso da Internet mostrou-se limitado e redutor das possibilidades de captação do universo dos usos, foi imprescindível para o estabelecimento de uma rede de contatos com os usuários, permitindo-me estabelecer um vínculo com os colaboradores, o que abriu caminho para as posteriores entrevistas online e presenciais.

As dificuldades observadas no contato inicial por e-mail serviram ainda para pensar a aplicação de procedimentos de pesquisa através da própria rede, além de estimular questionamentos sobre as próprias relações pela Internet. Uma das dificuldades enfrentadas no uso do e-mail foi conferir credibilidade à pesquisa, na tentativa de assegurar ao informante a cientificidade e seriedade da proposta,

paralelamente à necessidade de conquistá-lo para a participação. Ao mesmo tempo em que tive a preocupação de explicar minimamente sobre os objetivos da pesquisa, precisei buscar algum mecanismo de aproximação com os usuários da Página do Gaúcho para a manutenção do contato e a garantia do retorno daquilo que era solicitado.

A única entrevista presencial feita na primeira etapa revelou-se importante para a caracterização dos sujeitos participantes das interações. Mais do que obter respostas a um roteiro previamente elaborado, a aproximação com um informante com quem eu apenas trocava e-mails permitiu que dimensionasse a importância da observação num contexto de interação face a face. Os gestos, o sotaque, as gírias e expressões, o ritmo da fala, as roupas e acessórios usados: todos esses elementos puderam ser confrontados com a imagem do sujeito construída através das participações no site, em que o único recurso disponível é o texto escrito.

No levantamento inicial do perfil dos usuários, observei quatro tipos de participantes: gaúchos que moram no estado, gaúchos que moram em outros estados brasileiros, gaúchos que moram em outros países e usuários nascidos fora do Rio Grande do Sul¹⁹. Mesmo sentindo a necessidade de refinar e aperfeiçoar as categorias de análise, essa primeira tipologia foi importante porque permitiu pensar sobre a relação entre identidade cultural, migração, territorialidade e usos da Internet.

Através desse primeiro levantamento, foi possível dimensionar a importância da busca dos sujeitos por trás dos nicks usados na Página do Gaúcho. A aproximação pela própria rede mostrou-se importante mas senti a necessidade de um refinamento do procedimento para evitar que fossem reduzidas as possibilidades de captação do universo do site. Como direcionamento metodológico, na tentativa de cercar o objeto, tornou-se imprescindível a proposta de uma nova abordagem por e-mail, aliada à

¹⁹ No momento do projeto de pesquisa, eram chamados de ‘não gaúchos’ os usuários do site que não nasceram no Rio Grande do Sul, mas a partir de um debate proposto pela banca de qualificação optei por mudar a denominação por perceber que se trata muito mais de um pertencimento simbólico do que territorial. Não cabia a mim, ainda que apenas com o objetivo de caracterizar diferenças nas vivências, negar a identidade de um grupo que se considera gaúcho.

busca de outras possibilidades da Internet, como a utilização de programas para troca simultânea de mensagens. Da análise exploratória, também surgiu a necessidade de confronto entre quem os usuários são na página e quem são fora dela, em seus contextos cotidianos.

2.3 Definição de eixos de análise como estratégia de apreensão da pluralidade

O percurso metodológico partiu da experiência desenvolvida na análise exploratória, no seu aprofundamento, continuidade e, sobretudo, reorientação. Depois de avaliada a ida a campo, percebi a necessidade de ampliar o olhar sobre a Página do Gaúcho, que se revelou limitado pela busca de elementos relacionados ao viés da tradição. Mesmo que pistas sobre a pluralidade de abordagens identitárias já tivessem sido apontadas, em alguns pontos a pré-análise permaneceu presa apenas ao eixo da identidade na sua perspectiva tradicional. Além de uma influência de trabalhos de pesquisa anteriores (de iniciação científica)²⁰, voltados mais para a questão da identidade vinculada ao tradicionalismo, a própria página é construída a partir desse eixo, o que dificulta a reflexão sobre outras vivências identitárias possíveis a partir de seus espaços.

Uma certa oscilação no texto, construído teoricamente numa abordagem multicultural e tendo a análise em alguns momentos atrelada à idéia de identidade como essência, foi constatada mesmo antes da defesa do projeto, durante a apresentação da pesquisa ao grupo Mídia e Multiculturalismo²¹. A interlocução

²⁰ Monografia de conclusão de curso pela Universidade Federal de Santa Maria, intitulada “Gaúchos na Internet – da ‘prosa’ ao e-mail”, que resultou em artigos publicados pela revista ‘Verso & Reverso’, da Unisinos (BRIGNOL, 2001a), e no livro ‘Representação e Identidade – Três estudos em comunicação’ (BRIGNOL, 2001b).

²¹ Grupo de pesquisa do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos – relacionado no Diretório Grupos de Pesquisa do CNPq, que desenvolve estudos de produção e recepção midiática, na perspectiva dos processos socioculturais –, do qual faço parte desde agosto de 2002. Dentro das atividades organizadas está a apresentação e o debate de projetos paralelos, desenvolvidos por membros da equipe, através de seminários

permitiu um redirecionamento no trabalho, fazendo com que eu percebesse a necessidade de uma complexificação do entendimento da identidade cultural gaúcha também dentro da metodologia empregada na pesquisa. Só assim é possível encontrar, através dos usos feitos do site, a tensão entre uma posição identitária hegemônica, relacionada à construção do gaúcho como o homem do campo ou o tradicionalista, e a pluralidade de modos de viver essa identidade, manifestada em elementos como a relação com o trabalho e a diversidade étnica.

A reflexão sobre o exercício exploratório ajuda, então, a reconfigurar o percurso da investigação. Numa tentativa de afastamento da ênfase na identidade cultural ligada à figura mítica do gaúcho, busco entender os usuários como sujeitos plurais, gaúchos que se identificam de vários modos, como através do futebol, do envolvimento político, de questões de gênero ou do trabalho. Para tanto, mais do que detectar marcas do gauchismo como as apontadas num primeiro momento de análise (encontradas internamente, no site, e externamente, em seus frequentadores), é preciso discutir como a tradição, priorizada no site, aparece como uma posição identitária que provoca embates com outros modos de se posicionar como gaúcho, fazendo com que identidades estejam presentes de forma menos visível ou mesmo sejam excluídas. Trata-se, assim, de estabelecer como a tradição pode ser afirmada como uma estratégia de reconhecimento através do levantamento do que é prioritário na página para a constituição da identidade gaúcha, o que é periférico e o que é ausente, mas ainda assim importante para os sujeitos que fazem usos dela.

Com essa ampliação de perspectiva possibilitada pela reflexão da análise exploratória, o referencial teórico foi reconfigurado e a metodologia foi repensada até a proposta de investigação organizada a partir de diferentes enfoques de análise. Numa abordagem multiperspectiva, trata-se de buscar dados empíricos e interpretá-los sobre três eixos: a esfera da produção, a esfera dos usos e a esfera do produto,

internos. A exposição aconteceu em dezembro de 2002, quando a primeira etapa de análise estava em fase de conclusão para a redação do projeto de pesquisa, o que permitiu incluir algumas das questões levantadas ainda no texto apresentado à banca de qualificação. A estrutura do grupo, suas atividades, além de artigos publicados, estão disponíveis na Internet no endereço www.midiamigra.com.br.

mesmo entendendo as categorias num contexto que revela a dinâmica de complexificação do processo comunicacional.

Se já era problemático o estudo da comunicação através do isolamento de partes do processo, com a ênfase ora na produção, ora na recepção, sem um questionamento das aproximações das duas esferas, a partir das práticas na Internet essa tentativa torna-se redutora. Apesar de defendida a impossibilidade de se falar na anulação dos dois pólos (pois a emissão de ‘um para muitos’ continua presente na Internet, em sites de notícias e grandes portais, por exemplo, coexistindo com modelos em que ‘um fala para um’ ou para poucos, embora seja mantida uma assimetria na possibilidade de apropriação), eles, em muitas situações, se aproximam e se reordenam.

Lembrando Trivinho, “no processo ciberespacial de comunicação, todas as categorias elementares perdem o seu caráter distinto, ora porque se imbricam, se sobrepõem ou se mesclam umas às outras, ora porque se ofuscam mutuamente, se auto-anulam e se desconfiguram” (2000, p. 182-3). A imbricação das categorias exige que qualquer olhar sobre a dinâmica na rede mundial de computadores seja também multidimensional, numa tentativa de abarcar ao máximo a sua complexidade.

A definição dos eixos atende, então, a uma demanda de organização e operacionalização da pesquisa. Produção, produto e recepção são assumidos como entradas diferentes pelas quais se observa a Página do Gaúcho, separadas metodologicamente, mas que se encontram interconectadas nos usos, tendo suas lógicas dinamizadas e aproximadas no processo de comunicação, sobretudo pela especificidade da Internet.

Foi a observação do site, iniciada no período exploratório, que levou à sistematização dos eixos para a organização metodológica. O **produto** é entendido como a própria Página do Gaúcho, sua estrutura, organização, estética, temática e dinâmica que inclui todos os seus micro espaços de interação. Sobre a **esfera da produção** estão incluídas as questões a cerca da criação do site, suas rotinas

produtivas, seus objetivos e estratégias de manutenção. O idealizador da página é vinculado ao eixo da produção, assim como os usuários, também produtores, ainda que com possibilidades diferenciadas se comparadas às do gerenciador.

A recepção foi qualificada como **esfera dos usos** justamente pela mescla que existe entre as etapas do processo de comunicação, fazendo com que os sujeitos que se apropriam do conteúdo divulgado também tenham a possibilidade de ser produtores do que circula no espaço, quer participando de seções, enviando propriamente informações para serem incluídas, trocando mensagens entre si ou se correspondendo com a produção e expressando suas demandas com relação ao site. Por isso parece mais apropriado pensar sobre os usos diferentes possibilitados pelo site, sem vinculá-los à idéia de recepção. Ainda que se compartilhe da compreensão do papel dos receptores como sujeitos ativos na produção de significados, o que se estabelece no site ultrapassa a possibilidade de atribuição de sentidos diversos ao conteúdo formulado a partir de um produtor, pois também os sujeitos aparecem alimentando as discussões, expondo suas ‘falas’, sendo visibilizados.

Os três eixos de análise demandaram diferentes procedimentos e técnicas de pesquisa, que foram aplicados em conjunto para permitir uma compreensão mais ampla das dinâmicas do site e das relações estabelecidas pelos sujeitos que freqüentam seus espaços. Para a esfera da produção foi buscada uma aproximação com o gerenciador e o acompanhamento das rotinas produtivas. O produto foi investigado através do acompanhamento e descrição das dinâmicas de seus micro espaços, além da análise dos textos produzidos em suas seções. Enquanto a esfera dos usos foi investigada através da busca dos sujeitos e suas histórias de vida. O ponto de partida para o seu entendimento e o modo como os procedimentos metodológicos foram empregados neste estudo de caso são refletidos a seguir.

2.3.1 Observação

A observação sistemática da Página do Gaúcho, como seqüência do que foi feito no exploratório, assumiu o papel de principal procedimento adotado. Foi o acompanhamento da dinâmica do site que conduziu as decisões metodológicas, levando à constatação da necessidade de combinar várias técnicas até a construção de uma metodologia capaz de apreender a complexidade das relações estabelecidas. Desde a definição do objeto do estudo de caso que estava sendo proposto até a conclusão das análises empíricas, por aproximadamente um ano e meio, a Página do Gaúcho foi periodicamente visitada, numa tentativa de compreensão de suas lógicas.

Tipicamente, a observação é tida como uma técnica adequada aos propósitos dos estudos de caso, configurando-se em um instrumento oportuno para a compreensão do contexto social analisado por permitir o “acesso a uma ampla gama de dados, inclusive os tipos de dados cuja existência o investigador pode não ter previsto” (BECKER, 1999, p. 118). No estudo da Página do Gaúcho, a observação cumpriu a função de fazer emergir informações sobre o universo analisado, estando presente desde a formulação do problema, passando pela construção dos pressupostos da pesquisa, até a coleta, análise e interpretação dos dados.

Como técnica que acompanhou todo o desenvolvimento da investigação, a observação partiu de um olhar geral sobre o site, que desde o estudo exploratório foi ganhando outros contornos, passando a ser organizado por uma série de rotinas até chegar, em uma etapa final, na definição de categorias que seriam analisadas. Como prática de observação constante, três espaços principais do site foram monitorados com visitas regulares realizadas no mínimo três vezes por semana: a capa, onde eram informadas as principais alterações de conteúdo feitas pela produção; o Mural de Recados, local alimentado constantemente com convites, pedidos e avisos por usuários não cadastrados; e o Galpão de Debates, espaço mais dinâmico com participações diárias de usuários cadastrados.

As atualizações da Página do Gaúcho também puderam ser observadas através de outros mecanismos, como o boletim recebido por e-mail, em que são informados

os conteúdos novos e as reformas na estrutura. O recebimento de e-mails de usuários com quem mantive contato também permitiu acompanhar as temáticas mais frequentes, como as relações com a mídia, refletidas nas mensagens postadas no site.

Fazia parte da rotina a captura das capas atualizadas do site e o armazenamento em arquivos de algumas informações tidas como relevantes para a pesquisa. Comentários sobre as observações também foram sendo organizados em textos produzidos com reflexões sobre o funcionamento do site. Apenas no segundo semestre de 2003, a coleta de dados foi sistematizada de acordo com as categorias de análise. Entretanto, desde o início, a observação permitiu a tomada de conhecimento do espaço, responsável pela aproximação com o produtor e com os sujeitos que fazem diferentes usos do site, permitindo a preparação das entrevistas e do roteiro das história de vida – sempre pautados pela constatação das regularidades, características e tensões observadas.

Na Página do Gaúcho, optei por uma observação sem participação, com a visita às seções e o acompanhamento dos debates e mensagens deixadas pelos usuários. A possibilidade de cadastro e participação ativa no fórum de discussão chegou a ser cogitada, o que foi descartado pela interferência que a minha presença traria. Assumir o papel de forista exigiria um posicionamento sobre as questões polêmicas discutidas, o que poderia inibir a fala dos sujeitos nos momentos de interação presencial, como nas sessões de história de vida. Assim, procurei me revelar minimamente no site, embora os propósitos da investigação em nenhum momento tenham sido escondidos da esfera da produção ou dos usuários com quem mantive contato.

Mesmo que a intenção fosse de que os usuários não percebessem a minha presença, em alguns momentos o desenvolvimento da pesquisa foi mencionado em algumas seções, sempre como consequência das relações estabelecidas com os usuários fora da Internet. Em uma discussão no Galpão de Debates, por exemplo, em mensagem enviada com reclamações sobre a postura de um debatedor, um dos

usuários entrevistados fala sobre a realização da pesquisa como um argumento para a manutenção da qualidade das discussões:

O nível dos debates do Galpão de Debates é excelente, na maioria das vezes. Tanto que fomos entrevistados (os usuários da grande POA) por uma aluna de pós-graduação em comunicação que vai usar este espaço como tese em seu trabalho conclusivo. Mas as vezes a coisa se perde para um lado que não tenho nem como explicar. Ofensas pessoais, da forma como fomos atacados minha esposa e eu denigrem a Página do Gaúcho. Alguém que ler esta mensagem que está aqui em baixo vai pensar, no mínimo que é um lugar para resolução de pendengas, de bochinchos... não era para ser assim. (LEANDRO)

O desabafo revela a importância atribuída à escolha do site como objeto de uma investigação científica, fazendo pensar sobre o impacto da minha presença e justificando a decisão de não me manifestar na Página do Gaúcho. A participação aconteceu apenas nas interações presenciais, durante as entrevistas de história de vida, na aproximação com o gerenciador da página e no acompanhamento de eventos paralelos em que se dava o encontro com sujeitos presentes no espaço da Internet, como em um almoço organizado pelos usuários, em março de 2003, na casa de um dos sujeitos que depois foi selecionado para as histórias de vida.

Em tom de brincadeira, o e-mail enviado por um dos usuários conhecido no encontro de foristas revela o papel atribuído a mim e à atividade de observação:

Recebi um e-mail da Fabi e tinha esse endereço por acaso é a Liliane nossa **amiga que espiona a Página do Gaúcho** ?? Se for um baita abraço... se não for um baita abraço tbm..... hehehehehehe El Guapo
(Mensagem enviada em 19 de setembro de 2003)

A caracterização como “amiga que espiona a Página do Gaúcho” mostra uma posição que foi sendo negociada durante a observação do site. Trata-se de uma relação simultânea de proximidade e distanciamento dada pela presença constante, pelo conhecimento de questões comuns aos sujeitos, pela familiaridade com suas

preocupações e pela opção por não dividir o mesmo status nas páginas da Internet, sendo facultada a possibilidade apenas de observação e não de participação ativa.

Todas essas opções levaram a uma situação privilegiada que efetivamente foi organizando o olhar sobre o site, levando à construção de um percurso metodológico com a complementação de variadas técnicas de pesquisa. Foi a observação que me fez perceber a necessidade de aproximação com os usuários através do conhecimento de suas trajetórias, como forma de confronto entre suas posturas assumidas no site e em seus cotidianos – o que exigiu o emprego de outra técnica de pesquisa, a história de vida.

Foi também através do acompanhamento que emergiram questões sobre a manutenção do site e sobre o papel do seu gerenciador, impossíveis de serem respondidas senão pela observação das rotinas produtivas. Por último, a necessidade de não perder a riqueza dos textos produzidos pelos usuários nas seções dedicadas a discussões exigiu que se organizasse uma análise sistemática do conteúdo do site.

2.3.2 Rotinas produtivas do site

A observação das rotinas produtivas da Página do Gaúcho se deu de modo diferente do que costuma ser feito em pesquisas nas redações jornalísticas pelas características próprias do produto investigado: um site na Internet idealizado e desenvolvido por uma única pessoa. Não há, portanto, uma equipe de produção a estabelecer relações que influenciam nas tomadas de decisões, mas há toda uma outra estrutura de funcionamento definida na relação entre o produtor, que é quem tem a palavra final sobre o que pode circular, e os usuários, também produtores de conteúdo e fontes de demandas de usos diversos do site.

O acompanhamento das rotinas produtivas teve o objetivo, então, de entender o processo de seleção, tomadas de decisão quanto às participações dos usuários e a

relação entre a produção e usos, levando ao conhecimento geral das dinâmicas ligadas à esfera da produção. Tratou-se de compreender a motivação para decisões pelas quais elementos ligados à identidade gaúcha são priorizados, subvalorizados ou excluídos, além de possibilitar conhecer as competências para a produção, a lógica das rotinas e a relação com os usuários.

Com essa meta, foram desenvolvidos procedimentos de acompanhamento das rotinas produtivas da Página do Gaúcho através da observação do site e da aproximação com o seu gerenciador. Para isso, três entrevistas foram realizadas: nos dias 9 e 16 de outubro de 2002 e a última em 1º de agosto de 2003. A dinâmica da moderação dos fóruns de discussão da Página do Gaúcho também foi observada em dois momentos: quando o único moderador era o próprio produtor do site e quando essa tarefa passou a ser atribuída a usuários selecionados.

As entrevistas possibilitaram coletar informações sobre o ordenamento e atualização que não poderiam ser obtidas apenas pela observação do site. Mais do que isso, os três momentos – de cerca de duas horas cada um – permitiram conhecer intenções e objetivos da produção com o projeto da página, além de se entender a relação estabelecida com os usuários, responsáveis por parte do conteúdo disponibilizado. Mais do que as informações obtidas com as respostas das entrevistas, foi possível conhecer o espaço físico em que são feitas as atualizações no site, na sede da empresa do produtor, em Porto Alegre, além de observar os programas usados e entender os procedimentos e lógicas definidos para prover de conteúdo e mediar a participação de usuários na Página do Gaúcho.

As entrevistas com o gerenciador buscaram ainda estabelecer uma relação entre a sua trajetória pessoal com as motivações para a criação da página e o envolvimento com a cultura gaúcha. A aproximação com o dia-a-dia da atualização do site e com o cotidiano de seu gerenciador permitiu que se conhecesse quem é o sujeito que empenha parte do seu tempo para manter um espaço na Internet que tematiza a questão da identidade cultural gaúcha, como ele é no seu cotidiano e, sobretudo,

como negocia essa identidade nas diferentes esferas da vida: na família, no trabalho, com os amigos, no lazer e também no site. Além de permitir que fosse discutido o modo através do qual a identidade gaúcha é vivida, no contraste entre sua discussão e experimentação na página e em sua vivência diária.

A observação sistemática do site também foi essencial para a compreensão de suas lógicas de produção. Ao longo do tempo de análise, foi possível acompanhar reformulações significativas na estrutura e gerenciamento, motivadas por questões estratégicas e diretamente ligadas às especificidades da Internet. Assim, as tomadas de posição quanto os rumos da Página do Gaúcho, primeiramente observadas e depois explicadas por seu gerenciador, permitem levantar questões sobre relação entre os usos do site e sua produção.

2.3.3 Análise de conteúdo do Galpão de Debates

A investigação sistemática do conteúdo do site não tinha sido proposta no projeto de pesquisa, mas, na discussão estimulada pelas considerações da banca de qualificação, foi destacada a riqueza dos textos produzidos nas seções com participação ativa dos usuários para a compreensão de modos pelos quais as identidades são vivenciadas. Pela necessidade de delimitação, devido à associação de diferentes procedimentos de pesquisa, decidi restringir a análise à seção Galpão de Debates, a mais dinâmica e com mais participações diretas – o que faz com que os usuários revelem-se através das disputas e embates. Ainda assim, a observação do conteúdo geral do site, em suas outras seções, também orientou a análise posterior.

Para analisar o conteúdo do Galpão de Debates, primeiro empreendi uma sistematização de sua estrutura. A seção é dividida em três grandes eixos que oferecem fóruns com temáticas diferentes para a participação dos usuários

cadastrados. A seguir, descrevo a estrutura proposta pela produção do site da seção de debates em uma tabela que indica sua organização.

Tabela sobre a estrutura da seção Galpão de Debates

EIXO	FÓRUM	<i>TEMÁTICA</i>
<i>Polêmica</i>	<i>Pinga Fogo</i>	Atualidades sobre a cultura regional gaúcha
Conhecimento	Sapateio	Coreografias, passos de danças e competições
	Novidades e Avisos	Anúncio de novidades, comunicados entre usuários
	História e Pesquisa Cultural	História do RS, origem do gaúcho, hábitos e costumes
	Poesia e Música	Troca de letras de música e poesias, pesquisa sobre autores e compositores
	<i>Campeira</i>	Lidas do campo, cavalos, rodeios e eventos
Administração	Bordoada e mensagens administrativas	Comentários sobre o funcionamento da seção; críticas e elogios à moderação dos debates

Divididas nos sete grandes fóruns, o Galpão de Debates, em dezembro de 2003, tinha mais de 9 mil mensagens inseridas pelos usuários cadastrados. Apenas no fórum Pinga Fogo, dedicado à discussão de questões polêmicas, existiam três páginas de tópicos em que era possível inserir participações. Para viabilizar a análise de conteúdo foi preciso, primeiramente, definir os fóruns mais interessantes para a pesquisa, o que me levou a priorizar o Pinga Fogo, por conquistar a maioria das participações e aquelas cuja temática estimula o confronto mais intenso de opiniões. Os fóruns Bordoada e Mensagens Administrativas, além do Novidades e Avisos,

foram usados na análise sobre a produção do site, por dar visibilidade aos usuários através de opiniões sobre o funcionamento da página e questões de gerenciamento.

Devido à grande quantidade de assuntos discutidos em tópicos diferentes no Pinga Fogo, inicialmente foi proposta uma divisão em temáticas abrangentes. Como o site mantém visíveis tópicos criados desde 2001, que podem ter participações incluídas segundo o interesse dos usuários, defini classificar os que apareciam relacionados nas duas primeiras páginas, excluindo a última. Como a ordem é definida pela atualização das discussões, estas seriam as com intervenções mais recentes, o que inclui mensagens postadas em 2002 – algumas com participações acrescentadas em 2003.

A principal dificuldade para a classificação dos tópicos do fórum Pinga Fogo aconteceu por causa da dinâmica de intervenção espontânea dos usuários, responsável pela mudança de assunto e pela mistura de diferentes temáticas em um mesmo tópico. Conforme as mensagens são incluídas, muitas vezes a argumentação acaba redirecionando as discussões e trazendo outros temas para o debate. Ainda assim, pela observação da recorrência de temas, foi possível enquadrá-los primeiramente nas seguintes categorias temáticas, criadas por mim como alternativa para organizar a análise²²:

²² Os títulos dos tópicos são apresentados tal qual aparecem na Internet.

Tabela com a classificação temática dos tópicos no fórum Pinga Fogo

<i>CATEGORIA TEMÁTICA</i>	<i>TÓPICOS</i>
1) Costumes: hábitos cotidianos ligados à cultura gaúcha	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Evitando a bomba de entupir – coisas do cotidiano ▪ Mate mandrião ▪ Chimarrão – Gauchismo e chimarrão – Caderno Vida, jornal Zero ▪ Erva mate de supermercado ▪ Gastronomia – churrasco ▪ Como preparar o mate ▪ Fim da polêmica do açúcar na erva-mate... até quando?
2) Comportamento: modismos e atitudes	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Gauchada de brinco ▪ As pilchas da indiada ▪ Drogas e tradicionalismo
3) Vocabulário: uso de expressões gauchescas	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Tu ou você ▪ Tchê ou che
4) Gênero: machismo e o papel do mulher na cultura gaúcha	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Participação feminina em rodeios
5) Mídia: Referência ao tratamento do gaúcho ou da cultura gaúcha em diferentes mídias, programas com temáticas ligadas ao RS e ao gauchismo. Revela preocupação com a construção da imagem do	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Boicote o lixo cultural Casseta & Planeta ▪ Abaixo assinado à porcaria nacional ▪ Mais uma do C & P ▪ Se preparem – novo quadro do Casseta & Planeta ▪ Motivo do programa Casseta Globo atacar o RS ▪ Orgulho de ser gaúcho/ Revista Viagem ▪ Marengo e Saldanha pagando mico em rede nacional

gaúcho	<ul style="list-style-type: none"> ▪ A Globo tá nos dando mais espaço? ▪ Neto perde sua alma ▪ Casa das Sete Mulheres ▪ Melhor ator (atriz) da Casa ▪ Siete Mujeres ▪ Música – A Casa das Sete Mulheres ▪ Casa das Sete Mulheres, por Nico Fagundes ▪ A ferro e fogo ▪ RBS e a mídia ▪ Galpão Crioulo ▪ Baixo nível do Galpão Crioulo ▪ Mais uma série gauchesca... reclama? ▪ Galpão Crioulo/RBS & Natal E Lanceiros da Zona Sul ▪ Garotos de Ouro no Ratinho – pouca vergonha
<p>6) Separatismo: questões políticas sobre a separação do RS do Brasil e a criação de uma nova nação</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Separatismo ▪ Integralismo, fascismo e separatismo ▪ Sejamos anti-separatistas, camaradas! Brasil forte e unido ▪ Antes de nos apartar do Brasil, temos que nos unir mais ▪ Manifesto Libertário ▪ Estou cansado de tanta estupidez ▪ República dos pampas já
<p>7) MTG e CTGs: regras, funcionamento dos CTGs</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ CTGs: buscar o jovem e manter o velho ▪ CTG voltado para questões sociais ▪ Os ideais tradicionalistas no novo século
<p>8) Eventos culturais: ligados ao MTG ou não, como bailes, rodeios, feiras e festas</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Inter-regional de Marau - marmelada ▪ Show do Tchê Garotos: rodeio em Osório ▪ Site da Semana Farroupilha ▪ Gastos p/ Interregional ▪ Expotchê 2003 - reclamação ▪ Por que ninguém fala do Fecart? ▪ Pagode no Enart

<p>9) Identidade gaúcha: questões propriamente identitárias em que se discute o significado de ser gaúcho, definições do termo e considerações identitárias</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Os gaúchos que não se conhecem... ▪ Gaúchos de hoje: essência ou aparência ▪ Falsos gaúchos ▪ Tipo gaúcho se formou antes no Paraná ▪ Por que rio-grandenses e não gaúchos? ▪ El gaúcho ▪ “Centauro das coxilhas”...? ▪ Orgulho de ser gaúcho e brasileiro ▪ Testemunho de um velho gaúcho
<p>10) Gauchismo fora do RS: migração e cultura gaúcha, o tradicionalismo espalhado pelo Brasil e pelo mundo</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Reportagem do Fantástico sobre CTGs no Nordeste ▪ Ainda sobre a questão dos gaúchos no Nordeste ▪ De como cultivar o gauchismo fora do Sul!
<p>11) História do RS: questões sobre a formação do estado, guerras e revoluções</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ É preciso conhecer a história do Rio Grande! ▪ E se os farrapos tivessem ganhado? ▪ República riograndense e república Juliana? ▪ Catarinense e gaúcho ▪ Xenofobismo durante a época da revolução
<p>12) Música</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Música tradicionalista nas rádios ▪ Rádio Gauchesca na Internet ▪ Campeirismo
<p>13) Movimentos de renovação: tensão entre velho e novo, moderno e tradicional</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ MTG proíbe tchê-music nos CTGs ▪ Samba e chimarrão ▪ Opinião de quem entende sobre a tchê music ▪ Me metendo na charla dos outros ▪ Buenas parceiros, queria saber a opinião sobre a tchê music

<p>14) Expansão do tradicionalismo: estratégias para conquistas de novos tradicionalistas</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Como atrair a gurizada para a tradição?
<p>15) Mercadológico na tradição: Crítica à comercialização de atividades ligadas à cultura gaúcha</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Instrumentais e instrutores, exploradores ou trabalhadores?? ▪ Invernada artística ou elenco artístico?
<p>16) Construção do gaúcho e interculturalidade: relação do gauchismo com outros movimentos e culturas, construção da imagem do gaúcho no resto do Brasil</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>Devemos respeitar quem não nos respeita?</i> ▪ Que tu fazes quando discriminado como tradicionalista? ▪ Pra quem acha que rodeio é cultura gaúcha ▪ Discriminação e boicote aos costumes gaúchos: uma vergonha nacional ▪ Estão invadindo nossos rodeios ▪ Importância da diversidade cultural ▪ Vergonha – piadas de gaúcho
<p>17) Comunicados: pedidos de informação e divulgações em geral</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Desenhos campeiros ▪ Motivos campeiros ▪ Retrato do gaúcho antigo, a gênese de uma cultura (lançamento de livro)
<p>18 - Política</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Gauchadas! Bah! ▪ Pobreza e decadência da zona sul do RS: culpa de quem? ▪ Governo estadual fechou a revista Vox ▪ <i>Carnaval vem aí. Vamos ver o que o dinheiro público vai financiar</i>
<p>19 - Outros</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Desculpas ao amigo Tiago ▪ Mestre Jaime Braun esquecido ▪ Faca não é arma – Nico Fagundes – ZH de sábado – 31/05/2003 ▪ Periódico Galpão de Debates ▪ Vamos começar a discutir idéias

Depois de divididos em categorias, elegi os tópicos que, pela observação inicial, pareceram mais significativos para pensar a relação dos usuários com a identidade gaúcha. Por ter considerado inviável analisar todas as temáticas (principalmente pela falta de tempo devido ao grande volume de material), defini sete categorias para a captura dos textos por acreditar serem representativas do que é discutido e por reunirem o maior número de intervenções: Gênero, Mídia, Separatismo, Identidade gaúcha, Gauchismo fora do RS, Movimento de renovação, Construção do gaúcho e interculturalidade.

De setembro a novembro de 2003, capturei os textos dos tópicos de cada uma das sete categorias temáticas e salvei-os em pastas separadas no computador. Mesmo que as participações sejam constantes e muitos dos tópicos coletados tenham permanecido ativos depois deste período, decidi restringir o tempo para a coleta na tentativa de retratar um momento do site e levantar tendências mais recorrentes.

Para a análise de conteúdo dos tópicos capturados, usei o auxílio do sistema CAQDAS (*Computer assisted qualitative data analysis software*)²³, através do software QSR Nud*ist Vivo (ou simplesmente N-Vivo²⁴), programa de computador orientado para a operacionalização de análise de dados qualitativos, que decidi empregar na pesquisa depois de conhecer seu funcionamento e possibilidades de usos²⁵. O objetivo foi facilitar a investigação, com a economia de tempo, além de garantir a experimentação do aproveitamento de recursos do computador na investigação científica.

²³ O termo CAQDAS é definido como uma série de programas de computador que começaram a ser desenvolvidos na década de 80, nos Estados Unidos e Inglaterra, por e para pesquisadores das Ciências Humanas: “Esse desenvolvimento visa suprir a demanda por programas aplicados à pesquisa qualitativa que, até então, oferecia uma série de obstáculos em sua viabilização operacional, tais como grandes gastos de tempo, custos, perda quando se trabalhava com grandes massas de dados, entre outros” (TEIXEIRA; BECKER, 2001, p. 95).

²⁴ O programa é “um sistema inteligente de última geração, que possibilita realizar uma pesquisa qualitativa de mensagens e de discursos, mas também de materiais visuais, mediante um conjunto de meios para descobrir e explorar os sentidos das informações alfanuméricas não-estruturadas” (SANTOS, 2001, p. 132).

²⁵ Na “Oficina de análise de dados qualitativos com o QSR Nud*ist Vivo”, promovida Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da UFRGS, em agosto e setembro de 2003, e ministrada pelo professor Gilson Antunes, mestre em Sociologia pela UFRGS.

O programa “produz um ambiente informacional no qual se pode criar, gerenciar e explorar idéias e categorias, minimizando as rotinas de trabalho e maximizando a flexibilidade de análise, para descobrir novas idéias e desenvolvê-las” (SANTOS, 2001, p. 132), através da investigação organizada e gerenciamento dos documentos. Fundado no princípio de codificação do texto, o programa operacionaliza as buscas de dados relevantes para a pesquisa através de mecanismos de exploração de conteúdos codificados, que permitem realizar o refinamento da análise. Para tanto, é imprescindível o conhecimento pleno do pesquisador sobre os textos a serem codificados através da sua leitura prévia que permite a criação das categorias analíticas.

O objetivo inicial era aproveitar o N-Vivo para analisar as histórias de vida realizadas com usuários do site, mas isso não se mostrou produtivo depois do conhecimento das potencialidades do programa, que é mais eficaz para o tratamento de um grande volume de dados. No caso das entrevistas, tratava-se de um número reduzido de textos que pôde ser melhor trabalhado sem o programa através da definição de eixos de análise. No Galpão de Debates, a quantidade de textos era imensamente superior, o que dificultava a visibilidade dos dados relevantes ‘a olho nu’, e o posterior confronto dos diferentes temas constatados.

Na pesquisa, o N-Vivo foi empregado como uma ferramenta que facilitou na tarefa de organização e sistematização dos textos selecionados do fórum Pinga Fogo, permitindo a separação do seu conteúdo em categorias analíticas previamente definidas. As ‘categorias’ ou ‘nós’ são a noção básica com a qual trabalha o programa, funcionando como recipientes para idéias sobre os dados:

Um ‘nó’ deve ser um título, um endereço, uma definição, uma codificação, uma memória. Os ‘nós’ são recipientes para codificações e idéias. A codificação dos ‘nós’, ou as ‘categorias’, se organizam hierarquicamente por classes, subclasses, permitindo a leitura desde o pólo teórico, mais geral, ao pólo particular e singular, no nível do senso comum ou das denominações. (SANTOS, 2001, p. 133)

Para a criação destas categorias e operacionalização dos dados no N-Vivo, foi preciso, antes de tudo, ter todos os textos convertidos para o formato RTF (*Rich Text Format*) e inseridos no programa. O segundo momento foi o da leitura de todo o material para a formulação das categorias de análise, o que demandou bastante tempo visto que a maioria dos tópicos ocupava entre 30 e 40 páginas no programa editor de textos, existindo alguns que chegavam a 150 páginas.

Da leitura dos textos, pude esboçar as categorias de análise que foram sendo refinadas no confronto com os material obtido através das histórias de vida e das rotinas produtivas. Assim, a análise de conteúdo do Galpão de Debates foi integrada ao restante da investigação, através da sua operacionalização por categorias que pudessem abranger também dados coletados pelos outros procedimentos, ou seja, foram criadas categorias comuns para toda a análise.

Foi justamente a exigência da criação das categorias, sem as quais não é possível operar o programa, a maior contribuição do uso do N-Vivo, pois estimulou a definição de uma estrutura formal profundamente vinculada à construção conceitual da pesquisa, que orientou a análise. As categorias definidas para uso do programa ganharam status de macro categorias de análise, ligadas à teoria e interpretadas não apenas através dos dados obtidos nos textos dos fóruns, mas também na observação geral do site, nas histórias de vida e no acompanhamento das rotinas produtivas.

No momento de análise de conteúdo, elas serviram para organizar as narrativas dos usuários da Página do Gaúcho nos textos publicados no Galpão de Debates em eixos que, mais tarde, foram confrontados com os demais dados e permitiram a sua interpretação. No N-Vivo, os textos foram, então, codificados, ou seja, organizados nos diferentes 'nós' que correspondem às categorias analíticas da pesquisa. Estes 'nós' foram construídos ao longo de toda a investigação de acordo com as observações que iam sendo feitas.

De um modo geral, no Galpão de Debates, com a primeira análise das temáticas, percebi que a preocupação dos usuários concentrava-se na definição de um

significado de ser gaúcho, aparecendo várias explicações, como quem tem vivência no campo, é tradicionalista, nasceu no Rio Grande do Sul ou identifica-se com cultura gaúcha. Era visível também uma vigília e crítica dos usuários ao que consideram uma vivência superficial da cultura gaúcha, entendida como uma espécie de fantasia ou apenas aparência, uma opção momentânea, que não reflete a realidade do cotidiano de quem pejorativamente chamam ‘gauchinhos de CTG’ ou ‘gauchinhos de shopping’. Nos tópicos, essa tensão aparece como uma disputa entre ‘essência’, dos gaúchos de verdade, e ‘aparência’, dos falsos gaúchos.

A construção do gaúcho na mídia também polarizava os debates, revelando um descontentamento quanto ao modo como o gaúcho é mostrado para o resto do país em programas humorísticos, novelas e minisséries; além de uma exigência de visibilidade maior para o Rio Grande do Sul e de sua cultura na mídia local e nacional; paralelamente a uma forte discussão acerca da qualidade de produtos midiáticos, sobretudo, quanto ao respeito e valorização do gaúcho. Outras tensões também eram presentes nos textos do Pinga Fogo, como a disputa entre a identidade nacional e regional, principalmente nos tópicos sobre separatismo. A tradição despontava como o foco das discussões, com o reforço da idéia de necessidade de sua preservação diante da ameaça de elementos considerados ‘modernos’.

Trabalhando a partir dessas constatações, cheguei à definição das categorias analíticas usadas como ‘nós’ no N-Vivo, que integram uma estrutura da chamada *Index Tree Root* (a ‘árvore’ da pesquisa), um sistema hierárquico de codificação, contendo o conjunto dos nós (ver Anexo B).

Além da codificação pela leitura e organização dos textos nas categorias analíticas, o N-Vivo permite buscas automáticas na base de dados através da ferramenta *Text Search* (busca textual), que utilizei para encontrar a ocorrência de uma palavra em todos os textos. O resultado das buscas, quando relevantes, foram integrados aos ‘nós’. O material armazenado nos ‘nós’ do programa N-Vivo são

resgatados na interpretação da pesquisa, no capítulo 4, juntamente com os outros dados coletados.

2.3.4 Histórias de vida

Entendida como técnica, método, documento ou parte de uma perspectiva biográfica, a história de vida traz em sua conceituação uma divergência de posicionamentos entre autores. A aproximação entre diferentes abordagens parece estar na compreensão de suas características operacionais como a flexibilidade e a subjetividade. Num texto comentando os primeiros usos da história de vida pelos sociólogos da Escola de Chicago, nos anos 20, Howard Becker a diferencia primeiramente da autobiografia convencional, da ficção, sobretudo a partir da perspectiva desde a qual o trabalho é realizado e quanto aos métodos empregados. Ele afirma que a história de vida se interessa “menos por valores artísticos do que por um relato fiel da experiência e interpretação por parte do sujeito do mundo no qual vive” (BECKER, 1999, p. 102). É nessa perspectiva que ela é usada nesta pesquisa, como possibilidade de aproximação com as experiências dos sujeitos investigados a partir de seus próprios relatos.

Afastando-se do objetivo com que eram empregadas num momento inaugural²⁶, quando as histórias de vida eram marcadas por uma tentativa de resgatar um tempo que já não existia mais, o que interessa aqui é traçar, através do relato de trajetórias pessoais, a relação entre os usos da Página do Gaúcho e as identidades de seus

²⁶ Os primeiros pesquisadores a publicar um documento utilizando a história de vida sociológica foram Thomas e Znaniecki, em “The polish Peasant in Europe and America”, de 1927. Outras publicações surgiram, como “The Jack-Roller”, “The natural history of a delinquent career” e “Brothers in crime”, de Clifford Shaw e seus associados (BECKER, 1999) – todas destacando o caráter desviante de indivíduos marginalizados, distantes da realidade vivida pelos pesquisadores e seus leitores. Na Antropologia, o emprego é um pouco anterior nos EUA, sendo “Crushing Thunder”, de 1925, considerada a primeira história de vida publicada (MARRE, 1991). Nela, Paul Radin apresenta a autobiografia de um chefe indígena, relatando a experiência individual de um sujeito que vive a passagem da cultura indígena à sociedade norte-americana. Outras pesquisas antropológicas são desenvolvidas seguindo a mesma tendência de retratar um período de transição, recuperando a memória de sujeitos sociais.

usuários, dentro de um panorama de apropriação de uma mídia que se tornou presente no cotidiano das pessoas há menos de uma década.

A história de vida, diferentemente de ser usada para estudar a passagem de uma cultura a outra, onde o que se discutia era a riqueza da experiência vivida e relatada de modo isolado, é empregada numa tentativa de associação a diferentes técnicas de pesquisa como caminho para apreensão da pluralidade identitária dos sujeitos investigados. Seguindo a tendência atual nas ciências sociais²⁷, a pesquisa aproxima-se de um interesse de ampliação da adoção da história de vida como técnica capaz de não apenas dar visibilidade a experiências de sujeitos plurais, mas também construir formulações analíticas mais amplas a partir de trajetórias individuais. Trata-se da adoção de um enfoque que permite reconstituir a complexidade do social, sem reduzi-lo a dimensões explicativas: “A busca de relações causais é abandonada e é dada preferência às reconstruções, ainda que parciais, de realidades historicamente determinadas” (Casassus, 1998).

Na pesquisa, então, a história de vida é entendida enquanto uma das técnicas de coleta de dados empregada. Técnica que permite a recuperação de trajetórias, levando em consideração não a busca de um passado contínuo, sem rupturas, de indivíduos exemplares, mas justamente as especificidades e descontinuidades da vida de cada sujeito investigado na sua relação com usos da Internet e da Página do Gaúcho.

Como peculiaridade do contexto empírico da pesquisa, diferentemente do que acontecia nas primeiras histórias de vida e do que acabou configurando-se como uma tendência na América Latina (Casassus, 1998), a aproximação não é feita a sujeitos

²⁷ Depois de um período de abandono do uso da história de vida, a retomada começou nos anos 60 e teve as pesquisas de Oscar Lewis na América Latina como um dos seus marcos, mesmo que ainda fossem formulações muito limitadas a descrição do empírico. No Brasil, a história de vida começou sendo usada como técnica subsidiária, ligada ao objetivo de recuperação da memória. Sua utilização por aqui teve origem em experiências na década de 50, com pesquisas de Florestan Fernandes. Depois de um período de esquecimento, a história de vida foi retomada por instituições como o Centro de Pesquisas e Documentação (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas, numa valorização da reconstituição histórica das elites políticas brasileiras (HAGUETTE, 1987). Hoje, a técnica diversificou-se, sendo aplicada em várias áreas, inclusive na comunicação. Um exemplo é a dissertação de mestrado de Jairo Grisa, defendida no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da UFRGS em 1999 e publicada em 2003 com o título “Histórias de ouvinte – A audiência popular no rádio”, em que é feita uma recuperação da relação de nove mulheres com o rádio, através do consumo de um programa popular.

em situação de exclusão, marginalidade ou pertencentes a classes operárias. Não se fala aqui da história de vida como uma “mensagem viva e vibrante que vem de ‘lá’, que nos conta o que significa ser um tipo de pessoa que nunca encontramos face a face” (BECKER, 1999, p. 111). Trata-se, pelo contrário, do contato com experiências de sujeitos muito próximos ao meu próprio universo – são membros da classe média, universitários, profissionais liberais e empresários, que ainda manifestam uma vinculação à identidade cultural gaúcha muito familiar – o que, ao mesmo tempo em que facilita a aproximação, exige um esforço redobrado de estranhamento, de distanciamento analítico.

2.3.4.1 A seleção dos sujeitos

O cuidado é refletido desde a preocupação quanto aos critérios da seleção da amostra. Num afastamento da idéia de que o sujeito precisa preencher um conjunto de características responsáveis por enquadrá-lo como uma espécie de “representante típico-ideal”, compartilho da concepção de Florestan Fernandes (1976) de que as condições nunca se realizam como um limite, mas como um agrupamento de tendências dinâmicas mais ou menos características:

Na prática só podemos lidar com personalidades cujos ajustamentos interessam à investigação sociológica, de modo estático ou dinâmico, em limites variáveis de flutuação em torno de certos tipos, que podem ser construídos pelo investigador, mas que, em regra, são desconhecidos empiricamente de antemão (FERNANDES, 1976, p. 262).

Esses tipos servem como uma espécie de guias, um pequeno sistema de referência. Foi pensando nessas referências para a escolha dos usuários da Página do Gaúcho em que se aplicaria a técnica da história de vida que também empreguei os

critérios da **efervescência** e da **descontinuidade**, apresentados por Marre (1991) como os dois guias para a seleção do grupo social pesquisado. A efervescência leva em consideração a intensidade de interações do grupo ou do sujeito, que, segundo Marre, não pode ser muito apático, pois são as tensões que revelam as mudanças. Nesse sentido, busquei priorizar a escolha de usuários com atividade frequente no site, através de intervenções constantes, sem excluir os menos participativos, pois percebi, desde a experiência da pré-análise, a necessidade de estabelecer um confronto entre estímulo e desinteresse à participação, como modo de discutir as vinculações à página e às identidades.

De acordo com o segundo critério, o da descontinuidade, o que marca a experiência dos grupos e dos indivíduos são as rupturas: “Conseqüentemente, emerge a distinção entre o que existia ontem e o que ainda existe hoje” (MARRE, 1991, p. 110). Nessa perspectiva, a aproximação a indivíduos que passaram pela experiência da migração – um marco que pode tensionar o modo como se identificam como gaúchos – tornou-se relevante.

Pensando sobre a representatividade, Marre defende a necessidade de as pesquisas empíricas estarem preocupadas com a “validade, extensão e qualidade dos testemunhos qualitativos a serem coletados” (1991, p. 111). Então, a definição da amostra passou por critérios qualitativos, e não estatísticos, “que, pela sua aplicação operacional, vão possibilitar, com relativa evidência, a coleta de um número significativamente grande e qualitativo de testemunhas” (1991, p. 111). Para efetivar a cobertura do campo, duas condições, segundo o autor, devem ser alcançadas: a diversificação e a saturação da amostra. Entretanto, o critério da saturação não foi aplicado pela opção por um número reduzido de sujeitos. Com base no tempo para a pesquisa e, sobretudo, pela adoção conjunta de outras técnicas, foi limitada à aproximação a seis usuários do site para a aplicação da história de vida. Sem buscar uma confirmação dos dados pela repetição em diferentes casos, interessou reunir experiências diversas de sujeitos escolhidos por atender a certos critérios de diversidade previamente definidos.

Assim, unindo a discussão metodológica de Marre à experiência prévia de observação da Página do Gaúcho e de aproximação a seus usuários, com o objetivo de atingir uma diversidade na amostra, levando em consideração a efervescência e a descontinuidade, mesmo com um número reduzido a seis sujeitos, propus o cruzamento de três critérios até a definição daqueles cujas histórias de vida fossem exploradas. Tais critérios foram pensados a partir da primeira aproximação realizada na análise exploratória, buscando enriquecer a classificação quanto à localização dos usuários e à relação com a cultura gaúcha já observadas (gaúchos que moram no estado, gaúchos que moram em outros estados brasileiros, gaúchos que moram no exterior e usuários que, apesar de não terem nascido no RS, consideram-se gaúchos). Esse primeiro critério contemplou a diversificação representativa da própria dinâmica do site, permitindo atingir um panorama geral de usuários quanto a questões de pertença territorial, pertença simbólica e vivência da identidade.

O envolvimento com o tradicionalismo foi o segundo critério considerado: foram escolhidos usuários com aproximações diferentes com a cultura, a partir de vínculos demonstrados com o Movimento Tradicionalista Gaúcho. Como terceiro critério, foram buscadas pessoas com grau de participação distinta nas discussões do fórum, incluindo moderadores dos debates, usuários bastante atuantes, usuários que não escrevem mais mensagens, além de usuários não cadastrados como foristas.

Fatores que possuem interesse para o ajustamento da pesquisadora com os sujeitos, como a acessibilidade, a disposição para cooperar na pesquisa, a aptidão para a confiança sem constrangimentos fortes, mesmo que não configurassem um critério, foram decisivos na seleção da amostra. Isso fez com que eu optasse, por exemplo, por entrevistar usuários de fora do RS que estivessem de passagem pelo estado, evitando a necessidade de viajar para realizar as histórias de vida (como tinha sido proposto no projeto). Assim, dois gaúchos migrantes foram entrevistados, um de São Paulo em visita à família, e outra de Recife, que também passava férias de inverno no estado.

Considerando todos esses fatores, cheguei a amostra composta por seis usuários da página: três gaúchos moradores do RS, dois gaúchos moradores de outros estados brasileiros e um gaúcho morador de outro país. Acabei não aplicando a técnica de história de vida com usuários nascidos fora do Rio Grande do Sul, tendo sido a análise posterior baseada mais na observação das discussões no site. Destes seis usuários, dois participam do Movimento Tradicionalista Gaúcho, inclusive ocupando cargos em CTGs, um está afastado do movimento e três não apresentam nenhuma ligação, sendo dois críticos de sua estrutura e funcionamento. Quanto aos usos do site, um é moderador de um dos fóruns do Galpão de Debates, dois têm participação ativa nas discussões, dois afastaram-se, e um nunca foi cadastrado.

Buscando aproveitar a aproximação inicial aos usuários, três dos seis selecionados já tinham sido entrevistados (por e-mail ou presencialmente) durante a análise exploratória. Os outros três foram reconsiderados devido à necessidade de contemplar os critérios discutidos anteriormente para um enriquecimento da amostra.

2.3.4.2 A ida a campo

As histórias de vida foram trabalhadas a partir de entrevistas semiestruturadas, organizadas através de um roteiro (Anexo C) que buscava unir as trajetórias pessoais dos usuários do site a eixos temáticos definidos como importantes para a aproximação de seus universos com os objetivos da pesquisa. Além de depoimentos sobre a formação escolar e profissional, infância, experiências de vida, relação com o local onde moram e família, os eixos que nortearam o roteiro das entrevistas foram imigração, cotidianidade, relação com os meios de comunicação, acesso à Internet, usos da Página do Gaúcho e identidade.

Cada um dos eixos foi pensado a partir de perguntas-chave que estimulariam os entrevistados a falar sobre os temas sugeridos, mas, na prática, as entrevistas não

seguiram formalmente o roteiro, que serviu mais como uma espécie de guia mental para a condução do diálogo com os colaboradores, na busca do respeito às suas narrativas. Assim, os eixos não foram abordados de forma estanque, separada, pois – como acontece nas trocas comunicativas – se cruzavam, eram retomados em diferentes momentos, uns sobrepunham-se aos outros.

A maioria das entrevistas foi realizada em lugares públicos, como cafés e bares pouco frequentados ou em horários de pequena circulação de clientes. Apenas um dos colaboradores foi entrevistado em sua casa, o que não necessariamente representou um ganho em relação às demais situações por causa da interferência de outras pessoas no local onde aconteciam as conversas. Um dos motivos para que os encontros fossem marcados em lugares neutros (a maioria no centro de Porto Alegre) foi a facilidade para a locomoção dos entrevistados – em alguns casos pela proximidade de seus locais de trabalho – e a impossibilidade para que as entrevistas fossem realizadas em suas casas – principalmente entre os usuários em visita ao Rio Grande do Sul, hospedados em amigos ou parentes.

Cada sessão de história de vida durou em média duas horas, sendo, na maioria dos casos, necessário um segundo encontro para contemplar todas as questões do roteiro. De um modo geral, a primeira sessão foi mais aberta às falas dos sujeitos, sem uma preocupação em direcioná-la exclusivamente aos eixos temáticos inicialmente propostos. Depois de decupadas as primeiras entrevistas, gravadas em minifitas cassete (de uma hora cada uma), foi analisada a necessidade de uma segunda sessão, aí sim com o objetivo de contemplar as questões pouco enfocadas no momento inicial. Apenas dois sujeitos foram entrevistados em uma sessão: uma de férias no Rio Grande do Sul e com pouco tempo de permanência em Porto Alegre, e outro por ter avaliado terem sido atingidos os objetivos na primeira aproximação.

Durante os encontros presenciais realizados com cinco usuários do site foram gravadas onze horas de fita – o que me demandou aproximadamente quarenta horas de trabalho de transcrição textual. No caso do gaúcho residente na Alemanha, realizei

uma experiência de troca de mensagens simultâneas pela Internet, através do software ICQ, depois de desmarcada a viagem que ele tinha programado para o Brasil no primeiro semestre de 2003, quando cogitei a possibilidade de um encontro.

Para caracterizar o contexto de interação com os entrevistados, buscando não reduzir o processo às informações obtidas e valorizando os momentos de encontro, com suas peculiaridades, faço a seguir um breve relato das seções, com o objetivo de revelar a experiência da troca estabelecida com os colaboradores da investigação. Os sujeitos são apresentados pelos nicks usados na Página do Gaúcho²⁸ e o texto reflete algumas das observações feitas em um exercício de diário de campo²⁹. Não foi seguido nenhum critério para a definição da ordem de apresentação dos colaboradores.

a) Leandro: natural de Esteio, 28 anos, instrutor de informática e estudante de História.

Foram realizadas duas sessões de história de vida na casa de Leandro, em Esteio, município da região metropolitana de Porto Alegre. O que facilitou a aproximação, apesar dele não ter sido entrevistado na análise exploratória, foi um almoço em que participei em sua casa em março de 2003, num encontro de foristas da Página do Gaúcho. As sessões aconteceram em duas tardes de sábado, nos dias 5 de julho e 23 de agosto de 2003, e contaram com a participação de sua mulher, Fabi.

No primeiro encontro, tomamos chimarrão no pátio, já conversando sobre alguns assuntos interessantes para a pesquisa. A entrevista aconteceu na sala da casa, um lugar simples mas muito organizado, cheio de enfeites, fotos e equipado com

²⁸ Cheguei cogitar a escolha de pseudônimos, mas preferi a publicação dos apelidos escolhidos pelos usuários no site por serem eles reveladores de suas identidades. Todos autorizaram a divulgação.

²⁹ Como contribuição do trabalho de campo de cunho etnográfico, paralelamente à coleta de dados, mantive um diário – um pequeno caderno de notas, na verdade –, contendo observações e comentários sobre o encaminhamento da análise empírica, sobretudo a respeito do contato com os colaboradores. Sua utilização atendeu antes a uma necessidade de reflexão sentida durante a ida a campo do que a uma apropriação a priori do

eletroeletrônicos. Desligado o som, que tocava uma seleção de músicas gaúchas, dei início às perguntas, tentando continuar o tom da conversa que tinha começado lá fora. Falávamos sobre o curso de declamação organizado pelo casal, surgido de idéias discutidas no site e, a partir dali, o assunto seguiu unindo questões sobre a identidade gaúcha, consumo cultural, envolvimento com a Internet e relação com a informática.

Um telefonema interrompeu a entrevista no momento de maior profundidade e a entrevista teve que continuar em um segundo encontro, também realizado em Esteio. Apesar de algumas dificuldades enfrentadas, como a interferência de outras participações e a circulação de pessoas no local em que conversávamos, a visita à casa tornou as entrevistas mais informais, descontraídas, e ainda permitiu uma aproximação com o universo cotidiano de Leandro.

b) Gicele, natural de Porto Alegre, 19 anos, estudante universitária de Turismo e Hotelaria, em Recife.

Com participação ativa nas discussões do site, Gicele é uma das selecionadas graças a uma rede de contatos que foi sendo estabelecida com os usuários da Página do Gaúcho. Na primeira sessão realizada na casa de Leandro fiquei sabendo de uma porto-alegrense, há anos residente no Nordeste, que estaria de férias no Rio Grande do Sul. Consegui o e-mail e o telefone de uma amiga, também usuária do site, e marquei um encontro no shopping Praia de Belas, em Porto Alegre, no período em que estive hospedada na casa de tios. Como Gicele viajou muito enquanto estive no estado, passando pela casa de parentes e amigos no interior e ainda participando de eventos do MTG (como representante da União Tradicionalista do Nordeste), tivemos que concentrar a sessão de história de vida em uma única tarde.

A conversa aconteceu em 25 de julho, poucos dias antes de sua volta para Pernambuco, o que fez com que a sessão fosse marcada pelo relato sobre as férias que

instrumento, que, como atribui Winkin (1998), cumpriu as funções de ser um espaço analítico, reflexivo, de registro do empírico e de manifestação da experiência vivida no contato com o contexto social estudado.

chegavam ao fim e também sobre os encontros com amigos que tinha cultivado na Página do Gaúcho. No período que estive no estado, Gicele conheceu cinco pessoas com quem se comunicava pela Internet, tendo participado inclusive do evento de declamação promovido por Leandro.

O envolvimento de Gicele com o Movimento Tradicionalista Gaúcho direcionou a entrevista, apesar do meu esforço em explorar outros eixos, como a migração da família para o Nordeste. Depois do início da gravação, com perguntas que surgiram durante o próprio transcorrer da fala de Gicele, experimentei seguir com mais atenção o roteiro - motivada pelo desejo de completude da única sessão presencial possível, que durou cerca de três horas. Com sua volta, o contato seguiu através da troca de e-mails.

c) Udo: natural de Porto Alegre, 29 anos, universitário em Jena, na Alemanha.

Udo já tinha sido entrevistado para a análise exploratória e, desde então, eventualmente eu trocávamos alguns e-mails. Meu objetivo era não perder o contato, já pensando em aprofundar a aproximação inicial, sobretudo devido ao seu interesse demonstrado pela pesquisa e pela riqueza de sua experiência de vida.

Em agosto de 2003, depois de descartada a possibilidade de viagem que Udo faria a seus pais em Canoas, região metropolitana de Porto Alegre, convidei-o a participar novamente da pesquisa, agora não mais por e-mail mas através da troca simultânea de mensagens pela Internet. Foi marcado um encontro no chat do Portal Terra chamado 'Gaúchos no mundo', mas preferimos usar um programa de bate papo online, o ICQ, pela velocidade e privacidade no envio e recebimento das mensagens.

A experiência foi enriquecedora para a pesquisa pela oportunidade de contato com um colaborador com quem não seria possível realizar a entrevista presencial e sobretudo pela experimentação do encontro pela própria Internet, numa ampliação do

que já havia sido feito na primeira etapa com as entrevistas através de correio eletrônico.

Mesmo que oferecendo uma possibilidade de troca reduzida se comparada com a entrevista presencial, principalmente por contar prioritariamente com recursos de texto, pelo tempo de espera entre cada pergunta e resposta, pela falta da reação imediata através de gestos e pausas, a entrevista online contribuiu para desvendar a trajetória do entrevistado, sua experiência de migração, suas relações com a Internet e com o site. Foram necessários dois encontros de três horas cada um, realizados nos dias 14 e 16 de agosto, das 15 às 18 horas.

A primeira constatação de diferenças na experiência foi a necessidade de explicar cuidadosamente os objetivos da pesquisa para conquistar a confiança do entrevistado, processo já iniciado na troca eventual de e-mails. Ainda assim, quando começaram as perguntas pessoais, principalmente sobre a família, percebi uma certa resistência, incluindo um questionamento sobre a relevância do que estava sendo perguntado³⁰. Foi preciso um cuidado redobrado de ‘escuta’ e respeito, aliado a inserções e comentários descontraídos que demonstrassem espontaneidade e interesse pelo relato. Outro diferencial foi quanto ao uso de recursos da Internet que permitiram aumentar a aproximação na entrevista: Udo enviou um arquivo pelo programa ICQ com a lista de seus sites favoritos e ainda sugeriu a visita a sites com webcams de Porto Alegre, fazendo referências ao tempo e à paisagem da cidade³¹.

³⁰ Depois de responder a uma pergunta sobre os motivos da vinda de seu pai da Alemanha para o Brasil, Udo escreveu: “Não sei se isso tem a ver com o assunto, Liliane”. A reação me surpreendeu e fez com que tivesse que falar mais sobre a finalidade da entrevista: “Desculpa, Udo. Talvez eu não tenha te explicado, mas um dos objetivos da conversa é saber um pouco sobre a tua vida. Eu estou conhecendo a história de diferentes pessoas que usam a Página do Gaúcho. Pessoas com experiências diferentes, como tu que é descendente de alemão e mora na Alemanha. Mas sinte-se a vontade pra responder só aquilo que quiser, sem problemas”.

³¹ Transcrevo o trecho da entrevista em que Udo fala sobre as webcams de Porto Alegre, enquanto procura num outro site a localização da rua em que morou com a família quando era criança:
 Udo: Nossa, estou vendo numa webcam, o tempo por aí está bonito mesmo. Não que aqui tb não tenha sido... :)
 Liliane: Em que site vc está vendo?
 Udo: www.wcams.com.br. E no mapas.terra.com.br dá pra se ver onde fica a Rua Arabutan...
 Liliane: Vou procurar! E vou olhar a webcam tb. Vc costuma espiar poa pela web?

d) Scavone, natural de Porto Alegre, 21 anos, estudante de História e webdesigner.

Foi o único entrevistado presencialmente na análise exploratória. A primeira entrevista aconteceu ainda em 2002, no dia 13 de novembro, e a segunda, quase um ano depois, em 1º de outubro de 2003. Esse intervalo fez emergir uma série de questões interessantes para a investigação, como os motivos de seu afastamento dos fóruns de discussões ainda no final de 2002.

Scavone, que ainda não tinha completado 21 anos na primeira entrevista, é um dos mais jovens entrevistados, embora sua postura nos debates do site fizessem pensar o contrário. O estudante de História identificava-se como arqueólogo e historiador, o que, juntamente com a seriedade observada nas discussões, fez supor que fosse mais velho. No Galpão de Debates, era sempre ponderado, não usava muitas expressões gauchescas, preocupava-se com questões históricas e era persistente ao defender suas argumentações. Pessoalmente, a imagem do velho arqueólogo desfez-se diante de um jovem urbano cheio de planos e com opiniões fortes.

A Feira do Livro de Porto Alegre foi o ponto de encontro em 2002, quando conversamos em um café na Praça da Alfândega por cerca de uma hora. A segunda sessão foi marcada também por e-mail e aconteceu no campus da faculdade em que estuda em Porto Alegre, contando com a participação de sua namorada.

e) Jefferson: natural de Porto Alegre, 38 anos, doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, de volta ao RS depois de nove anos morando em outros estados.

O único colaborador não cadastrado na sessão de debates da Página do Gaúcho foi um dos entrevistados da pesquisa desenvolvida pelo grupo Mídia e

Multiculturalismo³², graças a um uso bem sucedido da Página do Gaúcho. Seu nome foi sugerido pelo gerenciador do site, depois de uma mensagem deixada pelo grupo na seção Mural de Recados, solicitando o contato com migrantes gaúchos residentes em São Paulo.

Algum tempo depois da entrevista, o próprio Jefferson escreveu avisando que estaria no Rio Grande do Sul no mês de julho. Comecei o contato, obtive resposta logo e combinamos por telefone de nos encontrar em um local marcado no centro de Porto Alegre³³, no dia 14 de julho de 2003. A entrevista aconteceu na Casa de Cultura Mário Quintana, na Rua dos Andradas, mesmo local onde foi marcado o segundo encontro, que aconteceu no dia 3 de setembro.

Jefferson foi o mais falante dos entrevistados, o que fez com que a primeira sessão durasse quase três horas. Parte do tempo foi preenchido pelas curiosidades suas a respeito da pesquisa, de Bagé (somos conterrâneos) e Santa Maria (onde, assim como ele, fiz faculdade). Aliados ao contexto favorável para os encontros, como a disponibilidade de tempo, o local escolhido e o interesse em colaborar demonstrado por Jefferson, os assuntos em comum, acabaram facilitando a aproximação e estimularam o relato das lembranças.

f) Witkowski, natural de Porto Alegre, 26 anos, funcionário público estadual.

Outro entrevistado por e-mail em 2002, Witkowski também parou de participar das discussões da Página do Gaúcho, mantendo apenas os acessos para buscar informações sobre os conteúdos divulgados no site. Como os demais colaboradores,

³² A entrevista foi concedida à professora Denise Cogo, no segundo semestre de 2002, para a pesquisa “Mídia, imigração e interculturalidade – Estudo das estratégias de ‘mídiação’ dos processos migratórios e das falas imigrantes no contexto brasileiro”.

³³ Além da necessidade de combinar alguma forma de identificação, como uma espécie de código que impedisse o desencontro, a experiência do primeiro contato com alguém com quem apenas trocava e-mails ou no máximo telefonemas foi marcada sempre pela expectativa e pela surpresa. Tudo o que eu sabia até então era aquilo que eles tinham dito de si mesmos – dados como idade, profissão e origem étnica.

demonstrou interesse, participando da pesquisa na primeira etapa e respondendo no mesmo dia o e-mail enviado por mim para marcar uma segunda entrevista.

Como não foi possível o encontro no local em que sugeri, no Parque da Harmonia, durante as comemorações da Semana Farroupilha, a sessão de história de vida foi marcada para o sábado posterior, dia 27 de setembro, quando Witkowski viria a Porto Alegre para jogar futebol. Conversamos no bistrô do Museu de Arte do Rio Grande do Sul, no centro, por aproximadamente duas horas.

Fui surpreendida com a simplicidade e doação de Witkowski ao aceitar o convite e dispor de seu tempo em uma tarde de folga, e, sobretudo, por perceber seu esforço em romper a timidez, confessada e visível por seus gestos, ao falar de si, de sua trajetória e suas opiniões. Grande parte de sua fala foi cruzada por questões ligadas a ‘auto-determinação’ (separação do Rio Grande Sul do restante do Brasil), idéia que defende com paixão.

2.4 Propondo a interpretação dos dados

Os dados obtidos com as histórias de vida, o acompanhamento das rotinas produtivas e a análise da conteúdo, além de com a observação da dinâmica de funcionamento do site, foram reunidos, contrapondo-se e complementando-se para a interpretação da pesquisa. Depois de pronta a coleta, que aconteceu simultaneamente a partir dos diferentes procedimentos e técnicas expostos, com o objetivo de apreender elementos sobre os eixos da produção e dos usos, incluindo a própria estrutura da Página do Gaúcho, os dados foram tratados até a sua sistematização em textos interpretativos apresentados nos dois próximos capítulos.

Depois de uma descrição mais aprofundada sobre o site, possível através de sua observação, segue o confronto dos dados sobre sua estrutura, temática, produção e usos, organizados através de categorias de análise construídas durante o percurso de

investigação, de acordo com os elementos observados e a necessidade de reflexão que demandavam. Assim, um dos pontos em que é centrada a interpretação é no eixo da tradição como definidor da página e motivador de uma série de relações, incluindo as que se estabelecem entre a produção e os usos.

A apresentação dos sujeitos através de suas histórias de vida introduz outras categorias eleitas como prioritárias para a pesquisa: a construção social do gaúcho no site, a relação da identidade com a diáspora, as disputas de gênero, a tensão criada entre tradição e diversidade, além do agendamento midiático e do comunitarismo observados no site. A sistematização só foi possível no confronto entre questionamentos teóricos, orientações metodológicas e constatações empíricas, em uma proposta de entendimento da dinâmica da Página do Gaúcho.

As categorias são analisadas através de todos os dados obtidos, sendo possível perceber que, na interpretação, as diferentes técnicas complementam-se, fazendo com que, em alguns momentos, o material obtido com uma pareça sobrepor-se ao coletado com outras. Assim, em algumas categorias, a análise de conteúdo chega a assumir uma posição de destaque, enquanto em outras, são as rotinas produtivas que estimulam a interpretação. Perpassando todas as categorias estão as histórias de vida que, antes de tudo, foram responsáveis pelo entendimento das lógicas de usos e das relações estabelecidas no site.

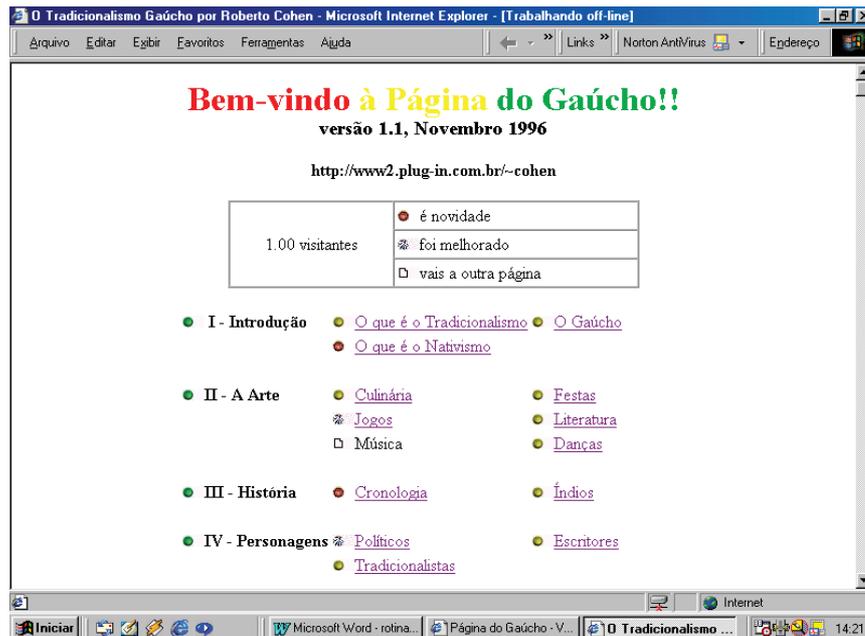
3 Desvendando o universo da Página do Gaúcho

3.1 A descrição de um espaço privilegiado de ‘ser gaúcho’ na Internet

A Página do Gaúcho é apresentada como um projeto de seu idealizador: o gaúcho natural de Porto Alegre Roberto Cohen, de 42 anos, engenheiro mecânico, proprietário de uma empresa de informática que se destina à criação e implantação de softwares. O objetivo de divulgar a cultura gaúcha apareceu em 1996, quando Cohen buscou dados na rede para explicar a uma norte-americana o que significava a ilustração de um gaúcho estampada na capa da agenda de couro enviada por ele como agradecimento a um favor recebido: “Com pouca vontade de explicar o assunto em inglês, procurei pela Internet alguma coisa relacionada a nossas lidas e... não tinha quase nada”, explica em uma das seções do site.

A surpresa pela ausência de organismos culturais, entidades gaúchas e espaços sobre o gauchismo na rede fez com que Cohen se propusesse ao que hoje considera uma missão, mesmo que nunca tivesse sido ligado à cultura ou ao folclore do Rio Grande do Sul. Afirmando ter jurado – como os antigos gaúchos, marcando a sangue sua promessa – preencher essa lacuna na Internet, aliou seus conhecimentos de informática ao desejo de divulgar as coisas do estado e colocou no ar, em novembro

de 1996 (um ano depois do surgimento da Internet comercial no Brasil), a primeira versão da Página do Gaúcho, bastante simples e com um número reduzido de informações.



Na primeira versão, todas as informações ficavam em uma única página

Desde então, Cohen atualiza o espaço criado inicialmente para ser uma espécie de enciclopédia na Internet, que foi recebendo conteúdo, resultado de suas pesquisas bibliográficas, até agregar hoje quase duas mil páginas em que são apresentados temas como música, tradicionalismo, culinária, costumes e poesia. Em artigo publicado em “Fronteiras Culturais: Brasil, Uruguai, Argentina” (2002)³⁴, assim Roberto Cohen define seu projeto:

A Página do Gaúcho – www.paginadogaicho.com.br – é o maior site sobre a cultura gaúcha na Internet. Caracterizada como uma enciclopédia online, de livre acesso, 24 horas por dia, com mais de 1330 páginas, 3900 imagens, 300 arquivos musicais e oito vídeos disponíveis para download e cópia. Entre suas páginas encontram-se assuntos variados sobre nossa cultura como: história do Rio

³⁴ Publicação que reúne textos apresentados no 1º Encontro Fronteiras Culturais (Brasil-Uruguai-Argentina), realizado em Porto Alegre, em dezembro de 2000.

Grande do Sul, culinária, festas, danças típicas, músicas, lendas, indumentária, jogos folclóricos, geografia, história, personagens importantes, pintura, poesia, turismo, índios, escultura, frases, adágios, CTGs e outros temas. (COHEN, 2002, p. 213)

Como enciclopédia online, o site reúne um acervo sobre questões ligadas à cultura e tradição gaúcha, com assuntos tão variados como os descritos por Cohen, mas sempre a partir de uma abordagem ligada ao tradicionalismo. Disponibilizar esse conteúdo a usuários espalhados por diferentes países do mundo tem sido o objetivo do projeto, que parte também de um desejo de preservação da cultura, ainda que, nas discussões do site, Cohen defenda a necessidade de sua dinamização.

A Página do Gaúcho nasceu e cresceu como um empreendimento pessoal. Seu único objetivo sempre foi disseminar nossa história e traços culturais. Nunca foi objetivo servir de esteio para o debate ou questionamento, apesar de manter uma seção exclusiva com textos sobre tais tópicos. Nunca foi um manifesto regionalista. Contudo, ela hoje é um paradoro virtual para todos aqueles que buscam um descanso e informações sobre nossa condição de gaúchos. Que buscam a valorização do autêntico, a conservação de valores regionais e tradicionais. Nossas raízes. (COHEN, 2002, p. 215)

Ao longo dos seus sete anos, o site foi sendo ampliado, passando a oferecer outras possibilidades de comunicação. A seção de debates é um dos espaços que amplia as possibilidades de interação no site, através da oportunidade de que pessoas de diferentes partes do mundo discutam questões ligadas à cultura regional, transformando a sua função para muito além de uma enciclopédia de conteúdos.

O site recebe cerca de 40 mil acessos por mês. Todos os dias, é enviada uma média de 120 mensagens endereçadas para a Página do Gaúcho, com sugestões, pedidos, contribuições ou reclamações. A atualização constante das discussões na seção destinada à participação dos usuários também reforça a dinâmica do site. Mais de 600 pessoas já preencheram o cadastro que garante o direito à intervenção no Galpão de Debates. No Mural de Recados, circulam mensagens com pedidos de informações sobre música e poesia, convites para eventos e busca de contatos.

Em janeiro de 2003, o site passou por uma grande reformulação. As principais mudanças aconteceram na estrutura da página inicial com o objetivo de organizar e permitir uma visualização melhor do conteúdo disponível. Segundo o boletim informativo enviado para os cadastrados na Página do Gaúcho, a alteração buscava atender às reivindicações dos usuários que tinham dificuldade em localizar conteúdos e reclamavam da capa antiga, considerada difícil de navegar. No texto enviado sobre as alterações, Cohen dizia seguir, com a nova capa, uma tendência encontrada na web em sites de grandes portais. Até então, não era possível perceber uma intenção de seguir tendências de layout e de programação comuns a outros sites.



Capa da Página do Gaúcho em janeiro de 2003

A nova estrutura valoriza a enciclopédia de assuntos ligados à cultura gaúcha, que ganha destaque no centro da tela. Na introdução, a enciclopédia explica o significado e a origem da palavra gaúcho, descrito como “nome pelo qual é conhecido o homem do campo na região dos pampas da Argentina, Uruguai e do Rio Grande do Sul e, por extensão, os nascidos neste estado brasileiro”. Este era

justamente o objetivo do seu idealizador quando criou o site: servir de referência para que as pessoas soubessem o que significa ser gaúcho. Com a indicação de link para artigo escrito por um tradicionalista, são citadas qualidades como hospitalidade, coragem e apego aos usos e costumes como características do gaúcho.

As outras seções da enciclopédia mantêm a mesma meta de oferecer aos visitantes informações sobre práticas e tradições ligadas à cultura tradicional do Rio Grande do Sul. São 30 links para páginas sobre música, lendas, poesia, contos, culinária, dança, além de espaços reservados para artigos sobre tradicionalismo e cultura gaúcha, lista de CTGs e turismo, com roteiros para cidades gaúchas - cheios de expressões gauchescas e criados a partir de viagens do próprio organizador do site.

A Página do Gaúcho também hospeda sites de personalidades e entidades ligadas ao tradicionalismo e à cultura gaúcha. Os links são localizados em dois menus verticais à esquerda da tela de abertura. Os sites dos ‘hóspedes ilustres’ foram criados por Roberto Cohen, que se propôs a manter os espaços de divulgação de obras e biografias. Barbosa Lessa, um dos criados do Movimento Tradicionalista Gaúcho, o escritor gaúcho Luís Antônio Assis Brasil e o músico Teixeira são algumas das personalidades com sites ligados à Página do Gaúcho. Entre as instituições estão a editora Martins Livreiro, especializada em autores locais e temas ligados ao tradicionalismo, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e a Califórnia da Canção Nativa, festival de música nativista.

Os destaques mensais e as novidades podem ser visualizados no centro da página principal, logo abaixo da enciclopédia. Antes dispostos na parte inferior da tela, associados a pequenas ilustrações, os links para as atualizações ganharam mais visibilidade no site. Nesse espaço, são divulgadas informações sobre eventos, promoções, lançamentos de produtos culturais, além de últimas notícias.

Ainda na página principal, num menu vertical localizado à esquerda, é possível fazer o cadastro do visitante para receber boletins informativos mensais por e-mail com as atualizações e as novidades do site. Uma ferramenta de busca de conteúdo,

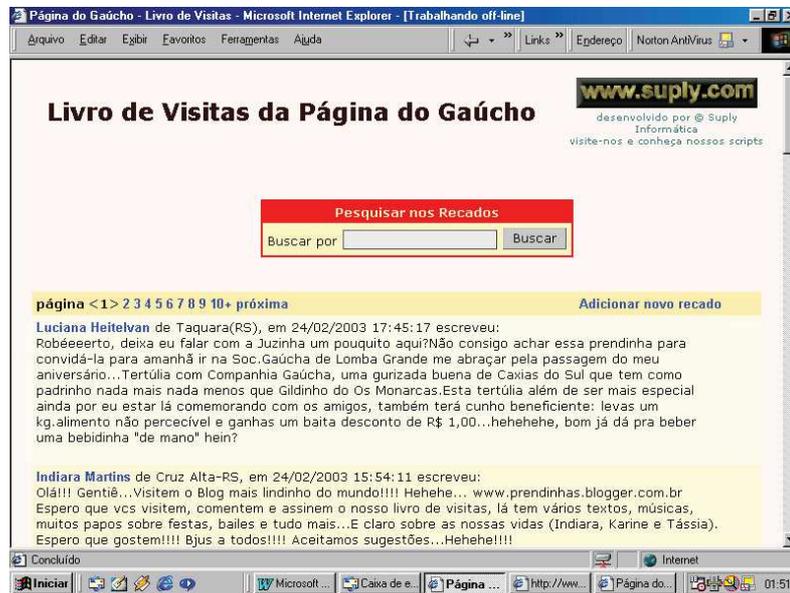
que permite pesquisa por palavras, também é disponível na primeira página, assim como uma ferramenta que permite recomendar a Página do Gaúcho para outros internautas através da indicação de seus endereços eletrônicos.

Abaixo do menu com os formulários estão os serviços oferecidos gratuitamente, como recomendações de livros e CDs, papéis de parede com fotos de paisagens gaúchas, cópia de arquivos, lista de links, dicionário de expressões gauchescas e link para site com informações sobre o clima no Rio Grande do Sul. Na parte inferior da tela, um menu horizontal apresenta todos os links relacionados ao gerenciador do site: e-mail, endereço, biografia e uma foto da família de Roberto Cohen são apresentados na tela, assim como links para versões antigas e referências a reportagens e programas de rádio e TV em que houve referência à Página do Gaúcho.

Para estimular as visitas, é enviado mensalmente um boletim para mais de dez mil usuários cadastrados, com as novidades e atualizações do site. Os concursos promovidos entre os internautas também são vistos como estimuladores do acesso, assim como as seções mais visitadas: o Mural de Recados e o Galpão de Debates.

As duas seções ficam no primeiro menu horizontal que aparece na página de abertura, junto com links para as seções que oferecem calendário com fatos históricos, uma pequena biblioteca virtual com algumas obras da literatura gaúcha e uma relação de imagens que podem ser enviadas como cartões postais.

No Mural de Recados, qualquer visitante pode deixar uma mensagem. A cada nova inserção, é enviado um e-mail para o gerenciador, o único com a possibilidade de excluir textos. A maioria das participações são convites para eventos, pedidos de informação, agradecimentos e comentários sobre o site. Há muitas referências ao criador da página e depoimentos sobre o envolvimento com a cultura regional. Os e-mails são deixados para que seja possível o contato entre os internautas.



Página inicial da seção Mural de Recados recebe inserções dos usuários

O Galpão de Debates é o espaço de maior interação no site. Por oferecer mais possibilidade de participação dos usuários, incluindo a discussão sobre questões ligadas à identidade, como já comentado quando discutidas as escolhas metodológicas, a seção é privilegiada no estudo. Só os usuários cadastrados podem inserir mensagens, iniciar discussões e participar das já propostas, mas a leitura é aberta a todos os internautas. Há uma intervenção maior de Cohen, que participa ativamente e exerce um controle do “bom nível do debate”, eliminando o que considera textos agressivos ou impróprios. Com as mudanças do site, em janeiro, também foram observadas alterações no Galpão de Debates, que ficou mais organizado, com um layout mais limpo e abandonou a apresentação das regras para a participação.

Até dezembro de 2002, quem quisesse propor alguma discussão precisava, primeiro, ler as orientações mostradas na abertura da seção:

As regras são bem simples:

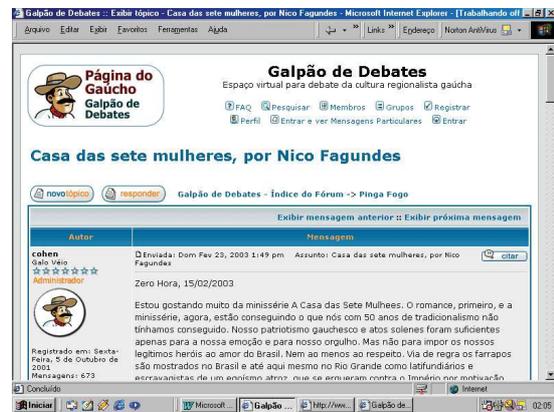
1. Espero um debate decente. Já disse tudo.

2. Todo mundo pode ler as mensagens, mas somente usuários que se registrem podem colocar novas mensagens e responder a outras.
3. O fórum tem o estilo de **ASSUNTO** e não de **RESPOSTA** (thread). Assim, o objetivo é **CRESCIMENTO e DIVULGAÇÃO** e não a peleia inconsequente.
4. Pra remover uma mensagem é um clique pra mim. Assim, pensa bem no teu texto antes de postar. Peço encarecidamente que seja educado e, caso eu acho que não tenha sido, não tem colher. **A casa é minha e eu cuido dela pra que todo mundo volte**, nem que pra isso precise remover tua mensagem sem explicação.

Com a mudança, o link para o Galpão de Debates vai direto para a lista de fóruns em que os usuário cadastrados podem participar e os visitantes apenas ler. Mesmo com a mudança, as intervenções de Cohen e dos demais moderadores, com filtros às participações dos usuários permaneceram.



Página interna do GD em setembro de 2002



Página interna do GD em fevereiro de 2003

Até o primeiro semestre de 2003, o Bolicho era um espaço destinado às vendas no site. Camisetas, CDs de músicas gaúchas e livros sobre tradicionalismo eram as opções disponíveis para a comercialização. Através de um mural, os clientes da loja virtual podiam deixar seus recados sobre as compras feitas e a eficiência no recebimento dos produtos, oferecendo credibilidade para os novos compradores e,

mais do que isso, deixando pistas sobre a motivação para as compras – muitas vezes justificada pela distância que se encontravam do Rio Grande do Sul.

Por uma decisão da produção, a seção foi tirada do ar em agosto devido ao alto custo de sua manutenção. Apesar do bom faturamento observado em alguns meses, sobretudo em setembro, quando se comemora o aniversário da Revolução Farroupilha e o Dia do Gaúcho, a média de compras não justificava, segundo Cohen, a manutenção do Bolicho, que gerava despesas com a necessidade de estoque de produtos, logística de envio de boletos bancários e entrega das mercadorias.

3.2 Uma estância revisitada: a tradição como posição identitária central

Na observação da estrutura e da estética do site, embora esta não seja uma proposta da pesquisa, é possível levantar questões interessantes sobre a identificação com a cultura regional gaúcha e a relação com os usos da Internet. Desde uma perspectiva da intencionalidade da produção, a combinação de imagens, cores, textos, a distribuição dos elementos na tela do computador, as opções de conteúdos e as possibilidades de interação da Página do Gaúcho ajudam a criar um cenário, um espaço de reconhecimento e distinção, marcado pelo reforço de traços de uma cultura regional responsável pela união dos sujeitos que circulam por suas páginas.

O compartilhamento do cenário virtual faz referência a uma estância³⁵, com seu padrão³⁶, peões³⁷ e um ideário de liberdade e igualdade, numa aproximação à idéia de preservação de uma essência gaúcha ligada ao campo. Em uma das citações mais

³⁵ Segundo Dicionário Gaúcho Brasileiro, de Batista Bossle, estância é o mesmo que fazenda de pecuária: propriedade rural que se dedica especialmente à criação de gado, constituída de grande extensão de campo dividido, por cercas, em diversas instalações, como galpões, mangueiras, currais (BOSSLE, 2003).

³⁶ Designação dada ao proprietário de terras, empregador. Também usada para nomear o presidente dos Centros de Tradições Gaúchas (BOSSLE, 2003, p. 378).

³⁷ São os trabalhadores rurais: assalariados que nas estâncias executam os serviços. Sócios dos CTGs são chamados de peões, assim como quaisquer gaúchos com trajés típicos (BOSSLE, 2003, p. 383).

explícitas, na escolha do nome da seção destinada ao fórum de discussões, é resgatada toda uma construção feita pelo tradicionalismo gaúcho sobre o galpão³⁸, espaço da estância reservado às rodas de chimarrão que supostamente reuniam o dono da terra e seus trabalhadores ao redor do fogo de chão. Esse lugar da convivência, inspirador para a definição da estrutura dos CTGs, é também referência para a consolidação desse espaço na Internet. O Galpão de Debates é onde os usuários se encontram para a ‘charla’³⁹, assim como os primeiros gaúchos faziam quando, nos galpões, os adultos rodeavam as brasas da fogueira para as longas conversas.

Além do Galpão de Debates, em todo o site são valorizados elementos que garantem referências ao Rio Grande do Sul e a sua cultura ligada à idéia da tradição, como é observado na escolha de cores e uso de símbolos, como as pilchas⁴⁰ presentes nas fotografias. A evolução da capa nas versões anteriores do site, disponível na seção Velhas Faces, reforça a constatação da presença destacada de referências à cultura tradicional gaúcha, permitindo pensar sobre a entrada tradicionalista do site como definidora de uma delimitação do público usuário.

Imagens de cavaleiros e gaúchos pilchados, o monumento “O Laçador”⁴¹, ilustrações com cenas da vida campeira, revezam o espaço com fotografias do gerenciador devidamente caracterizado, além de seus mascotes (as ilustrações de um peão e uma prenda⁴²), são os destaques de diferentes versões ao longo da história da Página do Gaúcho. Apenas em 1997, a capa privilegiava a diversidade em uma imagem

³⁸ Galpão é uma “grande construção rústica edificada na sede da estância, destinada ao abrigo de homens e animais bem como à guarda de materiais e outras serventias. [...] No galpão se reúnem patrões, peões, tropeiros, viajantes e outros”. (BOSSLE, 2003, p. 259).

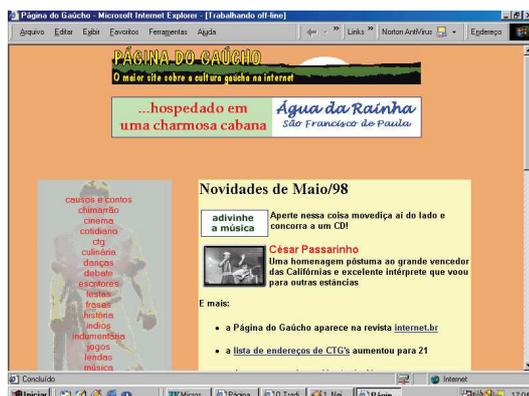
³⁹ Charlas são conversas: “bate-papos sem solenidades ou formalismos, em forma de relatos ou troca de opiniões (LAMBERTY, 1989, p.18).

⁴⁰ Vestimenta típica do gaúcho, composta de bombacha e seus complementos (camisa, lenço, guaiaca, bota, chapéu) para homens e vestido de prenda para a mulher (BOSSLE, 2003, p. 398).

⁴¹ Monumento que mostra o gaúcho em sua vestimenta típica campeira, criado pelo escultor Antônio Caríngi e inaugurado em Porto Alegre em 1954. É considerado um dos símbolos do Rio Grande do Sul.

⁴² Segundo Bossle (2003), mulher com vestimenta típica que nos bailes faz par com o peão. Também sócia ou dependente mulher de sócio de CTG.

mostrando representantes de diferentes etnias de mãos dadas – divulgada em destaque, apesar de o conteúdo ter sempre mantido a ênfase no tradicionalismo.



Na capa de junho de 1998, o destaque era a imagem de “O Laçador”, usada como marca d’água sob os links para a enciclopédia.



Em agosto, uma ilustração mostra cavaleiros com espadas em punho, numa referência aos conflitos que marcaram a história gaúcha.



Uma cena da vida campeira na capa de dezembro de 1998: três gaúchos tomam chimarrão enquanto o churrasco é assado.



Eleito pelos usuários como mascote da Página do Gaúcho, o peão Terêncio Prates ocupa a capa da edição de junho de 2000.

As referências ainda estão presentes com as alterações feitas em janeiro de 2003, mas de maneira mais discreta, perdendo espaço para a estrutura de menus. O link para a biografia do idealizador e mantenedor do site, por exemplo, que aparecia em destaque à esquerda da tela assumindo a forma de uma foto de Cohen vestindo

trajes típicos do Rio Grande do Sul (bombachas, cinto, camisa e lenço vermelho no pescoço) diminuiu de tamanho e passou a dividir espaço com botões com a ilustração dos mascotes do site: o peão Terêncio Prates e a prenda Bibiana Lessa, personagens cujos nomes foram escolhidos através de sugestões. Assim, sem abandonar uma estética que valoriza imagens relacionadas ao estado, cores e uma estrutura bastante sóbria, a mudança, além de organizar o site, indica uma preocupação com qualidades técnicas e estéticas, em uma maior adequação aos padrões observados na web.



Até 2002, a foto de Cohen ocupava a primeira página do site. Não deixava dúvida sobre sua relação com a cultura gaúcha.



A capa de janeiro de 2003 mantém-se com pequenas alterações, com destaque para os menus, sobre uma imagem do pampa.

Mesmo sem barrar ‘o outro’ ou os muitos outros que navegam pela Internet, o site parece agregar iguais: pessoas que, por diversas razões, se identificam com elementos da cultura gaúcha, com uma das muitas faces das culturas produzidas e vividas no Rio Grande do Sul. Essa intenção chega a ser uma estratégia adotada pela produção para a definição do público do site. No geral, todas as seções mostram o objetivo de levar informação sobre questões ligadas ao movimento tradicionalista ou às práticas cotidianas da cultura regional. Segundo Cohen, a página é pensada para atender a pelo menos dois grupos, formados por frequentadores do Movimento Tradicionalista Gaúcho e por pessoas que não participam de CTGs, mas “vivem a cultura gaúcha no dia-a-dia”.

Como se passeassem pelos espaços virtuais da Página do Gaúcho trajando pilchas e tomando chimarrão, os usuários mostram estarem vinculados a uma mesma matriz. Revelam que, mesmo distantes geograficamente, unem-se pela força de uma mesma “comunidade imaginada” (ANDERSON, 1989). A necessidade de se considerar parte desse grupo aparece através do uso de uma linguagem comum, entendida apenas por iniciados no mundo do regionalismo gaúcho. Expressões gauchescas, termos adaptados do espanhol, adágios e analogias integram textos numa tentativa de aproximação e prova de pertencimento. Para reforçar a autoridade nas discussões, muitas vezes bastante polêmicas, os termos usados são um modo de garantir ‘o quanto cada um é gaúcho’.

A importância do texto é maior ainda por tratar-se da principal maneira que os participantes têm de expressão, com a possibilidade de inserções no Galpão de Debates e Mural de Recados. A construção de seus posicionamentos no grupo dentro das seções se dá sobretudo pelo modo como se manifestam textualmente. Assim, cada um é aquilo que diz, o modo como se posiciona e como expressa suas opiniões. Mesmo que, no dia-a-dia, os termos do vocabulário gauchesco sejam menos usados, como é o caso do que acontece com Roberto Cohen, no site eles passam a ser indispensáveis. Como empresário, morador de Porto Alegre, o idealizador da página não se expressa habitualmente do mesmo modo como o faz nos textos produzidos para o site, sendo o mesmo observado entre alguns usuários. Embora parte dos entrevistados tenha um linguajar carregado de gauchismos, a fala é menos marcada por ditados e expressões do que os textos produzidos no site.

A adoção de uma linguagem comum, marcada pelo uso de palavras e expressões do vocabulário gauchesco, termos adaptados do espanhol, adágios e analogias, é responsável por um fechamento que distingue os usuários do site e, ao mesmo tempo, os une. Os sentidos de pertencimento se dão através desses textos que parecem projetar imagens de si, marcadas pela necessidade de se considerar parte do grupo, de se mostrar igual aos participantes da interação e reforçar as diferenças com os não participantes. Para fazer parte da Página do Gaúcho, é preciso conhecer as

regras, ou pelo menos o universo delas, o que inclui compartilhar o mesmo conhecimento e envolvimento com a cultura regional.

Entre as principais considerações chegadas através da análise exploratória está a constatação do uso dessa linguagem comum. Para ilustrar a importância do texto como distintivo entre os participantes, escolhi trechos de debates em que o uso de uma linguagem agressiva ou irônica acaba aumentando a adoção das expressões gauchescas e de termos misturados com o espanhol, numa tentativa de reforçar o vínculo com a cultura gaúcha e aumentar o peso do argumento⁴³:

Êh, xirú, mas **tu é mais sestroso do que cavalo redomão em porteira**⁴⁴! Olha, pra vc não ficar muito mais "incomodado", vou te relatar alguns fatos históricos que o caro amigo desconhece por completo. (FÁBIO)

Fabio parceiro véio... Tu tá **mui certito** em "quase" tudo que tu fala guri! Olha **chê**⁴⁵, eu acho muito lindo isso que tu está fazendo, tentando mostrar **pra gurizada**⁴⁶ que o campo ainda existe, que temos verdadeiros Gaúchos "campeiros". Mas chê, quem mora no resto do Rio grande, também é Gaúcho, mesmo urbano...Mas é Gaúcho! (VELHO MARAGATO)

Cavalo xucro não usa estribo⁴⁷. Não sou de fugir de **peleia**⁴⁸, se fosse não estava mais aqui ha algum tempo. (DESGARRADO DO PAGO)

⁴³ Todos os textos retirados do site são reproduzidos na íntegra, sem correções gramaticais. Os grifos são meus.

⁴⁴ As frases comparativas são típicas do vocabulário gauchesco. Baseadas na experiência do gaúcho, as analogias fazem referência ao universo do campo e suas expressões, como a citada pelo usuário, que, 'traduzida' significa: mais desconfiado do que cavalo selvagem (ainda não domado) em porteira.

⁴⁵ O mesmo que 'tchê': "equivale a tu, tu aí, você, amigo, companheiro. Serve também como vocativo. [...] Usa-se em todo o lugar, a todo o instante, sem motivo especial (BOSSLE, 2003, p. 145).

⁴⁶ Expressão que se refere a um grande número de guris, ou seja, meninos, garotos.

⁴⁷ Um dos muitos adágios gauchescos. Xucro é o mesmo que bravo. Estribo é o nome da "peça presa ao loro, de cada lado dos arreios, geralmente de metal, na qual o cavaleiro firma o pé" (BOSSLE, 2003, p. 235). O dito faz uma comparação do gaúcho com um cavalo selvagem, amante da liberdade, difícil de domar.

⁴⁸ Peleia significa briga, luta, disputa. A palavra vem do verbo espanhol *pelear*.

Falando em bronca, raramente acontece algo sem Ter uma égua-madrinha puxando a tropa... Assim, quem encarar, saiba que vai precisar tocar o sinete pra cousa andar... (COHEN)

A ma che to inputecido da cara **indiada**⁴⁹! Mas estes gauchinho de CTG que me desculpem posso se meio **abagualado**⁵⁰ demas mas vão me tira estes pinduricario da Zoreia che!!! Queria sabe o que vos me ceis achão destes indio de brico e "bombicha". Opa quiz dezer bombacha!!! (ANDARILHO CAVALERA)

As referências a poesias, letras de músicas e ditados também são constantes, sendo até mesmo adotados pequenos versos como assinatura de cada mensagem. Mais do que através de apelidos (muitos com referência à cultura tradicional gaúcha), alguns usuários são identificados a partir do fechamento de suas intervenções, com o uso das mesmas frases, extraídas de poemas e músicas regionalistas, que trazem indícios do entendimento de cada um sobre o significado de ser gaúcho e dos valores da cultura local. Estes são alguns dos versos usados:

“E permaneco gaucho porque a essencia perdura, templa rude, alma pura que a história conhece a fundo, mesmo pequeno e inundo de imperfeições deste plano, eu me sinto o ser humano mais genuino do mundo!!!” (PRENDA CAMPEIRA)

“Valores não se inventam, se tem...” (TIAGO)

“Hay os que cantam desditas de amores
por conveniência, agradando senhores.
Mas os que vivem a cantar sem patrão
tocam as cordas do seu coração” (VIDAL)

“Por longe que um homem vá, nunca fugirá de si...” (XIRU SEM GUIDÃO)

⁴⁹ Segundo Bossle (2003, p. 284), “grupo de gaúchos, agrupamento de homens, gauchada, peonada”.

⁵⁰ Semelhante a bagual, ou seja, selvagem, arisco. “Também se diz de indivíduo ignorante, grosseiro, rude, inculto, rústico, abrutalhado, amatutado” (BOSSLE, 2003, p. 11).

O que se observa na Página do Gaúcho, através de marcas como o uso de linguagem com referências ao regionalismo, é a legitimação de um espaço de comunicação que, através de sua estrutura e apresentação visual, seu conteúdo, temática, dinâmica de funcionamento e participação dos usuários, permite a vivência da identidade gaúcha a partir de uma entrada profundamente associada a uma matriz tradicional, ligada à manifestação da cultura regional vinculada ao Movimento Tradicionalista Gaúcho e à construção da idéia de gaúcho como homem dos pampas, valente, heróico e honrado – mesmo que seus usuários sejam urbanos e compartilhem padrões e valores múltiplos, definidos ao longo de trajetórias únicas.

3.3 Entre um e muitos padrões: a dinâmica da produção aos usos

3.3.1 Quem é Roberto Cohen

Na sua biografia disponível na Página do Gaúcho, repleta de expressões gauchescas, Roberto Cohen, esse empresário do setor de informática de Porto Alegre, conta episódios em sua trajetória que considera importantes para a aproximação com a cultura regional. O relato começa em 23 de novembro de 1961, quando “este taura⁵¹ se’scapa da barriga da mãe, às 14 horas, já berrando ‘Oigalê!⁵²’”. Das lembranças da infância até o início da vida profissional, o casamento e o nascimento de suas duas filhas, Cohen descreve passagens marcantes e cheias de referências ao gauchismo.

A relação com a cultura tradicional gaúcha não é tão forte assim quando fala sobre a sua vida. Na verdade, o porto-alegrense, filho de Isaac e Zilá Cohen, um taxista e uma funcionária pública, só foi ter interesse por esses assuntos ligados à

⁵¹ Taura é um indivíduo “valente, arrojado, destemido, resistente, valoroso” (BOSSLE, 2003, p. 487).

⁵² Interjeição que expressa “admiração, entusiasmo, espanto ou alegria” (BOSSLE, 2003, p. 359).

cultura gaúcha depois da idéia de criar a página. “Eu não tomava chimarrão há sete anos. Mesmo depois que eu fiz o site, continuei sem tomar chimarrão. Um dia eu tava tomando banho e me dei conta de que era o único lugar em que eu parava. Aí eu descobri que com o chimarrão a gente é obrigado a parar um pouquinho”⁵³. Foi assim, prestando atenção nesses pequenos hábitos, com o surgimento do interesse pela história e pelos costumes gaúchos, que o Roberto Cohen empresário foi se identificando com valores que até então pouco significavam. “Foi uma corrida do ouro. Eu comecei a comprar muita literatura, comecei a freqüentar ambientes, a conhecer pessoas”.

Nessa busca, Cohen resgatou algumas lembranças ligadas à vida no campo. Experiência exótica para um guri nascido e criado na capital, eram os dias na casa dos avós maternos em Vila Vasconcelos, na região de Tapes, interior do Rio Grande do Sul. “Eu tinha contato com essas coisas mas não valorizava. Muito engraçado isso, como a gente muda... No momento em que resolvi fazer a página aquilo foi assim, usando um clichê, um descortinar, uma tentativa de recuperar aquelas festas de São João que tinham lá na vila Vasconcelos ou quando eu colhia fumo pro meu avô. Eu andava de carro com ele e ficava com saudade de andar de carro com o meu pai”.

Depois que os pais compraram uma chácara, Cohen, na companhia de seus quatro irmãos, passou a dividir as férias entre o campo e os dias passados em São Paulo, na casa dos avós paternos. “A partir dos 13 anos eu ia todo o ano para São Paulo, mas aí era um outro horizonte de recursos, de modernidade, muito diferente do que tinha contato na Vila Vasconcelos”. Diferente também do que estava acostumado em sua cidade natal – meio cosmopolita, meio interiorana –, onde sempre morou e onde cultivava alguns de seus maiores orgulhos: ser porto-alegrense, judeu e gaúcho.

⁵³ Todas as citações de Cohen sem referências foram obtidas nas três entrevistas realizadas entre 2002 e 2003. Por apresentar a história de vida em uma construção que intercala a narração sobre sua trajetória e suas próprias falas, optei por incluir todas as citações – mesmo as com mais de três linhas, contrariando as normas da ABNT – no corpo do texto. A escolha decorreu da própria maneira como o texto foi produzido, na intenção de contar as experiências dos sujeitos sem limitar suas intervenções, em uma narrativa que ficaria empobrecida com a exigência da separação das citações.

Estudou até terminar o ensino médio no Colégio Israelita. O pai queria que fosse engenheiro naval e resolveu mandá-lo para fazer vestibular em São Paulo, mas acabou passando na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) em Engenharia Mecânica. “Meu velho gostava muito que eu fizesse o curso e me deu uma calculadora programável. Era uma coisa moderníssima naquela época. A gente coloca os valores e ela calcula a exponencial, isso e aquilo. Eu gostei de programar e um dia abriu um concurso na prefeitura, na Procempa⁵⁴, e eu passei. Quando eu vi a engenharia mecânica se tornou só um diploma.” Da Procempa, trabalhou ainda em outras empresas até abrir a própria, em sociedade com a mulher.

Foi em 1982 o seu casamento com Jaqueline, “deusa de seus campos”, como define em sua biografia na Página do Gaúcho, com quem “mantém um espichado namoro até hoje”. As filhas Míriam e Raquel nasceram em 1983 e 1987. É com elas que vive as aventuras no interior gaúcho publicadas na seção de turismo do site – viagens que por algum tempo foram a diversão preferida da família. “Por mais distante e desconhecido que seja o lugar, elas gostam de viajar pelo interior. Mesmo pra ter assunto pra contar depois. Cria uma diversidade e elas tão tendo oportunidade de conhecer coisas que não sabiam. Elas já conhecem onde fica Venâncio Aires, onde fica Farroupilha, onde fica Pelotas. E eu não sabia quando era guri”.

Bem que tentou envolver as filhas em algumas outras atividades ligadas ao site, como a digitação de um texto ou coisa parecida, mas, com os compromissos na escola e na faculdade, a tarefa acabou sempre ficando só para o pai, que divide seu tempo entre a página e o trabalho na empresa em que há treze anos desenvolve e implanta softwares de *helpdesk*, programas de computador responsáveis pelo gerenciamento de suporte técnico em sistemas de empresas de diferentes setores.

O tempo do site também é disputado com outros interesses. Além do vinhozinho, da ginástica, da música missioneira e da leitura, estão alguns projetos que vai cultivando com o mesmo carinho reservado à Página do Gaúcho. O mais recente

⁵⁴ Empresa de processamento de dados da prefeitura de Porto Alegre.

está relacionado com uma de suas paixões, a literatura. Da oficina literária cursada em 2002 – como *hobby* e também alternativa para aperfeiçoamento dos textos publicados no site – nasceu o interesse pelos contos de fada e mais um comprometimento. “Eu tenho o projeto pessoal de escrever livros. Até o final do ano estou estudando o assunto. Até julho de 2004, eu escrevo o livro e lanço em setembro que é o mês da gauchada”.

A meta é reunir a morfologia dos contos de fada em histórias vividas no Rio Grande do Sul, em um resgate de elementos da cultura gaúcha. “A gente não tem nenhum conto de fada com uma ótica gauchesca. Os contos de fada eram histórias contadas de aldeia em aldeia e foram capturadas, mas muitas delas foram adaptadas, arrumadas e tal. A minha idéia é criar contos de fadas gauchescos, com toda uma inserção dentro da nossa cultura”.

Com a realização de mais esse projeto, Cohen já imagina o entusiasmo dos pais em poder contar histórias da sua terra e a repercussão entre as crianças. Depois dos contos gauchescos, virão outros ambientados na atualidade e alguns sobre a velhice. Mas isso é apenas mais um objetivo a ser alcançado. Objetivo que por hora recebe o mesmo entusiasmo dispensado à criação do site. “É tanto projeto pessoal que a gente tem. É um negócio complicado. Tem gente que não tem projeto pessoal nenhum além de tomar cerveja e ver Faustão no domingo.... E realmente eu acho que tem bastante coisa pra ser feita. O meu prazer mais do que publicar ou colocar conteúdo é estimular ações... que tragam mais coisas pra cultura e também pras pessoas”.

Para estimular ações, Cohen inspira-se em um dos fundadores do Movimento Tradicionalista Gaúcho. Mais do que isso, considera-se um discípulo de Barbosa Lessa⁵⁵, com quem descobriu o sentido e o valor da cultura gaúcha. É com base em seus ensinamentos que propõe não a fiscalização do cumprimento de regras ligadas

⁵⁵ A identificação é tanta que a página foi tirada do ar em março de 2002 como homenagem póstuma à Barbosa Lessa. Este foi o texto publicado na capa depois da morte do tradicionalista: “A Página do Gaúcho tristemente comunica o falecimento de Barbosa Lessa, ídolo cultural maior de nosso mantenedor Roberto Cohen. Maiores detalhes na seção Reportagens do site oficial do mestre Lessa. Todos os outros menus temporariamente suspensos em memória e em demonstração de carinho ao querido mestre Lessa. Retornaremos quando a dor diminuir”.

ao tradicionalismo mas o estímulo a vivências que atribui herdadas do passado. “Esse é um dos motivos pelos quais eu admirava o Barbosa Lessa... porque ele era uma pessoa que convencia pela sedução. Ele não dizia: ‘Tem que ser assim!’. Não... ‘quem sabe tu faz assim?’ e aí vai melhorando... E isso eu achava muito legal. Não precisava ficar pilchado de cima a baixo. Se tivesse um lenço pra ele já tava começando a ficar legal”.

Parte desse entendimento vem das lições da cultura judaica. “Sempre me lembro do que dizia o rabino na sinagoga. Tava o rabino lá fazendo a prédica. Uma série de senhores de idade sentados aqui e lá no fundo uma criançada brincando, gritando, correndo. Periodicamente esses senhores de idade viravam e faziam ‘Psiu!’ pras crianças. Lá pelas tantas o rabino disse: ‘Pode deixar elas gritando lá atrás. Eu prefiro que elas gritem dentro da sinagoga do que vão gritar lá fora’. Isso é um símbolo. Ele prefere as crianças fazendo alaúza⁵⁶ mas dentro do ambiente da cultura judaica do que perdidos lá fora. É a mesma coisa na cultura gaúcha. Deixa tomar chimarrão com açúcar... mas se tiver aqui dentro das nossas idéias, de certos princípios, não de rigidez, da idéia de que é legal, é positivo, a gente não fica na frente do videogame... Não é nada contra o videogame mas não pode ser só isso”.

Com essa visão mais flexível sobre o gauchismo em relação a que circula no site, Cohen atribui um sentido educador para o seu trabalho. “A minha idéia é também seduzir as pessoas pra que compreendam que a cultura não é nossa. Não pode proibir fulano... como apareceu agora um debate sobre a capa de um CD com uma loira sambando com uma cuia na mão. O que a gente pode fazer é a nossa parte, ou seja, usar a cuia legal, mas não ficar policiando os outros. A cultura se é que é de alguém é dos nossos antepassados que criaram ela. O que a gente pode fazer é a nossa parte, ou seja, usar a cuia legal, mas não policiar os outros. Tu faz o teu caminho”.

⁵⁶ Palavra em desuso que significa confusão, desordem. Segundo Fischer (2000), fazia parte do vocabulário do porto-alegrense da década de 70.

E o caminho escolhido por Cohen é o de compilador e divulgador da cultura. É assim que se sente quanto ao site – não como um produtor cultural, mas como uma espécie de observador e transmissor daquilo que é produzido. “Ontem eu vi aquele filme ‘O nome da rosa’. Naquela época, tinham os escribas que eram os compiladores. Eles pegavam os conteúdos e multiplicavam o livro em dez, quinze... Então eu me sinto assim: um compilador de conteúdo da cultura pra espalhar ela, mas eu não sou um agente ativo dela. Não me sinto um agente ativo de modificação da cultura, como pode ser um artista que cria uma imagem nova do gaúcho, um escritor, que se vira polêmica acaba mudando os rumos...”.

Claro que até imagina alguma mudança por ter escolhido a Internet como meio para compartilhar esse conteúdo sobre a cultura, mas não chega a pensar muito no assunto. Prefere ocupar seu tempo no trabalho diário de manutenção de seu projeto e quando o reconhecimento vem não esconde a satisfação. Adora receber e-mails da gauchada elogiando o site, mesmo que já não tenha muito tempo para respondê-los. Também fala com orgulho da medalha Jayme Caetano Braun, recebida como mérito por difusão da cultura gaúcha pela União Brasileira de Trovadores, em outubro de 2001, e divulga sempre que convidado para uma entrevista ou um evento.

A página acabou trazendo uma circulação grande no meio cultural gaúcho, fazendo com que tivesse seu trabalho conhecido. Em 2000 foi convidado para expor a experiência no 1º Encontro Fronteiras Culturais (Brasil, Uruguai e Argentina), realizado em Porto Alegre, pelo Centro de Estudos de Literatura e Psicanálise Cyro Martins. Graças ao site também conheceu pessoas que se destacam dentro do tradicionalismo, como Paixão Cortes e o próprio Barbosa Lessa, seu declarado ídolo maior nas coisas da terra, com quem conversou em 1999.

Mesmo que considere ter chegado mais longe com a Página do Gaúcho do que imaginava quando iniciou o trabalho há sete anos, não pára de fazer planos para dentro e fora da Internet. Em uma das seções do site diz que ainda precisa fazer algumas coisas na vida: “escrever o livro, aprender a tocar saxofone, fazer um curso

de massagem profissional, comprar um sítio, uma motocicleta chamada Candy e mais outras coisas”. Porque, segundo afirma no site, “para esse gaúcho de 42 anos os sonhos nunca podem faltar”.

3.3.2 O dono do site e suas intenções de produção

Em todas as seções da Página do Gaúcho está presente a figura de Roberto Cohen como o criador e gerenciador do site, mantido a partir de um cuidadoso processo de seleção de conteúdo e de gestão das decisões. O valor pago mensalmente⁵⁷ para a manutenção é enfocado como justificativa de seu domínio sobre as escolhas da ordem da produção, mesmo que preveja e incentive o compartilhamento dos usos da página: “O site é meu. É da gauchada no sentido de que eles podem chegar, consultar, fazer, etc, mas claramente ele é mantido por mim. São R\$ 300 a 400 por mês que eu pago e que ninguém me ajuda”. Este valor não é obtido com a veiculação de publicidade ou com a venda de produtos relacionados ao site, tendo que ser arcado pessoalmente por Cohen, que declarou ter desistido de ganhar dinheiro com o projeto devido à dificuldade de captação de anunciantes.

Outra justificativa para o poder assumido sobre o funcionamento da página é o próprio trabalho contínuo de atualização e gerenciamento. O espaço da produção feita pelo gerenciador aparece dividido entre sua casa e a sede da empresa em que trabalha. No escritório de casa é onde guarda os livros em que pesquisa sobre cultura gaúcha, jornais e revistas. É lá onde trabalha principalmente nos sábados pela manhã – período dedicado integralmente à Página do Gaúcho, sobretudo para as atualizações periódicas.

⁵⁷ Manter o registro do domínio na Internet custa R\$ 30 anuais. Além disso, para hospedar o site em computadores permanentemente conectados à Internet, pertencentes à empresa Locasite, de São Paulo, Cohen paga R\$ 92 mensais. Arca ainda com um valor mensal variável de acordo com a quantidade de pessoas que visitam o site, que em média é de R\$ 200. Há também a despesa para manutenção de site secundário que armazena arquivos de grande tamanho da Página do Gaúcho que é de R\$ 52 mensais.



A foto do escritório na casa de Cohen foi divulgada no tópico do Galpão de Debates chamado “Cozinha da PG”

A moderação das seções Galpão de Debates e Mural de Recados, além das respostas aos e-mails recebidos, são feitas do escritório da empresa. Essas atividades chegam a ocupar duas horas diárias. As atualizações de conteúdo chegaram a ser mensais, mas desde 2003 apresentam uma periodicidade mais flexível, conforme a disposição de Cohen. Esta é uma peculiaridade do site por ser mantido por uma única pessoa que assumidamente toma para si a autoria e responsabilidade sobre o espaço: existe uma competição do tempo de produção com outras prioridades e iniciativas do gerenciador. Isso faz com que justifique o atraso para a atualização de conteúdo com compromissos em outras áreas. Apesar disso, é possível perceber que há um comprometimento com a produção com o objetivo declarado de romper com a falta de profissionalismo que caracteriza espaços semelhantes na Internet, mas a diferença está na maior flexibilidade quanto a prazos, determinados mais pela intenção em manter o número de acessos ao site e não desapontar a expectativa dos usuários.

A produção do site de responsabilidade de Cohen acontece, em um primeiro momento, através do recolhimento do material. O gerenciador mantém uma rotina de busca de informações em livros, outras páginas e materiais informativos de instituições, como o governo do estado do Rio Grande do Sul ou mesmo CTGs. A

mídia impressa e televisiva também é fonte da pesquisa. Há o envolvimento de seleção do conteúdo enviado por usuários e, por último, a atualização efetiva.

As atualizações diárias são feitas com as respostas dos e-mails e a moderação das seções em que há participação dos usuários. Nas atualizações periódicas, além dos conteúdos escolhidos como destaque, para estimular as visitas, é produzido e enviado um boletim para mais de dez mil usuários cadastrados, com as novidades e atualizações do site. Há ainda atualizações menos frequentes com o objetivo também de estimular o acesso ao site, como promoções, concursos, viagens, participação em eventos e resultados de pesquisas com temas relacionados ao conteúdo.

Como mantenedor, não apenas intelectual mas também financeiro, Cohen, na seleção das informações que merecem visibilidade no site, acaba delimitando aquilo que entende pelas raízes gaúchas, sempre em um enfoque bastante vinculado ao folclore e ao tradicionalismo. “A nossa condição de gaúchos”, como afirma, ganha esse caráter na página e a temática central apresentada é nomeada como “cultura gaúcha”, ainda que Cohen reconheça uma “apropriação indébita”: “a cultura gaúcha é bem mais do que isso mas a página é voltada pro regionalismo e pras tradições”. Assim, é difícil que assuntos ligados a outras manifestações da cultura produzida e vivida no estado ganhem espaço.

A preocupação em manter uma unidade nos assuntos é justificada por um desejo de distinção em relação a outros espaços destinados à cultura gaúcha na Internet. O objetivo é o mesmo quanto aos cuidados com a qualidade técnica e o conteúdo divulgado. Cohen propõe afastar-se de um amadorismo através do planejamento estratégico para a manutenção do site, ainda que muitas vezes os usos tenham dado outros contornos para as suas intenções quanto ao andamento da página.

A maioria dos projetos são pessoais como o meu. Mas a maioria é uma coisa muito amadora. O sujeito começa, copia daqui, copia dali... Aí o sujeito tem outras coisas pra fazer e o site vai ficando abandonado, fica vazio. Não há novidades pra te atrair novamente (COHEN).

Na seleção do conteúdo aparece também a preocupação em atender a, pelo menos, dois públicos. O primeiro aproxima-se do site pelos vínculos com o MTG, com a participação em CTGs, festivais, rodeios e outros eventos. O segundo público teria um interesse mais geral pela cultura gaúcha e sua identificação com o espaço seria marcada por uma vivência cotidiana ligada ao Rio Grande do Sul. Esse conhecimento sobre o público vem de uma aproximação entre a produção e os usuários possibilitada por características da Internet: o contato começa através do perfil preenchido no cadastro para o Galpão de Debates e intensifica-se nos e-mails trocados e, em alguns casos, com a aproximação pessoal. Entretanto, para além da constatação de características que aproximam esses usuários – um número limitado diante do total de visitantes que apenas circula pelas páginas sem deixar marcas –, há uma idéia criada pelo gerenciador sobre um ideal que une essas pessoas:

Existe assim um conceito do gaúcho, um estereótipo do gaúcho. O gaúcho é valente, corajoso, honra a palavra empenhada... É um estereótipo. Diferente de um estereótipo do baiano, que o pessoal acha que é mais largado, mais alegre, preguiçoso. Esse estereótipo traz essas pessoas pra cá. Pessoas interessadas em civilidade, palavra empenhada, essas coisas. (COHEN)

A construção desse público, imaginado numa aproximação ao ideário construído em torno do gaúcho, além de orientar as decisões de produção, justifica o esforço em manter o site. É por reunir pessoas que se aproximam desse gaúcho mitificado, ou, pelo menos, identificadas com ele, que vale despender horas para a manutenção da página. Numa comparação a outros espaços na Internet, Cohen atribui às aproximações dos usuários com a cultura gaúcha a responsabilidade pela consolidação de um ambiente que considera “saudável, cordial”.

No convívio e na troca com esses usuários – revelados nas atitudes tomadas diante das possibilidades de comunicação do site muito mais surpreendentes do que prevê a descrição imaginada por Cohen – é que se dão as relações responsáveis pelo dinamismo e consolidação da página como um espaço destinado à vivência da

identidade cultural gaúcha na Internet. Essas relações revelam-se já na complexificação da produção do site.

3.3.3 Relações entre produtor e usuários-produtores

Embora a página seja anunciada como um projeto pessoal constitui-se em um espaço marcado pelas relações estabelecidas entre os usuários, que acabam assumindo também o papel de produtores da Página do Gaúcho⁵⁸. A negociação e, muitas vezes, o embate entre o gerenciador e os usuários marca todo o processo de produção do site, caracterizado também pela participação direta dos internautas e pelo atendimento de demandas anunciadas ao gerenciador.

Mais do que assumir uma espécie de co-autoria pela possibilidade de decisão dos acessos a partir dos links oferecidos, como apontado como característica da modalidade de leitura facilitada pela Internet através do hipertexto (LANDOW, 1995), embora acredite-se que toda a leitura é uma construção particular, mesmo aquela de um texto linear, exigindo um certo grau de autoria relacionada às peculiaridades das competências de cada leitor, são enfatizadas aqui as possibilidades de participação dos usuários na própria construção do conteúdo.

Mesmo Roberto Cohen afirmando que para a atualização conte apenas com ele mesmo, pois, diferentemente do que acontece em sites de notícias e portais, a Página do Gaúcho seria mantida apenas pelo seu esforço, recebe a colaboração de usuários que enviam espontaneamente materiais como poesias, crônicas, artigos e fotos a serem publicados. As contribuições não são mais significativas devido a uma série de filtros criados pelo gerenciador, a quem cabem todas as decisões quanto o que pode ou não circular no site.

⁵⁸ Mesmo que, na falta de um substantivo melhor e para diferenciá-los da produção feita por Cohen, continuem sendo chamados de 'usuários' na pesquisa.

Numa justificativa aos critérios severos de seleção das participações no provimento de conteúdo, Cohen afirma que é preciso assegurar a qualidade ainda que parte do material recebido tenha que ser descartado. Assim, em sua concepção, as colaborações ajudam na manutenção do site mas não representam uma parcela muito grande daquilo que é publicado para evitar que a conseqüente redução de precisão ou dispersão de foco afaste possíveis novos usuários.

A preocupação com a qualidade é estendida a todas as seções. Por isso, Cohen permanece alerta às participações, numa tentativa de controlar a entrada de conteúdo e vetar o que considera impróprio, ofensivo ou distante da temática a que se propõe. Essa preocupação faz com que tudo passe por sua avaliação, sendo hierarquizado conforme o grau de aproximação com o enfoque imaginado adequado ao público que acessa o site. Assim, a inserção das contribuições é percebida em diferentes seções com mais ou menos visibilidade dentro da página, sendo presente a preocupação em manter o foco na cultura gaúcha, sempre com um cuidado muito rigoroso com o que Cohen denomina a “decência”. Palavrões, ofensas pessoais, opiniões consideradas desrespeitosas: tudo o que possa abalar o “bom nível do debate” é cortado.

Apesar dessas restrições, a contribuição é fundamental para a dinâmica, pois faz com que os usuários participem da produção, criando – diferentemente do que prevê o gerenciador por uma suposta diminuição de qualidade – mais motivação para acesso e vínculos com a página. O usuário se enxerga na Página do Gaúcho, ajuda a definir as informações acessadas por diferentes pessoas, constrói redirecionamentos na própria orientação do site que, inevitavelmente, ainda que sob restrições, precisa receber participações diversas para se manter próximo ao objetivo de reunir um público identificado com a cultura gaúcha, um público que, como agente dessa cultura e usuário das possibilidades de comunicação da Internet, não se limita a receber conteúdo mas exige também sua discussão e mesmo construção.

Como exemplo da necessidade de negociação entre os interesses do gerenciador e o desejo dos usuários em participar das lógicas da produção, no mês de novembro

de 2002, das nove seções atualizadas, cinco contaram com material enviado por pessoas que navegam no site. Foram pesquisas sobre o cancionero gaúcho, fotos de prendas e links para páginas de CTGs, além de fotografias com paisagens gaúchas usadas como papel de parede. Fotos de gaúchos pilchados em diferentes pontos turísticos do mundo renovaram a seção “Gaúcho Taura”, criada depois do repetido envio de imagens de usuários declarando orgulho à sua condição de gaúchos em viagens a lugares tão diversos quanto a Tailândia, o Japão ou a Austrália.

Como o que aconteceu com a seção Gaúcho Taura, a intervenção dos usuários na produção é percebida no atendimento de demandas surgidas nos usos do site. A maior participação era um dos pedidos mais freqüentes feitos através de e-mails. Então, para atender à exigência dos usuários e seduzir novos visitantes, Cohen acabou agregando outras possibilidades de comunicação ao site através do Galpão de Debates e do Mural de Recados. Essas negociações mostram uma participação dos usuários que ultrapassa o provimento de conteúdo e atinge a esfera da gestão das decisões.

Além de satisfazer os usuários, o atendimento dos pedidos facilita o trabalho da produção, pois os próprios freqüentadores do site ajudam a provê-lo, com atualizações muito mais dinâmicas e constantes do que as que vinham sendo feitas até então. Assim, com a possibilidade de inclusão das participações, a produção é pluralizada, fazendo pensar sobre uma das características apontadas para o ambiente das redes que tem modificado as formas de comunicação. Trata-se da sonhada liberação do pólo da emissão (LEMOS, 2002), observada através da prática em que muitos podem emitir para muitos, remodelando as formas de troca de informações na Internet, como o que acontece em weblogs e sites pessoais.

Mesmo que a emissão de um para muitos mantenha-se presente em sites de notícias e portais, em que, apesar da maior possibilidade de participação com o envio de e-mails e seleção personalizada de conteúdo, segue o formato de produção de uma equipe para um número elevado de usuários, a pluralização da produção estimula apropriações diversas da Internet, ampliando o acesso à esfera da produção.

Entretanto, à semelhança do que acontece em outros ambientes, o site é marcado pela assimetria das relações, pois não se trata de um espaço que estimula a participação igual de todos, apresentando graus diversos nas possibilidades de produção. O espaço é mantido por um gerenciador com poderes de liberar ou vetar a intervenção de usuários que revelam sua força no jogo de negociação estabelecido para que suas presenças sejam conservadas. Assim, um não existe sem o outro, mas, em última instância, cabe ao gerenciador a decisão de continuar o projeto.

Apesar dessa postura declarada, a necessidade de jogo com as apropriações dos usuários obriga que a produção torne-se coletiva, mesmo que a partir de entradas em diferentes níveis e com graus variados de poder assumido pelos participantes. Numa aproximação ao que acontece em alguns weblogs – mantidos por espécie de proprietários com as outras participações restritas a um espaço secundário (PRIMO; RECUERO, 2003) –, apesar da distinção, é a intervenção, o debate e o diálogo que alimentam a dinâmica do espaço.

A relação entre o gerenciador e os usuários é complexificada por questões técnicas e administrativas. Um exemplo é o que aconteceu com a lojinha virtual, disponível até a metade de 2003, também criada a partir de um uso que estava sendo feito do site. Gaúchos moradores de outros estados e países mandavam e-mails com encomendas. Sem conseguir atender pessoalmente aos pedidos, Cohen teve a idéia do ‘Bolicho’, fechado depois de três anos por problemas na logística de funcionamento e por não dar lucro. Mesmo que o objetivo de atender aos usuários tenha sido decisivo para a criação do espaço de consumo, a lógica de mercado acabou priorizada. Na fala de Cohen, era preciso atingir um equilíbrio entre o trabalho de operacionalização e a entrada de dinheiro.

O posicionamento que levou ao fim do Bolicho revela uma mudança nos rumos do site desde 2003, quando Cohen mostra um certo cansaço das atividades de produção: desiste de procurar anunciantes; abre mão de alguns planos traçados em 2002 que exigiriam a absorção de muito tempo, como a produção do site de

personalidades gaúchas; decide dividir o trabalho de moderação do Galpão de Debates, mantido até então com rigor segundo os seus critérios, com usuários mais antigos e respeitados entre os internautas cadastrados. O motivo principal, segundo Cohen, é a falta de tempo.

O crescimento do site, além de exigir mais horas no trabalho de gerenciamento, aumentou o sentimento de responsabilidade de Cohen. A idéia de preservação da memória e divulgação da cultura gaúcha em uma enciclopédia foi sendo ultrapassada e os usos da página foram multiplicando-se à medida em que o número de acessos crescia. Com a maior repercussão do site, o trabalho de ‘manter a ordem’ foi dificultado diante das apropriações diversas que os usuários passaram a manifestar. O Mural de Recados começou a receber bilhetinhos de amor e anúncios publicitários. O Galpão de Debates, em alguns momentos, tem a discussão substituída pela troca informal de mensagens pessoais entre seus participantes, amigos virtuais que acabam fazendo do espaço uma espécie de chat, um bate-papo sobre as coisas da vida, do trabalho, do cotidiano.

Na avaliação do gerenciador, com a ampliação dos usos e do reconhecimento, o site tomou uma dimensão inesperada, transformou-se no que considera uma espécie de instituição: “Pode não ser uma grande entidade, um organismo, mas ele realmente existe, é referenciado”. Neste processo, passou a enfrentar uma nova situação no planejamento da página devido às condições de produção e especificidades do ambiente da Internet. Em primeiro lugar, precisou rever o seu papel no gerenciamento do conteúdo e das participações, sendo obrigado a negociar seu poder com a divisão de tarefas entre usuários e atendimento de sugestões.

No atendimento aos pedidos dos usuários, é percebida uma intenção de aproximação e atração de mais visitantes. A postura revela um desejo de visibilidade, de conquista de espaço e reconhecimento, observado também na motivação para outras seções no site. Cohen criou espontaneamente (com autorização) os sites de personalidades ligadas à cultura gaúcha, como historiadores, músicos e poetas, e

ofereceu links na página, com o objetivo declarado de atrair mais visitantes e atender a pedidos de informações que constantemente recebia. Juntamente com o objetivo de democratizar o acesso a essas informações, está o desejo de tornar o site conhecido, rico em conteúdo, valorizado no meio cultural e também em outras mídias (através de matérias, entrevistas e indicações do site). Todas as referências à Página do Gaúcho em televisão, rádio, jornais, revistas ou outros sites ganham destaque na seção “Olha nós aí”, criada especialmente para divulgar o reconhecimento da página.

Com o crescimento, o site chega a uma situação paradoxal: ganha a desejada visibilidade, confere reconhecimento e, ao mesmo tempo, exige mais dedicação de tempo e responsabilização de seu gerenciador, que passa a investir mais recursos financeiros para a manutenção do espaço. Ainda que o objetivo anunciado do site não seja a busca de lucro, o desgaste com a necessidade de mais trabalho de gerenciamento faz com que o dinheiro gasto seja anunciado como um inconveniente. Além disso, ao contrário de o número elevado de acessos facilitar a conquista de anunciantes e conseqüentemente garantir a captação de dinheiro, traz um aumento de custos, pois é paga uma taxa mensal que varia conforme o tráfego de informações. Quanto mais pessoas visitam a página, mais é pago ao provedor.

O problema foi compartilhado com os usuários e alternativas foram propostas em um dos fóruns de discussão do site para reduzir os custos, já que o gerenciador não acredita na possibilidade de conseguir anunciantes ou patrocinadores que arquem com os cerca de 400 reais pagos mensalmente. Entre elas foi cogitada a possibilidade de tirar do ar o Galpão de Debates, por um período de dez dias por mês, mas a manifestação negativa dos usuários fez com que a medida fosse repensada. Até janeiro de 2004, nenhuma atitude tinha sido tomada.

Apesar do declarado desgaste no gerenciamento da página, o fascínio com o envolvimento dos usuários e a conseqüente visibilidade gerada com a expansão do site fazem com que Cohen mantenha o propósito de levar a diante o projeto. Nas

entrevistas, sempre deixou claro o desejo de manter o site, assumido como uma missão de divulgação da cultura gaúcha:

A Página do Gaúcho vai continuar mesmo que existam quatrocentos, quinhentos outros sites. Esses conteúdos vão ser periodicamente colocados na Internet porque tem gente que tá esperando mais cinco diagramas de laços de nó, querem saber mais tipos de dança. Tem muitos assuntos ainda pra serem discutidos. (COHEN)

Nesse jogo entre intenções, planejamentos e usos efetivos é que são definidos os direcionamentos da Página do Gaúcho. São as relações entre o gerenciador e os sujeitos que circulam pelo site que vão dando o contorno para o espaço, dentro de uma dinâmica que se percebe muito próxima das especificidades da Internet. Efetivamente há uma possibilidade maior de acesso à produção, porém limitada por questões que vão desde a competência para lidar com a mídia, passando pela disposição de tempo para as rotinas de atualização e de recursos financeiros para a manutenção dos domínios dos sites e investimentos para o aperfeiçoamento técnico (ainda que existam espaços gratuitos para a hospedagem de páginas e blogs). Isso faz com que a democratização da produção seja restringida pelas relações de poder, com a permanência da concentração da gestão das decisões e a facilidade de participação dos usuários muitas vezes apenas ligada ao provimento de conteúdo e não na interferência na estrutura e dinâmica da página, ainda que também essa gestão tenha que ser, em alguns casos, negociada.

3.4 Os sujeitos e suas trajetórias

Quem são os usuários, de que modo identificam-se como gaúchos, como essa identidade demanda apropriações da Internet e como é vivenciada a partir de usos da mídia são as perguntas-chave buscadas nas histórias de vida com os seis sujeitos

colaboradores da pesquisa. Através deles, de suas experiências, posturas, opiniões e trajetórias, busco enriquecer o universo analisado através de elementos somente visíveis no encontro e na escuta de suas falas.

A apresentação dos sujeitos fornece referências sobre seus cotidianos, seus mundos vividos, o que ajuda a compreender suas práticas, estratégias e posicionamentos. O relato é apresentado mas não se esgota aqui: a experiência dos seis entrevistados é retomada no próximo capítulo, a partir da discussão de suas vivências sob categorias de análise. Neste momento, os sujeitos são revelados, numa tentativa de preservar o seu direito à fala, sem subordiná-los a um julgamento, ainda que todo o texto seja construído inevitavelmente desde a minha própria lógica.

O que experimentei foi reconstruir suas trajetórias sem a preocupação com uma linearidade, mas principalmente levando em consideração os eixos temáticos eleitos como prioritários nas entrevistas, que, como já descrito, foram, além da trajetória pessoal, as relações com imigração, cotidianidade, meios de comunicação, acesso à Internet, usos da Página do Gaúcho e identidade. Assim, os usuários do site são apresentados, suas experiências de vida ganham visibilidade em uma mistura entre suas falas e minhas intervenções, sempre baseadas nos depoimentos.

Os textos partem de um olhar amplo sobre os relatos – motivado pelo objetivo geral da pesquisa de apontar relações entre usos sociais da Internet e a identidade cultural gaúcha (definidor daquilo que mereceu destaque e daquilo que poderia ser descartado) – e foram construídos depois de leituras minuciosas da transcrição de todas as falas. Ainda que o material escrito resultante das entrevistas tenha sido a base para o que é apresentado, toda a aproximação, a afinidade e envolvimento com cada um dos sujeitos são também responsáveis pela compreensão de suas histórias.

3.4.1 Gicele, a prenda do Nordeste

Lá ela é a magrela, altona, branca, de olhos claros. Difícil assim não se sentir meio diferente em Recife, ainda mais quando se defende costumes e se vive tradições de uma terra tão distante. Foi com apenas dois meses de vida que Gicele deixou Porto Alegre para morar com seus pais e dois irmãos mais velhos em Pernambuco. A partida, em 1984, motivada pela transferência do pai, reorganizou a vida de toda a família, que, mesmo depois de sua aposentadoria, decidiu continuar em Recife: os pais não pensam em voltar, habituados com o clima, as praias e os amigos nordestinos, e os irmãos têm sua vida estruturada, trabalham e estão casados.

Apenas em Gicele existe o desejo de viver novamente no sul. Enquanto cursa a faculdade de Turismo e Hotelaria, faz planos de voltar a morar no estado depois de formada, o que deve acontecer no final de 2004, mesmo tendo que se acostumar a viver longe da família. Isso se tiver oportunidades profissionais por aqui: “Não posso me prender. Mas do mesmo jeito que eu posso vir pra cá, posso ir pra qualquer outro lugar. Onde eu tiver oportunidade de trabalho eu vou”. O sucesso profissional aparece mesmo como prioridade para Gicele. De férias do curso, mata a saudade do Rio Grande do Sul em uma visita a parentes e amigos, e ainda aproveita para analisar o mercado de trabalho: “Estou indo atrás de alguma oportunidade pra que eu possa vir trabalhar com turismo aqui. Um emprego fixo que eu consiga me sustentar”.

Enquanto não volta a viver no Rio Grande do Sul, Gicele planeja as próximas férias e lembra das vezes em que contou os dias para chegar em Porto Alegre: “Meus irmãos vieram muito menos pra cá do que eu. Eles foram mais velhos pra lá, daí já começaram a namorar. E eu não, como era a menor acabei ficando com uma ligação muito maior com o Rio Grande do Sul do que eles. Era aquela coisa: pros meus avós me verem. Eu é que era a pequenininha, que tava crescendo. Acabei sempre vindo pra cá, pelo menos uma vez por ano. E sempre adorei passar as férias aqui”⁵⁹. Desse tempo da infância, Gicele lembra especialmente dos dias de brincadeira com os avós e da reunião da família nos almoços de domingo. “Eu sempre gostei muito de juntar a

⁵⁹ Pelos mesmos motivos explicados na história de vida de Roberto Cohen, optei aqui pela inclusão mesmo das citações longas no corpo do texto.

família toda... reunir um monte de gente em volta da mesa... É uma coisa que sempre marcava... aquela mesona, a família toda conversando, brincando...”.

Com 19 anos, Gicele ainda é a pequeninha da família. Enquanto está longe, a pressão para o seu regresso revela a preocupação dos pais com a possibilidade de sua mudança. Mas, pelo menos por enquanto, a saudade dos pais é breve, dura não mais do que pelos trinta dias em que viaja sozinha por ano. Já a saudade do Rio Grande do Sul tem acompanhado Gicele por toda a vida. É uma saudade que nem ela sabe bem explicar. Afinal, como pensar tanto em um lugar que se deixou recém nascida? Por que sentir falta se desde sempre ela fez amigos, cresceu, estudou, namorou e fez planos no Nordeste? “É meio louco”, ela admite.

“Quando eu venho pra cá eu não quero mais ir embora. Acho que é bom tudo. É bom passear... Por exemplo, no domingo passado que eu tava em Nova Petrópolis, na serra, com os meus tios... O frio também é bom. Lá não tem frio. Ah, eu não sei... É uma coisa que não tem como explicar. Simplesmente tu sente. Eu venho pra cá e me sinto muito bem. Eu gosto de lá, não tenho problema nenhum de viver lá. Tenho muitos amigos. Mas eu venho pra cá e parece que é tudo tão bom. As pessoas são diferentes... Lá eu posso dizer que a maioria dos meus amigos são gaúchos. Aqui as pessoas nos recepcionam muito bem. É muito bom estar aqui”.

Foram os amigos gaúchos os responsáveis por uma grande mudança em sua vida: apresentaram o CTG Rincão dos Guararás, de Recife, em 1997. O baile era com o Gaúcho da Fronteira e tinha até desconto para os correntistas do Banco do Rio Grande do Sul. Imperdível! O único problema era o desconhecimento total da diferença entre uma vanera e uma milonga⁶⁰. Tinha também a falta de vestido, mas isso se arrumava emprestado.

Do curso rápido sobre danças gaúchas com as vizinhas até a conquista do título de Primeira Prenda do Nordeste, o caminho não foi difícil para Gicele, que, desde

⁶⁰ Ritmos de músicas gaúchas.

então, dedica parte do seu dia à defesa e à divulgação da cultura tradicional gaúcha. “Eu comecei a conhecer as pessoas. Daí já participei da Semana Farroupilha e comecei a ir a todos os eventos. Em 99, eu já tinha vestido de prenda, a minha família toda já tava integrada. Aí veio a idéia do concurso de prenda. Fui atrás de livros, peguei material inclusive na Página do Gaúcho, que ali tem muitos textos, e comecei a estudar. Nessa época, eu já tava dançando um pouco melhor do que quando eu comecei e estudei um monte. Concorreu eu e uma outra guria e eu ganhei o concurso: primeira prenda do CTG. Daí o meu pai e a minha mãe já tavam dentro da patronagem, eu já tinha um monte de vestido... Cada vez fui me interessando mais. Passei quatro anos como prenda do CTG, mais tempo do que deveria. Não tinha ninguém que concorresse e eu fui reacclamada. E aí veio a idéia da UTGN⁶¹. Eu estudei mais e concorri no ano passado⁶² pra ser a primeira prenda do Nordeste, deixei de ser prenda só do CTG”.

Hoje, ela é conhecida como a ‘prenda do Nordeste’ entre os amigos, é respeitada entre os tradicionalistas mais velhos, desenvolve projetos para atrair jovens para os CTGs nordestinos e sonha em ver o gauchismo conquistando mais espaço onde mora: “Não consigo mais sair. Tô sempre em busca de conhecer, de aprender mais e fortalecer o movimento lá, o movimento fora do Rio Grande do Sul”. Em seu mandato, que vai até o final de 2004, Gicele viaja para os municípios em que há CTGs, participa de eventos, é jurada de concursos e coordena um grupo de danças.

O tradicionalismo gaúcho passou a ocupar um papel cada vez mais importante. Aquela falta sentida do Rio Grande do Sul, com o tempo, foi sendo substituída pelo trabalho com o movimento e o CTG passou a ser visto como um espaço de encontro, de amizade, de vivência de um sentimento: “O CTG pra mim hoje é a minha vida! Não consigo viver fora. Eu tenho uns amigos que falam: ‘Tá, mas o que tu faz sem ser CTG?’. É lá onde tenho meus amigos... Eu sinto muita falta. Eu saí daqui com

⁶¹ União Tradicionalista do Nordeste, entidade que reúne oito CTGs, divididos em seis estados, incluindo o Espírito Santo.

⁶² Em 2002.

dois meses de idade e senti muita falta das pessoas daqui. Eu vejo lá meus amigos num domingo... Tem toda aquela parte: ‘Ah, hoje vou almoçar na casa dos meus avós, com os meus primos, os meus tios, tudo...’. Juntar a família lá em casa é sempre meu pai, minha mãe, eu e meus dois irmãos. Meus irmãos já tão casados, tem raízes lá. Então no CTG eu vejo uma família, é onde eu constituí meus amigos e é uma forma de crescer na vida”.

Tanto envolvimento faz com que parte do dia de Gicele seja dedicada ao trabalho pelo CTG Rincão dos Guararás e pela UTGN. Mas a agenda cheia de viagens e eventos não faz com que ela abandone os dias de preguiça e a vida de estudante universitária que não gosta muito de estudar em casa. O tempo costuma ser dividido entre as aulas de manhã, as aulas de inglês e os ensaios da internada à tarde, além do trabalho no CTG. É assim que Gicele vai organizando seu dia, entre programas com o pessoal do CTG e com a turma do prédio ou da faculdade, que às vezes briga quando ela insiste em colocar um CD gauchesco nas reuniões em sua casa: “ah, não, Gicele! Música gaúcha, não. Bota outra coisa”, reclamam.

Com os pais, ela divide parte do dia e alguns programas. “Café da manhã é sempre junto, almoço nem sempre, janta nunca. Mas a gente conversa, a gente sai... CTG é um lugar que a gente sempre vai todo mundo junto”. Atividade exclusiva em casa é o uso do computador, que fica no quarto e tem seu funcionamento ignorado pelos outros moradores. Junto com o computador, comprado em 96, foi instalada a Internet, que passou a ser usada para os trabalhos e como facilitadora para o contato com parentes distantes e amigos. “A ligação telefônica é cara e tu quer ligar pra todo mundo. Daí tu conecta e manda e-mail pra toda a família. Aí tu fala com todo mundo de uma forma mais barata”.

Depois de um tempo de uso da Internet, Gicele passou a aliar suas possibilidades com o trabalho desenvolvido dentro do MTG. Hoje, ela coordena um grupo de e-mails de jovens ligados ao movimento no Nordeste, o Galera UTGN, ainda se comunica através de um grupo ligado ao departamento jovem do MTG,

gerencia o site do CTG em que participa (www.ctgrecife.hpg.com.br) e é colaboradora do site da UTGN (www.utgn.cjb.net). De linguagem HTML para a programação da página não sabe muito, mas se vira na manutenção e atualização de conteúdo. “O que eu aprendi foi ali online, com o meu irmão me ensinando pelo ICQ. A página tá bem simplezinha. Tô com vontade de dar uma pesquisada, dar uma olhada pra ver como é que faz pra fazer um design legal”.

Entre o tempo gasto com a Internet também está o que Gicele passa discutindo sobre cultura nos fóruns da Página do Gaúcho. Em 99, o site surgiu como fonte de pesquisa para os concursos de prenda e desde então os seus usos foram sendo ampliados. Em 2002, decidiu se cadastrar no Galpão de Debates, mas somente em janeiro de 2003 começou a participar, motivada pelo sucesso da minissérie A Casa das Sete Mulheres, da Rede Globo. “Dentro do Galpão de Debates da Página do Gaúcho é uma forma que eu tenho de ficar sabendo o que tá acontecendo por aqui, de ter contato com pessoas que tão aqui. Uma coisa é tu ler o jornal pra saber o que tá acontecendo, outra coisa é as pessoas te contarem. Eu tô sempre lendo, vejo o que tá dentro do meu conhecimento, têm coisas que não, aí eu só fico lendo pra saber”.

Além dos tópicos de discussão do Galpão de Debates, o conteúdo atualizado da Página do Gaúcho é o que merece mais destaque. “Essa parte de conteúdo, de material, de conteúdo tu encontra lá. E a parte de entrar em contato com pessoas que tão aqui, com pessoas que tão no Brasil inteiro, porque não tem pessoas só no Rio Grande do Sul, tu conversar e saber como é que tá acontecendo o movimento lá, em cada lugar. E debater assuntos polêmicos”.

Visitando sites com notícias sobre o Rio Grande do Sul e outros de cultura gaúcha, Gicele também se mantém informada sobre o que acontece na terra para onde pretende voltar. Mesmo falando sobre a beleza da diversidade, a riqueza étnica, o clima, a geografia e a história do estado, na memória, a imagem do Rio Grande do Sul que fica é sempre aquela exaltada nas músicas que ouve, defendida pelo movimento do qual faz parte. “Onde mais eu vou encontrar as paisagens em que tu vê

aquele campinho... ou então a serra, aquela mata que tu olha é verde de todas as cores... ou então a primavera que tem flores e mais flores... lá, por exemplo, não tem. Onde é que tu vai ver outra pessoa na beira de um fogo de chão, pilchada, tomando chimarrão... Não vai encontrar em outro lugar. E se tu perder isso, qual vai ser a graça? Qual vai ser a peculiaridade que vai ter aqui? Da nossa música, da nossa dança... se a gente mudar e não tiver mais o que era antes, o que a gente vai ter que vai poder dizer: ‘isso é nosso!’. Não pode perder. Isso a gente tem que manter”.

Desgarrada do pago⁶³, Gicele faz planos de começar uma carreira aqui, continuar o trabalho pelo tradicionalismo, casar e quem sabe ter filhos a quem possa ensinar a amar a cultura gaúcha. Enquanto segue a vida no Nordeste, que ninguém confunda essa prenda. “Ah, nordestina não. Nunca me chame de pernambucana! O pessoal diz: ‘Tu tá aqui desde os dois meses. Tu é mais pernambucana do que gaúcha’. Não. Eu sou gaúcha! Eu tenho orgulho de dizer”. Ter se criado em Recife tudo bem, mas o nascimento foi em Porto Alegre e disso ela não esquece nunca. “Eu falo que eu sou muito mais gaúcha do que muito gaúcho que nunca saiu do Rio Grande do Sul”. E quem se atreve a discordar? Até o pai que às vezes brinca ao chamá-la de ‘pernucha’, uma mistura de pernambucana com gaúcha, acaba sendo vencido pela determinação de Gicele. “Eu sou gaúcha e acabou!”.

E ser gaúcha é mais do que ter nascido no Rio Grande do Sul. É um estado de espírito. É o amor que sente pela terra em que nasceu. “Esses dias agora eu voltando de Santo Antônio da Patrulha com o meu tio e no carro tocou “Céu, sol sul, terra e cor”... que fala “onde tudo o que se planta cresce e o que mais floresce é o amor”... Eu ficava olhando, o tio dirigindo no carro, e eu olhando aquela paisagem toda diferentezinha, aquele clima de neblina, meio friozinho assim... Bah, tu pára: ‘Isso aqui é o Rio Grande do Sul. Essa aqui é a minha terra’. Uma coisa que lá não é. Tu viaja na estrada e só vê cana, cana, cana de açúcar e só. É diferente. Às vezes dá

⁶³ Como denominam-se no site os gaúchos que deixaram o RS. No vocabulário gauchesco, diz-se desgarrado para identificar um animal perdido, afastado da tropa. Numa analogia, desgarrado do pago é alguém que precisou deixar sua terra de origem, mudou-se do seu pago, seu lugar de nascimento (BOSSLE, 2003).

vontade de chorar... ‘Não, pára. Eu não vou chorar porque eu tô olhando a paisagem’. Mas são coisas que te emocionam. Por exemplo, o pôr-do-sol no Guaíba... Lindo! Perfeito! São coisas que te marcam”. De onde vem esse sentimento? “Sinceramente eu não sei. É uma coisa que tá em mim. Eu acho que nunca vou saber explicar porque esse amor tão grande. Só sei que tenho e acho muito bom sentir isso”.

3.4.2 Entre palheiros, Batman, Erico e poesias

“A minha visão de gaúcho é essa: o gaúcho não é o cara que usa bombacha. Aquela coisa que a gente fala... o gauchão que usa chapéu, tem um bigodão, fuma palheiro e que cospe no chão”. Ser gaúcho é muito mais do que isso para Leandro, esse forista da Página do Gaúcho de 28 anos, “apesar de em muitos momentos eu andar perto”. Principalmente quanto ao palheiro, preparado com esmero nos momentos de lazer – por “uma paxorra⁶⁴, uma balaca⁶⁵”, um pouco inspirada na imagem do avô. Enquanto desenrola o fumo, o instrutor de informática fala de outras paixões e de lembranças.

“Eu era o neto que visitava o vô. Quando eu tinha dezesseis, dezessete anos, o meu programa do final de semana era ir pra casa do vô e ficar lá com ele, ouvindo as histórias dele”. As preferidas eram sobre as pescarias, do tempo em que seu Januário morava em Alegrete, lugar que hoje serve de refúgio para Leandro pelo menos uma vez por ano. “É a minha apoteose, a melhor coisa que eu faço durante o ano é ir pra lá”. Longe de tudo, nessa terra conservada por um tio, sem telefone nem luz elétrica, distante uns setenta quilômetros da cidade, é que Leandro sente-se mais próximo de suas raízes. É onde busca energia para enfrentar o dia-a-dia da cidade grande e a luta para manter a casa e a família.

⁶⁴ Palavra usada no sentido de paixão, uma espécie de mania ou *hobby*.

⁶⁵ De acordo com Fischer (2000), balaca, palavra característica da linguagem falada em Porto Alegre, significa “onda, banca, conversa-mole, frescura”.

Família, aliás, é prioridade para o estudante de História, desde a época em que passava as tardes com o avô. “Eu era o neto que ia lá, ia na casa dele, ia jogar truco, ouvia as músicas dele e escutava as suas histórias. Bah, eu tinha uma ligação muito forte com o meu vô, muito forte”. Tão forte que no primeiro ano do Ensino Médio o personagem escolhido para a biografia proposta pela professora foi ele mesmo, seu Januário. Coisa do tempo em que Leandro nem conhecia computador. O trabalho foi datilografado numa velha máquina de escrever, mas feito no capricho, cheio de histórias de uma trajetória admirada por um neto que se emociona quando lembra da relutância em visitar o avô doente no hospital antes de sua morte há dois anos. “Não era medo de ver ele mal, mas a última lembrança dele era o que me preocupava. Não queria perder a imagem que eu conhecia, de quando eu ia na casa dele. Uma vez fomos pescar só nós dois... Então era essa a imagem que eu queria guardar, não dele na cama, mal. Só que, graças a Deus, a imagem boa foi a que ficou”.

A mesma imagem que aparece cada vez que Leandro lê seu trecho favorito de *O tempo e o vento*, de Erico Verissimo. Os livros ocupam lugar de destaque na prateleira da sala e na preferência do leitor – que não esconde o gosto pelos gaúchos, especialmente pelo que immortalizou a saga da família Terra Cambará. “O meu prazer de ler é Erico Verissimo. É o autor que eu mais me identifico. Se é bairrismo eu não sei”. O que importa é a emoção repetida em cada uma das vezes que leu a coleção.

A morte de Fandango, um capataz da estância de Licurgo Cambará, neto do capitão Rodrigo, é revivida com poesia. O velho, conhecido por sua alegria, muito feliz apesar da perda de todos os filhos na guerra, ganha o rosto do avô no imaginário de Leandro. “Apesar do Fandango ser muito diferente, o rosto que me faz lembrar o Fandango é o do meu vô. Mesmo antes dele morrer eu lia o livro e me emocionava da mesma forma. É aquela imagem que traz alguma lembrança que tá guardada”

Com essa lembrança, a passagem vai sendo reconstruída nas palavras de Leandro: “Fandango repetia que no dia que morresse queria que tivesse um grande baile... não seria velado com tristeza, mas num grande baile e que tivessem várias

mulheres ali... Eu vou me emocionar contando, não tem nem dúvida disso... Mas aí conta que numa tarde, não tinha quase ninguém na estância, e ele se escorou assim num moirão e o velho passou triste aquele dia inteiro, mais triste do que quando soube que os filhos tinham morrido. Na frente – engraçado porque lembra muito esse lugar que eu vou em Alegrete –, ele saiu do galpão, tinha um alambrado e ele se escorou no moirão e ficou olhando o horizonte. Daqui a pouco, o velhinho tava ali escorado e caiu. Erico colocou que ele não morreu, ele foi uma vela que o vento apagou. Não foi o fogo que foi morrendo aos pouquinhos, ele foi uma vela que tava acesa e o vento apagou”.

Por que essa identificação, com um trecho tão triste de um livro cheio de aventuras heróicas? “Não sei se é por causa dessa ligação com a raiz, mas é uma coisa que me marca”. Tanto que a busca da raiz, a preservação dos laços de sangue, vão definir uma das principais características de Leandro: parente nenhum fica na mão. “Eu posso ter um pessoa que eu não gosto da minha família, que eu não me relacione tão bem, mas se precisar eu tenho certeza que eu não vou saber dar as costas porque na minha cabeça eu acho que se eu precisar fariam o mesmo por mim. Eu tenho muita relação com esse negócio da raiz e do sangue. Então eu gosto de ir pra Alegrete. Pô, eu poderia ir pra praia ou pra milhares de amizades que têm chácara, mas o meu lugar onde eu me sinto bem é lá, naquele mesmo lugar onde o meu avô se criou”.

Hoje a família de Leandro está toda na região metropolitana de Porto Alegre, com exceção desse tio de Alegrete. Seus três irmãos e os pais moram em Sapucaia do Sul, onde Leandro nasceu e passou a infância. Visita às casas, ele não faz muitas. Só à da mãe, que é quase um compromisso. Os irmãos, encontra nos aniversários e em outras comemorações. “É uma relação de sangue e não de proximidade”. Diferente da relação com a família da mulher, Fabi. A sogra, uma professora do Ensino Fundamental, mora com os dois filhos mais novos em uma casa nos fundos do pátio, e a vida vai sendo compartilhada entre todos, inclusive com os vizinhos e amigos, que estão sempre por perto – nos finais de semana a casa passa cheia.

Durante a semana, Leandro se divide entre o trabalho em uma escola particular de Porto Alegre, em que coordenada o laboratório de informática, e as aulas à noite no curso de História em uma universidade de Canoas. Mesmo assim, ainda arruma tempo para outros projetos, como os álbuns fotográficos em DVD que produz sob encomenda em casa.

A informática surgiu meio sem querer, em 1994. “Foi por acidente. Eu servia no quartel de artilharia aqui em São Leopoldo e abriu a possibilidade, depois de um ano e meio que eu tava ali, de ir pro centro de informática do Exército em Porto Alegre. Eu não sabia nada. Nunca tinha sentado na frente de um computador. Aí surgiu a possibilidade de fazer um curso pra servir como digitador. Todo o material que tinha de recrutamento, de inscrição, ia pra lá. Eram seis horas por dia digitando sem parar. Daí eu comecei a fazer cursos de informática, integrante do Exército mesmo. Do Exército saí pra trabalhar em uma empresa de cursos de computação. Trabalhei como auxiliar do laboratório de informática da empresa e hoje como coordenador do laboratório de informática do instituto em Porto Alegre. Não fosse a possibilidade do Exército, hoje eu tava trabalhando como vigilante porque eu não tinha conhecimento nenhum, mas aí abriu esse caminho pra mim”.

O acesso à Internet é feito somente no trabalho, desde que o modem de casa queimou. Melhor assim, evita as madrugadas na frente do computador em sites como a Página do Gaúcho. “Virou um vício. Só o fato de conversar com gente diferente é bom”. Para conseguir a façanha de ser o recordista em postagem de mensagens no Galpão de Debates – comemorou a milésima participação em julho de 2003 – ele tem uma estratégia: “Quando sai uma turma do laboratório, eu tenho que salvar os trabalhos, fechar, abrir os da próxima turma, pra esperar. Depois de arrumar isso aí às vezes sobra um intervalo de um minuto. Nesse um minuto é o tempo que eu tenho pra ler e responder. Eu faço isso o dia inteiro”.

Antes de virar uma paixão, o site era usado para a consulta sobre cultura gaúcha, principalmente em pesquisas exigidas para a preparação das aulas do grupo

de dança que Leandro e Fabi ensaiavam, quando ainda integravam o Movimento Tradicionalista Gaúcho. “Eu nasci no meio. O meu pai é declamador. Eu nasci e já comecei a participar do Movimento Tradicionalista, dentro do CTG”. Mas a vivência não faz de Leandro um defensor radical das regras de funcionamento da entidade.

Hoje é com severas críticas que ele se refere ao movimento do qual já fez parte. “O MTG virou uma entidade comercialista. Ele não pode ser colocado como um retrato teórico do que é ser gaúcho. De jeito nenhum”. Pior só a falta de preocupação com a cultura dentro dos CTGs. “O departamento cultural da maioria dos CTGs não serve pra nada”. E mais, para Leandro o MTG acabou assumindo o papel de um mero inventor de regras para avaliação de concursos.

Essas opiniões fizeram com que criasse inimizades dentro do CTG, responsáveis por seu afastamento. “Eu e a Fabi somos tradicionalistas, mas não somos filiados ao MTG”. Hoje o tradicionalismo é vivido de uma maneira diferente: “A gente joga truco, toma chimarrão com os amigos, eu fumo o palheiro, sentamos pra conversar sobre música gaúcha, a gente ouve bastante música gaúcha. Vamos a baile porque é o tipo de atividade que a gente gosta mais, assim como a gente poderia ir num show de reggae. Até em baile a gente vai pouco. O nosso tradicionalismo tá mais resumido a convidar os amigos pra tomar um chimarrão do que ir num CTG”.

Os bailes ficaram mais na lembrança dos tempos em que Fabi e Leandro começaram o namoro, quando tinham uns dezesseis anos. Eles se conheceram em um CTG e depois ela, primeira-prenda, foi fazer aulas de declamação com o pai de Leandro, em Sapucaia. O casamento tem quatro anos, por enquanto sem filhos – até que o casal atinja algumas metas, como terminar a faculdade e comprar um carro.

O mais novo projeto de Leandro é uma Confraria de Declamadores, organizada a partir de idéias surgidas nas discussões da Página do Gaúcho. Em julho de 2003, cerca de vinte pessoas de diferentes cidades do estado e até de outras regiões do país reuniram-se em Esteio para o evento promovido pelo usuário do site com o objetivo de resgatar a arte da declamação. Nas três noites anteriores, Leandro nem dormiu

direito pensando na responsabilidade de ensinar uma arte aprendida com seu pai e vivida no dia-a-dia de concursos e apresentações pelo Rio Grande do Sul. Missão cumprida com sucesso, um site já foi criado para reunir declamadores do Brasil⁶⁶ e divulgar a idéia. Leandro e Fabi trabalham para promover outros cursos e ainda organizam um CD reunindo convidados com declamações gravadas em uma apresentação organizada por eles.

O gosto de Leandro pela Página do Gaúcho também fez com que organizasse o primeiro encontro de foristas em sua casa, em março de 2003, e, depois disso, Fabi também foi rendida à sedução do debate nos fóruns. Hoje os dois falam sobre os outros usuários, compartilham opiniões e encontram os amigos que assumiram papel de destaque na vida fora da tela do computador.

No site, Leandro é respeitado por seus posicionamentos. A vivência de tantos anos dentro do MTG deixa marcas de autoridade quando fala sobre assuntos da cultura tradicional gaúcha. Isso acaba gerando uma certa imagem de gauchão, mesmo que negada pelo instrutor de informática. “É uma coisa engraçada porque tem muita gente que fala, na própria Página do Gaúcho: ‘O que tu faz e tal?’. Eu digo que trabalho num laboratório de informática e tem gente que acha estranho: um tradicionalista que lida com informática, que é uma coisa moderna. Já várias vezes as pessoas disseram. Muita gente tem na cabeça que o gaúcho é o cara que lida com o cavalo. Se tu é tradicionalista, se tu frequenta CTG, então tu tem que ser um cara que anda a cavalo, que anda pilchado o dia todo. ‘Como é que tu vai trabalhar com computador se tu anda pilchado? Não te atrapalha?’”. A curiosidade chega a ser entendida como ofensa: “Ah, como ele é gaúcho! Na casa dele só tem CD de música gaúcha, ele só ouve música gaúcha...”, especula sobre a sua impressão causada entre outros frequentadores da página.

Leandro divide seu tempo livre entre o cinema, as revistas que assina, os filmes assistidos no DVD, a literatura e outros pequenos prazeres, como colecionar histórias

⁶⁶ www.declamadores.kit.net

em quadrinho de um herói sem super poderes, bastante humano e sombrio. “Se me perguntam ‘ah, tu coleciona CD do Luiz Marengo, poesia do Jaime Caetano Braun?’ . Não, eu coleciono quadrinhos do Batman. Tenho a maior coleção de quadrinhos do Batman do RS, talvez até do Brasil. Se eu fosse vender hoje dificilmente alguém teria dinheiro pra pagar o que vale”. Como nem pensa em se desfazer das revistas, algumas com mais de trinta anos, Leandro as mantém embaladas em caixas de papelão colocadas debaixo da cama.

Distante do gaúcho, às vezes meio confundido com ele, Leandro chega a misturar as suas características às desse ser – um pouco mito, também ele. “O gaúcho é cabeçudo. Se o gaúcho acha que uma laranja é um abacate, por mais que tu explique que aquilo é uma laranja, ele vai morrer dizendo que é abacate. É a teimosia, o gaúcho é teimoso... Então eu me esforço muito pra não fazer isso. Mas é assim, só convivendo com as pessoas a gente vai assimilando”.

O teimoso Leandro se diz também orgulhoso, bairrista. “A gente tenta, a gente faz curso superior, a gente tenta ter a cabeça mais evoluída, mas isso é uma coisa inerente ao gaúcho. Nasceu e vai morrer com ele”. Afinal, impossível se vestir de gaúcho no baile ou na Semana Farroupilha. “O gaúcho não tem um momento. Se eu tô ouvindo um CD do Sepultura ou se eu tô ouvindo o CD do Mano Lima é o gaúcho Leandro que tá ouvindo. Não existe um momento em que eu sou menos gaúcho”.

3.4.3 Meio gaúcho, meio alemão, um pouco paulista, muito brasileiro

Udo chega a tentar se imaginar morando por muito tempo em uma mesma cidade, mas depois de 29 anos, as adaptações a lugares diferentes já fazem parte de sua vida. “Talvez seja uma sina que eu tenha que me mudar, mas acredito que estou no mundo pra conhecer o máximo de coisas. Se isso me gera transtorno, acredito que seja para o bem. Não é por menos que me sinto às vezes artista”. Um artista que gosta

de música, literatura, cinema, cursa faculdade e cuida do jardim da casa da namorada quando não está conversando com amigos pela Internet na Alemanha, país de onde partiu seu pai no começo da década de 50 – as andanças começaram antes mesmo de seu nascimento.

“Infeliz com a perda dos bens na Silésia, meu pai decidiu tentar uma vida em terra nova, como muitos outros alemães. Fora soldado durante a guerra e também deve ter tido que ver e fazer coisas muito ruins”. Escolheu o Brasil, onde tentou fazer carreira na construção civil. “No começo tinha emprego garantido numa associação católica, mas parece que ele ganhava mal e daí tentou trabalhar com brasileiros. Eles notaram que ele não era pedreiro nem nada, imagino...”. O casamento com uma descendente de imigrantes austríacos aconteceu um tempo depois. “Eles se conheceram, lá pelos anos 50, creio que em São Paulo, num clube católico alemão. Minha mãe é de Treze Tílias, em Santa Catarina, mas na verdade, quando ela nasceu nada havia da cidade por lá. Nasceu antes que os imigrantes tivessem vindo...”.

De São Paulo, a família decidiu mudar-se para o Rio Grande do Sul, em busca de novas oportunidades. Udo, o penúltimo dos seis filhos, nasceu em Porto Alegre, em 1974, onde viveu até os sete anos, quando seus pais resolveram voltar a morar em São Paulo. Na capital gaúcha, chegou a cursar a primeira série antes da mudança. “Na época, eu vi isso como uma maldição. Eu acho que meu pai não gostava muito de Porto Alegre, acabou escolhendo São Paulo como sua cidade predileta. Sendo que na verdade ele passava por sérias crises e vivia se sentindo desiludido, não se sentia em nenhum lugar em casa. Pelo que eu acho, ele via mais chances para os seus filhos por lá. Mas se houve outros motivos, sei lá. Na época eu ainda era muito pequeno”.

As lembranças do tempo em que viveu na capital gaúcha são cheias de fantasia: “enchente, temporal levando parte do telhado, minuano, dias de neblina, dias de verão... Acordar de madrugada pra ir pra praia... Coisas que criança pensa e vê... Eu senti muita falta da vida no sul e de minha irmã que ficou por lá... daquela casa cheia de gente...”. Toda a saudade fez com que os primeiros dias em São Paulo fossem

difíceis. “Pra mim foi um horror estudar em São Paulo. Foi a mudança... mexeu muito comigo. Não sei, foi meio complicado me acostumar... mas deu”.

Foram treze anos vividos na capital paulista, tempo suficiente para Udo aprender a gostar da cidade. Chegou a começar a faculdade de Comércio Exterior, quando uma nova mudança foi anunciada – um pouco maior dessa vez e agora por vontade própria, mesmo que motivada por um incentivo dos pais e irmãos. “Eu tinha 20 anos já. Acho que o sentimento que eu tive foi de aventura mesmo. Pura aventura. E vontade de conhecer. Nem vim mesmo pra estudar”.

Também não deixou o Brasil rumo à Alemanha apenas para passear. “Vim sabendo que talvez ficaria. Minha irmã e meu pai fizeram minha cabeça pra vir, mas eu estava com os meus planos doidos”. Primeiro morou em Offenbach, perto de Frankfurt. Com a chegada dos pais, que resolveram acompanhar os filhos na Alemanha, mudaram-se para uma cidade ao redor. “Eles moravam todos na mesma casa comigo e com mais dois irmãos meus aqui”. Nessa época, Udo sabia falar alemão, mas não o suficiente para a exigência da universidade. “Demorou até começar a estudar porque tive de fazer curso de alemão e provas de língua. Em Frankfurt era mais difícil do que em outras universidades”. Foram alguns meses de esforço para dominar a língua, apesar da ajuda do alemão quebrado que falava em sua casa no Brasil. “Ouvia mais do que falava...”.

Desde 1997, Udo mora em Jena, na região da Turíngia, onde divide o apartamento com a namorada e estuda Administração aplicada à Engenharia. Está especializando-se em tecnologia da comunicação e marketing internacional e, com a proximidade da conclusão, o mercado de trabalho na Alemanha já o preocupa. “A situação aqui não é das mais reconfortantes. Depois dos estudos, queremos discutir sobre onde podemos morar. Seria chato mudar... Mas a região está meio parada, todas as firmas estão deixando de contratar empregados”.

Mesmo que uma nova alteração de endereço se imponha, Udo não pretende incluir o Brasil em suas possibilidades, apesar das diferenças sentidas na vida na

Alemanha e de algumas dificuldades que persistem apesar do tempo passado e de sua cidadania alemã. “Poderia fazer uma lista enorme de coisas. O que não demora muito pra se notar é que as pessoas têm outro jeito. A principal dificuldade é de realmente achar amigos. Eu tive amigos, mas muitas vezes as pessoas têm outras frequências, falam de outras coisas... a conversa toma às vezes uma sensação de estranhamento, às vezes eles se interessam por demais pela minha vida, fazem perguntas cordialmente, geralmente sempre as mesmas perguntas... Não é como no Brasil...”.

Os pais de Udo voltaram para o Rio Grande do Sul. Moram em Canoas, na região metropolitana de Porto Alegre. O irmão mais novo também voltou para cuidar dos pais que enfrentavam problemas de saúde. Hoje, há um irmão e uma irmã vivendo na Alemanha e os outros quatro estão no Brasil – todos com uma trajetória cheia de idas e vindas. “Eu me dou mais ou menos bem com todos. Não creio que seja uma família unida, mas também não brigamos”. Com pais, o relacionamento também é sem problemas, “mas meu pai está tão doente que nem teria como eu poder me dar mal com ele, e com a minha mãe é normal”. O relacionamento distante é também motivado pelo afastamento. “Bem que eu gostaria de visitar eles, mas é muito caro. Eu vou só quando é férias e quando consigo juntar a grana, que não sou sinhozinho não...”.

Vivendo na Alemanha, Udo tem orgulho em anunciar sua origem. Embora muitas vezes sinta dificuldade em se definir, há uma frase feita que salta na hora em que lhe perguntam de onde veio. “Digo que sou brasileiro nascido no sul do país”. Difícil é considerar-se um gaúcho, pelo menos não um ‘gaúcho de verdade’, aqueles como seus amigos do site de Roberto Cohen. “É só uma carta que tiro da manga pra dizer de onde sou. Pela minha frase já dá pra se ver que não me sinto muito gaúcho...”. E por que não se sentir gaúcho tendo nascido no estado, mantendo o interesse pelos acontecimentos e cultura daqui, cultivando costumes que tradicionalmente o identificariam, como o hábito do chimarrão? “Por um lado parece que ser gaúcho tem mais a ver com aparências, na opinião de algumas pessoas, e por

outro lado, me sinto meio paulista. Sem esquecer ainda que sou filho direto de alemão e austríaca nascida em Santa Catarina”. Uma mistura!

A mistura é interessante para Udo. Em suas andanças pela Alemanha nunca percebeu nenhum constrangimento por ser estrangeiro. Chegam mesmo a se surpreender quando apresenta-se como brasileiro: “Geralmente as pessoas se espantam por eu parecer e ser alemão”. Alemão? Não era brasileiro, rio-grandense? “Me considero em parte sim, mas não me inquieta muito que eu não seja nem um nem outro. Me considero mesmo essa mistura”. Uma mistura um tanto brasileira, Udo arriscaria dizer, “pois gaúcho descendente de alemão ainda é brasileiro!”.

O orgulho que não se esconde aparece não apenas quando a seleção brasileira de futebol entra em campo. “Sinto um certo orgulho de saber mais de uma língua e da literatura brasileira. Sinto orgulho de coisas que realmente não são conhecidas aqui. Por exemplo, da indústria de aviões e de algumas outras coisas tecnológicas, como plataformas oceânicas de petróleo, álcool como combustível, aeronáutica... e diversas coisas que nem sei. Tenho orgulho da garra dos brasileiros. Do bom trabalho em algumas coisas, que realmente, infelizmente não são conhecidas aqui. Incomoda aquela coisa de todo o brasileiro ser jogador de futebol ou prostituta, que passa pela cabeça de alguns inúteis”. Mesmo que anunciado em tom de brincadeira, incomoda também a ignorância sobre sua terra: “Os alemães desconhecem a existência de gaúchos no Brasil e o Brasil pra eles é uma selva com uma capital muito violenta: o Rio de Janeiro”.

Do Rio Grande do Sul não chega a sentir exatamente orgulho, apenas uma saudade. “Sinto felicidade quando sinto essa saudade, gosto de relembrar minha infância com carinho. Sinto-me gaúcho em lembranças... Pode parecer estranho, mas é assim. Não existe uma querência, como dizem os gaúchos, há uma lembrança, por parte apenas imaginada mesmo: terrúnea, sincera, poética... Ela é inalcançável, mas sempre guardada na memória”.

Com essa mistura de sentimentos, ser mais brasileiro do que gaúcho não chega a ser uma questão. “No sentido que eu penso o gaúcho não vejo muitas diferenças. Tem até muitas coisas em comum, não entendo que sejam pessoas muito diferentes das do resto do Brasil”. Difícil mesmo definir o gaúcho: “a minha visão é mais introspectiva. Sinto que tenho um certo jeito que peguei de lá. É diferente do pessoal de São Paulo... mas sobre os fatores externos, não compartilho de quase nenhum costume gaúcho... só o mate mesmo, cada vez mais raramente”. Esse certo jeito de ser, atribuído talvez à educação de casa ou mesmo a suas características pessoais, passa pela introspecção, falta de ginga, também sinceridade e fidelidade.

Foi esse jeito pouco extrovertido que aproximou Udo da Internet. “Comecei quando era estudante em Frankfurt e ficava até altas horas usando o browser e o IRC, que é um programa de chat. Naquela época viquei em IRC!”. Durante as madrugadas passadas na frente do computador, Udo encontrou sua namorada – que saiu do virtual e veio ocupar um espaço importante em sua vida. De repente, o vício foi perdendo força, mesmo que ele passe grande parte de seu dia conectado. “Se deixasse, eu dormiria virtualmente... Mas bem que eu consigo passar um dia sem Internet”.

Através da rede conheceu várias pessoas. “Muitas nunca vi, outras já vi e não vejo nem falo mais. Com algumas falo ainda hoje e com outras ainda falarei. Com a Internet conheci mais pessoas e creio que as pessoas que conheci pela Internet também foram bem diferentes daquelas que eu conheci ‘normalmente’. Enfim, a Internet me abriu pro mundo. Sem ela eu teria um leque bem mais fechado de amizades”. Ainda através da rede consegue sentir-se mais perto do país em que nasceu. “Eu falo com meus irmãos, com amigos brasileiros na Alemanha... Tenho contato forte com o Brasil via e-mail, via ICQ e MSN Messenger. Vivo mais no Brasil certos dias”.

O sujeito pouco comunicativo é capaz de ficar horas teclando em um chat sobre algum poeta brasileiro ou no ICQ com algum conhecido da Página do Gaúcho, site que encontrou há alguns anos e em que acabou ficando. É figura importante e querida

por lá: todos falam e bem desse companheiro de discussão. Com Roberto Cohen, trocou uns dois ou três e-mails, mas mantém a frequência no site ainda que não concorde com muitas posturas assumidas ali, principalmente aquelas que defendem o que considera uma ‘exteriorização vazia do gaúcho’. “Tem um monte de coisa como me sinto e também algumas coisas com as quais não me identifico hoje de forma alguma. Certas coisas estúpidas, opiniões medíocres, de cunho político e outras coisas que beiram o desrespeito. Mas acho que achei muitas coisas boas, inclusive amigos que conheci ali”.

As motivações para usar o site são enumeradas com facilidade por Udo. “Primeiro, gostei do jeito de escrever de Cohen, o design da página é legal, gosto do jeito como o conteúdo é exposto e com o fórum ficou mais legal ainda”. Além de tudo isso, “antes eu sentia muita vontade de descobrir coisas do sul do Brasil. Gostava de me reconhecer em certas coisas, memórias... Aquela coisa da terra mesmo. Uma saudade”. E é essa saudade que ainda hoje, quando o interesse pelos assuntos que circulam no site já não é o mesmo, faz com que Udo não consiga deixar de fazer parte daquele espaço, sempre com intervenções ponderadas e bem humoradas.

O colorado que acompanha o time em portais de notícias e rádios online não chega a se considerar um desgarrado do pago, no máximo um “desgarrado do pátio da casa de Porto Alegre”. Guarda uma parte do seu tempo conectado para encontrar músicas de compositores gaúchos, principalmente daqueles que falam das ‘coisas da capital’, como Vitor Ramil e Kleiton e Kledir, além de muita música popular brasileira e alguma coisa dos músicos regionalistas Renato Borghetti e Luiz Marengo. Sem contar o hino do time do coração, o Internacional.

Na seção ‘Assuntos relacionados a mim’, de sua homepage, Porto Alegre aparece ao lado de Jena, através de webcams que revelam suas paisagens. O Rio Grande do Sul e o Brasil ficam mais perto graças aos links a jornais locais e a sites

sobre música. É através dessas possibilidades da Internet que esse brasileiro alemão com sentimento gaúcho vai matando a saudade.

3.4.4 De respeitado arqueólogo a webdesigner *gaucho*

Estudante de História, em Porto Alegre, Scavove ocupa parte de seu tempo com o resgate do passado, sobretudo do Rio Grande do Sul. Desde que entrou na faculdade, chamou a atenção a história de luta de seus antepassados e, graças ao ingresso em um grupo de estudos de um professor, chegou até a arqueologia. Hoje integra uma equipe de estudos arqueológicos, em que realiza pesquisas em estâncias gaúchas, buscando vestígios dos acampamentos usados na Revolução Farroupilha.

Este deve ser o tema de seu mestrado – projeto que começa a ser pensado ainda que falte pouco mais de um ano para a formatura. Ele quer mesmo é dedicar-se à pesquisa e quem sabe dar aulas em uma universidade, mas, por enquanto, o que lhe garante o sustento é uma outra profissão, um pouco diferente da que vem construindo pelo estudo. “Eu digo que é um bico, mas é a minha verdadeira profissão agora”. Trabalha como webdesigner em uma outra universidade, em Porto Alegre, onde é um dos responsáveis pela atualização e manutenção do site. O conhecimento de informática vem do tempo em que trabalhava na área gráfica, quando fazia o Ensino Médio profissionalizante. Antes mesmo de se formar técnico em publicidade, em 2000, já exercia alguns trabalhos na área.

Quando ainda não tinha entrado na faculdade também dedicava-se a uma outra atividade, iniciada em 99, nos tempos do colégio. Integrava um grupo que organizava cursos sobre história em quadrinhos e por dois anos e meio ensinou a arte de dar vida a personagens super heróis e humanos em enredos cheios de aventura. “A gente também fazia muito fanzine, mas é uma coisa que exige tempo. Como tive que dar um gás por causa da arqueologia, tive que parar”.

Foi no segundo semestre do curso de História que surgiu a arqueologia. “Faço um ramo meio desgarrado da história, mas é um ramo que me interessa. Nós escavamos a casa do general Bento Gonçalves, em Camaquã. A famosa “casa das sete mulheres” que tão gravando agora⁶⁷. Na verdade estamos escavando ainda, a pesquisa faz parte do doutorado do meu professor. Vamos voltar agora em janeiro. O interessante é que juntamente com isso aí, tá o meu interesse com a história do Rio Grande do Sul. Eu vou trabalhar a arqueologia do Rio Grande do Sul”.

Os planos do mestrado e o gosto pela história entusiasmam o jovem pesquisador e misturam-se com o envolvimento com as coisas do estado. “Desde que eu me conheço por piá⁶⁸, tô com um livro de história na mão. O Rio Grande do Sul é uma coisa meio a parte até porque eu não tinha o contato... Tomava chimarrão, claro, mas não tinha uma relação muito ligada, vamos dizer assim. Mas a partir dessas pesquisas que eu fiz e com as escavações, com o contato maior com a história do estado, eu fui me interessando. Hoje em dia, eu uso bombacha todo o fim de semana. Só não posso usar sempre porque é meio incômodo, mas eu uso”.

Outro grande impulso para a ligação com o gauchismo foi a namorada, natural de São Borja e freqüentadora de CTGs desde criança. “Eu tomava chimarrão, mas nem tanto e comecei a tomar mais com ela”. Mas Ju nunca conseguiu convencer esse crítico do Movimento Tradicionalista Gaúcho a ir a um baile de CTG: não suporta aquelas “dancinhas bobas inspiradas na colonização açoriana”. Está certo que até acredite no valor do MTG para a preservação “daquela cultura rala, aquela cultura de galpão”, mas daí a impor regras? “Acho impossível tu regrar uma cultura e o que o MTG faz é isso. Por exemplo, eu fui comprar uma bota especial que tem uma amarra de couro, uma costura de couro. Só que quase nenhuma loja vende. Os artesãos não fabricam porque o MTG proibiu nas apresentações. Como é que tu proíbe uma coisa?

⁶⁷ Depoimento realizado em novembro de 2002, quando a minissérie A Casa das Sete Mulheres, da Rede Globo, estava sendo gravada no Rio Grande do Sul.

⁶⁸ O mesmo que guri, menino.

Acaba se tornando uma coisa comercial. Como é que tu vai regrad a cultura? A cultura gaúcha não se criou com regras”.

Para Scavone, a cultura gaúcha está em sua raiz platina, e é a discussão dessa origem que motivou a participação no Galpão de Debates da Página do Gaúcho, mesmo algum tempo depois de visitar regularmente o site. “Eu já conhecia de ferramentas de busca, ia lá pegar papel de parede... Na época, a página era bem pequena. Não era grande como tá agora, não tinha muita coisa. Eu achava uma página bem feia e tinha informações desatualizadas. Depois o fórum eu também já tinha visto mas nunca me motivado a participar. Até que um dia eu vi um tema – acho que era sobre a questão da identidade do gaúcho – que me inquietou bastante. ‘Ah, vou ter que discutir isso aí. Não posso deixar passar em branco’. Daí eu me inscrevi lá. Não era nem inscrito nesse fórum e comecei a sugerir temas. Daí tu toma, apanha, bate, mas eu acho que é uma forma de integração legal”.

Com a autoridade de pesquisador em história e arqueólogo, como indicava em seu cadastro no Galpão de Debates, era persistente e enfático em defender suas posições, sempre com muita polidez e respeito aos participantes. Chegou a conhecer algumas pessoas através de suas intervenções no site. “O Witkowski de Cachoeirinha tinha lido uma mensagem minha sobre a origem do gaúcho e pediu pra publicar no mural da página do Gesul, um grupo que tem um caráter de revisionismo histórico do Rio Grande do Sul. Daí um dia eu tô no Arquivo Histórico fazendo uma pesquisa pra um artigo que eu tava fazendo sobre o Rio Grande do Sul e eu assino o livro de visitas. Depois assinou uma guria que tava atrás de mim e um cara foi assinar e perguntou: ‘Bah, quem é o Scavone?’. ‘Sou eu’. Não era o Witkowski mas era um cara amicíssimo dele, que já tinha me visto na Página do Gaúcho e é desse Gesul. Ele olhou meu nome ali e reconheceu... e nós ficamos conversando um tempo lá”.

Também costumava trocar e-mails com um ou outro usuário, mas agora anda afastado das discussões. Entra vez ou outra para saber o que está sendo dito, mas desde o final de 2002 deixou de participar, motivado pela falta de tempo e por um

certo descontentamento com o sistema de moderação. “Eu proponho uma discussão imparcial, sem moderação. Só que não aceitaram, disseram que não era a casa da mãe joana... Daí desanimei um pouco. Eu acho que sem moderação seria interessante porque num papo aberto assim não teria moderação”.

Longe do site, Scavone mantém o interesse pela busca da origem platina do gaúcho, uma busca não apenas teórica mas na vivência diária, na música argentina baixada da Internet e na identificação com argentinos e uruguaios. “Eu não me considero brasileiro. Eu sou brasileiro por convenção. Eu não me sinto, não me identifico. Nunca nem torci pela seleção brasileira. Sempre achei um bando de antipáticos”. Quanto aos *gauchos*, defende uma aproximação. “Eu conversei em muitos lugares com argentinos e eles nos vêem como gaúchos pela cultura que também é comum a eles. O gaúcho argentino se veste diferente do gaúcho brasileiro só que eles reconhecem a gente. É uma rixa que tá dentro da própria história política do Rio Grande do Sul, mas estamos muito mais próximos deles do que do Brasil. Muito mais próximos mesmo, como gaúchos”.

Mas a música brasileira, ele escuta enquanto trabalha, “um som mais antigo, tipo Mutantes e Secos e Molhados”. Também é fã de rock. “Eu ouço muito Pink Floyd, gosto de Led Zepellin. Gosto de bom rock, o que eu considero bom rock”. Mas a preferência tem sido por música folclórica argentina e alguma coisa de rock, “coisas que eu considero de raiz, mais lá do Rio Uruguai”.

Televisão, só na hora do sanduíche. “Chego correndo, vou comer um sanduíche, meu pai tá vendo algumas coisas, eu olho ali um pouquinho, mas dificilmente eu passo mais de dez minutos olhando TV”. O dia-a-dia é corrido mesmo, lazer só no final de semana. “De manhã eu vou pro meu trabalho na universidade, passo o dia inteiro lá e à noite tô aqui na História. Com exceção de quartas-feiras à tarde que eu tenho estágio na arqueologia”.

Trabalhando com Internet, passa o dia todo conectado. “Faço tudo pela Internet”. Além dos sites de universidades que acessa por interesses profissionais, se

mantém informado através de portais de notícias, como o Último Segundo e o BBC Brasil, além de sites de pesquisa e aqueles de instituições e sobre assuntos históricos.

Sempre morou na mesma região de Porto Alegre com os pais e tem boas lembranças do tempo de criança. Principalmente quando o vô saiu de Jaguarão, onde tinha campo e um comércio, e veio morar na capital. “O sonho dele era recuperar as terras que ele perdeu. Ele perdeu com a ‘marvada’, com a ‘birita’⁶⁹ e morreu sonhando em recuperar tudo”. Sua mãe veio para Porto Alegre antes e casou com um descendente de italianos. “Meu sobrenome é de origem siciliana, mas a minha mãe tem sobrenome espanhol. É de Jaguarão. Seria o mais próximo da raiz gaúcha que eu tenho. O resto é italiano. Tem também alemão. Só que não colocaram no meu nome. Na verdade eu gostaria de mudar, mas dá um certo trabalho...”.

Gaúcho jovem e urbano, não é adepto daquilo que chame de ‘misturas’. “A minha namorada é que gosta mais de músicas que misturam ritmos diferentes. É legal, eu respeito mas não sou muito afeito a isso. Eu acho que isso a longo prazo vai ser muito nocivo. A mistura não é interessante quando ela é direcionada pra uma lógica de mercado”. Essa relação entre cultura e consumo preocupa Scavone a ponto de afirmar que a cultura gaúcha tende a se perder em favor do progresso.

Por isso, ser gaúcho para Scavone exige esforço. “Tu pode considerar gaúcho qualquer um que vive no RS, mas agora tu tá preservando uma tradição se tu tá praticando. Mesmo tomando mate ou participando de discussões. Preservando de algum modo. Eu acho que é um compromisso de todo o que se considera um gaúcho, um tradicionalista, preservar alguma coisa... A própria Internet afirma mas em alguns momentos dilui o que deveria ser uma coisa muito mais forte de raiz, de estar ligado... Ela acaba mostrando a nossa cultura, só que de certo modo ela acaba distorcendo. Acaba, por exemplo, o Cohen como moderador afirmando uma idéia dele de que a origem do gaúcho remonta quase que basicamente à origem portuguesa. O que é um absurdo, na minha opinião”.

⁶⁹ Referência à cachaça ou outra bebida alcoólica.

Ser gaúcho para esse porto-alegrense é também bem mais do que um sentimento, exige vivência. “Do jeito que se coloca na Página do Gaúcho acaba se tornando uma coisa muito folclórica. Acaba se colocando uma discussão ali de colocar o ser gaúcho como uma coisa muito mais tênue. ‘Ah, eu sou gaúcho’. Eu acho que não é por aí. Eu nunca me senti completamente formado, completamente em solo gaúcho, enquanto eu não pisei num campo. A cultura gaúcha tá profundamente associada ao campo. Eu tenho uma visão de que enquanto tu não pisa no campo, enquanto tu não toca no gado, não anda a cavalo, não toma chimarrão embaixo de uma figueira... Eu acho que é muito mais do que sentimento. É uma coisa mais... de muito mais contato”.

Vivência que Scavone só adquiriu por causa de seu trabalho em sítios arqueológicos em contextos históricos como a casa de um líder da Revolução Farroupilha. “Eu ficava embaixo de uma figueira, tomava chimarrão embaixo dessa figueira. Eu comecei a ter contato com essa vivência. A gente ficou isolado lá uns quinze dias e tinha um contato direto. É uma coisa que realmente me deixa feliz”. Muito diferente dessa vida de guri de apartamento que quase não tem tempo para olhar o horizonte.

3.4.5 Jefferson? Ah, o gaúcho...

Depois de passar nove dos seus 38 anos morando em outros estados brasileiros, Jefferson é professor na tarefa de ser um gaúcho longe do Rio Grande do Sul. Difícil papel para alguém tão orgulhoso da terra em que nasceu: “Em termos de organização, administração, hospitalidade e em relações humanas, os outros estados deixam muito a desejar”. Isso sem falar no diferencial do povo, enumerado com a mesma facilidade com que o doutor em Ciências se refere à formação de organismos transgênicos ou à responsabilidade social do pesquisador. Primeiro, o gaúcho fala tão correto que os outros brasileiros nem entendem, e disso ele é testemunha: “Quando eu falava ‘tu

esqueceste a bolsa ali’, o pessoal ficava... ‘o que? Como?’”. A dificuldade foi tanta que acabou sendo obrigado a substituir o ‘tu’ por ‘você’. Ah, e o gaúcho também não fala besteira: “Não que seja mais sofisticado, mas acho que pensa primeiro antes de falar e também respeita quem fala”. Isso sem mencionar a maneira do trato: “As minhas amigas reclamavam ‘aquí ninguém abre a porta de um carro pra você... aqui ninguém puxa uma cadeira pra você...’”. E nesses pequenos galanteios Jefferson é cuidadoso. “Não sei se exatamente todos são assim, mas o gaúcho procura manter aquilo do berço, aquela educação do berço”.

Apesar desse jeito educado e do currículo construído com anos de dedicação, do olhar desconfiado inicial até a conquista da admiração pelo trabalho, Jefferson passou por momentos difíceis, principalmente em São Paulo, onde concluiu no início de 2003 o doutorado em Engenharia Genética na USP. Foi vivendo na capital paulista que precisou ‘fazer valer seus valores de gaúcho’: “os primeiros anos são aqueles em que a gente tem que engolir muito sapo aí fora... E a gente engole sapo porque, te digo assim, a gente é muito bem educado e a gente preza demais pelo ser humano. Há momentos em que dá vontade de você ou largar tudo ou partir pra uma agressão física porque você é agredido verbalmente não numa versão direta, mas numa versão indireta, uma versão sarcástica, só pelo fato de você ser gaúcho. Aí, depois que você mostra a sua competência, mostra que você é uma pessoa totalmente diferenciada, aí sim eles começam a ressaltar o gaúcho. ‘Ah, o gaúcho? Nossa...’. Aí sim é o gaúcho, agora num outro tom”.

O preconceito chegou a fazer Jefferson pensar em voltar. “Mas é aquela coisa também: gaúcho não morre na praia. Mesmo estando de bota, bombacha e de poncho, ele nada e chega lá. Como diz a música, ‘não tá morto quem luta e quem peleia’. Então gaúcho não baixa a cabeça, enfrenta. Ele pode até engolir sapo, mas ele sabe que um dia vai conseguir acender uma luz lá no túnel e todas as portas se abrirão. E falo isso não só por mim, pelos colegas também. É isso o que a gente passa”.

Depois dessa provação, Jefferson chegou a ser identificado de uma maneira bem especial no local de trabalho. “Teve um momento em que tinha dois jeffersons no prédio do departamento. Daí o pessoal chegava na portaria... ‘ah eu gostaria de falar com o seu Jefferson’. ‘Qual Jefferson, o gaúcho?’, o porteiro já dizia. ‘É esse mesmo... o gaúcho’. Mas até então você tem que conquistar seu espaço...”.

A dificuldade não foi tão grande nos três anos em que morou em Viçosa, no interior de Minas Gerais, de 93 a 95. Foi lá onde concluiu o mestrado, vivendo em repúblicas que reuniam estudantes vindos de diferentes partes do Brasil, inclusive ex colegas seus da faculdade de Agronomia cursada na Universidade Federal de Santa Maria, no interior do Rio Grande do Sul. Depois do mestrado, chegou a pensar em seguir os estudos no exterior. Tinha até um orientador em um programa de pós-graduação belga, mas o cancelamento de bolsas de doutorado em universidades estrangeiras, em 1996, acabou obrigando Jefferson a escolher a Universidade de São Paulo. “Putz, não vou ficar parado, pensei... Tenho que continuar a minha pesquisa e já que o único lugar do Brasil que tem a linha de pesquisa é São Paulo, vou pra lá”.

O cotidiano na capital paulista era praticamente apenas de trabalho. “Eu entrava pro laboratório e não tinha horário pra sair. Às vezes saía à uma hora, duas, três... Às vezes passava a noite no laboratório. Praticamente a minha vida nesse período em São Paulo foi científica, foi dentro de uma universidade. As minhas relações eram dentro da universidade”. Até por causa de algumas dificuldades que sentia na vida na cidade, como a demora para o deslocamento de um lugar a outro, os encontros com os amigos eram limitados, às vezes resumidos a reuniões em bares próximos à USP.

Um CTG, encontrado na região metropolitana depois de uma busca sem resultados em São Paulo, acabou transformando-se em espaço de convivência e lazer para Jefferson. “Em 2000 me deu uma paixão forte pelo Rio Grande do Sul. Bateu uma saudade imensa naquela época e eu não encontrava um CTG. Aí no dia 20, eu, como todo o bom gaúcho, tinha uma pilcha no meu guarda-roupa e só usava em ocasiões muito especiais. Achei que o dia 20 era um dia muito especial, me pilchei e

fui pra uma churrascaria”. Dois dias depois, ele encontrou um colega de Carazinho com quem tomava mate de vez em quando no laboratório. Foi ele quem lhe apresentou uma enfermeira da USP, casada com o patrão do CTG em Embu das Águas, a trinta quilômetros de São Paulo. “Bah, encontrar um gaúcho, mas um gaúcho 100% como a gente fala..., gaúcho que é de CTG, usa bota, bombacha e lenço... Bah, isso não tem momento, não tem horário. Logo que o conheci, já me convidou pra ingressar no CTG”.

Quem nunca havia entrado num CTG no Rio Grande do Sul – o máximo que tinha feito era um curso de danças gaúchas em uma escola de balé em Porto Alegre – agora era diretor do departamento cultural do União e Tradição, preocupado com a divulgação da cultura gaúcha e também com questões sociais. Nessa hora, foi preciso estudar sobre tradicionalismo, buscar referências, conhecer outras experiências. Então lembrou do site indicado por um amigo e não abandonou mais a Página do Gaúcho. Foi ali que aprendeu a fazer um bom nó no lenço e teve acesso a obras que ajudaram a criar o Movimento Tradicionalista Gaúcho. “Através do site do Cohen eu pude obter mais informações sobre o que é o tradicionalismo. Então lá eu descobri, tem até um item na página, acho até que é na enciclopédia mesmo, tem uma janela a respeito do Barbosa Lessa e Barbosa Lessa defendeu uma tese num congresso tradicionalista a respeito do sentido e do valor do tradicionalismo. Bah, fechava perfeitamente com as minhas convicções humanistas... Então o Barbosa Lessa dizia que o tradicionalismo é uma tradição em contínuo movimento. O que significa isso? Que você não fica simplesmente revivendo coisas do passado no dia-a-dia, mas interagindo com essas coisas com o teu ambiente, com as coisas que vão mudando no teu dia-a-dia. Não é uma coisa parada no tempo”.

Com esse entendimento da tradição, Jefferson desenvolveu projetos culturais e sociais no União e Tradição até 2002, quando precisou dedicar-se à conclusão da tese. Também tinha o problema da distância de sua casa e alguns desacertos com o novo patrão, que não concordava com o envolvimento “com essas coisas de política”. Tudo isso motivou um novo ideal e juntamente com um grupo de cerca de dez gaúchos

fundou mais um CTG no Brasil, o primeiro localizado na capital paulista. O dia do aniversário de São Paulo, 25 de janeiro de 2003, foi escolhido para marcar o início da história do CTG Barbosa Lessa, que funciona ainda sem sede própria, num espaço cultural da sub-prefeitura da Lapa.

Dos usos da Página do Gaúcho, ficou a amizade com Roberto Cohen, quem recebeu em sua casa para um jantar organizado com sócios do CTG de Embu das Águas, muitos também usuários do site. “Ele falava que ia algumas vezes do ano pra São Paulo. Numa dessas idas, nós combinamos, sem o conhecer, só tratando por e-mail, que ele iria lá em casa, que eu ia convidá-lo pra uma janta e coisa e tal e ele topou. Aí o curioso, o curioso... isso foi engraçado... Eu fui buscar ele, tô na sala de espera do hotel e ele abriu a porta, saiu do elevador e teve um espanto. Eu tava pronto pra ver um gaúcho de bota, bombacha e tudo mais, porque eu tava pilchado. E o Cohen disse: ‘Bah! Se eu soubesse que era pra pilchar eu teria me pilchado. Não sabia que tu tava pilchado!’. Ele tava vestindo um traje esporte: calça jeans, camisa de manga e de colarinho. Tava bem mais à vontade, né? E eu achando que ia encontrar um gauchão a rigor e quem encontrou foi ele”.

Teve até roda de violão com músicas gaúchas naquela noite. “Fizemos uma verdadeira tertúlia, um encontro de amigos para comer alguma coisa e passar cantando, trovando, contando causos...”. Jefferson também visitou Cohen em Porto Alegre numa de suas vindas para rever a família. De volta ao Rio Grande do Sul desde o começo de 2003, retomou o contato com o amigo e com outros tantos que deixou aqui.

Jefferson faz planos de voltar definitivamente para o estado, mas depende de conseguir um emprego como professor em alguma universidade gaúcha. Também pensa em se envolver na política, uma de suas grandes paixões. “Não sou filiado a nenhum partido, mas tenho uma vontade. Dentro dessa vontade, envolve muito o que se aprende dentro do tradicionalismo, a maneira de trabalhar com as pessoas. Até então eu só tinha me envolvido com a academia. A minha vida é dentro da academia,

nas universidades federais do Brasil. Eu desenvolvi a política lá dentro, mas a política estudantil. Agora penso em fazer alguma coisa em uma secretaria de ciência e tecnologia ou educação, por exemplo”.

Se nenhum dos projetos der certo, Jefferson não descarta a possibilidade de trabalhar em outro país, talvez nos Estados Unidos onde tem contatos em institutos de pesquisa. “Aí eu vou ter que abraçar definitivamente a parte científica e vou pra fora do Brasil. O que eu não queria agora, tô tentando ficar aqui no Rio Grande do Sul. É um outro mundo, me virar totalmente pra ciência e esquecer essas paixões. Eu me dei como prazo o final do ano. Se não der nada certo dentro dessas duas possibilidades, no ano que vem eu vou para fora. Vou ter que deixar meu coração apertadinho, amarrado no que eu tenho de patriotismo, no que eu tenho das minhas paixões mesmo, do meu estado, do meu país, mas vou”.

Enquanto faz contatos à procura por emprego, Jefferson mata a saudade da família. Sempre bastante ligado aos pais, à vó e aos cinco irmãos, divide seu tempo um pouco na casa de cada um enquanto vive uma fase transitória. Chegou até a visitar Bagé, onde viveu os primeiros anos da infância, por causa de uma palestra que conferiu na universidade de lá. Logo depois que nasceu, em 1966, em Porto Alegre, a família se mudou para a fronteira, onde os avós tinham fazenda. Ficaram lá por apenas três anos, mas Jefferson lembra com carinho da época em passava as férias no campo, brincando com os irmãos e os primos.

Depois dos nove anos, com a separação dos avós e a venda das terras, nunca mais tinha voltado lá. “Fui esperançoso, naquela expectativa... Chego lá na rodoviária, tudo vazio, de noite, umas onze horas. Daí não deu pra ver muita coisa da cidade, fui direto pro hotel. Já passei pela praça e relembrei a praça, aquela praça ali da Sete. Na primeira noite, foi uma coisa assim: ‘bah, que legal! Eu tô aqui, faz parte das minhas origens’. Mas tava uma cidade morta, ninguém na rua. No dia seguinte, saí de manhã e comecei a sentir o clima da cidade, comecei a ver a realidade atual. Era uma coisa que ficava no passado, aquela imagem, aquela recordação... Aí eu

senti: ‘O que aconteceu com essa cidade? Tá faltando alguma coisa nessa cidade’”. Jefferson encontrou uma Bagé que definiu cinza, quase fantasma, diferente daquela da memória. “Todo o lugar pra uma criança eu acho que já é uma coisa mais viva. A criança da cidade grande passar as férias no interior, na casa de um tio, de uma tia... isso é uma alegria...”.

Da adolescência lembra, não com essa alegria, da separação dos pais, quando tinha 13 anos, responsável porque alguma coisa na família ficasse perdida. “Teve uma sessão, uma roda assim na sala pra decidir com quem cada um de nós ia ficar. Então eu olhei pra um, olhei pra outro e disse: ‘eu queria ficar com os dois, como não dá pra ficar com os dois, eu decidi não ficar com nenhum’. Então eu resolvi morar com a minha tia, que é uma das razões de eu ser tão próximo da minha vó. Então eu fiquei morando com a minha tia e com a minha vó até passar no vestibular para a Universidade Federal de Santa Maria: passava uma semana na minha vó, outra com a minha tia – elas moram na mesma rua, era só atravessar. E assim eu podia curtir minha mãe, meus pais, meus irmãos”. Hoje, depois do fim de outros relacionamentos, o pai, com 64 anos, e a mãe, com 55, se aproximaram, o que acabou unindo novamente a família. “Acho que eles voltaram a se gostar imensamente, mas isso é uma longa história... Você já viu que eu sou um homem de histórias”.

Enquanto relembra suas histórias, Jefferson fala de seu gosto pela literatura - científica, política e filosófica - e do envolvimento com a música. Tem saudade do dia-a-dia na universidade e até da bateria que vendeu antes de voltar para o Rio Grande do Sul. Tocava alguma coisa de rock e blues com uns amigos de vez em quando. “Adoro rock, música clássica. Gosto de teatro... Mas aí eu digo assim: tem o Jefferson que vive o tradicionalismo e tem o Jefferson que vive todo o resto do mundo. Inclusive eu danço forró, gosto de forró, mas num CTG e não sou muito fã de forró. Acho que não cabe. Então eu vivo tudo, um pouco de cada coisa”. Cada coisa no seu lugar.

3.4.6 Witkowski ganha sua missão

Se hoje Witkowski, esse porto-alegrense de 26 anos, é auto-determinista deve isso a uma personalidade histórica. Até criou uma lista de discussão por e-mail sobre este líder da Revolução Farroupilha. “Tu deve ter percebido, os meus e-mails, as minhas manifestações na Página do Gaúcho, até no meu nick, a foto é dele. É um ídolo. É um ídolo que eu carrego. Hoje eu sou auto-determinista é por ter conhecido a história dele, a história gaúcha e a história do revolucionário general Antônio de Souza Neto⁷⁰”.

Impossível não confundir a história de Witkowski com a luta pela auto-determinação do Rio Grande do Sul. A aproximação com esse ideal começou quando tinha uns 14, 15 anos. “Foi justamente numa época que surgia o movimento auto-determinista, que na época se dizia separatista. Hoje separatista é um termo errado porque o separatismo geralmente é envolvido à guerra e a golpes. A auto-determinação é democrática, via plebiscitária, que é o termo correto”.

O interesse veio pela identificação maior que sempre sentiu ao Rio Grande do Sul do que ao Brasil. “Então eu, como me identificava, comecei a me interessar. Foi no ano de 92, 93, quando surgiu em Santa Cruz o movimento de Irton Marx⁷¹ a ‘República dos Pampas’. O movimento ‘O Sul é meu País’, de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul, na época já existia mas era muito pouco, não havia notícia. Era mais o que a gente lia pelos jornais ou nos meios de comunicação, televisão, rádio. Foi aí que eu me interessei e comecei a me informar sobre os assuntos”.

Mas não teve uma boa impressão do líder do movimento iniciado em Santa Cruz, em evidência na época. “Eu achei infelizmente, até acho que as idéias dele são nobres, mas ele usa um método errado, meio ditatorial. Ele ser o movimento, acho isso errado. Ele dá a impressão de ser uma pessoa, mesmo que ele não seja, de ser

⁷⁰ Um dos líderes da Revolução Farroupilha, várias vezes citado por Witkowski durante a entrevista.

⁷¹ Descendente de alemães, morador de Santa Cruz do Sul que idealizou do movimento separatista que culminou com a proposta de um ato pela proclamação da independência, em 1993 (HAESBAERT, 1997).

uma pessoa racista, uma pessoa nazista. Eu acredito que ele não seja mas dá essa impressão. Ele aparecia muito na mídia e a Rede Globo, infelizmente, e a RBS também, deixou ele como um bode expiatório pra denegrir a imagem de quem pensa assim, de quem tinha essa idéia. Isso aí eu posso dizer que me decepcionou, daí eu fiquei um bom tempo afastado”.

Então passou um tempo sem nenhum envolvimento com o assunto. “Mas se me perguntassem eu dizia: ‘olha, eu sou a favor da separação, realmente. Acho a idéia é muito boa””. A aproximação com o movimento aconteceu por acaso. Enquanto navegava pela Página do Gaúcho, que tinha conhecido em uma lista de discussão em que participava com Roberto Cohen, a Net Tchê, leu um material publicado sobre o Grupo de Estudos Sul Livre, o Gesul, do qual faz parte hoje, além do movimento O sul é meu país, em que é vice-presidente. “Então, eu fui me inteirando, me informando, lendo. Foi ali que eu me interessei pelo movimento”.

Lá, no Galpão de Debates, iniciou algumas discussões sobre o assunto. Hoje já não participa mais do fórum mas visita o site para ler temas de seu interesse e saber o que está sendo dito sobre a cultura gaúcha. “Quando eu tenho alguma dúvida, vou na parte de história pra dar uma lida no que já tem ali. Vou no Galpão pra ler sobre todo o tipo de assunto. De vez em quando eu dou uma olhada na recomendação de livros, CDs, mas é coisa de passagem”.

Na época em que debatia com outros usuários sobre a separação do Rio Grande do Sul do resto do Brasil, algumas posturas conseguiam acabar com a sua paciência. “Eu não agüentava, não suportava quando me chamavam de nazista, me chamavam de fascista, quando diziam que eu era um fora da lei. Diziam que eu era criminoso. E isso me indigna porque, puxa vida, eu tô ali conversando, tentando ser simpático e educado com gente que não entende, por ignorância. E acabam te dando uma pedrada dessas. Então eu mandava e-mails dizendo: ‘Não. Conforme o artigo tal, o senhor não conhece. O senhor tá acostumado com a época da ditadura, mas ao contrário do amigo eu sou democrático...’ Dava umas alfinetadas. Tem vários e-mails meus no

início. Depois com o tempo, por estar me incomodando muito e por estar revendo meus conceitos, participando mais ativamente do movimento eu tive que me afastar dos debates”.

Enquanto esteve presente, a Página do Gaúcho sempre foi um espaço aberto para as suas opiniões, apesar de algumas rugas que teve com Cohen. “Ele é totalmente contrário às minhas idéias diga-se de passagem, mas é uma pessoa totalmente aberta. Ele deixa a gente se manifestar. Olha, ele é uma pessoa totalmente contrária às nossas idéias. Ele até vai ali e nos provoca, mas é um cara sensacional porque dá oportunidade”. É pela falta de abertura para expor suas idéias que Witkowski nunca se interessou pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho, mesmo que até valorize seu papel na preservação da cultura gaúcha. “Se o MTG fizesse o que ele faz na Página do Gaúcho... É como o Cohen me falou uma vez, mesmo que ele não concorde com a separação, com a auto-determinação, a história gaúcha, os hábitos gaúchos tão ligados à separação. A nossa história, desde que a gente era colônia espanhola até virar colônia portuguesa, depois virar brasileiros, até separar e ser riograndense, até voltar a ser brasileiros, as outras nossas outras revoluções, que a gente sempre viveu em constante estado de guerra, sempre teve idéias a respeito da separação. Isso tá ligado ao dia-a-dia. Negar isso é negar a nossa própria história”.

O envolvimento com o tema também revela-se nos usos que Witkowski faz da Internet. Hoje ele gerencia listas de discussão do movimento O Sul é meu País, além de participar de outras treze, tão variadas quanto os seus outros interesses: sobre literatura, guerras mundiais, grandes generais, seriados japoneses e até sobre o Grêmio, uma de suas grandes paixões. Chega a receber 150 e-mails e nenhum é deletado antes de que no mínimo tenha dado uma olhada. A tarefa é feita em casa, em Cachoeirinha, logo depois que volta do trabalho em Porto Alegre, onde é técnico em informática em uma instituição do governo estadual, desde a época do estágio do curso de técnico em processamento de dados, em 1996. Chegou a servir ao Exército como operador em comunicação, mas não teve vontade de se engajar. Acabou trabalhando para o estado, também graças a seus conhecimentos de informática. “Eu

visto a camiseta e me sinto honrado em trabalhar pro Rio Grande do Sul. Eu sou sincero, sou daqueles que valoriza os nossos brasões, as nossas entidades”.

Antes do Ensino Médio, só teve acesso a um computador em um curso que fez sobre a linguagem Basic, em 1990, quando tinha 13 anos. “A gente usava os primeiros computadores: Expert Gradiente, Hot Bit, bem pré-históricos, nem era monitor, era uma TV pequena de 10 polegadas no vídeo. Ali eu aprendi. Era programação só. Era programação em Basic. Foi aí que eu me interessei”.

O primeiro contato com a Internet foi em 98, quando juntou dinheiro para comprar um computador e pôde instalar a rede em casa. No trabalho, já se usava a Internet desde 97, mas apenas para assuntos profissionais. Nem tinha e-mail nessa época. Hoje, a mídia serve para se manter informado. “De vez em quando a gente acessa alguma coisa, esporadicamente... O site de um jogo, uma informação esportiva, mas pra lazer mesmo é muito pouco. Noventa por cento das vezes é pra pesquisa, é pra buscar conhecimento”.

Witkowski mora no apartamento que dividia com a mãe e o irmão desde 1986, quando os pais se separaram. A mudança para Cachoeirinha tinha acontecido um pouco antes, em 82, quando deixou Porto Alegre, aos cinco anos, para morar na casa que tinham comprado num conjunto residencial popular. Em 96, seu pai morreu e a mãe casou de novo. Hoje ela e o irmão moram em Taquara com o padrasto, e Witkowski vive sozinho. “É uma vida simples, uma vida simples. Eu até não tenho tempo pra ter um relacionamento maior como eu gostaria, até pra falar do movimento ou não, da parte minha pessoal. Porque eu trabalho o dia inteiro. Acordo às sete, saio de casa às oito e meia, começo às nove e meia e trabalho até as sete. Muitas vezes eu fico até as sete e meia, oito horas, oito e meia, quando precisa. E eu visto a camiseta. Sou um cara profissional. Tanto é que eu tô lá, mesmo tendo um cargo de comissão, tô lá com as mudanças de governo, porque o meu trabalho é técnico, é profissional, não é político. De noite, quando eu não tô fazendo algum curso, assistindo a uma

partida de futebol, fazendo algum passeio cultural meu, vou pra casa e fico lendo os meus e-mails. No fim de semana eu posso passear, conversar com as pessoas”.

Ele também dedica parte do seu tempo a pesquisas sobre a história da família, principalmente sobre a vinda do bisavô da Polônia para o Brasil. As fontes são as longas conversas com tias de mais de 70 anos e também livros sobre o país de origem de seus antepassados. “Naquela época a Polônia ainda pertencia ao império russo, ela tinha sido invadida. Só foi ganhar sua independência mesmo no final da Primeira Guerra Mundial, em 1918, 1919. Então o pessoal lá era perseguido, não tinha oportunidade, então eles saíram de lá. Quando eles aqui chegaram era a oportunidade deles fazerem uma nova vida, uma nova pátria. Eles foram pra região onde hoje fica Encruzilhada do Sul, Dom Feliciano, Caçapava, Camaquã, na subida da Campanha”.

O bisavô morreu em 1930, com 102 anos de idade. “Chegou já com uns 60 e poucos anos. O meu vô nasceu em 1898 onde hoje é Dom Feliciano aqui no RS, foi o caçula dos filhos dele. A gente não sabe ao certo mas a gente acha que filho dele com uma rio-grandense, uma brasileira... Isso é uma coisa que eu pretendo pesquisar no futuro. Cada um conta a sua história, a sua versão”.

Hoje, Witkowiski tem vontade de continuar essa história. “Poder ter uma família e poder com dignidade viver bem com a família, mulher, filhos... poder passar pros meus filhos a boa educação que eu tive. Ter um mundo, nem digo um mundo que seria muita utopia, mas um Rio Grande do Sul melhor, que eles pudessem viver melhor. Não só pra eles mas pra todo mundo. Quando eu penso na auto-determinação, eu não penso no que é melhor pra mim, mas no que é melhor pro RS. É uma causa não só pra mim, pra todos”.

“Todo mundo tem um ideal, uns querem ser advogados, outros querem ser políticos, querem ajudar o seu bairro... E eu... eu tenho esses dois ideais. Ajudar de alguma forma o Rio Grande do Sul. Acredito que eu não vou mais estar aqui, mas os meus descendentes estarão. Quero de alguma forma plantar uma semente pra que o Rio Grande do Sul, seja daqui 50, 70, seja quantos anos for, se torne autônomo,

independente, seja pela forma confederada, seja pela forma independente mesmo, livre, separado do Brasil”. É como se fosse um missão na sua vida.

3.5 Vivendo em uma comunidade imaginada

As diferentes referências que os sujeitos dão sobre as relações estabelecidas na Página do Gaúcho são indícios do modo como a utilizam como um espaço de sociabilidade. Não se trata, pelo que foi constatado através dos dados obtidos com a observação e as entrevistas, de uma substituição das interações pessoais pela troca possibilitada pela comunicação mediada pelo computador, mas de sua ampliação, com o acréscimo da apropriação de recursos da Internet, como o e-mail e os fóruns de discussão, em seu cotidiano. Através da rede mundial de computadores, os usuários do site reforçam vínculos com parentes e amigos - o que é percebido principalmente entre os migrantes que cultivam relações com conterrâneos através da troca de e-mails. Também conhecem pessoas na Internet com quem passam a se comunicar ou de quem se tornam amigos, sem com isso limitar o número de contatos presenciais em seu dia-a-dia.

Diferentemente do que previam especulações anteriores à expansão da Internet, a rede, entre os usuários da Página do Gaúcho, não produz um isolamento ou um enfraquecimento da comunicação social e da vida familiar, sendo responsável, muitas vezes, pela consolidação de laços e aproximação com quem está geograficamente distante, como o que acontece com Gicele e Jefferson, que usam a rede para manter contato com a família no Rio Grande do Sul.

Mesmo o usuário com apropriação mais intensa da Internet, o estudante universitário Udo, que afirma passar boa parte do seu dia em chats, fóruns de discussão ou enviando e recebendo e-mails, participa de grupos de estudo e mantém amigos que dividem com ele as horas de lazer. Sua aproximação com a rede

aconteceu quando começava a estudar na Alemanha, logo depois de sua partida do Brasil, o que talvez tenha feito com que priorizasse a comunicação através da troca de mensagens online, pois, como ele mesmo lembra, foi um período de adaptação e estranhamento diante dos costumes dos alemães, com quem tinha dificuldade de se aproximar por diferenças culturais e lingüísticas. Nessa época, como brincou na entrevista, a rede era apenas um caminho para conhecer sua namorada, com quem mora hoje e pela companhia da qual troca qualquer discussão online.

Estas constatações empíricas mostram que a comunicação pela Internet é um acréscimo na vida dos usuários do site, uma possibilidade de comunicação que passa a ocupar parte de seu dia-a-dia, trazendo novos modos pelos quais relacionem-se, sem que para isso abandonem práticas como o uso do telefone ou a velha conversa de bar. Nesse acréscimo, a Página do Gaúcho surge como uma opção de comunicação e informação cujos usos são demandados por um envolvimento com a cultura gaúcha e dos quais decorrem aproximações entre os usuários, sobretudo entre aqueles que se apropriam dos espaços destinados à troca de mensagens. Na discussão, no debate, na busca por informações, ao compartilhar opiniões, confrontarem-se e unirem-se em torno de verdadeiras causas defendidas no site, os usuários passam a integrar um grupo, revelando sentimentos de pertença – alguns dos quais já comentados, como o compartilhamento de um vocabulário comum e a citação a referências somente conhecidas pelos iniciados no regionalismo.

Aos moldes do que descreveu Rheingold (apud CASTELLS, 2003), é formada uma espécie de “comunidade virtual” em torno do site, com a reunião de pessoas que compartilham valores e interesses, criando laços de apoio e amizade. Na Página do Gaúcho, a comunidade desenvolve-se em torno da vivência da identidade gaúcha, na sua perspectiva tradicional: essa é a sua especificidade, através da qual são construídas as relações. Assim, a “comunidade imaginada” de Anderson (1989) é vivida no site como forma de conferir sentido à identidade gaúcha por sujeitos que dividem uma idéia de comunhão, de compartilhamento de interesses vinculados à construção imaginária do gaúcho. Nesse sentido, são percebidas vinculações a

processos simbólicos e afetivos dentro do site que efetivamente consolidam a comunidade pela construção de laços de pertença.

3.5.1 Nós, os usuários da Página do Gaúcho

A troca de opiniões no Galpão de Debates, a discussão, o envio e o recebimento de e-mails, o debate sobre as tomadas de decisão, a participação no provimento de conteúdo, enfim, o compartilhamento dos usos de uma mesma mídia faz com que os usuários sejam reunidos em um grupo, fomentando um sentimento comunitário, estimulado pelo compartilhamento da vivência da cultura gaúcha. Quem circula pelo site divide um interesse e, mais do que isso, demonstra sua ligação com o gauchismo através de marcas espalhadas pelas diferentes seções do site.

A comunidade que gira em torno da Página do Gaúcho é percebida nas relações criadas entre os usuários, deles com o gerenciador, e com a própria dinâmica do site, em um movimento que leva, simultaneamente, à exclusão e à solidariedade.

O fortalecimento da identidade gaúcha compartilhado como uma defesa diante da dissolução de valores tradicionais exclui aqueles que não demonstram o mesmo posicionamento. Também são excluídos – ainda que se esteja falando de um site na Internet, possível de ser acessado, à primeira vista sem nenhuma restrição, de qualquer lugar do mundo – sujeitos sem alguma vinculação com a cultura tradicional gaúcha, expressa através da adoção de uma linguagem com regionalismos, nas referências a produtos culturais gaúchos, nas próprias temáticas discutidas. É preciso, mais do que entender do que se está falando, demonstrar certa autoridade pela comprovação da vivência da cultura, possível apenas através dos textos e das imagens divulgados no site.

Assim, além da contraposição explicitada no conteúdo e, sobretudo, na seção Galpão de Debates, através dos posicionamentos diretos dos usuários, a exclusão é

estabelecida já na ausência de participação daqueles que não compartilham os mesmos sentimentos de pertença. Todo o site é construído de maneira a aproximar quem se identifica com a cultura tradicional e afastar aqueles que não possuem referências sobre ela, ainda que tenha o propósito de servir como uma enciclopédia online. Mesmo que a Página do Gaúcho seja usada eventualmente por quem pesquisa alguma informação específica, dificilmente passa a integrar sua lista de sites preferidos, como acontece com os usuários com vinculações à cultura gaúcha tal qual é construída na Internet, que, através dos usos do site, passam a integrar uma comunidade imaginada – sustentada pela construção e defesa da identidade gaúcha.

Esse movimento, ao mesmo tempo em que exclui aqueles que não compartilham a mesma vinculação com a identidade gaúcha, gera uma forte aproximação entre os usuários do site. Todos parecem se conhecer, mesmo que na maioria dos casos nunca tenham se encontrado fora da Internet, alguns trocam e-mails pessoais, comunicam-se através de programas de envio e recebimento de mensagens online, e falam uns dos outros, pelo que foi observado nas entrevistas, com um certo conhecimento de sua personalidade e comportamento.

Alguns tornam-se amigos, outros cultivam rivalidades, em uma dinâmica que, em certos casos, ultrapassa a Internet, como o que aconteceu com Gicele no encontro com os usuários em suas férias no Rio Grande do Sul; no namoro de dois foristas, um de Guaporé e outra de Porto Alegre, iniciado na troca de mensagens dentro do site; ou ainda na reunião de Jefferson e dos seus colegas de CTG com Roberto Cohen, em São Paulo. Em 2003, o gerenciador também conheceu outros usuários na capital paulista em uma janta sugerida e organizada através da página.

Um encontro oficial dos foristas foi promovido no começo de 2003 e outro já está sendo organizado através da discussão em um tópico do Galpão de Debates, revelando uma necessidade de aproximação entre os sujeitos que dividem parte do seu dia usando a Página do Gaúcho. Entretanto, mesmo com encontros festivos, foi em um momento de crise que a solidariedade e o sentimento de comunidade foram

destacados na Página do Gaúcho. No começo de novembro de 2003, Roberto Cohen recebeu uma citação judicial em um processo de ação indenizatória em que era acusado de má-fé pela violação dos direitos autorais de uma poesia publicada desde 1998 no site com o nome do autor errado. Segundo Cohen, a poesia tinha sido enviada por e-mail por um usuário que, assim como centenas de outros, colaborou com o provimento de conteúdo do site⁷².

Cohen informou a situação no site e em um e-mail mandado a todos os dez mil cadastrados para receber o boletim com atualizações da página, solicitando o envio de depoimentos sobre usos do site e sobre a sua conduta na manutenção do projeto. O episódio gerou grande mobilização da comunidade, que logo se mostrou indignada diante da acusação, não apenas em e-mails mas também em tópicos dos fóruns, em que demonstravam, através de textos revoltosos, ofensas diretas ao poeta (ainda que seu nome nunca tenha sido divulgado no site), responsabilizado pelo provável fim da página⁷³.

Um tópico no Galpão de Debates foi criado com manifestações favoráveis a Cohen através de depoimentos reveladores sobre apropriações da Página do Gaúcho por usuários que manifestaram uma vinculação ao site responsável pela consolidação de uma comunidade capaz de se mobilizar diante de um problema. São exibidas duas das dezenas de declarações feitas no tópico “Ajude a contestar as injustiças”, criado por Cohen para a divulgação da situação do processo. Trata-se de uma pequena seleção que revela o envolvimento dos usuários com o site e seu inconformismo diante do que consideram uma injustiça:

Indiada... A PG também é meu "hobby", Virou minha página inicial, isso que só frequento aos finais de semana. Muito a PG ajudou nos trabalhos escolares de meus filhos, ou de algum

⁷² Não trato aqui das alegações de uma ou de outra parte no processo, nem a cerca da legislação sobre direitos autorais no Brasil – questão polêmica, discutida e ainda sem consenso entre advogados e juristas (ASCENSÃO, 1999; ATHENIENSE, 2003). Faço referência apenas ao envolvimento gerado na comunidade da Página do Gaúcho em torno do episódio.

⁷³ Pois Cohen afirmou que não manteria o site no ar em caso de derrota judicial, por acreditar que poderia receber novos processos, com conseqüentes perdas financeiras

"arranca rabo grosso" discutido sobre cultura Gaúcha, e por teimosia indicava o "Galpão de debates" pra tirar provas. Aqui temos um conforto todo especial...As vezes até parece que não é virtual, que estamos frente a frente, debatendo, concordando, discordando um do outro, conhecendo-se de longas distâncias.[...]

Vou fazer a minha parte, assim como tenho certeza que toda minha família e parentes também farão, de defender nossa cultura, pois a PG indiretamente já faz parte da tradição Gaúcha, e acredito que nem patrão nem frequentadores que aqui se encontram, procuram visar lucros metendo a mão na cumbuca alheia!!! (VELHO MARAGATO)

Os benefícios que esta página trouxe a muitas pessoas são incalculáveis seja na forma de obtenção de conhecimento ou de lazer e agora se vê nesta sinuca de bico por alguém que se sentiu desrespeitado (????) . Esta pessoa deveria se sentir orgulhoso por ter um poema publicado naquela que é sem dúvida alguma a melhor e maior publicação virtual sobre a cultura do Rio Grande na Internet mundial .

Para os desgarrados como eu esta é uma fonte de agua pura onde temos a oportunidade de matar um pouco da saudade do Rio Grande , aprender e discutir nossa cultura que hoje, graças também a Página do Gaúcho, chega aos quatro costados do planeta e tudo sem custo algum. (DESGARRADO DO PAGO)

Mais do que mostrar a indignação no site, os usuários promoveram uma campanha através da divulgação por e-mail, em salas de chat e outros sites sobre a cultura gaúcha, buscando a participação do maior número de pessoas no que se transformou em uma verdadeira causa a ser defendida:

Amigo Cohen, estou com vc até a morte, se a página morrer, creio q eu, vc e muitas pessoas morrem junto com ela... [...]

Vamos bater panela, pois a página do gaúcho eh algo q se tentarem fazer coisa parecida, vaum custar a chegar perto, pelo menos uns 7 anos ateh chegar aonde ela se encontra agora, e pessoal, eu naum quero nem pensar nisso, mas naum podemos deixar o nosso amigo Cohen tirar esse conteúdo do ar, senaum morremos... (JAIRO)

Já peliamos por coisas banais, por que haveríamos de frouxar o garrão agora? Estão tentando fazer tapera de nosso Galpão... Vamos levantar a cabeça, se cada um de nós fazer sua parte, com certeza não nos afastarão uns dos outros. Se o Galpão fechar a porteira,

não haverá motivo pro índio véio aqui, e sei que pra muitos também, de conectar-se, pois a maior parte da piaçada que aqui se encontra, de cara procura ver se há novas mensagens no "pinga-fogo"!!! Quem não gosta ou não pode ir à um CTG, acha tudo e um pouco mais sobre nossas raízes aqui dentro. (VELHO MARAGATO)

A revolta dos usuários fez com que as seções Mural de Recados e Galpão de Debates fossem temporariamente suspensas, pois Cohen acabou perdendo o controle sobre as afirmações ofensivas que proliferaram no site, prejudicando sua defesa. Com o fechamento, o descontentamento dos usuários só aumentou e a troca de mensagens passou a ser feita através de e-mails⁷⁴ em que eram discutidas alternativas para a solução do problema. Apenas o Galpão de Debates foi reaberto depois de um acordo proposto por Cohen de que não fosse abordado o assunto. O link para o Mural de Recados permaneceu inacessível enquanto não fosse encerrado o processo.

A mobilização resultou no envio de 600 e-mails de solidariedade a Roberto Cohen e cerca de 300 cartas foram endereçadas ao gerenciador do site, escritas por usuários de todo o Rio Grande do Sul e de outros estados brasileiros. Para integrar a contestação do processo, Cohen ainda recolheu depoimentos de personalidades gaúchas, muitas das quais produtores culturais que ressaltaram a importância do site para a divulgação da cultura⁷⁵.

Com o envolvimento dos usuários e mesmo da comunidade cultural gaúcha motivada pelas acusações feitas no processo, fica constatado que a resistência criada a partir da defesa da tradição no site estimula o compartilhamento de sentimentos comunitários capazes de mobilizar ações que ultrapassam os limites do ciberespaço. Os argumentos usados em defesa de Cohen e da Página do Gaúcho revelam a

⁷⁴ Um dia depois de impedida a participação nas seções do site, minha caixa de mensagens tinha mais de cinquenta e-mails dos usuários, que criaram uma espécie de fórum pelo correio eletrônico, reunindo o endereço de todas as pessoas ligadas ao site que conheciam.

⁷⁵ Como o escritor Luiz Antonio de Assis Brasil; o médico e escritor Jaime Vaz Brasil; o folclorista e apresentador de TV Antonio Augusto Fagundes; a filha do músico Teixeirinha, Elizabeth Teixeira; a diretora do Centro de Estudos em Psicanálise Cyro Martins, Maria Helena Martins; o desembargador Armínio José Abreu Lima da Rosa; o compositor Nilo Brum; o músico Wilson Paim; Márcia Martins, da Editora Martins Livreiro; entre outros.

dimensão assumida pelo site no dia-a-dia de sujeitos que, como declararam em e-mails e cartas, não conseguem mais se imaginar sem a informação, a divulgação, as discussões, o encontro, a disputa e a solidariedade que integram a dinâmica do site.

3.5.2 El Cohen: obediência, respeito e camaradagem

Os sentimentos de pertença dentro da Página do Gaúcho passam também pelo reconhecimento da autoridade de seu gerenciador. É ele quem estabelece as regras e, mesmo tendo que atender a demanda dos usuários, determina o que pode ou não circular. Sua autoridade, na analogia feita pelos próprios sujeitos que usam o site, assemelha-se a de um patrão de CTG, entidade marcada por uma rígida hierarquia que separa quem manda dos que são mandados.

No site, o poder de “El Cohen”, como assina nas mensagens postadas por e-mail e no Galpão de Debates, é explicitado em suas atitudes e mesmo nos textos que escreve estabelecendo padrões de comportamento, como o que regula o funcionamento do Galpão de Debates. Para integrar a comunidade do site é preciso conferir esse status a Roberto Cohen, reconhecendo que, como anuncia nas entrevistas e deixa claro pela postura nas seções da página, ele é efetivamente o dono do espaço, ainda que este seja também apropriado pela “gauchada”.

A autoridade conferida ao gerenciador traz, juntamente com a crítica daqueles que se sentem prejudicados por suas regras, o respeito e admiração dos usuários. A relação paradoxal se dá a partir da forte presença de Cohen no site, que, desde uma intenção de produção, possui um caráter pessoal. É o que se constata, por exemplo, com a divulgação de fotos de Cohen, fazendo com que quem visite a Página do Gaúcho saiba quem está por trás dela. Lá as coisas funcionam segundo suas regras e não há constrangimento nenhum em afirmar isso. Segundo ele, esse é um diferencial,

pois mantém “o bom nível da discussão e a qualidade do conteúdo”, cuidadosamente selecionado antes de ganhar espaço na Internet.

As pessoas mandam e-mail para Cohen, fazem convites, pedem e mandam presentes. Seu aniversário é lembrado nos recados deixados pelos usuários, suas andanças são divididas, suas atitudes são criticadas, sua intervenção é pedida. Tudo isso faz com que, mais do que um simples gerenciamento, Roberto Cohen acabe exercendo o papel de estimular a presença, a participação e a dinâmica de interação. O gaúcho estampado em fotos no site, presente através de um texto na primeira pessoa do singular e da forte opinião em todas as seções, torna-se íntimo dos usuários a quem também envia mensagens com as novidades da página e com quem discute.



No link em sites de busca que levam à Página do Gaúcho, o destaque é à imagem de Cohen. Sua presença confunde-se com o próprio site

O personalismo leva a uma imagem criada pelos usuários em relação ao gerenciador – sempre em uma construção muito próxima àquela do gaúcho típico, tão visibilizada no site, mesmo que Cohen, em muitos momentos do seu dia-a-dia esteja distante deste homem pilchado, com linguajar carregado de gauchismos. Prova desta relação criada a partir do site foi a surpresa vivida por Jefferson no seu encontro com

o gerenciador em São Paulo. Em outro episódio, Cohen mesmo diverte-se com a idéia feita dele através da Internet e justifica a sua aparição no site:

Olha uma coisa que aconteceu uma vez. Ainda não tinha a minha foto e eu me correspondia com um escritor de Uruguaiana, um dos caras que organizou a Califórnia da Canção Gaúcha. Um dia a gente combinou de se encontrar na Feira do Livro. Ele tava autografando, aí eu entreguei o livro pra ele e disse: 'pra Roberto Cohen'. Ele olhou pra mim e disse: 'Tá bom, mas porque que ele não veio?'. Ele esperava um gauchão, alguém mais velho, um Paixão Côrtes, alguma coisa assim. O pessoal acha frescura eu aparecer na capa, mas isso acaba com qualquer confusão que possa acontecer. (COHEN)

Sua presença também destaca-se na moderação do Galpão de Debates, inicialmente feita com exclusividade por Cohen, mas com a colaboração de usuários desde a metade de 2003. Com a divisão do trabalho de moderação, cinco usuários manifestaram interesse e receberam aprovação do gerenciador para coordenar fóruns temáticos de discussão, com o poder de cortar parte ou excluir totalmente mensagens, solicitar ponderação ou até mesmo instigar o debate. Ainda cabe a Cohen o poder maior de banir usuários considerados inconvenientes.

Em 2003, devido a condutas censuradas por Cohen, um internauta foi temporariamente suspenso e outros três cadastrados foram expulsos da Página do Gaúcho, o que significa que ficaram impossibilitados de participar das discussões e também cadastrar-se novamente nos fóruns mesmo com outros nicks, já que há um monitoramento de seus computadores de acesso.

É dividido, então, o gerenciamento de parte do site mas é preservado o papel de Cohen como o responsável maior sobre as decisões tomadas. Ele segue cumprindo a função de patrão da Página do Gaúcho, cargo anunciado no site e repetido pelos próprios usuários em referências feitas ao gerenciador. Como o patrão do CTG que tem o papel de fazer cumprir as regras da entidade tradicionalista – muitas vezes sem muito diálogo ou jogo democrático –, no espaço criado na Internet, Cohen exerce poder semelhante. Aqui não são as regras do Movimento Tradicionalista que devem

ser respeitadas mas as regras impostas ao longo do desenvolvimento e expansão dos usos do site, que, de acordo com Cohen, têm a finalidade de manter o ambiente respeitoso e cordial – ainda que reservado ao contraponto de idéias –, como, de acordo com o que defende, deve ser qualquer espaço ocupado por gaúchos que honram suas tradições.

Está aí outra aproximação do site com a vivência da cultura tradicionalista gaúcha, ainda que o espaço tenha sido criado também como alternativa para discutí-la. Cohen não participa do MTG, mas enfatiza a sua importância:

Ele não se alvoroça como dono da tradição, mas como um dos agentes a ajudar a manter essa cultura, assim como o governo, as comunidades. É claro que aí entra autoritarismo, uma coisa que é natural em qualquer tipo de ambiente. (COHEN)

O depoimento sobre o envolvimento com o tradicionalismo serve para mostrar o entendimento de Cohen sobre a necessidade de autoridade para a sustentação das relações. Nessa concepção, a mesma imposição de autoridade presente no MTG se faz necessária na Página do Gaúcho. Caso contrário, é perdido o controle, os objetivos do site não são alcançados e o debate vira bagunça. Sua conduta leva à institucionalização da cultura gaúcha, mesmo em sua experimentação através da Internet, responsável por críticas dentro e fora do site. Scavone, entre os entrevistados, é o que mais se contrapõe ao poder assumido por Cohen, criticando duramente o excesso de regras, responsável por seu afastamento do Galpão de Debates. A mesma tendência à normatização é o motivo pelo qual é contrário ao Movimento Tradicionalista Gaúcho.

A opinião de outros usuários sobre as relações de poder na página são próximas às de Scavone. Uma seção para críticas à sua postura até precisou ser criada para evitar que manifestações negativas fossem espalhadas pelo site. Assim, no fórum “Bordoadas e mensagens administrativas”, e somente neste espaço, existe ‘liberdade mediada’ de intervenções contra a postura de Cohen. Algumas manifestações

escapam do controle de Cohen e ainda aparecem nos próprios debates temáticos, como a do usuário Marcus, um dos que acabou sendo banido do site:

Ah, sim... nossa, eu sou tremendo idiota!!! Olha só, o Galo Véio disse que eu era quadrúpede quando eu falei aquele palavrão que começa com P e tem dois erres. Tudo bem, eu retirei o que eu disse, mesmo que a referida “palavra obscena” não tenha se referido em nenhum momento com a pessoa de Leandro Feio. Pois como acreditei em vc e com alguns outros que diziam que aqui “não era lugar pra cavalos”, tive noção de que aqui não se trocam grosserias.

No entanto, o Galo Véio veio com a grosseria ainda maior de se dirigir diretamente a mim, dizendo em entrelinhas que “não se deve considerar o cariúcho, pois ele parece-me muito ignorante, já sei o que fazer: vou esculhambá-lo e aí, como todos do galpão me usam como modelo e parâmetro, pois sou o dono, ninguém mais fala com ele”. (MARCUS)

Motivado por críticas quanto às suas intervenções, Marcus questiona as atitudes de Cohen e recebe apoio de outros usuários que concordam com a afirmação de que o “Galo Véio”, como Cohen também é identificado no site, estaria exagerando na postura autoritária em relação ao usuário do Rio de Janeiro (‘cariúcho’ como foi identificado). Em manifestações em outros fóruns, os usuários deixam claro que reconhecem ser Cohen o ‘dono da casa’ e suas regras precisam ser respeitadas, embora muitas vezes não concordem com elas e preferam se retirar. Em discussão com usuário que critica a censura na Página do Gaúcho, Cohen justifica a sua posição:

Bueno chê, vistes como não aceitas ser contrariado!!! Tanto q tirastes minha mensagem!!! Por hoje eh soh!!! (ANADARILHO CAVALERA)

De tempos em tempos aparece alguém querendo alaúza. Aqui em casa (Página do Gaúcho) não permito isso. Em respeito aos outros. Tua mensagem era ofensiva e arranco a barba-de-pau ligeirinho, pra deixar a árvore crescer forte. (COHEN)

Em outros momentos, a intervenção de Cohen, que já integra a dinâmica do site, é solicitada por usuários que se sentem agredidos ou que estão descontentes com o andamento de alguma questão dentro dos debates:

Alô "seo" Cohen!... Tem pelo menos uns três tópicos nesta lista tratando deste mesmo assunto! Não dava prá juntar tudo num tópico só? Assim fica difícil! (NEGREIROS)

Com censura ou excesso de regras, a presença de Roberto Cohen faz parte da dinâmica da Página do Gaúcho e, apesar das críticas feitas por alguns usuários, é respeitada dentro do site. Entre os sujeitos entrevistados para as histórias de vida, todos revelaram admiração pelo trabalho de Cohen pela dedicação à divulgação da cultura gaúcha e a maioria concorda com sua postura controladora dentro do site para que seus propósitos sejam atingidos. Apenas Jefferson e Leandro conheciam-no pessoalmente mas todos já tinham trocado e-mails com ele, mostrando em suas falas uma proximidade muito grande com o patrão da Página do Gaúcho, tratado em alguns momentos como um velho amigo, com quem se convive de perto e de quem se respeita as opiniões pelo reconhecimento de sua autoridade.

Essa relação, como analisado, aproxima-se de uma construção da cultura gaúcha centrada na figura do estancieiro, do patrão do CTG, reverenciados por sua situação de poder. Ao mesmo tempo, o personalismo presente nesse imaginário do gaúcho é estimulado pelas lógicas de produção da Internet, com a possibilidade de que uma única pessoa seja responsável pela manutenção e gerenciamento de sites, fazendo também com que as tomadas de decisão fiquem concentradas. Na Página do Gaúcho, o acesso dos usuários ao gerenciamento, por exemplo, só acontece quando o produtor, tensionado por questões como a falta de tempo e de dinheiro, resolve abrir espaço para que a moderação dos debates seja dividida.

4 Por uma cartografia da vivência gaúcha no site

Os dados obtidos através das histórias de vida dos sujeitos presentes no site, da observação da sua dinâmica de funcionamento e da análise de conteúdo de seus fóruns de discussão fizeram emergir questões acerca do modo como a identidade cultural é vivida na Página do Gaúcho. As rotinas produtivas do site relacionadas com as características da Internet, sua entrada fortemente marcada por uma ligação com o tradicionalismo, as relações estabelecidas entre os usuários e com o gerenciador, discutidos anteriormente, vão compondo um contexto de vivência identitária complexo em suas tramas.

Gaúchos urbanos, rurais, cosmopolitas, migrantes, tradicionalistas, nascidos em diferentes estados brasileiros, separatistas, com distintas origens étnicas, homens, mulheres, radicais e tolerantes convivem em um espaço cheio de especificidades. Suas opiniões ganham visibilidade, suas posturas são apoiadas ou vistas com reserva, seus sentimentos de pertença são compartilhados, uma distinção entre ‘nós’ e ‘eles’ é recriada a partir da dimensão assumida pela possibilidades de ser gaúcho no site.

Construir uma cartografia da vivência identitária na Página do Gaúcho exigiu um difícil exercício de sistematização. Mais do que simplesmente apontar resultados de uma análise, o que proponho é refletir sobre relações através de categorias

trabalhadas a partir das constatações empíricas – categorias bastante interligadas, inúmeras vezes modificadas, agrupadas, reordenadas, mas estabelecidas com o objetivo de organizar o olhar em uma tentativa de abranger a complexidade do objeto.

A partir deste ponto do trabalho, a análise de conteúdo do Galpão de Debates é valorizada (ainda que os dados obtidos com os demais procedimentos também sejam referidos) através das categorias que assumem a função de reunir reflexões sobre modos de vivenciar, disputar e negociar a identidade cultural gaúcha através dos usos de um site na Internet.

4.1 Afinal, o que é ser gaúcho?

O significado de ser gaúcho é a questão central da página, criada justamente para servir de referência sobre o gauchismo e suas manifestações. A busca da resposta para essa difícil pergunta é apontada inclusive como estímulo para a criação do site. Como explicar a uma norte-americana o que simboliza a imagem de um homem vestido com roupas típicas, tomando chimarrão, na capa de uma agenda? A página na Internet nasce dessa proposta: ser capaz de levar informações para pessoas de diferentes partes do mundo, com interesses variados e distintas vinculações com o Rio Grande do Sul, sobre quem é este homem, como ele vive e o que compõe sua cultura – sempre a partir de um recorte limitado a uma construção hegemônica da identidade cultural gaúcha.

Recorte que privilegia a figura masculina e enfatiza valores como bravura, virilidade, honra e coragem, tidos como definidores do gaúcho. Esse gaúcho ligado ao campo, destemido cavaleiro, hábil laçador, vestido de bombacha⁷⁶, lenço, guaiaca⁷⁷ e botas aparece como um ideal para muitos usuários do site que buscam, em

⁷⁶ Calças que compõem a vestimenta típica do gaúcho.

⁷⁷ Cinto largo de couro usado sobre a bombacha.

intermináveis debates sobre diferentes temáticas, encontrar uma definição para a identidade que abarque as suas próprias condições de gaúchos, privilegiando suas vivências reforçadas nos textos construídos nos espaços destinados à participação e também nas contribuições enviadas ao gerenciador. Nessa construção, surgem várias tensões, muitas responsáveis por animosidades em verdadeiras guerras de opiniões, justificadas pela afirmação recorrente entre os usuários de que “gaúcho que é gaúcho não foge de nenhuma peleia”.

Aparecem, então, distintas explicações para o gaúcho: o homem do campo, o tradicionalista, quem nasceu no Rio Grande do Sul, quem ama a cultura gaúcha – uma lista longa de referências a diferentes pertencas identitárias que, apesar da sobreposição de uma construção hegemônica, deixa escapar diferenças visibilizadas justamente nas disputas de posição dentro do site. Apenas pela variedade de adjetivações que aparecem para o gaúcho é possível dimensionar a pluralidade presente no conflito: falso gaúcho, meio gaúcho, gaúcho de antigamente, gaúcho de final de semana, gauchinho de CTG, pseudo gaúcho, gauchinho de shopping, verdadeiro gaúcho, gaúcho de verdade, gaúcho original, gaúcho moderno e gaúcho autêntico são alguns dos modos pejorativos ou orgulhosos de se identificar esse sujeito. Nesse jogo de disputa do quanto cada um é ‘mais gaúcho’, emergem estratégias diversas que são apresentadas a seguir.

4.1.1 Em busca de uma origem perdida

A busca da origem da identidade gaúcha é uma constante nos fóruns do Galpão de Debates e no cotidiano de alguns dos usuários entrevistados, que, mais do que simplesmente sentirem-se gaúchos, demonstram interesse pela discussão e valorização daquilo que definem como as suas raízes. Alguns elementos destacam-se nessa busca como a identificação com o campo, a ênfase na descendência e na família e o próprio resgate histórico da constituição do gaúcho.

A temática da gênese da identidade aparece vinculada a uma concepção essencialista que assume destaque na Página do Gaúcho. É preciso lutar contra tudo – a modernização, os avanços tecnológicos, a lógica comercial – para preservar o puro, o original, o autêntico, que forneceriam uma unidade a todos aqueles que se consideram gaúchos. Como explica Hall (1996, p. 68), pelos termos dessa definição, encontrada empiricamente como referência dos sujeitos investigados, “nossas identidades culturais refletem as experiências históricas em comum e os códigos culturais partilhados que nos fornecem, a nós, como um ‘povo uno’, quadros de referência e sentidos estáveis, contínuos, imutáveis”.

Essa busca e reforço do passado como explicação para a identidade em uma tentativa de perpetuação, conservação de um modo considerado primeiro e autêntico de ser gaúcho está profundamente associada à própria construção social desta identidade regional vinculada a um modelo ligado ao campo e ao modo de vida pastoril, em um resgate histórico da formação do estado que, em muitos momentos, exclui mais do que inclui. Como afirma Oliven (1992), apesar da diversidade interna, a tradição e a historiografia regional tendem a representar seu habitante através do gaúcho como único tipo social.

A imagem do gaúcho como cavaleiro, peão de estância, é evocada não apenas na fala dos usuários e do gerenciador do site, mas também, como já discutido, em toda a temática e na própria construção da página como espaço para a preservação da cultura gaúcha tradicional. Surge, desse destaque à figura mitificada do gaúcho como definidora da identidade, uma procura pela explicação de sua formação que resulta, no site, entre outros movimentos, em uma discussão sobre a origem étnica do gaúcho. Nessa disputa, a miscigenação é desvalorizada na fala dos sujeitos, importando apenas o elemento formador primeiro como responsável pela definição do que seria o gaúcho de hoje, revelando uma matriz que evoca a idéia de pureza da tradição.

Essa é a questão central discutida por Scavone tanto nos tópicos criados por ele no Galpão de Debates quanto durante as entrevistas. Defensor fervoroso da origem

platina do gaúcho, chega a identificar-se muito mais com os países de língua espanhola da América do Sul do que com o Brasil. Além de exemplificar essa disputa entre a identidade nacional e regional (discutida adiante), Scavone fornece as bases para pensar na busca da história da constituição do gaúcho como uma estratégia identitária resultante na repulsa ao Movimento Tradicionalista Gaúcho, responsável, em sua opinião, pela redução do gaúcho à sua origem portuguesa. Os elementos platinos sobrepõem-se aos ligados à origem portuguesa na definição da identidade gaúcha para Scavone – postura que entra em confronto com o que é defendido por Cohen e outros usuários do site. No fórum “*El gaúcho*”, iniciado com a proposição de Scavone, aparece uma série de posicionamentos que tensionam as duas concepções⁷⁸:

Acho que, infelizmente, a tempos começamos a pensar esta questão de forma errada. Nos identificamos e nos consideramos Gaúchos, acima de tudo. Mas, **dentre peleias e disacordos com brasileiros e próprios gaúchos destas bandas esquecemos a origem e o cerne do ser Gaucho.** [...]Embora tenhamos sido domados por brasileiros portugueses, nunca nos identificamos com eles, acho que este debate é prova. O Pampa é grande amigos... e acredito que todos os Gauchos de todas as querências mereçam um... (SCAVONE)

É verdade que temos muita **influência do Prata**, mas também que grassa por aqui o **sangue lusitano**. Podes até tentar rejeitá-lo, por ser mais manso que o espanhol, mas boa parte das danças, culinária, indumentária, vocabulário (língua portuguesa), etc, são de origem portuguesa. Somos um cadinho de culturas, mas a mais forte vem de Portugal. (COHEN)

Independente da divergência de opiniões, o confronto mostra a valorização da origem étnica como definidora da identidade, em um constante resgate do passado. A discussão, ainda que não negue a mistura, mostra a necessidade de sobreposição de uma etnia à outra na formação do gaúcho. As variações só surgem com a diversidade nas vivências dos sujeitos, resgatadas em suas histórias de vida. Assim, por exemplo, o descendente de imigrantes alemães e austríacos Udo é um dos poucos usuários a

⁷⁸ As citações referem-se a fragmentos das inserções feitas no Galpão de Debates.

romper com o dualismo entre platinos e portugueses ao defender a miscigenação como constituinte da identidade:

Devo contestar o seguinte: a cultura gaúcha do RS não é uma cultura nova? Há de se admitir: não temos de puxar saco nem de platenhos, nem de pampeanos, nem de açorianos, pois **somos elementos novos. A mescla não se faz em dizer: 40% cultura brasileira, 35% cultura gaúcha, 12,5% de imigrantes europeus, 5% cultura oriental, 5% açoriana e 5% negra nem vice-versa. Mesmo porque, dependendo de onde, as influências podem ser mais ou menos intensivas! E tese por tese, isso parece guerra de políticos.** (UDO)

Entretanto, o que prevalece é a disputa entre heranças de uma ou outra etnia como a mais significativa para a constituição do gaúcho. Os posicionamentos reforçam, então, a busca do passado para a compreensão da identidade em um ato, como afirma Hall, de “redescoberta imaginativa implicada nessa concepção do reconhecer de uma identidade essencial” (HALL, 1996, p. 69).

Nessa redescoberta, a história é contada a partir de versões que variam conforme as diferentes competências dos sujeitos. O que as une é a defesa da importância do passado para a formação de quem são os gaúchos – presente, sobretudo, na fala dos sujeitos que em seus cotidianos têm algum vínculo com o estudo da história. Além de Scavone, Leandro é outro estudante universitário que usa fatos do passado para justificar seus posicionamentos na idéia do gaúcho de hoje como uma consequência das vivências na formação do estado:

O gaúcho é bairrista, é machista, é orgulhoso, tem uma certa fama de machão. Tudo em função de herança histórica, sem dúvida nenhuma. Mais de cinquenta por cento da história do Rio Grande do Sul foi de guerra. O estado tinha dez anos de guerra, dez anos de paz. Por isso a importância do conhecimento da história. É tu saber porque e como chegamos aqui. (LEANDRO, em entrevista)

Como uma das matrizes que compõem o eixo da vivência da cultura gaúcha reelaboradas no site, o enaltecimento de atos de bravura do povo gaúcho em guerras

de delimitação de território e por mais autonomia da província é reverenciado na fala também de outros usuários, sendo apontado como definidor daquilo que consideram a ‘raiz gaúcha’. Uma raiz que, nessa construção, aparece ainda profundamente marcada pela idealização da vida no campo, mesmo que a maioria da população seja urbana e as questões agrárias no estado estejam marcadas pela desigualdade social.

Há na exaltação do homem do meio rural, descrito como habilidoso trabalhador capaz de lidar com o gado, montar com maestria, laçar e enfrentar com coragem as adversidades da natureza, uma aproximação à construção da identidade vinculada à referência constante a elementos que enfocam um passado glorioso tão revivido no site. Passado no qual se forjou a figura do gaúcho, cuja existência seria marcada justamente pela “vida em vastos campos, a presença do cavalo, a fronteira cisplatina, a virilidade e a bravura do homem ao enfrentar o inimigo” (OLIVEN, 1992, p.50).

Nas discussões do Galpão de Debates, a relação com o campo aparece como prova de autoridade entre os usuários. Na disputa entre ‘quem é mais gaúcho’, presente na própria dinâmica do site, a habilidade nas lidas campeiras, ainda que a maioria ali more na cidade⁷⁹, é vivida mesmo que em recriações do universo típico da região da campanha gaúcha em rodeios e competições organizadas por entidades tradicionalistas, sendo reforçada como argumento para a fala, motivo de respeito, prova de gauchismo entre alguns usuários:

Nao generalize, porque eu me criei em fazenda sei **laçar, pealar e curar bicheira**⁸⁰. (TIAGO)

Tambem me criei na campanha tenho orgulho de ter sido parido num galpao q serve hj de coxeira...mesmo sabendo mexer em computadores tb sei da lida campeira.. (DOM PEDRITO)

⁷⁹ O predomínio da experiência urbana é constatado na maioria das falas. Mesmo naqueles que enfatizam a ligação com o campo, há, no próprio acesso à Internet, indícios de vínculos com a cidade.

⁸⁰ São habilidades no trato com o gado: laçar significa apreender o animal com um laço de corda, pealar é laçar o animal pelas patas dianteiras enquanto se está correndo em um cavalo, e curar bicheira é uma referência ao trato de feridas nos animais.

Tu só vai encontrar o gaúcho verdadeiro somente em algumas situações: numa mangueira tentando dobrar a pau um **aporreado**⁸¹, no campo laçando uma **rês**⁸², numa cozinha de chão preparando sua bóia ou, carneando uma ovelha ou uma vaca dentro do galpão. (FÁBIO)

Tou contigo, o resto eh tradicionalista, nativista ctgzista e mais um heito de ista quem tem por ai, mas pra mim ser gaúcho também é gostar das coisas de sua terra. (TIAGO)

Que bueno seria se 10% dos taura que sabem tudo das guerra, sabem tudo dos antigos generais, sabem tudo da palavra Gaucho, leem 1000 tipos de livros, sabem tudo na teoria, soubesse pelo menos curar um terneiro ou emangueirar⁸³ um lote de cabeça de gado. (TIAGO)

Dessa postura de reforço da competência nas lidas campeiras surge um tensionamento da identidade gaúcha com relação aos usuários de vida urbana sem vinculação com o campo. A disputa já foi responsável por uma briga entre Leandro e Tiago, usuário entrevistado por e-mail na primeira etapa da pesquisa, um jovem descendente de italianos, que destaca no site a sua habilidade no meio rural como marca de superioridade em relação aos que considera ‘teóricos urbanos do gauchismo’. Ainda que tenha nascido em Caxias do Sul, na serra gaúcha (região de pequenas propriedades de terra destinadas principalmente à agricultura – distantes do pampa dos grandes latifúndios onde viviam os primeiros peões que compõem a imagem do gaúcho), faz questão de enfatizar sua experiência no campo e apresenta-se no site como criador de cavalos crioulos. Sua visão excludente da identidade foi motivo de críticas de Leandro durante as entrevistas, ao lembrar das discussões no Galpão de Debates:

Já disseram lá pra mim que o gaúcho de verdade – eu até me ofendi muito: **‘então tu tá tentando insinuar que eu não sou gaúcho de verdade?’** – que o gaúcho de verdade é aquele que levanta de manhã cedo e senta na frente da estância pra ver o sol nascer,

⁸¹ Aporreado, segundo Bossle (2003), é um cavalo selvagem que o domador nunca conseguiu amansar.

⁸² Rês é um animal bovino.

⁸³ Emangueirar (BOSSLE, 2003) significa encerrar o gado em uma mangueira, ou seja, em um grande curral.

tomando chimarrão e olhando os cavalos. Isso pro Tiago é o gaúcho de verdade. (LEANDRO)

Assim, a disputa entre vivência urbana e rural é uma das diferenciações surgidas dentro da própria identidade, em uma busca de definição daquele que pode ser considerado mais ‘verdadeiramente gaúcho’ entre os usuários. O campo aparece aí sempre como o espaço originário do gaúcho, o lugar do autêntico, mesmo com a defesa do pessoal da cidade que, nas discussões da página, precisa justificar sua condição de gaúchos:

Que mal lhe pergunte, amigo Fabio, qual o sentido de tua mensagem, eu infelizmente não monto a cavalo, mas sei de que lado fica a cabeça dele e de que lado fica o rabo, não fico num galpão enfumaçado tomando mate. **Isso quer dizer que eu não sou gaúcho?** (PAISANO)

Olha, chê, eu acho muito lindo isso que tu está fazendo, tentando mostrar pra gurizada que o campo ainda existe, que temos verdadeiros Gaúchos “campeiros”. **Mas chê, quem mora no resto do Rio grande, também é Gaúcho, mesmo urbano...** Mas é Gaúcho! Sabe xirú, eu fico faceirito quando uma criança passa por mim e diz, oi Gaúcho; (falam isso pq ando sempre pilchado) eu respondo: Oi Carioca Ou Paulista etc... E me respondem, mas eu tb sou Gaúcho... Bá, flor de especial. Tá feito meu dia! Não vai ser eu quem vai retrucar a criança e dizer: **Não, tu não és Gaúcho(a), pois tu ainda nem sabe montar!** (VELHO MARAGATO)

Independente da tensão, mesmo em alguns usuários sem nenhuma vivência rural, o campo aparece como a possibilidade de reviver um passado ideal, defendido como responsável por legados ao gaúcho de hoje. É o que aparece na postura assumida por Leandro de repulsa à conduta de Tiago e simultânea identificação com o meio rural como um definidor de suas raízes. Parte de sua fala é marcada pela lembrança das terras da família em Alegrete, local preferido para passar as férias. Gicele também ressalta o rural como lugar de memória, de nostalgia quanto a um modo de ser gaúcho com o qual se identifica apesar da distância de sua vivência de migrante no Nordeste.

Semelhante relação aparece na postura de Udo, que destaca a busca de reviver memórias telúricas como um dos motivos pelos quais começou a usar o site. A saudade sentida da terra é preenchida pela recriação de um espaço com tantas referências ao campo e também através de textos que ressaltam a associação entre a cultura gaúcha e a vida campeira, como defende Scavone no Galpão de Debates e também durante as entrevistas. Segundo o jovem pesquisador, não é possível ser gaúcho sem antes pisar em uma fazenda, ter contato com o dia-a-dia do campo.

Opinião parecida é defendida nas discussões do site em que o campo aparece como espaço onde se vive mais fortemente a identidade, local em que, muitas vezes, se descobre o significado de ser gaúcho. O relato das experiências chegam a ganhar caráter de confissão. O debate adquire tom de conversa coloquial entre velhos amigos, relembrando aquela sonhada prosa dos galpões, quando usuários falam de sua ‘alma de gaúchos’:

Sabes Fabio, eu escrevi em um tópico destes por ai uma vivência minha na qual eu vi diante dos meus olhos o sentimento de ser GAÚCHO...pra encurtar o relato...eu vi isto acontecer quando estava dentro de um galpão tomando mate de manhã cedo com uns agredados lá de fora. Daí um primo meu duns 6 anos de idade q nunca gostou de campanha levantou cedo tb e entrou no galpão de bombacha e bota olhou prum dos homens q estavam ali, aquele era o mais velho de todos, estava beirando os 70 anos. O guri entrou, olhou nos olhos do homi e disse “tio, encilha⁸⁴ pra mim”. Naquele momento os olhos do homem se acenderam como se fosse ele q estava querendo montar pela primeira vez. Naquele instante dentro daquele galpao entendi o q é ser GAÚCHO o momento durou uma eternidade ate q aquele homem levantou e saiu do galpão naquele momento senti q o sentimento do GAUCHO não esta nas roupas, na musica, na comida, em nada material...e sim na ALMA. (DOM PEDRITO)

O que se percebe com as referências à história, ao campo e à formação étnica do gaúcho é essa recorrência ao passado para significação da identidade, em um resgate na Internet de construções que marcam a constituição social da identidade e

⁸⁴ Colocar os arreios no cavalo para a montaria.

da cultura gaúcha. A mídia passa a ser usada, assim, como alternativa para a reelaboração do significado atribuído ao gaúcho a partir da tematização de matrizes que surgem na própria história de construção da identidade.

Há na busca de explicação sobre quem é o gaúcho, fortemente presente na página, o levantamento de explicações recorrentes no imaginário da cultura regional que sofrem variações conforme as vivências de cada um. Assim, as diferenças do cotidiano são transportadas para a Internet, gerando, muitas vezes, disputas de provas de gauchismo entre usuários com competências distintas entre si.

4.1.2 Entre ser gaúcho e ser brasileiro

A relação entre o Brasil e o Rio Grande do Sul sempre foi contraditória, marcada pela tensão entre autonomia e integração. Características geográficas do estado contribuem para acentuar as diferenças na posição singular ocupada em relação ao Brasil, como a natureza, o clima e a própria localização no extremo sul, em uma região de fronteira com países colonizados pela Espanha, além da forma de povoamento, da economia e da integração tardia ao país. A opção por fazer parte do Brasil ao invés de pertencer ao antigo império espanhol e a história marcada por guerras motivadas pela insatisfação com o governo central também são características que, segundo Oliven, fazem com que, apesar das diferenças internas, o estado seja “freqüentemente contraposto como um todo ao resto do país, com o qual manteria uma relação especial, a ponto de ser às vezes chamado jocosamente por outros brasileiros de ‘esse país vizinho e irmão do sul’” (OLIVEN, 1992, p. 47).

Essas peculiaridades ajudam a entender a dinâmica entre o Estado-nação e o regionalismo, permitindo refletir sobre o modo como ela é construída na Página do Gaúcho, espaço em que essa oposição e simultânea integração entre o Brasil e o Rio Grande do Sul é revivida através dos posicionamentos dos usuários. A tensão entre

ser brasileiro e ser gaúcho ganha força no Galpão de Debates em longas discussões que recuperam elementos presentes na construção das duas identidades, fazendo emergir questões que compõem essas comunidades imaginadas.

São justamente os fóruns que tematizam a relação entre Brasil e Rio Grande do Sul os que recebem mais participação dos usuários, sendo resgatadas aí queixas do Rio Grande do Sul com relação ao Brasil que integram a construção da identidade gaúcha como uma de suas matrizes definidas na relação entre o nacional e o local. Ainda que o estado tenha participado de episódios decisivos na política nacional⁸⁵, seus habitantes mantêm o lamento, repetido no site, de que estariam sempre perdendo em seu relacionamento com o restante do Brasil. Esse sentimento de marginalização, que motivou a Revolução Farroupilha no século XIX, é o mesmo declarado como responsável por idéias separatistas, ressurgidas com força na metade da década de 80 e presentes hoje através de movimentos⁸⁶, muitos dos quais divulgados na Internet.

A mídia aparece como possibilidade de divulgação do separatismo e a sua tematização aparece na Página do Gaúcho como dinamizadora da relação entre a identidade brasileira e a gaúcha. Foi o ideal de separatismo que aproximou Witkwoski do site, por exemplo, e é para divulgar o movimento do qual faz parte que realiza seu principal uso da Internet: gerencia listas de discussão, manda e recebe e-mails, ajuda a manter atualizados sites sobre a temática. A rede acabou servindo para aproximar pessoas da causa da auto-determinação do Rio Grande do Sul, termo criado para explicar a separação do estado através de um plebiscito com a população. Witkowiski diz ter se interessado pelo assunto por nunca ter se identificado com o Brasil. Assim como outros usuários da página, sente-se mais gaúcho.

⁸⁵ Como exemplos, a ‘Coluna Prestes’; a ascensão ao poder de Getúlio Vargas, na Revolução de 1930; a ‘Campanha da Legalidade’ para que o gaúcho João Goulart assumisse o poder depois da renúncia de Jânio Quadros; e, durante a ditadura militar, a presença de três gaúchos entre os cinco generais que governaram o país de 1964 a 1985 (OLIVEN, 1998b).

⁸⁶ Segundo Oliven (1998b), a imagem do sofrimento que o Brasil está causando ao RS e a constante declaração da necessidade de tomar medidas que poderiam chegar à separação, tornaram-se frequentes por ocasião da comemoração do sequiscentenário da Revolução Farroupilha, em 1985. Desde então, surgiram iniciativas de divulgação da causa separatista, até a organização de movimentos (considerados auto-deterministas e não separatistas), alguns dos quais incluindo os estados de Santa Catarina e Paraná na idéia de separação do Brasil.

Scavone, ainda que não se diga separatista, na sua busca de valorização da origem platina do gaúcho, mostra o quanto sente-se gaúcho e não brasileiro. Para os dois usuários as identidades nacional e regional são excludentes, não podem nunca estar juntas. O mesmo pensam outros cadastrados no site, declaradamente separatistas, que evidenciam uma oposição, uma diferença firme entre gaúchos e brasileiros, motivada principalmente por questões políticas e econômicas. Motivos muito parecidos com os responsáveis pelo início da Revolução Farroupilha, quando grandes fazendeiros se insurgiram contra o império por causa dos altos impostos pagos pelo charque produzido aqui. As referências aos farroupilhas são constantes, assim como o reforço da garra dos gaúchos e a sua capacidade de luta:

O motivo qual me fez escrever neste debate é manifestar meu total **apoio e incentivo à REPÚBLICA DOS PAMPAS**, formada pela separação dos estados do Paraná, Santa Catarina E Rio Grande do Sul. Chega de sustentarmos um Brasil sem perspectiva de futuro, chega de carregarmos os estados do nordeste nas costas! O movimento separatista está aí, dormindo, mas o povo sulista, o povo gaúcho, dito o 3º exército mais poderoso da América do Sul pode despertá-lo. (FERNANDO)

Em tópicos do fórum de discussão declaradamente separatistas, é presente a ironia e agressividade na fala ao criticar os gaúchos que, diferentemente deles, consideram-se brasileiros:

O Gaúcho (que ama as tradições e o modo gaúcho de ser), que se diz “brasileiro”, assemelha-se a um elemento, sócio de um clube (o Rotary, por exemplo), e afirma convicto: Não sou o Carlos Alberto, sou Rotariano! Ou seja, renega sua origem, sua identidade própria, para considerar-se fração de um todo! (NEGREIROS)

O Sr. Brisco jura que é brasileiro... até pensa como um! Inclusive está tão mal informado como um **legítimo brasileiro, que toma água de côco e só consegue pensar nas garotas semi-nuas que desfilam na beira da praia...** (NEGREIROS)

Olha aqui, cara, cansei de ouvir esta estória de gaúcho-brasileiro... É a mesma coisa que dizer que és brasileiro-americano... é papo dos mais furados! **Se és brasileiro, se gostas de vatapá, forró, capoeira, vai que lá no nordeste tá cheio... Aqui é a terra do**

gaúcho, fandango, vanerão, e frio... muito vento e frio... Estás no lugar errado, meu amigo! (NEGREIROS)

Nesse afastamento do Rio Grande do Sul em relação ao Brasil, o país aparece muitas vezes sob uma perspectiva depreciativa que enumera aspectos negativos como constituintes da identidade brasileira. As falas são marcadas por uma idéia de homogeneidade da identidade nacional em que o Brasil destaca-se apenas pelo futebol e pelo carnaval, como país das mulheres seminuas e do axé. A identidade gaúcha é exaltada em contraposição à brasileira como um protesto contra esses elementos considerados negativos em sua construção:

A **cultura predominante no Brasil** sem dúvida é a da malandragem, da lei de Gérson, da fofoca, das mulheres siliconadas e dos homens marombados, dos políticos corruptos, do trabalhar pouco e ganhar muito. (DIANA)

Podemos observar a “tradição brasileira”: - **Temos o Carnaval...** (que beleza!) - **Temos o espertalhão** que adoraria ganhar bem sem trabalhar, e de levar vantagem em tudo... - **Temos os bandeirantes, caçadores de riquezas** (para Portugal, é claro!) e de índios! - **Temos a Umbanda, tradição religiosa, mistura de catolicismo com rituais afros...** E não temos muito mais que isso, não! **Estes são os "legados" brasileiros...** O resto que vemos no Brasil, são legados de outros povos que aqui vieram colonizar o território brasileiro! É outras coisa! não confundam! (NEGREIROS)

O Brasil impresso em seus subscientes, é ilusório e utópico! Temos, de real, apenas o seu território que, faça o que fizer, continuará igual e no mesmo lugar! Temos sobre ele povos distintos em distintas configurações regionais, em contra-ponto aos seus suportes objetivos de uma nacionalidade absurdamente variável e heterogênea. Atrelados estão estes povos a um organismo político controlador, gerador daquela ilusão, dela se locupletando, porquanto situação real e passiva. (NEGREIROS)

Entretanto, mesmo entre os separatistas convictos aparece a negociação entre ser brasileiro e ser gaúcho:

Quando brasileiro, penso que ao servir o exercito jurei meu sangue a bandeira, quando brasileiro me orgulho da garra de boa

parte desse País, quando brasileiro amo esta terra, mas... quando gaúcho sou discriminado pelos dirigentes do país que amo. **Quando gaúcho** trabalho pra manter uma patria que me vira as costas no primeiro momento, que prioriza tudo menos nós, será que é justo tudo que o estado arrecada e o retorno que tem? será que é justo um País ou a metade do País que para no carnaval? a antepatia existe e é visível, quando FHC visitou o Papa no Vaticano ouviu o as seguintes palavras da boca do Papa: - O Papa é Gaúcho ! na mesma hora FHC retruca: - Não..... o Papa é Brasileiro. (GUAPO)

Para alguns usuários, então, a identidade nacional e a regional são construídas nessa relação não conflitiva, de simultânea oposição e pertencimento. Gaúcha e brasileira são identidades que se completam, uma só existindo na outra. As manifestações indicam, inclusive, que os gaúchos considerem-se brasileiros primeiro sendo gaúchos:

Acho estranho é renegar o brasileiro, por puras questões políticas. Isso já seria tolice. (UDO)

Do jeito que a coisa vai, daqui a pouco nós, **os "RIO GRANDENSES"**, não vamos ser reconhecidos mais nem como **Brasileiros!** (VELHO MARAGATO)

Me desculpe, a todos os conterrâneos e irmãos gaúchos e brasileiros, eu sei que as vezes eu fui meio agressivo, mas sempre no limite, é **pq eu como todo gaúcho, e como brasileiro, não aceito de forma alguma essa separação**, que muitos falam nesse site. (BRASUKA)

Outros elementos da identidade surgem quando é feita a defesa do pertencimento do Rio Grande do Sul ao Brasil. Aparece aí um país da diversidade cultural, da música, da poesia, do cotidiano cheio de criatividade de seu povo. Um Brasil que vale a pena e que garante orgulho daqueles que se consideram, acima de tudo, brasileiros:

O Brasil é muito mais que futebol, o Brasil é história, o Brasil é a Terra de Santa Cruz, o Brasil é a terra do renascimento da humanidade, o Brasil é berço de uma nova raça, o Brasil caboclo, o Brasil Tradicionalista! **É o meu, é o teu é o nosso Brasil!** Chega de desunião, chega de tristezas, pois nosso país é Beleza! (PLÍNIO)

Porque só olhar as coisas ruins... Não sabes que aqui também existe a cultura dos pantaneiros? A dos seringueiros da amazonia, que vivem do extrativismo... A dos pescadores ribeirinhos do rio São Francisco.... (TIAGO)

Assim, nas afirmações e disputas de ser gaúcho no site, velhos debates sobre a identidade ressurgem, fazendo com que gaúchos e brasileiros que entendem de diferentes modos o significado desses pertencimentos comprovem o quanto a questão trata-se de uma construção simbólica que faz emergir elementos tão diferentes quanto a economia ou a diversidade étnica.

Como identidade relacional, apesar de todo o esforço para ser essencializada pelos usuários do site, ser brasileiro ou ser gaúcho depende da posição de cada um. Sujeitos naturais do Rio Grande do Sul morando em outros estados brasileiros afirmam sua identidade de gaúchos como diferencial em relação aos que estão à volta. No Rio Grande do Sul, reforçam o discurso que opõe os gaúchos aos brasileiros, embora em muitos momentos, quando falam da música, da efervescência cultural ou da fé, coloquem a identidade brasileira em primeiro lugar. Fora do país, como revela a postura assumida por Udo, não deixam de ser gaúchos, mas, acima de tudo, são brasileiros. A situação observada através do site serve apenas de exemplo para pensar o quanto as identidades são posicionadas, variam, são fluídas, fazendo emergir emblemas e esquecendo outros, conforme diferentes contextos.

Na construção midiática das duas identidades através do site, mesmo desde posturas extremistas, rígidas e conservadoras, a brasilidade e o gauchismo excluem-se ou complementam-se, e, mais do que isso, ganham uma dimensão diferente daquela experimentada no cotidiano no momento em que são disputadas através das possibilidades de comunicação de um espaço que se destina à cultura gaúcha. Ali para ser brasileiro é preciso defender-se, embora no dia-a-dia todos convivam com essas questões de uma maneira mais harmoniosa ou menos conflitiva – mesmo que o conflito faça parte do imaginário do gaúcho em suas intermináveis guerras. Como

escreveu um dos usuários, “essa peleia deve durar por longos anos, pois, afinal de contas, somos maragatos e chimangos⁸⁷”.

4.1.3 Gaúchos ou rio-grandenses?

A possibilidade de reunir sujeitos, independente de sua localização geográfica, facilita a aproximação no site de quem se identifica com a cultura gaúcha através de vinculações muito mais complexas do que a simples pertença territorial. Na Página do Gaúcho, circulam pessoas nascidas em diferentes estados brasileiros e mesmo em outros países, mas a grande maioria, apesar das constantes tensões estimuladas pelas próprias características do espaço, compartilham um sentimento em comum: o de ser gaúcho.

Surge uma questão que toma forma de uma teoria a ser compreendida pelos usuários do site. Através do reforço de constantes declarações, do debate sobre diferentes pontos de vista, circula a idéia de que existe uma diferença entre ser ‘gaúcho’ e ‘rio-grandense’. Contrariando o senso comum, os dicionários e todas as convenções, no site, o termo ‘gaúcho’ não é um gentílico para quem nasce no estado do Rio Grande do Sul, mas adquire um significado que transcende qualquer vinculação com o território:

Ele falou **“Rio-Grandenses” = quem nasce e vive no Rio Grande, não disse “Gaúchos”, que abarca todo aquele que ama a cultura gaúcha** independente de onde tenha nascido ou esteja vivendo. (NEGREIROS)

Pra mim, **para ser rio-grandense basta ter nascido no Rio Grande...porém nem todos que nascem no Rio Grande são Gaúchos...nem todos amam a cultura, cultuam as tradições...** Por

⁸⁷ Grupos opositores nos conflitos rio-grandenses de 1893 e 1923. Os maragatos, liderados por Gaspar Silveira Martins, eram favoráveis ao federalismo, enquanto os chimangos, sob a chefia de Júlio de Castilhos, defendiam a República.

isso a palavra Gaúcho deve ser empregada para aquele que leva o Rio Grande no peito, que ama o que faz...e não numa certidão de papel. (TCHEBABI)

Eu ja abri um topico sobre isso e cansei de falar pros loco que **rio grandense é uma coisa e gaúcho é outra. Uma não tem nada a ver com a outra.** A Xuxa é gaúcha ?? nelson goncalves é gaúcho ?? Elis Regina era gaúcha ??? Pedro Raimundo não era gaúcho ??? Anita Garibaldi não era gaúcha ??? (SARETTO)

Revela-se uma aproximação à identidade a partir de uma vinculação simbólica que, no site, é definida como um sentimento. Existiria uma ‘alma gaúcha’ que une habitantes de diferentes lugares do Brasil e do mundo a partir de aproximações com a cultura tradicional, quer pela participação em CTGs ou associações folclóricas, espalhadas pelos mais distantes pontos do território brasileiro e fora dele, quer por outras experimentações, como os próprios usos da Internet, em que proliferam sites destinados à temática do gauchismo.

São gaúchos por opção, como afirmam no site, e defendem essa posição como uma diferença que os qualificaria como ‘mais gaúchos’ do que aqueles que simplesmente nasceram no estado e não honram suas tradições. Para afirmar a posição, lançam mão de explicações que remodelam o significado atribuído à identidade:

Sou catarinense de nascimento e GAÚCHO por opção, pois amo tudo o que faço e que diz respeito a cultura gaúcha e tenho orgulho de ser assim, GAÚCHO. (lehmkuhl)

Ser gaúcho não é ter nascido aqui ou ali **é um estado de espírito...**
(DESGARRADO DO PAGO)

Como em tudo o que circula na Página do Gaúcho, a idéia defendida pelos ‘novos gaúchos’ sobre a distinção com relação aos rio-grandenses não é aceita com unanimidade. Uma polêmica é criada por aqueles que entendem a identidade como algo muito mais concreto do que um simples sentimento. Scavone é um dos que mais demonstra indignação com a adoção da identidade gaúcha como uma estratégia por

peessoas não nascidas no estado. Nas entrevistas, ele destacou que o debate sobre o assunto era uma das coisas que o aborrecia no site:

Acaba se colocando uma discussão – reproduzida na Página do Gaúcho – de **colocar o ser gaúcho como uma coisa muito tênue**: “ah, eu sou gaúcho”... Acho que não é por aí. Eu não acredito nessa diferença entre rio-grandense e gaúcho que aparece. (SCAVONE)

Acho fundamental buscar a acepção do Gaúcho na sua raiz, senão vamos começar a propagar por aí concepções como ser "**gaúcho de coração**"... **me desculpe, isto é abstrato demais para mim...** (SCAVONE)

Opinião semelhante é defendida por parte dos usuários nos fóruns do Galpão de Debates, criando uma oposição à separação entre rio-grandenses e gaúchos. Suas falas revelam não uma negação da identidade, como acontece com Scavone, mas uma defesa do pertencimento àqueles que, independente da identificação com os valores tradicionais da cultura gaúcha, nasceram no estado e manifestam outras formas de ser gaúcho. Demonstam orgulhar-se diante do posicionamento dos não nascidos no estado como gaúchos, mas não admitem a exclusão daqueles que se afastam do tradicionalismo:

Em nossos corações, somos Gaúchos, tanto faz se nasceu em Passo Fundo ou em New iork. Mas se formos a um programa de tevê, Faustão, Gugu etc... Se tu falar que é de Porto Alegre, automaticamente será chamado(a) de Gaúcho! E também **não acho legal dizer que quem não conhece as nossas tradições, não deva ser chamado de Gaúcho**, pois meu filho nasceu em Canoas, toca em uma banda de rock, conhece nossa cultura melhor que eu, nunca colocou uma pilcha na vida dele...Muitas vezes entro no quarto dele, ele da de mão na guitarrita e me convida para cantar o hino Rio-grandense...Ele sabe que é minha canção predileta... Acho que não devemos chegar ao extremo de dizer que quem não conhece nossa cultura na ponta da língua, não seja chamado de Gaúcho. **Goste tu de samba, rock, vaneira, etc...Nasceu aqui dentro, automaticamente é Gaúcho!** (VELHO MARAGATO)

Mais uma vez, a relação com a identidade varia conforme as vivências diversa dos usuários e as posições são defendidas nos debates travados no site e também na

fala dos entrevistados. A troca de opiniões no Galpão de Debates dá espaço para tensionar estratégias identitárias, criticadas por alguns ou bastante próxima a outros, como o que acontece com Gicele, que enumera entre os amigos do CTG em Recife pessoas sem nenhuma ligação com o Rio Grande do Sul, não seja a admiração por sua cultura, e Jefferson, que fala com orgulho sobre uma primeira prenda japonesa em São Paulo ou de um ‘paulista da gema’ que dizia a todos ser gaúcho, apesar de ter nascido no ‘lugar errado’. Seja qual for o nome que recebam aos olhos dos outros, impossível negar-lhes a condição de gaúchos – se mais ou menos importantes do que os “legítimos herdeiros do solo”, como diz Leandro, é uma outra história, que ganha dimensão de tese entre os usuários no debate estimulado pela Página do Gaúcho.

4.1.4 O ideal de modernidade como definidor da identidade

Como está sendo analisado, a entrada tradicionalista do site faz com que a maioria das referências à identidade seja marcada por elementos distintivos ligados à construção hegemônica do gaúcho. Entretanto, juntamente com símbolos como a bombacha, o sotaque, o chimarrão, outros traços são ressaltados como definidores da identidade, ainda que de uma maneira menos aparente no site. A política, a educação e a economia também surgem como distinção para os gaúchos, revelando o que Roberto da Matta (2003) identifica como um ideal moderno, igualitário e individualista de regionalismo. O reconhecimento da importância da colonização européia, da industrialização, da participação política, do respeito à lei e às normas públicas estaria implicado nessa concepção de regionalismo, considerado mais cosmopolita, racional e político do que aquele orgânico, espontâneo e único, baseado na acentuação da singularidade.

Esse regionalismo não é o mais focado no site, mas surge nos argumentos de alguns dos usuários como motivo de orgulho e distinção. Sobretudo nos temas

relativos ao (já referido) separatismo, recorre-se à idéia de que o Rio Grande do Sul, avançado, moderno, eficiente e organizado, sofre com o atraso do Brasil. O todo pesa sobre a parte. É isso o que aparece quando é debatido algum assunto sobre política:

Meu objetivo aqui não é dizer que os gaúchos são superiores aos baianos e nem desmerecer Jorge Amado, mas enfatizar que apesar das divergências políticas **o RS é mais politizado que os demais estados.** (PRENDINHALINE)

O Gaúcho é o povo que mais teve influência na política do país. Será que isso é mito? Guerra dos Farrapos com ideais políticos/ mito? Getulio Vargas/mito? A luta para Jango ter o direito de assumir a presidência/ mito? A rádio nos porões do piratini reivindicando o direito de Jango/mito?

Não quero dizer que somos melhores do que ninguém, mas.. fomos e somos parte importante da política nacional. Não estou dizendo que somos melhores ou piores. São fatos, e aí eu pergunto **a cultura política do povo nada tem a ver com isso? A região sul é o filé do país,** não é por que moro aqui mas é fato, isso é **proveniente de uma cultura política adquirida a décadas...** (GUAPO)

Além da política, outros elementos são destacados nessa perspectiva ‘moderna’ de entender o regionalismo. Eles estão presentes no depoimento de Jefferson, sobretudo quando faz comparações com as características que atribui a nativos de outros estados brasileiros, em sua experiência de migrante. O primeiro diferencial seria o envolvimento com o trabalho. Nessa construção, o gaúcho é mais trabalhador, mais dedicado, mais preparado para a vida profissional, fazendo com que, segundo Jefferson, seja reconhecido fora do estado por sua competência, iniciativa e liderança.

A educação é outro destaque do gaúcho na construção feita por Jefferson. Um povo mais educado, além de mais qualificado para o trabalho, é responsável, cumpre as suas atribuições, exige seus direitos e ainda é mais preocupado com as relações sociais:

Em termos de organização, administração, hospitalidade, ou seja, as relações humanas, os outros estados deixam muito a desejar. Então a gente percebe uma diferença grande entre quem é

e quem não é do Rio Grande do Sul, até em termos básicos de educação. (JEFFERSON)

Essa concepção enfatizada por Jefferson e partilhada por alguns usuários do site no Galpão de Debates revelam uma certa dialética do regionalismo: ao mesmo tempo em que as diferenças do estado são acentuadas, servem de prova de pertencimento ao Brasil. Segundo Roberto da Matta, seria uma forma de declarar o caso bem sucedido do Rio Grande do Sul como uma prova de que o Brasil, enquanto Estado-nação, pode dar certo. Apesar de presente, essa perspectiva de regionalização é secundária no site, aparece de uma maneira mais discreta do que o que acontece com relação à ênfase em uma folclorização que visibiliza as singularidades e particularidades do gaúcho.

4.2 O gaúcho em diáspora

Historicamente, o Rio Grande do Sul é um dos estados com maior número de emigração do Brasil. Em 60 anos, de 1940 a 2000, cerca de 2,3 milhões de gaúchos deixaram o estado, o que representa 22,65% da população gaúcha atual (CONTINI, 2002)⁸⁸. A maioria dos casos está relacionada a motivações econômicas e, mesmo que não haja informações específicas, os indícios é de que boa parte para trabalhar em atividades agrícolas. O período em que a emigração foi mais acentuada foi entre 1960 e 1990, mas, mesmo com uma diminuição nos índices de emigração de 1990 a 2000, o fenômeno continua imprimindo uma importante dinâmica para a identidade gaúcha.

O fluxo migratório, em um primeiro momento destinado prioritariamente para o interior do país, em estados como Tocantins e Mato Grosso do Sul, regiões com grandes áreas livres que poderiam ser aproveitadas para agricultura (HAESBAERT, 1997), foi sendo reconfigurando através de experiências migratórias plurais, não

⁸⁸ A estimativa é feita indiretamente através da análise dos censos demográficos de 1940 a 2000, pois não são fornecidas informações da saída de populações de um estado para outro.

apenas motivadas pelo econômico, até a consolidação de uma verdadeira rede gaúcha espalhada por todo o Brasil, visível através de sinais como a presença do chimarrão, as linhas de ônibus que ligam o interior gaúcho a cidades de outros estados, além da implantação de Centros de Tradição Gaúcha fora do Rio Grande do Sul. Segundo dados do MTG, existem cerca de 1500 CTGs em funcionamento em outros estados brasileiros e mesmo no exterior. Há CTGs nos Estados Unidos, no Japão, na Holanda, na Malásia, na Argentina, no Uruguai, no Paraguai e em vários outros países.

A proliferação de CTGs e associações de caráter tradicionalista dá visibilidade para o fenômeno de expansão do gauchismo como estratégia identitária para gaúchos migrantes, os ‘desgarrados do pago’, como denominam-se, assim como para os já referidos ‘novos gaúchos’, brasileiros e estrangeiros que, mesmo não tendo nascido no Rio Grande do Sul, assumem a identidade pela admiração à cultura e aos valores pregados pelo tradicionalismo. Esses dois grupos aparecem no site, recorrendo à Internet como possibilidade de manutenção ou aprofundamento dos vínculos que mantém com a cultura gaúcha, permitindo levantar questões sobre as conseqüências da diáspora, muitas vezes apenas imaginada, na dinâmica identitária.

4.2.1 Gauchismo fora do Rio Grande

Longe do território gaúcho, os CTGs assumem novas funções, como aponta um dos entrevistados, ele mesmo um gaúcho que deixou o estado e identificou-se com o tradicionalismo somente em São Paulo. Para Jefferson, a aproximação com o CTG surgiu como uma necessidade depois de seis anos morando fora do Rio Grande do Sul. Era uma maneira de sentir-se mais perto de sua terra natal, embora nunca tivesse mantido nenhuma vinculação com o tradicionalismo antes.

Muitos gaúchos, diferentemente de Jefferson, que ainda tem em sua história uma ligação com a região da campanha e com uma vida rural, vão experimentar essa aproximação quando longe do estado, como indica Oliven (1992), ao cultuarem os

costumes e valores das estâncias, transpostos para o universo dos CTGs, fazendo referências a um mundo ao qual jamais pertenceram. É o que se observa com Gicele, uma jovem que tão logo nasceu em Porto Alegre foi morar em Recife.

Os CTGs localizados em outros estados e países passam a agregar não apenas gaúchos migrantes mas também ‘não gaúchos’ ou mesmo os ditos ‘novos gaúchos’, passando a funcionar como espaços de convivência e lazer, sobretudo em grandes centros urbanos, como atesta o depoimento de Jefferson:

Em São Paulo as minhas relações eram praticamente só relações de trabalho. No CTG não, eram relações para lazer porque algumas pessoas procuram o CTG como um clube para o final de semana e outros realmente para desenvolver trabalhos sobre a cultura gaúcha. (JEFFERSON)

Mesmo como clube, esse espaço tem para Jefferson um diferencial marcado por valores defendidos pelo tradicionalismo: “Muitos acabavam se associando não pelo conhecimento da cultura gaúcha, mas por perceber que o ambiente num CTG é como de uma grande família, é um ambiente saudável, porque a gente preza pelos bons costumes e bons hábitos”. Assim, segundo Jefferson, o tradicionalismo cativa novos adeptos e acaba expandindo ideais que considera universais.

Para Gicele, a vivência dentro do movimento tradicionalista ganha importância em seu cotidiano pelo preenchimento de uma saudade sentida do Rio Grande do Sul. Como representante da entidade tradicionalista que reúne os CTGs da região Nordeste, dedica-se a divulgar a cultura gaúcha e garantir a sua expansão fora do Rio Grande do Sul. A estudante reforça em seu depoimento uma diferença percebida entre a vivência do tradicionalismo no estado e fora dele:

O Movimento Tradicionalista Gaúcho longe do Rio Grande do Sul tem muito essa parte de sentimento e não de movimento. Lá a gente não tem essa necessidade de competição que tem aqui. Aqui as internadas artísticas vão atrás de prêmios, vão atrás de certificados e lá a gente vai porque quer ir, porque sente falta de alguma coisa. Existe um monte de gente que nem tomava chimarrão quando tava aqui e depois que vai pra lá passa a valorizar, passa a tomar o

chimarrão pela falta , pela saudade que tem da terra em que nasceu.
(GICELE)

O testemunho de Gicele, uma rio-grandense que virou ‘mais gaúcha’ afastada do estado, é comum a outros usuários do site, em debates sobre a temática do gauchismo em lugares diferentes do Rio Grande do Sul. O assunto é uma questão importante pelo número de tópicos que aparece e o envolvimento que as discussões geram, o que pode ser exemplificado através de um fórum criado para comentar uma reportagem veiculada pelo Fantástico, programa dominical de notícias e entretenimento da Rede Globo, em agosto de 2003, dentro da série Brasil Total, cujo objetivo é o estímulo a produções por equipes de diferentes regiões que enfoquem peculiaridades da cultura local.

As afirmações dos usuários revelam críticas, com uma idéia de proteção contra apropriações da cultura gaúcha, que seria deturpada. Entretanto, elas são minoria diante do sentimento de orgulho que deu origem ao debate:

Não sei com relação aos colegas, mas **eu achei fantástica** a reportagem sobre CTGs no Nordeste do Brasil exibida na noite de ontem no Fantástico. De uma forma respeitosa foi mostrado o **trabalho realizado por pessoas que sequer nasceram no Rio Grande do Sul, mas se dizem gaúchos de coração**. Parabéns ao Fantástico e, principalmente, a estes gaúchos de coração que mesmo longe de nossa terra mostram um amor à nossa cultura muito maior do que demonstrado por muitos nascidos aqui.
(LEANDRO)

Os gaúchos no Nordeste são um exemplo do modo como os migrantes, em uma prática observada no fenômeno da imigração, organizam-se em redes, muitas vezes valorizando mais questões da cultura local do que antes de deixarem sua terra de origem. Essa observação é ancorada pelos estudos recentes sobre a dinâmica migratória: “De um modo geral, aceita-se hoje o fato de que as redes baseadas em laços de parentesco, amizade e comunidade vinculam a comunidade emissora com a receptora e proporcionam uma estrutura coerente às populações de migrantes”

(GURAK; CACES, 1998, p. 75). A especificidade no caso gaúcho está na organização em torno dos CTGs e, na pesquisa, o interesse volta-se para a formação de redes entre migrantes a partir dos usos da Página do Gaúcho.

4.2.2 Dos desgarrados e a construção de novas querências

No site, a diáspora gaúcha ganha destaque em outros tópicos que motivam a participação de usuários com posicionamentos variados dentro do site. Entretanto, a questão não aparece apenas na definição da temática de discussões, mas na própria dinâmica de funcionamento e distintas apropriações da Página do Gaúcho, que se transforma em um espaço acolhedor para esses ‘filhos desgarrados do pago’. Um espaço que, aos moldes do que acontece nos CTGs, assumidos como recriações do Rio Grande do Sul em outros territórios, permite a aproximação de sujeitos que, por motivos diversos, deixaram o estado.

Mesmo que as manifestações revelem que a maioria emigrou por razões econômicas – transferência, estudo, promoção, normalmente em busca de ascensão financeira e profissional –, existe um sentimento em comum entre aqueles que se consideram desgarrados. Trata-se de uma sensação de perda, como se tivessem sido obrigados a deixar o estado, além de uma grande saudade da terra, revelada na necessidade de aproximação a tudo o que lembre o Rio Grande do Sul.

A saudade é presente até entre aqueles sujeitos que pouca ou nenhuma ligação tiveram com o território, como o que acontece com Udo e Gicele. Descendente de imigrantes, nascido em Porto Alegre, mas longe do estado desde os sete anos, Udo não deixa de referir-se a lembranças de uma terra muita mais imaginada do que realmente vivenciada. Lembranças que ele mesmo diz inatingíveis, talvez pela certeza de que se refiram a situações vivas apenas em sua memória, muito distantes daquilo que encontra quando visita o estado em suas férias no Brasil. São essas lembranças

definidas como “sinceras e poéticas” é que vão configurar um modo de ser gaúcho, mesmo que na Alemanha identifique-se muito mais como brasileiro.

Para Gicele, a situação é ainda mais paradoxal. Em Recife desde os dois meses de vida, nunca chegou a morar no Rio Grande do Sul. Mesmo assim, com sua relação limitada à visita à família em todas as férias, existe a saudade do estado, apontada como causa para aproximação com o tradicionalismo. Ainda que em uma espécie de ‘diáspora imaginada’ (pois não foi Gicele quem deixou o estado mas seus pais e toda a sua vida foi construída no Nordeste), existe uma necessidade de retorno, revelada como um dos seus planos para o futuro.

O mesmo desejo fez com que Jefferson deixasse São Paulo e tentasse um emprego no Rio Grande do Sul. Seus nove anos fora só fizeram aumentar a vontade de ‘voltar para casa’, mas a experiência do regresso traz junto uma estranheza presente em seus depoimentos colhidos no seu primeiro mês de retorno ao estado. Além da angústia pela busca de uma colocação profissional, aparece um certo deslocamento, que Hall (2003b), ao falar da experiência diaspórica dos caribenhos, aponta como uma sensação familiar e profundamente moderna, pois, ao contrário do que tanto buscam os usuários da Página do Gaúcho:

Não podemos jamais ir para casa, voltar à cena primária enquanto momento esquecido de nossos começos e ‘autenticidade’, pois há sempre algo no meio. Não podemos retornar a uma unidade passada. [...] Talvez seja mais uma questão de buscar estar em casa aqui, no único momento e contexto que temos. (CHAMBERS apud HALL, 2003b, p. 27-28)

Para Jefferson, o deslocamento é revelado na estranheza causada pela comparação de sua memória com a realidade encontrada, como o que aconteceu em sua visita a Bagé, onde passou alguns anos da infância. A cidade colorida da fazenda do avô ficou cinza, perdeu o encantamento que ajudava a compor o cenário de sua terra. Uma terra que, como concebida em sua memória, simplesmente não existe mais. Agravado pela transição ao final do doutorado, o momento é para Jefferson de

dificuldade para se religar ao Rio Grande do Sul, o que pode ser comprovado por algumas falas que deixam escapar, apesar das severas críticas a São Paulo, uma certa referência positiva ao dia-a-dia corrido, típico da vida cosmopolita que levava.

Além da promessa do retorno, os três sujeitos, sobretudo os que permanecem no Brasil, mostram em suas experiências o quanto a distância torna-os mais orgulhosos de suas origens – ou ‘mais gaúchos’, como afirma Gicele. Longe, eles imprimem um sentido novo para a sua identidade, um sentido de distinção e pertencimento que demanda uma necessidade de manutenção de vínculos com a terra de origem, quer seja pela ligação com a família, participação em CTGs ou ainda através de usos da Internet. A Página do Gaúcho surge aí como uma possibilidade de aproximação com o Rio Grande do Sul para usuários com vivências distintas que buscam preencher a saudade.

Udo aproximou-se do site pela vontade de descobrir coisas do sul e pelo que define como “um desejo de se reconhecer em certas memórias”. Gicele acompanha o que está acontecendo no Rio Grande do Sul, mantendo-se atualizada, criando e fortalecendo relações com usuários que moram no estado. Para Jefferson, o site surgiu depois de seu envolvimento com o CTG por uma necessidade de pesquisa sobre cultura gaúcha e permanece como espaço sobretudo de informação.

Outros usuários, com nicks tão reveladores como ‘Desgarrado do Pago’ ou ‘Gaudério NYC’, estão presentes no site, dinamizando seu funcionamento através de demandas de usos ligadas à sua condição de migrantes. O Bolicho, por exemplo, foi criado para atender aos pedidos dos usuários que estavam longe do estado. Muitos escreviam e-mails com encomendas tão diversas quanto a relatada por Cohen:

Tem um sujeito que saiu de Brasília e foi morar na Líbia. Ele trabalhava no Planalto, no governo, e foi trabalhar na Embaixada. Um dia ele me escreveu dizendo: ‘Eu pago qualquer coisa pra tu me mandares uma imagem do desfile de 20 de setembro na televisão. Eu pago 50 dólares, me diz a tua conta que eu mando pra ti. Não tem problema, né? Eu não agüento é ficar aqui no meio dessa areia toda sem ter nenhuma coisinha. Porque chimarrão aqui nos 45° é impossível tomar’. (COHEN)

De tanto responder aos pedidos, o gerenciador optou por reservar um espaço da página para o consumo, que, mesmo precisando ser fechado por problemas de logística de manutenção, cumpriu por três anos o papel de satisfazer uma necessidade dos migrantes, ainda que limitada aos produtos que estavam à disposição. Com o fim do Bolicho, as relações de consumo mantiveram-se no site pela troca de informações entre os usuários de fora sobre os melhores lugares para adquirir produtos regionais, como ocorreu em um tópico criado no fórum “Novidades e avisos” da seção Galpão de Debates, em que foi divulgado um endereço para comprar boinas em São Paulo e logo surgiram outras demandas dos usuários:

Aquí em São Paulo, na Rua Augusta, está estabelecido desde 1954 o Frances Maurice Plas, Alfaiate renomado, trabalhando com Seus Filhos Maurice Jr. e Robert Produzem Boinas de Diversos Modelos. Para os gaúchos que estão em outra querência, poderiam visitar o site: www.plas.com.br. (NINO)

E bombachas Seo Nino onde encontramos ??? (DESGARRADO DO PAGO)

E chiripás, seo Nino? Onde encontramos aqui? (PAULIÚCHA)

A função do consumo está relacionada com uma das metas definidas por Cohen para a página: levar imagens e informações sobre as peculiaridades do Rio Grande do Sul aos “filhos desgarrados da terra”. O objetivo acabou configurando uma das características diferenciais do site: a preocupação em tematizar o sentimento de perda com a necessidade de migração, presente também na seção de turismo, em que Cohen visita cidades gaúchas, divulga fotos e conta histórias locais no site, recebendo comentários emocionados de sujeitos que há muito não visitam suas cidades natais.

A própria trajetória de Cohen é marcada pela exigência de afastamento temporário do estado, pois desde 2001 passou a viajar a trabalho freqüentemente para São Paulo, chegando a ficar cerca de dez dias por mês longe do Rio Grande do Sul, e como, anuncia em uma pequena biografia disponível no site, passou a experimentar

“o gosto amargo de ser um desgarrado”. Para suportar a saudade, começou a usar o site como um vínculo permanente com o estado.

O mesmo vínculo é percebido nas apropriações feitas pelos usuários migrantes que buscam uma aproximação à sua ‘querência’: aquele lugar onde nasceram ou acostumaram-se a viver, para o qual sempre procuram voltar. Quando essa volta não é possível, pode existir um CTG por perto, uma loja com CDs de músicos regionais ou até um site repleto de referências ao Rio Grande do Sul, oferecendo a possibilidade de vivência do gauchismo e reunindo sujeitos com trajetórias diversas em uma espécie de ‘nova querência’. Aí sim um lugar para o qual, por sua existência desvinculada de qualquer território, pode-se voltar todos os dias.

Na análise, portanto, a Internet aparece como potencializadora da relação de gaúchos migrantes com o Rio Grande do Sul, através da possibilidade de contato com quem permanece no estado e na vivência da cultura gaúcha desde a facilidade de formação de comunidades, como acontece no site, que giram em torno do gauchismo, incentivando um sentimento de pertencimento aos seus usuários longe do estado – acionado quer por questões mercadológicas, com a compra de produtos regionais, ou questões simbólicas, com o compartilhamento do vocabulário gauchesco e a preocupação com temáticas que envolvem a cultura regional.

4.3 Disputas de gênero dentro e fora da rede

Ainda que não seja uma questão central nas discussões da Página do Gaúcho e esteja menos visível ainda na fala dos entrevistados, as disputas de gênero estão presentes, configurando em modo de construir a identidade gaúcha na tensão entre a valorização da masculinidade diante da necessidade de posicionamento do universo feminino. Ser gaúcho, de acordo com parte significativa das participações dos usuários do site é ‘coisa de macho’, sempre apto a demonstrar sua valentia e força física. Às mulheres é reservado um respeito que parte da consideração de sua

condição inferior. Elas precisam ser protegidas e amadas, pois são a ‘jóia do gaúcho’. Essa visão aparece no Galpão de Debates, espaço em que elas são minoria, refletindo uma tendência que alimenta o pensamento tradicionalista.

Quanto ao homossexualismo, a questão é ainda mais radical. Há quase uma unanimidade na Página do Gaúcho contrária a qualquer manifestação homossexual, retratada no episódio polêmico da ‘cavalgada gay de Pelotas’, interpretado adiante.

4.3.1 A prenda em busca de espaço

Não é por acaso que entre seis entrevistados – sete se for considerado o gerenciador – apenas uma seja mulher. Elas são minoria na Página do Gaúcho, pelo menos entre os usuários cadastrados no Galpão de Debates, e, mesmo que não sejam excluídas da participação, é percebido um confronto entre uma postura masculina relacionada com a própria construção da figura do gaúcho priorizada no site e uma discussão sobre papel da mulher na sociedade, especialmente dentro da cultura gaúcha.

No imaginário do tradicionalismo gaúcho, a figura feminina é importante porém secundária: a mulher é a companheira compreensiva que deve ser respeitada desde que saiba manter-se em seu lugar, demonstrando decência e uma certa submissão em relação ao homem. É o machismo gaúcho, justificado em livros sobre o tradicionalismo (LAMBERTY, 1989) como consequência da própria formação do estado que exigiu coragem e bravura de seus maridos para a defesa do território. Cabia às mulheres a função de ficar em casa e cuidar dos filhos à espera de seus homens, ainda que muitas vezes tenham sido obrigadas também elas a lutar para proteger a família.

Dentro dos CTGs, as mulheres têm reservado o papel de prendas, bem vestidas em seus trajes rodados, distantes das minissaias ou calças compridas. Para chegar à

condição de ‘prendas de faixa’, precisam passar por concursos e serem destacadas como as mais conhecedoras da cultura e merecedoras do papel de representantes de uma entidade tradicionalista. A relação entre prendas e peões é comentada por Gicele, que considera a cultura gaúcha machista, embora enfatize o respeito dispensado à mulher:

Tem aquela imagem do gaúcho grosso, machista mas sempre com muita consideração à mulher, sempre valorizando muito ela. Tanto que a prenda é a jóia do gaúcho. Ele tem aquela imagem do machista, o grosso, mas não um machista menosprezando a mulher. (GICELE)

Uma valorização que dentro das entidades tradicionalistas se dá muitas vezes pela imposição feminina, com mulheres conquistando cargos até alguns anos exclusivamente masculinos, como o de patroas dos CTGs, ou seja, presidentes dos centros e não apenas mulheres dos patrões. Para Gicele, este é um exemplo da participação cada vez mais ativa da mulher, que conquista um espaço pelo trabalho e liderança:

Muito do machismo dentro do CTG foi quebrado. A gente mesmo já teve uma mulher como presidente da UTGN e a gestão dela foi excelente. Eu acho que a gente acaba cada vez ganhando mais espaço, deixando de ser só a mulher do patrão e trabalhando no meio. As prendas tão cada vez trabalhando mais, desenvolvendo projetos e deixando o seu nome marcado. (GICELE)

É o que acontece com a própria Gicele, uma jovem de dezenove anos que trabalha para representar o tradicionalismo e expandi-lo no Nordeste. Ela afirma não levar em consideração a tendência machista dentro das entidades tradicionalistas e garante ser respeitada pelos fundadores, líderes e associados do CTG em que frequenta, apesar da pouca idade e do fato de ser mulher:

Participo ativamente das reuniões da patronagem e eles não têm frescura, mesmo eu sendo a guriazinha. Na maioria das vezes acabam aceitando a minha opinião. Depende de nós mesmas. Espaço a gente ganha se a gente vai atrás. (GICELE)

Na Página do Gaúcho, o menor número de participações de mulheres reflete um pouco da situação vivida pela mulher dentro do meio tradicionalista. Mesmo em minoria fazem-se presentes e defendem suas opiniões em temáticas que revelam interesses diversos como poesia gaúcha, lidas campeiras, competições em rodeios e convivência em CTG. A temática de gênero não é um destaque entre as discussões no Galpão de Debates, aparecendo muito mais pulverizada nas inserções feitas em fóruns diversos.

Durante o período de observação, houve apenas um tópico com referências diretas à questão, inserido pela forista Campeira Laçadora, com o título “Participação feminina em rodeios”. Como o próprio nick indica, a usuária compete em provas que avaliam a destreza em lidas campeiras como tiro de laço e rédea⁸⁹.

Ao propor conhecer a opinião dos usuários sobre a atuação feminina no meio que considera machista dos rodeios, faz emergir posturas que revelam o quanto a questão é conflituosa no tradicionalismo e também dentro do site. Entre as participações contrárias, destacam-se as que condenam a postura das mulheres ao querer, segundo defendem, ocupar um lugar que é exclusivo dos homens, e ainda desrespeitar as regras do MTG ao usar trajes diferentes do vestido longo. É criada uma tensão em torno da liberdade das mulheres em usar bombachas:

O que eu acho que é muito grave, são as mulheres vestindo-se como homens, é uma agressão à nossa cultura e às nossas tradições. A mulher deve participar de provas campeira, mas nunca deixando de ser mulher... (MILENA)

Imagina so uma prenda num selin com um baita vestido de prenda em cima do cavalo laçando?? Nao da ne, **usamos bombacha em rodeio (as mulheres) porque é uma veste apropriada** que permite se fazer os tiros de laço.
(PROCEDÊNCIA)

⁸⁹ Segundo explicação de usuário da Página do Gaúcho, na prova de rédeas é preciso fazer um percurso estabelecido pelos organizadores em menor tempo; o tiro de laço avalia a habilidade para laçar o animal em movimento.

É muito mais agradável ver uma guria com um **traje mais adequado a uma mulher** do que ver com uma bombacha, tirador, chapéu...mas cada um é cada um... (TCHÊBABI)

Aqui na minha terra nunca tiveram preconceito nenhum comigo, e **pilchada como peão, até arranjei namorado**. Não sou prenda, acho muito lindo os vestidos, mas do que eu gosto mesmo é de uma bombacha e de um lombo de cavalo. (ANDREZA)

Apesar da divergência quanto ao tipo de vestimenta usada em rodeios, a maioria mobilizou-se no fórum contra o posicionamento machista de um usuário, que, apesar das críticas, recebeu apoio de outros sujeitos dentro do site:

Mulher nas tradições gaúchas deve ser prenda, o que é um papel muito digno. **Mulher deve ser submissa sim e isso não a torna inferior**, veja este exemplo: "Um empregado é submisso a seu patrão, e nem por isso ele é inferior, ou menos digno". Bah essas mulheres e peões com aspectos revolucionários e contraditório aos ditames gaúchos, é muita babaquice pro meu gosto. (PLÍNIO)

Mulher submissa eh um aspecto positivo sim!!! O que está errado não é a submissão da mulher, e sim casos onde ocorrem abuso da autoridade perante o homem. **Esse negócio de igualitarismo eh coisa de comuna**, sejamos francos e aprendemos a lidar com a HIERARQUIA, senão o negócio vira anarquia.... (MIGUEL)

Através das respostas indignadas com as opiniões contra a participação feminina não apenas dentro dos CTGs mas também na sociedade, a maioria dos usuários demonstrou um posicionamento que pode, à primeira vista, parecer contraditório em uma página tradicionalista, que prioriza a figura masculina do gaúcho:

Plínio meu amiguinho... Tenha a santa paciência né guri! **Dizer que nossas prendas estão mudando o rumo de nossa cultura é pra lá de MACHISMO**. [...] Se tu acha que as prendinhas estão incomodando por que usam bombachas ao montar, tenta tu montar de vestido pra ti ver como é bom! Pega leve com as gurias tchê, a nossa cultura deve continuar com gaudérios e prendas. (VELHO MARAGATO)

As mulheres trabalham, algumas sustentam a casa, a maioria já aprendeu a ler, não tem mais os filhos em casa, fazem cesariana no hospital, não ganham mais 9 filhos, tomam anticoncepcional,

transam antes de casar. Muitas são separadas ou mães solteiras, umas poucas são lésbicas, ainda tomam chimarrão, usam celular, computador, fax e OB. Ah, elas não tem mais piolhos e não se tornam velhas aos 36. Se apanharem do marido, podem ir na delegacia. Não existe decreto que obrigue alguém a viver no passado.(JUNIOR/RO)

Apesar da atitude de repulsa em relação a opiniões consideradas machistas, a polêmica gerada em torno da participação feminina em rodeios revela justamente a necessidade de defesa de uma opção das mulheres vista com reservas dentro do tradicionalismo. No único fórum destinado exclusivamente à temática da mulher no gauchismo, emergem posicionamentos que remontam à época de povoamento do Rio Grande do Sul, quando existiam rígidos limites entre o que era atividade de homem e de mulher. Apesar da conquista feminina de espaço no meio tradicionalista, o embate revela que não se trata de uma questão bem resolvida, mesmo entre usuários de uma página na Internet – sujeitos que supostamente teriam mais acesso à informação e estariam mais abertos às mudanças. O machismo, marca da construção do gaúcho como homem apto a desbravar a terra e proteger o território, é perpetuado no site, apesar da tentativa de contrapor posicionamentos excludentes, na própria existência da necessidade de defesa das escolhas de mulheres que, ao afrontar as regras rigorosas do Movimento Tradicionalista Gaúcho, alcançam algumas conquistas.

4.3.2 O destino do Capitão Gay na Página do Gaúcho

Em uma das discussões mais calorosas do Galpão de Debates, os usuários da Página do Gaúcho colocaram em pauta a questão do homossexualismo, a partir de um acontecimento que ficou conhecido como “cavalgada gay de Pelotas”, ocorrida em setembro de 2002, quando José Antonio San Juan Cattaneo percorreu 255 quilômetros à cavalo da cidade do sul do estado até Porto Alegre. O objetivo era ficar no Parque da Harmonia, onde cerca de cinco mil tradicionalistas acampavam à espera

da Semana Farroupilha⁹⁰. O advogado e candidato a deputado estadual, homossexual assumido, foi recebido com ameaças e impedido de entrar no acampamento farroupilha, mas retornou no dia 20 de setembro para participar do desfile do Dia do Gaúcho, quando, depois de apresentar-se para o palanque do governo do estado mostrando uma bandeira do movimento gay, foi interceptado por cavalarianos que participavam da comemoração, chicoteado e expulso do desfile⁹¹.



Capitão Gay é impedido de ficar no Acampamento Farroupilha e depois é chicoteado no Desfile Farroupilha. As fotos foram capturadas do site Clicrbs.

Ao mesmo tempo em que colocou em pauta questões como as diferenças entre a velha tradição e os novos contornos da sociedade contemporânea, a ‘cavalgada gay’ transformou-se em acontecimento midiático. Matérias foram publicadas nos jornais estaduais e de circulação nacional, a imagem do gaúcho pilchado, montado em seu cavalo e portando a bandeira do movimento gay rendeu minutos de divulgação em diferentes telejornais, e discussões derivadas da atitude ousada e tão criticada foram propostas em programas de rádio e televisão. O debate também ganhou espaço na rede mundial de computadores: em portais, sites de notícias, páginas ligadas a movimentos homossexuais e ainda em sites dedicados ao gauchismo, como a Página do Gaúcho.

⁹⁰ Durante uma semana por ano, a Revolução Farroupilha é rememorada no RS através de comemorações que culminam no feriado estadual de 20 de setembro, celebrado como o ‘Dia do Gaúcho’, no qual há desfiles realizados por CTGs e também por outras instituições estaduais como a Brigada Militar.

⁹¹ As fontes sobre a cavalgada gay e o desfile farroupilha são de matérias publicadas no jornal Zero Hora e nos sites ClicRBS (www.clicrbs.com.br), Terra (www.terra.com.br) e JB Online (jbonline.terra.com.br), capturadas entre os dias 9 e 20 de setembro de 2002.

O fórum intitulado “Cavalcada gay de Pelotas” no Galpão de Debates teve a inserção de participações de 4 de setembro a 10 de dezembro de 2002 – foram três meses de intensa discussão sobre o acontecimento, em que muitas vezes foi usada uma linguagem cheia de gauchismos para enfatizar a repulsa diante da atitude do Capitão Gay, considerado por alguns como apenas um político oportunista e pela maioria como uma ofensa ao tradicionalismo:

Me desculpem mas **não concordo de maneira nenhuma com estes viados de bombacha....**se querem estrar no parque até se entende mas usar pilcha para arrecadar mais votos...Não tem nada contra o pessoal de Pelotas e até tenho alguns amigos que nasceram naquela histórica cidade mas acho que este cidadão (viado) que pretende chegar a Porto Alegre está querendo exibicionismo!!! (JEFF)

Viram só... Deu no que deu. **Será que o tal "capitão gay" achou que ia entrar na estância e ser recebido por todos com aplausos,** cuia de mate, coisa e tal???' Até o apresentador do jornal da Band criticou o **tchê "louca"!!!** Desculpem a minha indignação, mas se os nossos gaudérios lá acampados aceitassem aquela aberração, empunhando uma bandeira descarada e sem respeito ao nosso meio... Eu teria que concordar com os tals casseta&planeta! (TIO JOÃO)

Entre as participações, destacaram-se referências irônicas e brincadeiras em relação ao homossexualismo, visto com distanciamento pelos usuários e facilmente ridicularizado em piadas repletas de referências pejorativas:

Já imaginaram a turma circulando no Acampamento com bota de salto agulha? E bombacha rosa? Hehehehe... Sem falar nos lenços de pescoço. (COHEN)

Já pensou a gauchada **andando de mãos dadas, usando bigodes e batom vermelho, lenços cor de rosa.** Morro e não vejo tudo... (O XUCRO)

Pelamor de Deus, **vamos se respeitar né gurizada!!!** Se ele admira tanto esse movimento, que vista uma bombacha cor-de-rosa, coloque um brinquinho na orelha e vá para estância só para ver como vai ficar a situação do dito cujo... (TIO JOÃO)

O distanciamento é reforçado pelo destaque dado a uma postura que enfatiza a necessidade de homossexuais manterem-se afastados do movimento tradicionalista. O discurso que aparece é o que declara respeito pela opção sexual, desde que as diferenças sejam mantidas longe, não se façam visíveis sobretudo nas entidades tradicionalistas:

Tche, o esquema não o fato de serem gays, mas sim a forma com que tratam isto para se promover em cima do tradicionalismo. [...] É daí que se vê o que **estes viadinho são capazes de fazer para aparecer...** Tem **tanto homosexual discreto**, pq tem que ter uns mongoloos que querem aparecer? (TIAGO)

Buenas indiada, achei até pouco o que fizeram para aqueles frescos que foram se meter no parque da harmonia. [...] **Não tenho nada contra esses viados, mas não vem querer se meter onde não diz respeito a eles**, quando eles fazem as porcarias dos desfiles deles, não vai nenhum tradicionalista lá pra se meter então se eles se meterem no acampamento farroupilha, LENHA NELES..... (PAULOCJ)

O envolvimento com o assunto foi tanto que em alguns momentos o debate transformou-se em ofensa pessoal. A discussão ficou acirrada principalmente depois que um dos usuários começou a usar o episódio do Capitão Gay como uma prova do homossexualismo entre os gaúchos, chamados por ele de “gayúchos”: “Se fosse para proibir os gays de participar da cavalgada, tinha que proibir todos os gaúchos”, escreveu o usuário, gerando protesto geral dos cadastrados no Galpão de Debates, que pediram a intervenção do gerenciador.

Na seção destinada ao confronto de opiniões, uma idéia contrária à da maioria não pôde ser vencida por argumentos mas pela necessidade de imposição autoritária, do silenciamento, caracterizando o site como espaço de jogo de poder semelhante ao observado dentro do Movimento Tradicionalista. Assim como no Parque da Harmonia, onde o Capitão Gay foi afastado à força, no site, a opinião considerada ofensiva deveria ser excluída pela autoridade do gerenciador que, em uma atitude diferente da esperada, decidiu manter as inserções do usuário por considerar discriminatória grande parte dos posicionamentos:

Eu suspendi algumas pessoas que agrediam colegas, mas se a regra valesse, **talvez devesse cortar também as mensagens com caráter RACISTA ou de PRECONCEITO SEXUAL**, e daí eu ia ter que ser o Johny Mãos de Tesoura, pra cortar tudo ou contratar um general dos tempos da censura. (COHEN)

A decisão de Cohen fez com que as ofensas fossem mantidas, principalmente as direcionadas ao gerador do episódio. Numa aproximação entre os posicionamentos dos tradicionalistas acampados à espera da Semana Farroupilha e os freqüentadores da Página do Gaúcho, uma mesma solução ao que foi considerado uma afronta aos princípios gaúchos foi defendida, e o que os usuários propuseram semanas antes foi observado no desfecho do acontecimento. O destino do Capitão Gay, apedrejado no Parque da Harmonia e chicoteado no desfile Farroupilha, foi previsto na Internet:

Acredito que todos os que se envolvem - menos o público assistente, é claro - nos eventos tradicionalistas devem se comportar como manda a tradição e colaborar para que esta seja difundida. Trocado em miúdos: Se os gays quiserem viver o tradicionalismo, que sejam bem-vindos, agora, se quiserem fazer do tradicionalismo uma festa gay, **ajoje-se-os pelas orelhas e desca-se-lhes o relho**. (GENIMAR)

Vim uma bixinha, sim isso mesmo BIXINHA, se promover as costas do tradicionalismo, **PORRADA NELES**. (TIAGO)

Beleza de participação!!!! Seria interessante correremos do acampamento os gays..... **Tudo na base do relho.....** (TEATINO)

Ná, nao tem essas frescura, se a cousa ja ta nesse nivel, **espero que algum gaucho sensato descasque a lenha nesse porco aí ou algum cavalo revoltado encha ele de coice**, tambem me servia hehehe. O Importante é não passar por esta constrangedora visita. (TIAGO)

A atitude revela sintonia entre o contexto tradicionalista e a Página do Gaúcho, ainda que nela haja a intenção de confronto de opiniões. O homossexualismo é um tabu nos CTGs, tidos como espaços excludentes mesmo entre os sujeitos com vivência no meio, como Jefferson que considera haver muito preconceito dentro dos CTGs. No que freqüentava em São Paulo, existiam sócios ‘gays não escandalosos’,

como classificou, aceitos desde que mantivessem sua opção em segredo, embora todos a conhecessem e ainda tratassem o assunto em tom de brincadeira. Assim também acontece na Página do Gaúcho, onde o tema é tratado como piada, desde que não se faça nenhuma associação entre gauchismo e homossexualidade.

Em 2003, passadas as eleições e derrotado o candidato Capitão Gay, sua participação no desfile da Semana Farroupilha foi mais discreta. Foi um dos primeiros a passar a cavalo pela avenida Loureiro da Silva, onde acontece o evento em Porto Alegre, depois de negociar sua participação com líderes do MTG. Desta vez sem mostrar a bandeira do movimento gay, foi ignorado pelos tradicionalistas, o que rendeu críticas na Página do Gaúcho, em mais um tópico criado para debater o assunto. Com menos exaltações do que no ano anterior, a discussão girou em torno do descontentamento da maioria diante da aceitação do MTG. Desta vez, os gaúchos da Internet conseguiram ser mais radicais do que os que atravessaram pilchados as ruas da capital.

4.4 Tradicionalismo e diversidade

Entre os sujeitos que circulam pela Página do Gaúcho existe uma preocupação manifestada de diferentes maneiras em preservar a tradição. Esta necessidade é tematizada nas entrevistas, dentro dos fóruns do Galpão de Debates, no conteúdo divulgado e no próprio objetivo de criação do site, fazendo com que seja travada uma espécie de luta contra o enfraquecimento da tradição através da defesa daquilo que é considerado o certo, o verdadeiro. Nessa construção, cheia de divergências e disputas, também são eleitos elementos que merecem ser combatidos por não integrar, segundo propõem, a autêntica tradição gaúcha.

A intenção principalmente entre os usuários baseia-se em uma idéia de tradição como perpetuação de manifestações muito antigas, passadas de geração em geração e

seguidas fielmente hoje. É assim que a define Leandro, um dos usuários que mais fortemente discute a necessidade de manutenção da cultura gaúcha:

Tradição é buscar coisas do passado. Ela não é nada mais nada menos do que tu manter uma coisa que existia. Se mantém aquilo, então virou tradição. É como tomar chimarrão: tem gente que nem gosta, toma porque é tradição. (LEANDRO)

Scavone, Gicele, Witkowski, Jefferson, assim como a maioria dos participantes do Galpão de Debates partem deste conceito para justificar suas opiniões, muitas vezes extremistas por criticarem qualquer possibilidade de renovação dentro do tradicionalismo. Cohen, ao analisar a conduta dos usuários nos fóruns de discussão, vê com reservas essa postura. Nas entrevistas, o gerenciador revelou-se crítico diante da tendência recorrente no site de apontar erros relacionados à tradição gaúcha:

Tem muita gente que diz que o chapéu tem que ser assim, que o chimarrão tem que ser assado, que a música pode falar aquilo e não pode aquilo... 'Isso é certo, isso é errado' e não 'isso eu gosto, isso eu não gosto'. E isso a gente vê aos montes no Galpão de Debates. Esse é um dos motivos pelos quais eu admirava o Barbosa Lessa, porque ele era uma pessoa que convencia pela sedução. Ele não dizia: 'Tem que ser assim!'. Não: 'quem sabe tu faz assim?' e aí vai melhorando... Não precisava ficar pilchado de cima a baixo. Se tivesse um lenço pra ele já tava começando a ficar legal. (COHEN)

Sua crítica fundamenta-se em um entendimento da tradição diferente da maioria no site. Para Cohen, ela não é imutável, deve estar aberta a receber novidades, desde que não seja totalmente descaracterizada, porque não é uma pura reconstituição do passado, mas uma criação:

Algumas coisas do Movimento Tradicionalista foram criadas. Barbosa Lessa mesmo explicava isso. Ele criou uma música, Negrinho do Pastoreio, que o pessoal acha que é do folclore gaúcho. Sabe aquelas coisas que vem de Portugal e ninguém sabe quem é o dono, como algumas cantigas antigas que existem. (COHEN)

Com essa concepção, o gerenciador aproxima-se do conceito de tradição como uma invenção, discutido por Hobsbawn (1984) e usado pelos próprios fundadores do Movimento Tradicionalista Gaúcho. Entretanto, apesar desse reconhecimento, há uma tentativa de fechamento e perpetuação do culto às tradições, levando a uma tensão, presente na Página do Gaúcho, entre a preservação e a renovação. Ao definir espécies de verdades inquestionáveis, o tradicionalismo gaúcho, através de seus guardiões, as entidades e associações lideradas pelo MTG, parece buscar controlar qualquer possibilidade de mudança. É nisso que acreditam os usuários do site, muitos dos quais sentindo-se também responsáveis pela preservação de valores, regras e práticas.

Definido como um legado do passado, o tradicionalismo precisa ser defendido daquilo que entendem como a sua oposição, a modernização. Isso aparece, por exemplo, no argumento de um forista do Galpão de Debates ao condenar a apresentação de danças típicas em churrascarias: “O rapaz que dançava havia de ser um desses porto-alegrenses que pensa e anuncia que a tradição deve ceder à modernização. Ora, o que é moderno não é tradicional; e o que é tradicional não pode ser moderno”, defendeu Vidal, ao revoltar-se com a mostra artística bastante distante daquilo que considera a tradição das danças gaúchas, que obedecem a rígidas regras definidas pelo MTG.

Em uma dinâmica complexa e contraditória, o próprio tradicionalismo – inventado a partir de apropriações e transformações da história, de costumes e do próprio cotidiano, e não uma repetição daquilo que acontecia no passado – surge somente com a afirmação da modernização. A mesma modernização é manifestada em novas correntes musicais, modificações nas roupas típicas ou ainda nas misturas com elementos novos, transformações que assustam os usuários do site e das quais é preciso defender-se, em uma tendência discutida hoje (TOURAINÉ, 1998) de fortalecimento de comunitarismos para a afirmação de tradições frente ao fechamento das culturas.

4.4.1 Samba e chimarrão: dá para ser contra a mistura?

O hibridismo é nocivo para a cultura gaúcha. Assim pensam sujeitos presentes no site, para quem cada coisa deve ocupar seu lugar: gaúcho não pode usar brinco, CTG não pode tocar maxixe, dançarinos de invernadas artísticas precisam evitar o uso de abrigos esportivos e a bombacha não pode ser usada com camiseta. Para os mais radiciais, gaúcho não deve ouvir rock, pagode ou música sertaneja. Para ser cem por cento tradicionalista é preciso evitar qualquer mistura, é preciso seguir as regras, de preferência sem questioná-las.

Para Scavone, na sua busca pela perpetuação da raiz gaúcha, a mistura, mesmo na música, atende exclusivamente a uma lógica de consumo:

Ela não é interessante quando é direcionada para vender um produto. O primeiro cara que tava tocando violão lá no pampa – tocando um ritmo que depois foram denominar milonga – não tava preocupado em vender. Só que hoje em dia tu faz uma música preocupado na comercialização. Vale qualquer coisa e isso eu acho que é mexer com uma cultura. Eu acredito que **a longo prazo a mistura pode ser muito nociva.** (SCAVONE)

Uma opinião semelhante é manifestada no Galpão de Debates, em fóruns em que é percebida uma forte resistência a qualquer possibilidade de mudança, mesmo aquela relacionada ao convívio de diferentes culturas e menos ainda à incorporação de elementos tidos como não tradicionais. Na observação de um tópico destinado a discutir o uso de brincos por gaúchos pilchados é possível perceber essa resistência a qualquer transformação, entendida como uma ameaça para a cultura gaúcha:

Se o cara usa brinco, quando se pilcha tire, e eu prefiro uma pessoa que faça todo dia o seu tradicionalismo, nem que seja 5 minutos por dia, do que seja gaúcho de fim de semana, **se é pra ser gaúcho de fim de semana, continue nos Raps.** (TIAGO)

A mesma resistência aparece em vários tópicos, como o que discute a modificação dos rodeios tradicionalistas, além de outro em que é criticado o comercial de um CD que usa um dos símbolos do Rio Grande do Sul, o chimarrão:

Fui ao Rodeio do CTG Mangueira Velha, em Santa Isabel -SC, o maior do estado. E uma das coisas que me entristeceu muito, foi que várias pessoas foram para o rodeio, não para apreciar o tradicionalismo, mas sim para atrapalhar. **Colocavam músicas de Axé, Samba, Rock, com uma altura tão intensa, que não se ouvia uma milonga de César Oliveira!!** Se não gostam ao menos respeitem, se tem lugar para tudo, e dentro de **um rodeio não é lugar para se ouvir Bonde do Tigrão!!** (LUIGI)

Pois é... a situação tá cada vez mais crítica!!! No ano passado fui pro rodeio em Brusque SC e a principal atração foi Daniel. Um grande rodeio mas nenhum cantor nativista, uma pena. E um amigo me falou que na festa do pinhão em Lages o Marengo teve que pedir pra organização tirar os **dois telões que estavam próximos ao palco que estavam mostrando o show do grupo Rappa ao mesmo tempo**. Até que ponto chegamos, uma festa tão tradicionalista deixar isso acontecer.... (LEOCÁDIO)

Não sei se foi possível vcs assistirem a propaganda de lançamento do cd de Enzo e Rodrigo? Pois é! Nessa mesma propaganda aparece **uma moça loira de tranças, que além de sambar, se encontra c/ uma cuia de mate em suas mãos**. Achei mto infeliz esse comercial! Gostaria da opinião de vcs, **o q o mate tem a ver c/ o samba???** (PAULINHA)

As situações impõem posicionamentos entre os usuários do site, fazendo com que muitos contraponham-se à aversão às mudanças causadas pela mistura da cultura gaúcha com elementos de outras culturas:

Ah Jairo pode parar... tu me diz no outro tópico que a gurizada fazendo pagode e se fresquiando em rodeio é integração de culturas e não sei o que, e agora vem discriminar o uso do brinco? que é isso? tu deve estar de brincadeira comigo só pode, brinco é adorno nunca usei nem tenho vontade de usar, minha criação interiorana não me permitiria tal ato, **mas vocês que são pessoal da cidade se criaram no meio das novidades..** baah tchê isso não tem explicação. (GUAPO)

E digo mais: acho pra lá de ridículo esse preconceito com o cara que anda de brinco e pilchado. **Desprezar um gaúcho pilchado só**

porque tem brinco na orelha ou relógio de pulso no braço só porque o gaúcho antigo não usava, é quase como desprezar um japonês pilchado: "Ah, não. Sou contra um oriental se pilchar porque na história do RS não aparece um japa sequer... isso tá desvirtuando a cultura gaúcha". (MARCUS)

Uma pergunta que te faço: **se eu gosto de rap** (só para usar o exemplo que tu citaste) **quer dizer que eu não posso ser gaúcho?** Não posso ser tradicionalista? Deixa eu te dizer uma coisa: eu tenho aproximadamente 200 CDs na minha casa, 50 são de música nativista, o restante vai da bossa nova ao heavy metal. No teu conceito eu não sou gaúcho ou tradicionalista, porque eu não me dedico única e exclusivamente a isso. (LEANDRO)

Entretanto, é expressa uma preocupação em estabelecer os limites para as mudanças. Não é possível manter a cultura inalterada, mas nem todas as alterações são aceitas. Quem determina o limite? No site, esse poder é disputado em um jogo de autoridade entre os usuários:

Acho que não tem nada demais o cara andar pilchado e com brinco. Isso não o torna mais ou menos gaúcho nem está descaracterizando nada. **Agora: colocar um lenço cor-de-rosa no pescoço, bombacha colorida, beber vinho gelado na cuia de chimarrão usando bomba, camisa de heavy metal com bombacha, tocar disco de pagode num CTG, etc. eu acho isso realmente grave e,** isso sim, está descaracterizando a indumentária e a cultura. (COHEN)

Ah! **Mas toda flexibilização possui um limite.** Com uma abertura total para a miscigenação de culturas, meus netos vão aprender nossa pilcha é composta de: Bombacha, tênis, camiseta fruta-cor e boné da Gang... (LEANDRO)

Os posicionamentos, ainda que divergentes, não mostram uma compreensão da cultura gaúcha como uma composição, uma mistura, uma apropriação de diferentes fontes. Não se trata dentro do universo do site de uma cultura híbrida (ainda que para alguns possa tolerar certos rearranjos), mas de uma essência que precisa ser constantemente protegida. Nessa necessidade de defesa, concentra-se a constatação de que se mantém em inevitável permanente transformação, através da incorporação elementos novos – alguns aceitos e outros condenados pelos usuários. De um modo

geral, as novidades são permitidas desde que não interferiram na imagem do gaúcho proposta pelo tradicionalismo. Aquilo que pode ser acrescido sem concorrer com essa imagem, apesar da contraposição dos mais radicais, é tolerado.

É o que se observa com a incorporação da mudança mais visível na pesquisa: a possibilidade de vivência da cultura gaúcha através da Internet. Trata-se da mistura do gauchismo com as características e possibilidades da rede mundial de computadores, exigindo a introdução de elementos novos e a mistura daquilo que é o tradicional e a linguagem dos sites, a sua estrutura e dinâmica de funcionamento.

Embora poucas vezes seja percebida entre os sujeitos que circulam na Página do Gaúcho, a modificação imposta pelos usos da Internet relacionados com a identidade cultural gaúcha aparecem no Galpão de Debates em depoimentos de Leandro e Udo:

Tu mesmo, Thiago, não gosta de cavalos crioulos? De laçar? De gauchadas? Mas **no entanto dedica momentos do teu dia aqui na Página do Gaúcho, que é um site da internet, símbolo da modernidade, da tecnologia e globalização.** Jamais iria questionar teu amor ao Rio Grande por isso. Imagina se eu viesse aqui dizer "**estes gauchinhos da web**" só porque tem gente que em vez de passar o dia inteiro na lida, dispensa momentos para ficar aqui, dê-lhe tecla! (LEANDRO)

Creio que então devemos buscar o jovem através da cativação. Apresentar as coisas tradicionais e mostrar ao jovem que não precisa abrir mão da modernidade, da atualidade para cultivar estes ícones do passado. Dar ao jovem liberdade para viver a vida moderna, cultuando e respeitando raízes do passado. A globalização é inevitável, e eu **acho muito estranhos companheiros foristas criticarem isto, sendo que o estão fazendo através da internet, um dos maiores símbolos da globalização.** (UDO)

4.4.2 Nós odiamos 'tchê-music'!

A música tradicionalista concentra a maior parte das disputas em uma tendência marcante no site que resumo como uma tensão entre 'o velho e o novo'. Discussões

intermináveis são criadas em torno de movimentos de renovação da música, criticados, mais do que pela qualidade, por seu caráter mercadológico: buscam, na opinião dos usuários do site, prioritariamente a venda, e para isso acabam agredindo as tradições gaúchas. No Galpão de Debates, a temática está constantemente presente em uma espécie de mobilização sobre o que se convencionou chamar “tchê-music”, tendência musical que mistura ritmos e instrumentos gaúchos, com o som da guitarra em composições que incorporam outros ritmos, popularizada no final da década de 90 através de bandas (entre elas Tchê Garotos, Tchê Guri e Tchê Barbaridade – e por isso o nome) com grande sucesso comercial.

A flexibilização do uso da pilcha, as letras consideradas apelativas, o ritmo que favorece uma dança menos respeitosa do que aquela típica dos bailes gaúchos são os principais motivos de revolta dentro do site⁹², apesar do grande sucesso que os grupos fazem não apenas no Rio Grande do Sul, mas por todo o país. Um coro é levantado contra a expansão dos “tchês”:

Eu acho que **este tal de tche music, ã eh musica gaúcha e sim uma forma, mui na cara de ganhar dinheiro**, ã sou fã de musica fandangueira, sou nativista, e com mui orgulho componho, teho apenas 16 anos , mas que pelo que vejo me crie escutando música buena e ã esta barbaridade de, tche....frescura. (ANDARILHO CAVALERA)

Neste final de semana teve um baile no CTG Poncho Crioulo, na cidade de Esteio, onde moro. Pois o tal do grupo Tradição tocou de pagode à música da Xuxa. **Não tinha uma bombacha sequer no palco...** Precisa dizer mais alguma coisa? (LEANDRO)

Esse grupinho Tradição, é do Mato Grosso.. Mas eu prefiro chamar ele de "**É o Tchan de bombacha**", pq de "Tradição", não tem nda"!! O tradição e varios outro grupos, que estão desgarrando nossa cultura!! (LUIGI)

⁹² Críticas semelhantes às feitas pelo então vice-presidente administrativo do MTG, Manoelito Carlos Savaris, em 1999, em um editorial publicado na Página do Gaúcho: “Os conjuntos musicais que enveredam por este caminho novo, se submetem a um bem planejado esquema de marketing, não se importando em misturar ritmos autênticos gaúchos com outros que nada tem de tradicionais, assim como não vêem problemas em se apresentar usando uma vestimenta, onde a bombacha vira calça larga, a bota envergonhada esconde o cano na tal calça larga, o típico lenço do gaúcho é aposentado, a guaiaca, se usada, fica escondida sob camisa desleixadamente largada por cima da calça larga”.

O movimento criado dentro do site contrário à ‘tchê music’ faz com que poucos osem levantar-se em defesa da novidade. Quando o fazem nunca é por sua qualidade musical, mas, no máximo, por perceberem contribuições trazidas com seu sucesso, sem condenar sua intenção comercial, presente em outras manifestações da cultura gaúcha também comercializadas. Há, inclusive a identificação da possibilidade de expansão do gauchismo através da divulgação das músicas, como alternativa para atração de pessoas para dentro dos CTGs.

Assim, mesmo que a questão mercadológica seja apontada como causa das críticas, o rechaço à ‘tchê music’ parece mais ligado à condenação no site da matriz da mestiçagem, do hibridismo como constituinte da cultura. O caso também serve para refletir sobre a relação entre a preservação da tradição e o reconhecimento de que, independente do desejo de seus defensores, ela está em movimento, comprovado pelo surgimento e expansão das novas tendências. No site, a postura é de permanente vigilância – a mesma percebida entre os sujeitos entrevistados, todos contrários aos “tchês”, exceto Cohen, que, apesar de afirmar não consumir as músicas, não as condena.

4.5 Agendamento, disputas e construção do gaúcho na mídia

A referência a outras mídias está presente na Página do Gaúcho, que se pauta em polêmicas, temas e questões levantadas em revistas, jornais, rádios e, sobretudo, na televisão. Tanto os produtos midiáticos, como minisséries e programas de auditório, como os assuntos tratados por eles, geram um agendamento no site, fomentando embates e disputas sobre a identidade gaúcha.

Há uma unanimidade entre os usuários na reclamação por mais visibilidade nacional para o gaúcho. Em suas falas no site e nas entrevistas é observado um

descontentamento com o que consideram um descaso ou mesmo uma discriminação com o Rio Grande do Sul, sempre retratado de um modo subvalorizado e a partir de estereótipos considerados ofensivos. Há, na rejeição à construção da imagem do gaúcho na mídia nacional, uma crítica com caráter autoritário, pois os usuários defendem não uma pluralidade, mas o retrato de um modo de ser gaúcho muito próximo ao que é vivenciado no site sob um viés tradicional, como pode ser constatado nas críticas ao programa humorístico “Casseta & Planeta”, cuja repercussão no site é descrita.

Também, na busca por mais visibilidade, os sujeitos mostram-se em constante vigília sobre aquilo que é produzido pela mídia, sobretudo com o cuidado para que os valores tradicionais não sejam agredidos, como consideram que aconteça mesmo em produções da mídia regional, como no programa dominical Galpão Crioulo, da RBS TV (afiliada da Globo), ou em produções da teledramaturgia, como a minissérie “A Casa das Sete Mulheres”, que, apesar de sua aceitação, foi alvo de críticas.

O que se percebe na dinâmica do site é que a mídia vai sendo constituída como um ‘outro’, visto com reservas, criticado e, poucas vezes, elogiado, em um contexto que se pauta na relação histórica de valorização midiática da cultura do centro do país. Com a regionalização da programação e a maior abertura das emissoras nacionais a temáticas de diferentes regiões, incluindo do Rio Grande do Sul, há uma pluralização na construção midiática do gaúcho, alimentada por muitas matrizes, algumas das quais concorrentes com as defendidas por entidades que disputam o domínio hegemônico da identidade gaúcha, como o MTG. O agendamento midiático no site mostra essa dinâmica plural da identidade gaúcha na mídia, responsável, muitas vezes, pela perda de controle daqueles que se consideram seus defensores.

Assim, ‘nós’, os usuários da Página do Gaúcho, falamos da Rede Globo, da RBS TV ou da revista Viagem muitas vezes como opositores, deturpadores de nossa identidade, criadores de estereótipos ou fontes de discriminação. Há, nesse entendimento – que passa pela atribuição de poder às mídias muitas vezes

responsável pela alienação e passividade de seus receptores (apesar de toda a movimentação presente desde o site a contestar) –, a exigência de uma afirmação frente o domínio do midiático, visível a partir das diferentes manifestações e ocupação de espaços na página para agendar questões que surgem justamente em outras mídias, a exemplo do que é descrito sobre o caso de “Casseta & Planeta” e de “A Casa das Sete Mulheres”.

4.5.1 Respingos da explosão de gauchismo com “A Casa das Sete Mulheres”

A minissérie “A Casa das Sete Mulheres”⁹³, produzida pela Rede Globo de Televisão, sob a direção de Jayme Monjardim, foi exibida no primeiro semestre de 2003, trazendo interesse sobre o Rio Grande do Sul e o despertar de matérias em televisão, jornais e revistas sobre a história e a cultura do estado⁹⁴. Com a Revolução Farroupilha servindo de pano de fundo para romances, a paisagem gaúcha foi explorada, o sotaque (ainda que reconstruído por atores cariocas e paulistas) ganhou destaque em horário nobre e o mito do gaúcho heróico e libertário foi reforçado em uma produção nacional.

Com a visibilidade do Rio Grande do Sul, em auge na mídia, houve um aumento da participação no Galpão de Debates da Página do Gaúcho, em uma série de tópicos criados para discutir sobre todos os aspectos do programa, do enredo, figurino e trilha sonora às relações criadas com a história gaúcha: ‘Casa das Sete

⁹³ Livremente inspirada na obra homônima de Leticia Wierzchowski, a produção narra a história de sete mulheres à espera de seus homens em uma fazenda, vivendo seus dramas pessoais, amores impossíveis e angústias, enquanto desenrola-se a Revolução Farroupilha.

⁹⁴ Somente o programa da Rede Globo “Vídeo Show” divulgou uma série de matérias, acompanhando a produção da minissérie, sobre os preparativos dos atores, com cursos de montaria, preparo do chimarrão, além de aulas para acertar o sotaque. O turismo no estado também foi implementado, com a campanha da Secretaria de Estado de Turismo, na carona do sucesso de “A Casa das Sete Mulheres”, de divulgação do cenário gaúcho em outros programas, como o que aconteceu com a novela das seis horas “Chocolate com Pimenta”, ambientada em Canela, na serra gaúcha.

Mulheres’, ‘Melhor ator (atriz) da Casa’, ‘Marengo e Saldanha pagando mico em rede nacional’, ‘Siete Mujeres’, ‘Música – A Casa das Sete Mulheres’ e ‘Casa das Sete Mulheres, por Nico Fagundes’ foram os espaços criados pelos usuários.

Alguns, como Gicele, admitem que tiveram estímulo para começar a participar das discussões, motivados pelo entusiasmo causado pela projeção da cultura do estado através da minissérie. No geral, os depoimentos e mesmo todo o envolvimento em torno da produção demonstraram orgulho diante da valorização do Rio Grande do Sul – segundo os debatedores, finalmente reconhecido pelo restante do Brasil. No entanto, tanta aproximação com a história da minissérie fez com que os usuários do site virassem verdadeiros críticos de televisão, defensores da veracidade histórica, dos cuidados com o cenário, da correção nas falas e do respeito ao tratamento do gaúcho na produção.

Entre as críticas estavam a escolha de poucos atores naturais do Rio Grande do Sul; a ênfase ao romance e não à Revolução Farroupilha; a repetição de poucas músicas gaúchas e a escolha de outras nacionais; o uso de cenários, como dos cânions dos aparatos da serra, misturados com o da cidade de Pelotas, no que consideraram uma confusão geográfica; e, sobretudo, os erros históricos. Em uma demonstração de conhecimento sobre a Revolução Farroupilha, os usuários começaram uma argumentação sobre os descuidos com os fatos ocorridos – o mesmo debate surgido entre historiadores gaúchos, que reagiram com desconforto diante das licenças poéticas em relação à história (TRÄSEL, 2003 e ALBUQUERQUE; FEIX, 2003).

Apesar das reações, aparentemente contrárias, o sentimento geral foi de comemoração diante da homenagem ao passado gaúcho, tão revivo no site. A disputa sobre a correção da minissérie parece ter apenas reforçado o envolvimento dos usuários com a produção, um sucesso de audiência em todo o país. Sua projeção trouxe motivação para usos da página e seu consumo aconteceu também desde a troca de mensagens entre os usuários na Internet.

4.5.2 O caso “Casseta & Planeta” e o mito do gaúcho macho

Nenhum produto midiático causou tanta revolta nos usuários da Página do Gaúcho quanto o ‘Casseta & Planeta’, humorístico da Rede Globo de Televisão, veiculado nas noites de terça-feira. As piadas com referência aos gaúchos, constantemente exibidas nos programas, geraram muita discussão não apenas no Galpão de Debates, mas também em outros sites sobre cultura gaúcha, ganhando espaço na Internet e mesmo no cotidiano dos defensores da identidade cultural.

Os humoristas já faziam eventualmente piadas com os gaúchos – identificados no programa sempre como homossexuais –, principalmente brincadeiras com referência a Pelotas, no sul do estado, conhecida popularmente pela fama de ser uma cidade com grande número de gays. Já em 1992, o programa exibiu um especial intitulado “Macho às Pampas” (JACKS, 1999, p. 235). Entretanto, em 2003, os gaúchos viraram alvo preferido do programa, graças ao sucesso alcançado pela minissérie “A Casa das Sete Mulheres”. A saga da Revolução Farroupilha na versão Casseta & Planeta transformou-se em “A Casa dos Sete Gaúchos”, com uma sátira estrelada por prendas de bigode e pelos protagonistas ‘Capitão Gayribaldi’ e ‘Sento Gonçalves’, versões escrachadas para os heróis revolucionários Giuseppe Garibaldi e Bento Gonçalves.

A relação criada pelo humor identificando o gaúcho com o homossexualismo, faz uma reversão do papel de masculinidade enfatizado com orgulho na construção da identidade gaúcha. O assunto ganhou destaque em discussões pelo estado, gerando opiniões controversas sobre as conseqüências da paródia, entendida por alguns como uma brincadeira e por muitos como desrespeito, o que provocou desconforto e até mesmo revolta.

Na Página do Gaúcho, os embates agendados pela televisão ganharam espaço em discussões no Galpão de Debates. De abril a julho de 2003, quatro tópicos do fórum foram criados para debater a polêmica criada em torno das piadas do

programa. Em 2001, uma discussão já tinha sido iniciada em “Motivo para o Casseta & Planeta atacar o RS”, cujo texto de abertura dá o tom do descontentamento presente no site:

Acredito que tenha esgotado toda paciência do povo rio-grandense com relação aos “humoristas” do programa Casseta e Planeta. O motivo é o **desrespeito** por parte destes com **piadas asquerosas que impingem ao povo de um estado inteiro**.

Sei que no início era para fazer um contraponto a rudeza do gaúcho histórico do passado sua tradições de guerra, nossa distância da metrópole, revoluções feitas pelos gaúchos contra o poder central, etc. Atualmente o programa repete constantemente um bordão que **afirma que os riograndenses são uma raça de degenerados sexuais**. Isto passa a **agir no imaginário coletivo e senso comum do brasileiro**.

O desrespeito atinge o máximo quando vestem nossa roupa tradicional para este achincalho.

O humor inicial tornou-se agressão e **não acredito que os gaúchos (a não ser os idiotizados) riam das piadas do programa** como no início. Passa-se a ter um mal estar quando as vinhetas do programa são apresentadas. Achar graça significa submissão a uma boçalidade. (EVALDO)

O desagrado inicial, reforçado em todos os debates, girava em torno da idéia de o programa influenciar telespectadores do Brasil, que passariam a acreditar serem todos os gaúchos homossexuais (ou ‘gayúchos’, na definição dos cassetas), o que revela uma concepção da mídia como ‘toda poderosa’, impositora de conceitos e padrões de comportamento a receptores passivos, sem qualquer possibilidade de questionamento ou de leituras divergentes.

Com a proliferação das piadas em 2003, o incômodo transformou-se em indignação, o que, no site, tomou forma de uma mobilização de protesto contra o programa, percebida nos tópicos do Galpão de Debates “Boicote o lixo cultural Casseta & Planeta”, “Abaixo assinado à porcaria nacional”, “Mais uma do C & P” e “Se preparem – novo quadro do Casseta & Planeta”, com críticas aos humoristas e incitando os foristas a integrar uma campanha de boicote ao programa,

principalmente pelo que consideraram um deboche com a história do Rio Grande do Sul e uma ofensa a seus heróis. As brincadeiras, como atesta um gaúcho migrante nos Estados Unidos, são suportáveis. Não é permitido, entretanto, o desrespeito com o passado, tão idealizado e definidor da identidade gaúcha:

Se o pseudo/intelectual carioca acha que eh engraçado falar que o gaúcho eh gay eu nao tenho problema com isso, se ele quiser botar um cara com bombacha rosa eu tambem nao vou me ofender. **Mas quando começa a citar nomes ai fugiu da brincadeira e partiu pra ofensa.** Eh como eu chamar um cearense de cabeca-chata,comedor de calango etc.. ate ai ele aguenta. Mas se eu colocar alguem como o Padre Cicero e disser que ele comia crianca, ou bebia ou roubava o dinheira da igreja ou qualquer outra besteira. Tenho certeza de que o povo de la nao gostaria. (GAUDÉRIO NYC)

Entre outros, no entanto, não é tolerada a idéia de que seja questionada a masculinidade do gaúcho. Enquanto poucos no site, embora considerem as piadas irritantes, as desprezam. Independente da divergência entre os usuários, o protesto que começou a circular pela Internet com o título “Quem tem orgulho de ser gaúcho sai desse planeta”, foi refletido e incentivado nas discussões da Página do Gaúcho, em uma preocupação que indica o agendamento de outras mídias nas questões tematizadas no site, e, sobretudo, a capacidade de ação estimulada pelos recursos da Internet, com a divulgação de e-mails, em uma mobilização que fez com que, depois de um dos programas considerados mais ofensivos⁹⁵, a produção do humorístico divulgasse que daria uma trégua aos gaúchos devido à campanha, considerada exagerada pela equipe, mas ainda assim considerada.

O episódio foi encerrado em outubro, depois do arquivamento de uma representação judicial feita por uma pessoa física, pedindo que o Casseta & Planeta fosse tirado do ar pela acusação de preconceito e racismo, devido à associação dos gaúchos à homossexualidade. Segundo o procurador da Procuradoria da República no

⁹⁵ Exibido em julho de 2003, no qual os humoristas apareciam na Parada Gay de São Paulo, como se estivessem no Rio Grande do Sul. Os apresentadores escolhiam travestis e *drag queens* que estavam desfilando e faziam perguntas como: ‘Desde quando você é gaúcho?’.

Rio Grande do Sul, Paulo Gilberto Leivas, autor da determinação, a decisão foi tomada por entender que não havia qualquer prática discriminatória nem contra os gaúchos, nem contra os homossexuais: “A questão é que ser chamado de homossexual não desabona ninguém. Isso não pode configurar nenhum crime; nenhuma conduta, do ponto de vista jurídico, que possa ser reprovada”, afirmou em entrevista a um portal de notícias na Internet⁹⁶.

A postura do judiciário, um campo considerado conservador, discute a adoção da identidade gaúcha como posicionamento que exclui outras vinculações identitárias. Em contraposição à postura presente no site, é defendido que a identidade gaúcha não pode ser considerada superior à identidade homossexual. Uma não exclui a outra, embora na dinâmica do site a identidade gaúcha seja construída na constante afirmação e contraposição a outras identidades, como uma essência que não admite misturas.

No caso *Casseta & Planeta*, a identidade gaúcha foi tensionada, então, tanto pela mídia quanto pela justiça, o que foi possível acompanhar desde a movimentação no site. Mesmo com a decisão judicial favorável, o grupo diminuiu as piadas sobre os gaúchos no programa e os usuários do site encerraram a discussão, mas durante todo o tempo em que o humorístico tematizou a construção da imagem do gaúcho, questões da identidade foram negociadas em um processo que revela sua vivência e disputa na mídia.

⁹⁶ Notícia capturada em <<http://tv.terra.com.br/jornaldoterra>>, em outubro de 2003.

CONCLUSÃO

Durante dois anos estive envolvida na tarefa de desvendar elementos para entender parte do universo de uma mídia cheia de características próprias e das suas relações estabelecidas com as identidades. A idéia foi tomando forma através da criação de estratégias metodológicas e do desenvolvimento de um percurso de investigação que permitiu perceber a identidade cultural gaúcha demandando usos específicos da Internet e também sendo tematizada, questionada, compartilhada entre sujeitos que passam a experimentá-la através das possibilidades de comunicação de seus múltiplos espaços. Nesse jogo de apropriações, a identidade é tensionada: as experiências são divididas e as diferenças são colocadas em contato, fazendo com que o modo como cada um considera-se gaúcho ganhe novos contornos.

Em um primeiro momento, a observação da Página do Gaúcho, suas rotinas produtivas e as histórias de vida de seus sujeitos permitiram conhecer como a identidade cultural gaúcha aparece na mediação dos usos sociais da Internet. Diferentes foram as motivações para a aproximação com a página, como o envolvimento com o Movimento Tradicionalista Gaúcho, a preocupação com questões históricas sobre o Rio Grande do Sul, o afastamento do estado pela migração ou o envolvimento com causas políticas – todas ligadas a uma necessidade de

reconhecimento em um espaço construído em uma aproximação a referentes da cultura regional. As expressões gauchescas que compõem os textos, a definição das temáticas sobre a cultura e o tradicionalismo gaúchos destacados para o debate e a própria relação com a dinâmica de produção aparecem como provas de pertencimento e distinção entre aqueles que se identificam com a Página do Gaúcho.

A Internet possibilita, dessa forma, a consolidação de uma ‘comunidade virtual’ imaginada através da construção de sentimentos de pertença compartilhados no resgate da tradição. As relações estabelecidas pelas vinculações à identidade gaúcha tradicional em laços entre o gerenciador e os usuários, estimulados pelas possibilidades comunicativas da Internet, são responsáveis pelo envolvimento e mobilização em torno do site, fazendo com que a comunidade da Página do Gaúcho seja marcada por uma defesa responsável pela rejeição do ‘outro’, diante de um ‘nós’ – construído no confronto com as diferenças internas, percebidas na disputa por autoridade, principalmente nos fóruns de discussão.

A análise revelou, portanto, que, diante dessas vinculações diversas, observadas, por exemplo, na pertença territorial ou simbólica ao Rio Grande do Sul e na aproximação ou crítica ao MTG, há um apagamento das diferenças entre os usuários – identificados como gaúchos –, que, pela dinâmica da página, contrapõem-se aos outros: estrangeiros, brasileiros, não gaúchos ou mesmo gaúchos que não demonstram a mesma aproximação com a cultura tradicional.

Assim, a tradição é responsável por disputas para afirmação de identidade, em um processo em que, embora tanto usuários quanto gerenciador experimentem vivências por alternativas que escapam dessa delimitação, busquem o site para assumi-la como posição identitária central. Os usos da Internet aparecem ampliando as possibilidades de experimentação de estratégias identitárias dos sujeitos que, ao decidirem apropriar-se da página, acionam algumas posições e excluem outras, demonstrando na Internet uma necessidade de defesa de seus posicionamentos diante da pluralidade de alternativas para construção da identidade gaúcha.

É nesse sentido que o site configura-se em um lugar de embates entre diferentes modos de ser gaúcho, pois o eixo da tradição não exclui a negociação entre vivências identitárias ligadas a questões de gênero, etnia, pertença territorial, entre outras, permitindo que sejam colocadas em contato várias identidades. Ao facilitar o encontro com essas diferenças, a Página do Gaúcho reatualiza embates que estão na gênese da vivência da tradição, experimentada sempre na afirmação ou afastamento entre vinculações identitárias, o que é percebido na análise através da disputa, por exemplo, entre ser gaúcho e ser mulher, ser gaúcho e possuir uma vivência rural, ser gaúcho e ter descendência alemã ou ser gaúcho e ser homossexual.

Os posicionamentos no site revelam uma tendência em tratar a identidade cultural como uma essência que precisa ser preservada dos perigos da modernidade, em um constante resgate de referências à história e ao campo, matrizes ligadas à construção social da identidade gaúcha. Também as disputas entre ser brasileiro e ser gaúcho – e outras intensificadas no site, como entre ter nascido no Rio Grande do Sul e ter adotado a identidade – são revividas na Internet, fazendo emergir questões que vem pautando a constituição das identidades.

De um modo geral, a mestiçagem é rechaçada na Página do Gaúcho por ser entendida como perigo de dissolução da cultura regional – em constante renovação, visível através de dinâmicas próprias de negociação no interior de seus movimentos e de reordenamentos com a incorporação de elementos externos. Esse processo pode ser observado desde o surgimento do Movimento Tradicionalista, na década de 50, e do Nativismo, vinte anos depois, assim como também está presente hoje, por exemplo, na cena musical com a ‘tchê-music’, condenada no site apesar de seu sucesso comercial, em uma negação da hibridação como constituinte da cultura.

As contradições na tentativa de essencializar a identidade aparecem com a afirmação de elementos como índices econômicos, de escolaridade, qualidade de vida e participação política, bastante associados à presença de matrizes européias na formação do estado, em contraposição ao purismo presente na página em sua

definição como espaço para a cultura tradicional e exclusão das misturas. Sem ser percebido pelos sujeitos, e ainda que de maneira menos aparente, esse ideal de modernidade configura uma posição identitária que compete com a tradição como positivadora da mestiçagem – tão excluída no site.

Essas considerações levaram a compreender a Internet como uma mídia que passa a ser apropriada como uma alternativa para a reelaboração do significado atribuído ao gaúcho a partir da tematização de matrizes que surgem na própria história de construção da identidade e de outras que aparecem com as especificidades dos usos da mídia. Ao mesmo tempo em que o tratamento de questões identitárias permite reviver disputas, há um reordenamento através da possibilidade de construção midiática da identidade gaúcha a partir da apropriação efetiva de possibilidades da Internet como a interatividade e as alterações na relação entre usos e produção.

O site, que surge com uma idéia bastante próxima das mídias tradicionais, como meio para divulgar a cultura gaúcha, vai sendo mudado pelos seus usos sociais, com a necessidade de atendimento às solicitações de seus usuários. Nesse movimento, emergem questões sobre a autoridade presentes na gênese da tradição gaúcha que passam a ser transformadas na Internet. Marcado por um forte personalismo, alimentado pela aproximação com a cultura regional em que se destaca a ênfase à figura do gaúcho, do estancieiro e do patrão dos CTGs, o site é dinamizado pelas características da Internet, que, apesar da facilidade do acesso à produção, pode apresentar, como acontece no caso da Página do Gaúcho, lógicas que restringem a interferência dos usuários.

A centralização do poder nas mãos do gerenciador da Página do Gaúcho limita, então, o acesso à produção através de filtros e uma série de regras que vão sendo criadas. O estudo de caso faz pensar, assim, que a democratização da produção acontece, mas, em certa medida, os novos espaços que surgem são mantidos sob relações de poder que impõem limites à pluralidade de participações. A figura do produtor é mantida como a de quem exerce o domínio sobre a gestão das decisões,

mesmo que, como acontece na Página do Gaúcho, seja obrigado a negociar com os usuários que, valendo-se de uma proximidade maior com a produção, expõem suas demandas e, em alguns casos, precisam ser atendidos. Ainda assim, a ênfase da participação dos usuários acontece na produção de conteúdo, sendo muito menor a sua interferência na gestão, na estrutura da página e nas tomadas de decisão.

É criada, a partir dessas relações entre produção e usos, uma forte normatização na Página do Gaúcho que mostra como questões de identidade vão pautando critérios do que pode e do que não pode, do que é considerado certo e errado no site. A mesma tendência à criação de normas presente no depoimento dos sujeitos quando defendem a necessidade de preservação da identidade gaúcha é manifestada na dinâmica da Internet com a busca em regradar o funcionamento do site, as participações dos usuários, além de definir o papel do gerenciador. Assim, a relação rígida com questões identitárias, as referências a uma cultura autoritária e as características de produção na Internet fazem com que seja revelada uma tentativa de fechamento da identidade cultural gaúcha.

Como uma matriz de vivência da identidade gaúcha intensificada na Internet, a relação com as mídias demonstra uma necessidade de visibilidade como aposta para a afirmação da tradição. A visibilidade é alcançada na Internet através das apropriações do site, que também passa a refletir um agendamento de outras mídias, sendo usado para a reivindicação de espaço para a identidade gaúcha construída não em sua pluralidade, mas a partir da aproximação com sua matriz tradicional, tal como acontece na Página do Gaúcho.

O que foi possível constatar é que as mídias constituem-se em um outro, assim como acontece com a idéia de nação e de um mundo global, demandando uma necessidade de afirmação que vai se desenrolando no site a partir das diferentes manifestações e ocupação de espaços para agendar questões que vêm por outros meios, como o que aconteceu com as polêmicas do programa televisivo “Casseta & Planeta” e no episódio do Capitão Gay. Desde a criação de um site voltado à cultura

gaúcha até a discussão das questões agendadas, há uma relação motivada pela compreensão dos sujeitos diante da centralidade midiática, obrigando a afirmação identitária em seus espaços e revelando a sua construção e vivência na mídia.

Em outro eixo da pesquisa, a observação na Internet de gaúchos que deixaram o estado fez pensar a migração como reforço da identidade gaúcha através da necessidade de aproximação com elementos da cultura regional como garantia de manutenção de vínculos e fornecimento de fontes de significado. A Internet revelou-se como potencializadora dessa relação através da possibilidade de contato com quem permanece no Rio Grande do Sul e da facilidade de formação de comunidades, como a que se desenvolve através da Página do Gaúcho, marcadas pelo compartilhamento de sentimentos de pertença simbólica.

Essas considerações levam à compreensão de que os diferentes usos da Internet estão trazendo novos contornos para o modo de se estar junto e se identificar. Entretanto, as transformações técnicas, o advento de tecnologias e a mediação das experiências pelas mídias implicam em alterações no relacionamento entre as pessoas, na formação de vínculos sociais, na própria dinâmica das identidades, sem que isso signifique a imposição de formas de vida. A complexidade na relação com as mídias revela-se, muitas vezes, na sua apropriação a partir de velhas práticas, como o que acontece com o uso do site para levantar questões que historicamente compõem o cenário da identidade gaúcha, ao mesmo tempo em que a incorporação de novas possibilidades de comunicação ampliam as experiências identitárias.

Todas as reflexões sobre a relação entre identidade gaúcha e Internet foram possíveis através de uma construção metodológica, que assumiu um destaque no percurso de investigação pela exigência de posicionamento sobre os modos de agir em campo. Esse foi um dos desafios e estímulos para a pesquisa: a associação de vários procedimentos na tentativa de apreender a complexidade do objeto estudado, promovendo a discussão sobre as escolhas e suas implicações. Procurei não omitir no texto as tentativas e erros, as dúvidas, as motivações para cada decisão e suas

conseqüências no contato com o empírico e em sua análise – o que, ao mesmo tempo que implicou em risco, foi assumido como uma estratégia com a meta de, mais do que aplicar um aporte metodológico, problematizá-lo.

O perigo estava na vulnerabilidade diante da revelação das dificuldades e dos fracassos, assim como na possibilidade de tornar o texto cansativo com o detalhamento dos bastidores da investigação. Entretanto, mesmo consciente dessas possíveis conseqüências, manteve a decisão de dividir o percurso da pesquisa por acreditar que a experiência permite fornecer subsídios para que novas investidas possam ser promovidas em estudos sobre a Internet desde uma perspectiva sociocultural.

No estudo de caso, foi a etnografia que imprimiu os direcionamentos da pesquisa, trazendo a necessidade de cruzamento de diferentes técnicas. Nem todas foram aproveitadas da mesma maneira, ainda que tenham sido indispensáveis para o resultado final da análise. Assim, as histórias de vida, que ganharam destaque para a compreensão da mediação da identidade gaúcha nos usos do site e, conseqüentemente, no entendimento de sua dinâmica, apareceram menos quando a interpretação foi motivada por categorias analíticas. Porém, foi o relato das trajetórias dos sujeitos envolvidos com o site que permitiu conhecer os modos pelos quais se identificavam e como experimentavam a identidade gaúcha na Internet, responsáveis pela definição dos eixos de análise e organização de toda a pesquisa. As histórias de vida, como possibilidade de retrato de um momento de transformações a partir da experiência dos sujeitos, também revelam, com exemplos vividos no cotidiano de usuários da Internet, possibilidades da constituição da identidade na mídia.

As rotinas produtivas nortearam a reflexão sobre a relação entre a identidade e as características de produção na Internet, enquanto a análise de conteúdo permitiu entender as formas de reconhecimento dos sujeitos através de seus posicionamentos nas seções do site. Todos os procedimentos foram acompanhados pela observação constante, que, desde a perspectiva etnográfica, orientou a sistematização da análise.

Certamente houve limites no aproveitamento dos dados diante do nível de detalhamento obtido. A opção pela etnografia trouxe essa busca pelo levantamento minucioso de informações sobre o site através do seu acompanhamento de perto e da aproximação com a perspectiva de seus sujeitos, ao mesmo tempo em que resultou em uma descrição detalhada responsável pelo longo texto em que a pesquisa é apresentada. Assim também são trabalhados muitos referentes das identidades, alguns dos quais, como as questões étnicas e de gênero, tratados rapidamente apesar de sua complexidade, o que é justificado pelo desejo de apreender de forma mais completa o universo estudado. Entretanto, todas essas constatações, possíveis apenas no final do percurso, compõem o aprendizado obtido com a pesquisa.

Ainda que em uma construção particular para a aproximação com um objeto específico, acredito que os caminhos da investigação trazem pistas sobre posicionamentos de um investigador diante da complexidade da Internet e de suas múltiplas abordagens. O recorte para a sua compreensão, o constante tensionamento da teoria pelo empírico, a exigência de reordenamentos para incorporar o inesperado, a combinação de diferentes técnicas em uma estratégia moldada às especificidades do objeto refletem a exigência de adaptação à dinâmica da Internet, cada vez mais presente no nosso cotidiano, gerando sempre novas perguntas a serem investigadas.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Fernanda; FEIX, Daniel. A invenção do passado. **Aplauso**, Porto Alegre, n. 46, p. 28-34.
- ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Ática, 1989.
- ASCENSÃO, José Oliveira. O direito do autor no ciberespaço. **Revista Emerj**, v.2, n.7, p. 21-43, 1999.
- ATHENIENSE, Alexandre. A jurisdição no ciberespaço. **Revista CEJ**, Brasília, n. 20, p. 74-81, jan./mar. 2003.
- BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BOLTER, Jay David; GRUSIN, Richard. **Remediation: understanding new media**. MIT Press, 1999.
- BOSSLE, Batista. **Dicionário gaúcho brasileiro**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2003.
- BRAGA, José Luiz. Interação & recepção. In: FAUSTO NETO, Antônio, et al. (org.). **Interação e sentidos no ciberespaço e na sociedade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- BRIGNOL, Liliâne Dutra. Gaúchos na Internet: da prosa ao e-mail. **Revista Verso & Reverso**. n. 32. São Leopoldo: PPGCOM/Unisinos, 2001a.

_____. Gaúchos na Internet. In: SILVEIRA, Ada C. Machado; RONSINI, Veneza V. Mayora (org.). **Representação e identidade**: três estudos em comunicação. Santa Maria: Facos, 2001b.

CASASSUS, Cecilia Montero. El uso del método biográfico en el estudio de trayectorias sociales precarias. In: LULE, Thierry; VARGAS, Pilas; ZAMUDIO, Lucero. **Los usos de la historia de vida en las ciencias sociales**. Barcelo: Anthropos; Santafé de Bogotá: Centro de Investigaciones sobre Dinámica Social de la U. Externado de Colombia, 1998.

Capitão Gay rumo à Capital. **Zero Hora**, Porto Alegre, 7 set. 2002. Geral. p. 21.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet**: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999a.

_____. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999b.

CHANDLER, Daniel. **Personal home pages and the construction of identities on the web**. 1998. Disponível em < <http://www.aber.ac.uk/media/Documents/short/webident.html#B>> Acesso em novembro de 2002.

COHEN, Roberto. Página do Gaúcho: o maior site sobre a cultura gaúcha na Internet. In: MARTINS, Maria Helena. **Fronteiras Culturais**: Brasil, Uruguai, Argentina. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.

CONTINI, Elíseo. **Gaúchos enriquecem o Brasil**. 2002. Disponível em <<http://www3.solar.com.br/~elisioc/index.html>>. Acesso em: outubro de 2003.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. Bauro: Edusc, 1999.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Cartografias dos estudos culturais**: Uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. **Um olhar sobre os estudos culturais latino-americanos**. Porto Alegre: Compós, 2000. Anais do IX Congresso Anual da Compós.

FELIPPI, Ângela Cristina Trevisan. **Reflexões a respeito da identidade cultural gaúcha em Zero Hora**. Porto Alegre: Seminário Internacional da Comunicação, 2003. (Anais do VII Seminário Internacional da Comunicação da PUCRS)

FERNANDES, Florestan. A história de vida na investigação sociológica: a seleção dos sujeitos e suas implicações. In: **Ensaio de sociologia geral e aplicada**. São Paulo: Pioneira, 1976.

FINQUELIEVICH, Susana. Del café de barrio a las redes electrónicas. Las comunidades virtuales como actores sociales en las ciudades. In: FINQUELIEVICH, Susana (org). **Ciudadanos, a la Red**: los vínculos sociales en el ciberespacio. Buenos Aires: Ciccus; La Crujía, 2000.

FISCHER, Gustavo Daudt. **Diários on-line e estratégias identitárias**: o contar-se de sujeitos no ambiente comunicacional da Internet. 2002. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). UNISINOS, São Leopoldo.

FISCHER, Luís Augusto. **Dicionário de porto-alegrês**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000.

FRAGOSO, Suely. **Um e muitos ciberespaços**. Recife: Compós, 2003. Anais do XII Congresso Anual da Compós.

_____. **Mídias digitais**: remediação, imediação, hipermediação. Documento hipertextual produzido como material de apoio para a disciplina Mídias Digitais, do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da UNISINOS. Original disponibilizado pela autora, 2002.

_____. De interações e interatividade. **Revista Fronteiras**, São Leopoldo, v.3. n.1, jun. 2001.

GARCÍA-CANCLINI, Néstor. **Noticias recientes sobre la hibridación**. Peru, 2003. Disponível em: <<http://www.cholonautas.edu.pe/pdf/SOBRE%20HIBRIDACION.pdf>>. Acesso em: 21 junho 2003.

_____. **Cultura y comunicación**: entre lo global y lo local. La Plata: Ediciones de Periodismo y Comunicación, 1997

_____. **Culturas híbridas.** Estrategias para entrar y salir de la modernidad. Mexico: Grijalbo, 1996.

_____. Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1995.

GIDDENS, Anthony. **O mundo na era da globalização.** Lisboa: Editorial Presença, 2000.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar.** Rio de Janeiro: Record, 2000.

GUBER, Rosana. **La etnografía: método, campo y reflexividad.** Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2001.

GURAK, Douglas T.; CACES, Fe. Redes migratorias y la formación de sistemas de migración. In MALGESINI, Graciela (comp.). **Cruzando fronteras: migraciones en el sistema mundial.** Barcelona: Icaria, 1998.

HAESBART, Rogério. **Des-territorialização e identidade: a rede 'gaúcha' no nordeste.** Niterói: EDUFF, 1997.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia.** Petrópolis: Vozes, 1987.

HALL, Stuart. Questão multicultural. In: HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representações da Unesco no Brasil, 2003a.

_____. Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior. In: HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representações da Unesco no Brasil, 2003b.

_____. Quem precisa de identidade? In SILVA, Tomás Tadeu da (org). **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais.** Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

_____. **Identidade cultural e diáspora.** In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. n. 24, 1996. p. 68-76.

HINERASKY, Daniela Aline. **Teledramaturgia com sotaque gaúcho na hora do almoço:** reflexões acerca de identidade cultural nas produções de ficção regional. Marília: Regiocom, 2003. (Anais do VII Colóquio Regiocom).

HOBBSAWM, Eric. Introdução: A invenção das tradições. In: HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

JACKS, Nilda. **Mídia nativa:** indústria cultural e cultura regional. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998.

_____. **Querência:** cultura regional como mediação simbólica - Um estudo de recepção. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1999.

JAMESON, Fredric; ZIZEC, Slavoj. **Estudios culturales:** Reflexiones sobre el multiculturalismo. 1995.

LAMBERTY, Salvador Ferrando. **ABC do tradicionalismo gaúcho.** Porto Alegre: Martins Livreiro, 1989.

LANDOW, George P. **Hipertexto:** La convergencia de la teoria critica contemporanea y la tecnologia. Barcelona: Gráficas 92, 1995.

LEMONS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea.** Porto Alegre: Sulina, 2002.

_____. **Jornalismo on-line:** a cara do jornalismo on-line brasileiro e suas tendências. Salvador, 1999. Disponível em <<http://www.facom.ufba.br>>. Acesso em junho de 2000.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Pesquisa em Comunicação:** formulação de um modelo metodológico. São Paulo: Loyola, 1999.

MARRE, Jacques Leon. História de vida e método biográfico. **Cadernos de sociologia,** Porto Alegre, v.3, n. 3, p. 89-141, jan./jul. 1991.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Identities: tradiciones y nuevas comunidades.** Comunicação e Política, n.1. janeiro, 2002.

_____. **Dos meios às mediações** – Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

_____. **Comunicação e mediações culturais.** Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, n.1. janeiro, 2000.

_____. **Comunicación y cultura** – Unas relaciones complejas. Madri: Perspectivas, 1990.

_____. **De los medios a las mediaciones.** México: Gustavo Gili, 1987.

MASCARELLO, Fernando. O pampa vai virar mar. Revista Teorema. n.1. agosto, 2002.

MATA, María Cristina. De la cultura masiva a la cultura mediática. **Diálogos de la comunicación.** Lima: Felafacs, n.56, p. 80-90, out. 1999.

MATTA, Roberto da. **Qual identidade?** Entre o nacional e o regional: Conferência apresentada no Seminário Cultura e identidade regional. Porto Alegre, 2003. Anotações.

MORAES, Dênis de. **Notas sobre o imaginário social e hegemonia cultural.** 2002. Disponível em <<http://www.artnet.com.br/gramsci>>. Acesso em: março de 2003.

MORLEY, David. Ortodoxias teóricas: El textualismo, el constructivismo y la ‘nueva etnografía’ en los estudios culturales. In: FERGUSON, M.; GOLDING, P. **Economía política y estudios culturales.** Barcelona: Bosch, 1998.

OLIVEN, Ruben. Gaúcho é brasileiro por opção. IHU On-line, São Leopoldo, n. 75, p. 3-5, 15 set. 2003.

_____. Nación e identidad en tiempos de globalización. In BAYARDO, Rubens; LACARRIEU, Mónica (comp). **Globalización e identidad cultural.** Buenos Aires: Ediciones Ciccus, 1998a.

_____. Velhos e novos regionalismos: o Rio Grande do Sul e o Brasil. **Lugar Comum.** n.4, p.67-95, jan./abr. 1998b.

_____. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação.** Petrópolis: Vozes, 1992.

ORTIZ, Renato. **Um outro território: Ensaio sobre a mundialização.** São Paulo: Olho d'Água, 2000.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira; RECUERO, Raquel da Cunha. **Hipertexto cooperativo: uma análise da escrita coletiva a partir dos blogs e da wikipédia.** Porto Alegre: Seminário Internacional da Comunicação, 2003. (Anais do VII Seminário Internacional da Comunicação da PUCRS)

RECUERO, Raquel da Cunha. **Identidade e comunidades virtuais no IRC: estudo do Canal Pelotas.** Salvador: Intercom, 2002. (Anais do XXV Congresso Intercom).

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Comunicação e cultura - A experiência cultural na era da informação.** Lisboa: Editorial Presença, 1994.

RONSINI, Veneza Mayora. Televisión e identidad cultural. **Revista de la Federación Latinoamericana de Facultades de Comunicación Social.** n.59-60, outubro, 2000.

SÁ, Simone Pereira de. **Netnografias nas redes digitais.** Brasília: Compós, 2001. (Anais do X Congresso Anual da Compós).

SAFA, Patricia. **De las historias locales al estudio de la diversidad en las grandes ciudades.** Una proposta metodológica. In BAYARDO, Rubens; LACARRIEU, Mónica (comp). Globalización e identidad cultural. Buenos Aires: Ediciones Ciccus, 1998.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura.** São Paulo: Paulus, 2003.

SANTOS, José Vicente Tavares dos. As possibilidades das metodologias informacionais nas práticas sociológicas: por um novo padrão de trabalho para os sociólogos do século XXI. **Sociologias,** Porto Alegre, n.5, jan./jun. 2001, p.114-146.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002.

TEIXEIRA, Alex Niche; BECKER, Fernando. Novas possibilidades da pesquisa qualitativa via sistema CAQDAS. **Sociologias**, Porto Alegre, n.5, jan.jun. 2001, p.94-114.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1998.

TOURAINÉ, Alain. **Poderemos viver juntos?** Iguais e diferentes. Petrópolis: Vozes, 1998.

TRÄSEL, Marcelo. História mal contada?. **Aplauso**, Porto Alegre, n. 44, p. 14-15.

TRIVINHO, Eugênio. Epistemologia em ruínas: a implosão da Teoria da Comunicação na experiência do ciberespaço. In Martins, F. M.; J. M. da Silva. **Para navegar no século XXI**: tecnologias do imaginário e cibercultura. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

TURKLE, Sherry. **A vida no ecrã**: a identidade na era da Internet. Lisboa: Olhos d'Água, 1997.

VERÓN, Eliseo. Esquema para el análisis de la mediatización. **Diálogos de la Comunicación**, Lima: Felafacs, p. 9-17, out. 1997.

WINKIN, Yves. Descer ao campo. In: **A nova comunicação**: da teoria ao trabalho de campo. Campinas: Papirus, 1998.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomás Tadeu da (org). **Identidade e diferença**: A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A – Roteiro das entrevistas por e-mail	262
ANEXO B – Estrutura da tree no N-Vivo	264
ANEXO C - Roteiro para as histórias de vida	266

ANEXO A

Roteiro das entrevistas por e-mail⁹⁷

ENTREVISTA POR E-MAIL COM USUÁRIOS DA PÁGINA DO GAÚCHO

As perguntas abaixo integram uma pesquisa de mestrado sobre a identidade cultural gaúcha e os usos da Internet, financiada pelo CNPq e desenvolvida no **Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação** da Unisinos (Universidade do Vale do Rio dos Sinos), em São Leopoldo – RS.

Na tentativa de conhecer alguns dos usuários da Página do Gaúcho, gostaria de contar com as tuas respostas sinceras nos itens que seguem. Há total liberdade para discorrer sobre os temas propostos, escrevendo logo depois de cada uma das perguntas e fazendo todos os comentários necessários.

As informações farão parte da análise, mas fica garantido o anonimato dos participantes. Todos serão identificados por apelidos e os nomes só serão usados com a autorização dos entrevistados.

Conto com a tua colaboração e aguardo o retorno do e-mail com as respostas.

Muito obrigada pela participação.

Liliane Dutra Brignol
Mestranda PPGCOM - Unisinos

1. Nome:
2. Nick que usa na Página do Gaúcho:
3. Idade:
4. Profissão:
5. Escolaridade:
6. Cidade natal:
7. Local onde mora:
8. Há quanto tempo mora nessa cidade?

⁹⁷ Conteúdo do arquivo anexado enviado para os usuários, a partir do qual foram obtidas as respostas.

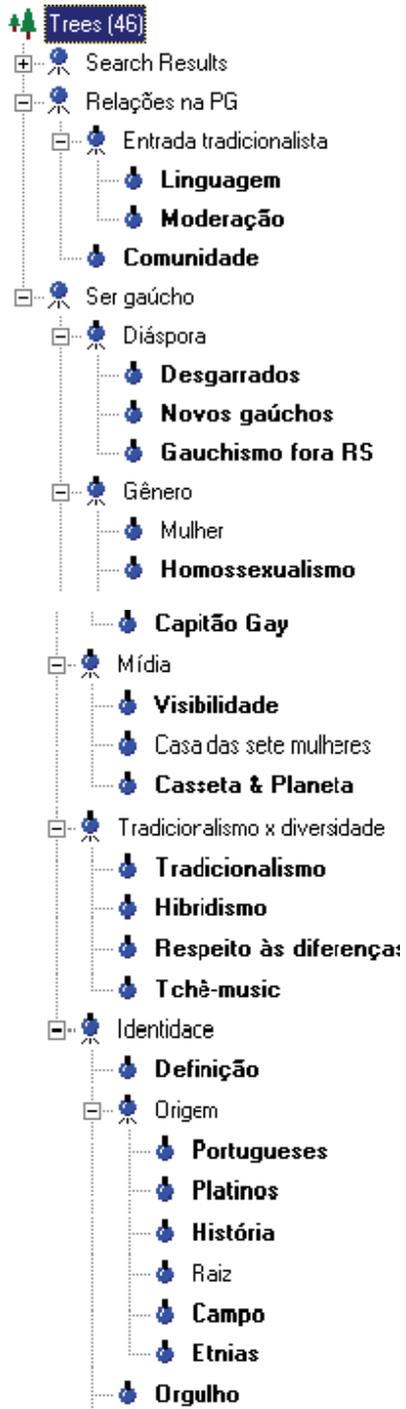
9. Tem computador em casa?
10. Há quanto tempo usa a Internet?
11. Onde acessa a rede?
12. Qual é a forma de acesso?
13. Que tempo é gasto usando a Internet por dia e por mês?
14. Para que a Internet é mais utilizada: e-mails, pesquisa, bate-papo, busca de informações, compras, etc?
15. Quais são os sites que mais visita?

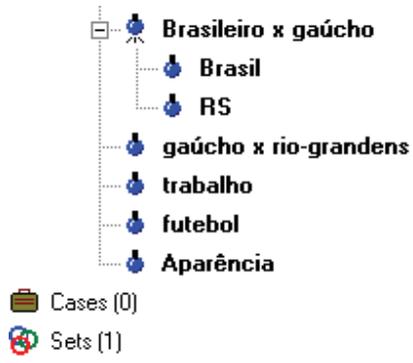
16. Como conheceu a Página do Gaúcho?
17. O que te fez visitar o site?
18. Qual a tua sessão preferida?
19. Quais as funções da Página do Gaúcho pra ti?
20. Desde quando participa do Galpão de Debates?
21. O que motiva a tua participação nas discussões?
22. Com que frequência participas?
23. Quais são os assuntos das discussões que mais te interessam?
24. Qual a relação que tens com outros frequentadores do Galpão de Debates?
Conheces alguém pessoalmente?

25. Além da participação no site, como vives a cultura gaúcha no dia-a-dia?
26. Qual o teu envolvimento com o tradicionalismo?
27. Participas de algum movimento ou grupo integrado por gaúchos?
28. Pra ti, o que significa ser gaúcho?

- No caso de não morares no Rio Grande do Sul:
29. Te consideras um desgarrado? Por quê?
30. O site ajuda no teu contato com o Rio Grande do Sul?

ANEXO B

Estrutura da *Tree* no N-Vivo, com os nós ou categorias analíticas



ANEXO C

Roteiro para as histórias de vida com usuários da Página do Gaúcho

1) Dados sociodemográficos

- Nome
- Idade
- Onde nasceu
- Lembranças da infância (onde passou, experiências)
- Estado civil
- Universo familiar (filhos, marido, mulher)

• Trajetória de formação/ escolaridade

- Onde começou os estudos
- Escolas que frequentou
- Ensino Médio
- Ensino Superior
- Lembranças do tempo de estudante

• Trajetória profissional

- Escolha profissional
- Satisfação com o que faz
- Frustrações
- O que gostaria de mudar
- Principais aspirações profissionais

2) Experiência de imigração

• Vivência no local onde mora

- Desde quando mora nessa cidade?

- Por que a escolheu?
- O que provocou a mudança?
- Lembranças da cidade de origem
- Diferenças em relação à cidade de origem ou às outras em que viveu?
- Gostaria de voltar para a cidade natal?

- **Específico aos gaúchos que estão fora do Estado**

- Há quantos anos deixou o Rio Grande do Sul?
- O que motivou a decisão?
- Com quem migrou?
- Trajetória como migrante (por que estados ou cidades passou e por quanto tempo)
- Convive com outros gaúchos? Onde?
- Relato do processo de adaptação
- Houve dificuldades? Quais foram?
- Quais as facilidades na vida no novo estado?
- Costuma visitar o RS?
- Busca informar-se sobre o que acontece no RS? Como?
- Existem costumes ou práticas que o aproximam do Rio Grande do Sul?
- O que preserva da cultura gaúcha?
- Tem vontade de voltar para o RS? Por quê?
- A família (filhos, mulher/ marido) nasceram onde?
- Uma frase para descrever o estado em que está vivendo
- Uma frase para descrever o RS

Cotidianidade

- **Trabalho/ lazer/ família**

- Descrever um dia (ocupação, tempo livre/ tempo de trabalho)
- Principais atividades de lazer
- Prática de esportes

- Religião/ espiritualidade
- Participação na administração da casa
- Em caso de filhos: como é o tempo dividido, que atividades são compartilhadas
- Como são tomadas as decisões na família?
- O que costuma ser feito nas horas de lazer envolvendo toda a família?

- **Consumo cultural**

- Preferências musicais
- Como costuma ouvir músicas (CD, rádio, MP3, etc)?
- Cinema (com que frequência vai? que tipo de filmes assiste?)
- Teatro (com quem vai? Última peça que lembra?)
- Viagens (como são as férias? costuma viajar? para onde?)

Relação com os meios de comunicação

- Acesso a revistas (assinatura? Compra na banca? Preferências?)
- Leitura de jornais
- Costuma ouvir rádio (informativa, musical)?
- Televisão por assinatura
- O que costuma assistir na televisão (gênero de programação, exemplos de programas, tempo usado para assistir TV)?

- **Usos do computador**

- Historicidade de acesso (primeiro contato, motivação para uso, cursos, desafios)?
- Com que objetivos usa o computador
- Competências (o que se sente apto a fazer, que programas/ ferramentas usa)?
- Uso doméstico
- Uso profissional
- Usar o computador é mais lazer ou trabalho?

- Descrever o espaço do computador (casa, trabalho, escola, universidade)

- **Acesso à Internet**

- Desde quando usa a Internet? Lembra da primeira vez que usou? Por quê? Onde?

- A Internet é mais lazer, informação ou trabalho?

- Com que objetivos usa? Quais são as motivações para o uso?

- Onde costuma acessar (casa, trabalho, escola)?

- Forma de acesso

- Tempo/ frequência de acesso

- Quanto do tempo livre o acesso à Internet ocupa?

- O que acessa com mais frequência (tipo de uso)?

- Que serviços utiliza pela rede (bancos, comércio, biblioteca)?

- Tipo de informação buscada

- Sites mais visitados

- Lembra de alguns sites que estão no “Favoritos”?

- Frequenta chats? Quais? Com que frequência? Já conheceu alguém com quem teclou?

- Tem um site pessoal? Desde quando? Por quê?

- Costuma fazer *download* de arquivos, programas, músicas?

- Mudou alguma coisa no dia-a-dia desde que começou a usar a Internet?

- Passa mais tempo assistindo à televisão, lendo ou na Internet?

- Deixou de assinar revistas, jornais, televisão?

- Com quem costuma se comunicar através da Internet (parentes, amigos, colegas, outros usuários que não conhece pessoalmente)?

Página do Gaúcho

- Quando conheceu? Através de que (sites de busca, indicação, mídia)?

- O que usa no site?

- Com que frequência acessa?

- O que mais gosta?
- O que não gosta ou acha desnecessário?
- O que deveria ser mudado?
- Como descreveria a participação/ envolvimento com o site?
- Já usou o Mural de Recados? Por quê? Conseguiu o que queria?
- Realizou alguma compra pela seção Bolicho?
- Por que resolveu se cadastrar no Galpão de Debates?
- Em que tipo de discussões participa? Quais os assuntos preferidos?
- O que motiva a participação em um tópico?
- Na maioria das vezes, concorda ou discorda das opiniões dos outros usuários?
- Que assuntos deveriam ser discutidos e não são?
- Quais os temas mais polêmicos?
- Já foi ofendido, boicotado ou ignorado por uma participação?
- Lembra de outros usuários? Quais? Como imagina que sejam no cotidiano?
- Conhece alguém pessoalmente? Quem? De onde?
- Conhece o gerenciador da Página do Gaúcho, Roberto Cohen? Troca e-mails com ele? Já conversou pessoalmente ou por telefone?
- O que acha do modo como organiza e mantém o site?
- Opinião sobre a mediação dos debates?
- Já teve alguma participação alterada ou excluída? Como se sentiu?
- Costuma dar opiniões ou fazer reclamações?
- Se tivesse um site sobre cultura gaúcha como seria?
- Concorda com a afirmação do site de ser “a maior página na Internet sobre cultura gaúcha”? Se não, o que faltaria para isso ser verdadeiro?
- Visita outros sites sobre cultura gaúcha ou sobre o Rio Grande do Sul? Quais? Quais as principais diferenças (e semelhanças) com relação à Página do Gaúcho?

Identidade

- Como se define, como se sente (brasileiro, gaúcho)?

- Em que situações se sente mais brasileiro e em quais, mais gaúcho?
- O que é ser brasileiro?
- O que é ser gaúcho?
- Como descreveria o Rio Grande do Sul e sua população para um estrangeiro?
- Que características costumam ser atribuídas ao brasileiro? Em quais você se encaixa?
- Quais as características habitualmente relacionadas ao gaúcho? Elas são experimentadas por você?
- Qual a imagem do gaúcho no resto do Brasil? E fora? (Explorar em caso de vivência no exterior)
- De onde você imagina terem surgido essas idéias do gaúcho? Pelo que observa, correspondem com o que é vivido por quem nasceu no Rio Grande do Sul?
- Em algum lugar em que convive é vantajoso ser gaúcho (e brasileiro, no caso do usuário que mora na Alemanha)? Quando é desvantagem? Por quê?
- O que, no seu dia-a-dia, lhe identifica como gaúcho? Quais costumes e hábitos ditos da cultura gaúcha estão presentes no seu cotidiano? Desde quando?
- O seu modo de falar é diferente por seres gaúcho? Existem palavras ou expressões que costumam usar desconhecidas das pessoas com quem convive?
- Na sua história, existem momentos de vivência no campo? Quais as aproximações com o meio rural?
- Tem algum envolvimento com o tradicionalismo? Frequenta CTG ou alguma associação? Participa de rodeios ou concursos de peão/prenda? Desde quando? Por influência de quem? Por quê? O que defende como positivo e o que deveria ser mudado?
- Acredita que o Movimento Tradicionalista precisa de uma renovação? Por quê? (Entrar em questões de machismo, radicalismo, exclusão)
- Na tua opinião, a cultura gaúcha precisa ser preservada? Como?

Para migrantes:

- No trabalho, o que muda por ser gaúcho? Os colegas conhecem a sua origem? Por quê? São feitos comentários pelo fato de ser gaúcho? Quais?
- São mantidos hábitos que cultivava no Rio Grande do Sul? Quais? Que hábitos mudaram? Por quê?